Ellen G. White Estate
EDUCAÇÃO
ELLEN G. WHITE

# Educação

Ellen G. White

2008

# Informações sobre este livro

## Resumo

Esta publicação eBook é providenciada como um serviço do Estado de Ellen G. White. É parte integrante de uma vasta colecção de livros gratuitos online. Por favor visite owebsite do Estado Ellen G. White.

## Sobre a Autora

Ellen G. White (1827-1915) é considerada como a autora Americana mais traduzida, tendo sido as suas publicações traduzidas para mais de 160 línguas. Escreveu mais de 100.000 páginas numa vasta variedade de tópicos práticos e espirituais. Guiada pelo Espírito Santo, exaltou Jesus e guiou-se pelas Escrituras como base da fé.

## Outras Hiperligações

Uma Breve Biografia de Ellen G. White
Sobre o Estado de Ellen G. White

## Contrato de Licença de Utilizador Final



## Mais informações

Para mais informações sobre a autora, os editores ou como poderá financiar este serviço, é favor contactar o Estado de Ellen G.

White: (endereço de email). Estamos gratos pelo seu interesse e pelas suas sugestões, e que Deus o abençoe enquanto lê.

## Prefácio

É muito raro que um livro dedicado ao assunto da educação seja lido tão amplamente, ou resista tão bem à prova dos tempos em constante mutação, como tem sucedido com esta obra que agora se apresenta neste novo formato padrão. Os princípios fundamentais claramente revelados neste volume tornaram-no, por diversas décadas, o manual de dezenas de milhares de pais e professores. Presentemente, para aumentar ainda mais sua ampla distribuição e leitura, ele é publicado como um dos volumes da Biblioteca do Lar Cristão, mas sem alterações no fraseado ou na paginação.

Toda pessoa tem de enfrentar as realidades práticas da vida — suas oportunidades, suas responsabilidades, suas derrotas e seus triunfos. Como ela encarará essas experiências, e se haverá de tornar-se senhora ou vítima das circunstâncias, depende em grande parte de sua preparação para enfrentá-las — sua educação.

A verdadeira educação é bem definida como o desenvolvimento harmônico de *todas as faculdades* — o cabal e adequado preparo para esta vida e para a futura vida eterna. É nos primeiros anos no lar e nas atividades escolares convencionais que se desenvolve a mente, que se estabelece um padrão de vida e que se forma o caráter.

Discernindo atiladamente os valores relativos e duradouros do que constitui a verdadeira educação no mais lato sentido, a autora deste livro indica o caminho para a sua realização. É claramente delineada uma educação em que as faculdades mentais são desenvolvidas de maneira conveniente. É salientada uma educação em que as mãos sejam adestradas em ocupações úteis. É intensamente recomendada uma educação que reconheça a Deus como a fonte de toda sabedoria e compreensão.

[8] O objetivo impelente da autora em seus numerosos escritos sobre o assunto da educação era que os jovens no limiar da existência estivessem preparados para assumir seu lugar como bons cidadãos, bem habilitados para as experiências práticas da vida, plenamente desenvolvidos no sentido físico, tementes a Deus, de caráter impoluto

e de coração fiel aos princípios. Este volume é a obra preeminente nesse grupo de escritos em que são expostos princípios essenciais à compreensão dos que orientam a juventude no lar e na escola.

A autora destas páginas foi uma amiga de rapazes e moças. Esteve por muitos anos em íntimo contato com instituições de ensino e achava-se bem familiarizada com os problemas dos jovens que se preparavam para o trabalho de sua vida. Acima de tudo, porém, ela era dotada de conhecimento e habilidade fora do comum, como escritora e oradora.

Tendo que ver com grandiosos princípios orientadores, e não com pormenores do currículo ou com os méritos de sistemas educacionais divergentes, a influência deste volume tem sido de âmbito mundial, com edições publicadas em diversas das principais línguas de outros continentes. Que esta nova edição dissemine ainda mais extensamente os grandiosos princípios da educação do caráter, é a ardente esperança dos publicadores e dos

Depositários das Publicações de Ellen G. White

# Conteúdo

# Primeiros princípios

*"Refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória."*

# Capítulo 1 — Fonte e objetivo da verdadeira educação

[13]

*"A ciência do santo é a prudência." "Une-te, pois, a Ele."*

Nossas idéias acerca da educação têm sido demasiadamente acanhadas. Há a necessidade de um escopo mais amplo, de um objetivo mais elevado. A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.

A fonte de semelhante educação é apresentada nestas palavras das Escrituras Sagradas, referentes ao Ser infinito: NEle "estão escondidos todos os tesouros da sabedoria". Colossences 2:3. "Conselho e entendimento tem Ele." Jó 12:13.

O mundo tem tido seus grandes ensinadores, homens de poderoso intelecto e vasto poder investigativo, homens cujas palavras têm estimulado o pensamento e revelado extensos campos ao saber; tais homens têm sido honrados como guias e benfeitores do gênero humano; há, porém, Alguém que Se acha acima deles. Podemos delinear a série dos ensinadores do mundo, no passado, até ao ponto [14] a que atingem os registros da História; a Luz, porém, existiu antes deles. Assim como a Lua e as estrelas do nosso sistema planetário resplandecem pela luz refletida do Sol, assim também os grandes pensadores do mundo, tanto quanto são verdadeiros os seus ensinos, refletem os raios do Sol da Justiça. Cada raio de pensamento, cada lampejo do intelecto, procede da Luz do mundo.

Muito se fala presentemente acerca da natureza e importância de uma "educação superior". A verdadeira "educação superior" é transmitida por Aquele com quem estão a "sabedoria e a força" (Jó

12:13) e de cuja boca “vem o conhecimento e o entendimento”. Provérbios 2:6.

Todo o saber e desenvolvimento real têm sua fonte no conhecimento de Deus. Para onde quer que nos volvamos, seja para o mundo físico, intelectual ou espiritual; no que quer que contemplemos, afora a mancha do pecado, revela-se este conhecimento. Qualquer que seja o ramo de investigação a que procedamos com um sincero propósito de chegar à verdade, somos postos em contato com a Inteligência invisível e poderosa que opera em tudo e através de tudo. A mente humana é colocada em comunhão com a mente divina, o finito com o Infinito. O efeito de tal comunhão sobre o corpo, o espírito e a alma, está além de toda estimativa.

Encontra-se nesta comunhão a mais elevada educação. É o próprio método de Deus para o desenvolvimento. “Une-te, pois, a Ele” (Jó 22:21), é Sua mensagem à humanidade. O método esboçado nestas palavras foi o seguido na educação do pai de nossa raça. Era assim que Deus instruía a Adão quando se achava no santo Éden, na glória de sua varonilidade impecável.

A fim de compreendermos o que se acha envolvido na obra da educação, necessitamos considerar tanto a natureza do homem como o propósito de Deus ao criá-lo. Precisamos também considerar a mudança na condição do homem em virtude da entrada do conhecimento do mal, e o plano de Deus para ainda cumprir Seu glorioso [15] propósito na educação da raça humana.

Quando Adão saiu das mãos do Criador, trazia ele em sua natureza física, intelectual e espiritual, a semelhança de seu Criador. “Deus criou o homem a Sua imagem” (Gênesis 1:27), e era Seu intento que quanto mais o homem vivesse tanto mais plenamente revelasse esta imagem, refletindo mais completamente a glória do Criador. Todas as suas faculdades eram passíveis de desenvolvimento; sua capacidade e vigor deveriam aumentar continuamente. Vasto era o alvo oferecido a seu exercício, e glorioso o campo aberto à sua pesquisa. Os mistérios do universo visível — “as maravilhas dAquele que é perfeito nos conhecimentos” (Jó 37:16) convidavam o homem ao estudo. Aquela comunhão com Seu criador, face a face e toda íntima, era o seu alto privilégio. Houvesse ele permanecido fiel a Deus, e tudo isto teria sido seu para sempre. Através dos séculos infindáveis, teria ele continuado a obter novos tesouros de

conhecimentos, a descobrir novas fontes de felicidade e a alcançar concepções cada vez mais claras da sabedoria, do poder e do amor de Deus. Mais e mais amplamente teria ele cumprido o objetivo de sua criação, mais e mais teria ele refletido a glória do Criador.

Pela desobediência, porém, isto se perdeu. Com o pecado a semelhança divina se deslustrou, obliterando-se quase. Enfraqueceu-se a capacidade física do homem e sua capacidade mental diminuiu; ofuscou-se-lhe a visão espiritual. Tornou-se sujeito à morte. Todavia, a raça humana não foi deixada sem esperança. Por infinito amor e misericórdia foi concebido o plano da salvação, concedendo-se um tempo de graça. Restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo [16] de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação — tal deveria ser a obra da redenção. Este é o objetivo da educação, o grande objetivo da vida.

O amor, base da criação e redenção, é o fundamento da educação verdadeira. Isto se evidencia na lei que Deus deu como guia da vida. O primeiro e grande mandamento é: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento." Lucas 10:27. Amá-Lo a Ele — Ser infinito e onisciente — de toda a força, entendimento e coração, implica o mais alto desenvolvimento de todas as capacidades. Significa que, no ser todo — corpo, espírito e alma — deve a imagem de Deus ser restaurada.

Semelhantemente ao primeiro é o segundo mandamento: "Amarás a teu próximo como a ti mesmo." Mateus 22:39. A lei do amor pede a consagração do corpo, espírito e alma ao serviço de Deus e de nossos semelhantes. E este serviço, ao mesmo tempo que faz de nós uma bênção aos outros, traz sobre nós mesmos as maiores bênçãos. A abnegação é a base de todo o verdadeiro desenvolvimento. Por intermédio do serviço abnegado recebemos a mais alta cultura de cada faculdade. Duma maneira cada vez mais plena nos tornamos participantes da natureza divina. Somos habilitados para o Céu, pois o recebemos em nosso coração.

Desde que Deus é a fonte de todo o verdadeiro conhecimento, é, como temos visto, o principal objetivo da educação dirigir a mente à revelação que Ele faz de Si próprio. Adão e Eva adquiriam o saber mediante a comunhão direta com Deus, e acerca dEle aprendiam

por meio de Suas obras. Todas as coisas criadas, na sua perfeição original eram uma expressão do pensamento de Deus. Para Adão e [17] Eva a Natureza estava repleta de sabedoria divina. Pela transgressão, porém, o homem ficou privado de aprender de Deus mediante a comunhão direta, e, em grande parte, mediante as Suas obras. A Terra, corrompida e maculada pelo pecado, não reflete senão palidamente a glória do Criador. É verdade que Suas lições objetivas não se obliteraram. Em cada página do grande livro de Suas obras criadas ainda se podem notar os traços de Sua escrita. A Natureza ainda fala de seu Criador. Todavia, estas revelações são parciais e imperfeitas. E em nosso decaído estado, com faculdades enfraquecidas e visão restrita, somos incapazes de as interpretar corretamente. Necessitamos da revelação mais ampla que de Si mesmo Deus nos outorgou em Sua Palavra escrita.

As Escrituras Sagradas são a perfeita norma da verdade, e como tal, a elas se deve dar o mais alto lugar na educação. Para se obter uma educação digna deste nome devemos receber um conhecimento de Deus, o Criador, e de Cristo, o Redentor, como se acham revelados na Palavra Sagrada.

Cada ser humano criado à imagem de Deus, é dotado de certa faculdade própria do Criador — a individualidade — faculdade esta de pensar e agir. Os homens nos quais se desenvolve esta faculdade, são os que arrostam responsabilidades, que são os dirigentes nos empreendimentos e que influenciam nos caracteres. É a obra da verdadeira educação desenvolver esta faculdade, adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem. Em vez de limitar o seu estudo ao que os homens têm dito ou escrito, sejam os estudantes encaminhados às fontes da verdade, aos vastos campos abertos a pesquisas na Natureza e na revelação. Que contemplem os grandes fatos do dever e do destino, e a mente expandir-se-á e fortalecer-se-á. Em vez de educados fracotes, as [18] instituições de ensino poderão produzir homens fortes para pensar e agir, homens que sejam senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuam amplidão de espírito, clareza de pensamento, e coragem nas suas convicções.

Uma educação assim provê mais do que disciplina mental; provê mais do que adestramento físico. Fortalece o caráter de modo que a verdade e a retidão não são sacrificadas ao desejo egoísta ou ambição

mundana. Fortifica a mente contra o mal. Em vez de qualquer paixão dominante torna-se um poder para a destruição, todo motivo e desejo é posto em harmonia com os grandes princípios do que é reto. Ao meditar-se sobre a perfeição do caráter de Deus a mente se renova, e a alma é restaurada a Sua imagem.

Como poderia a educação ser superior a isto? O que se poderia igualar ao seu valor?

> “Não se dará por ela ouro fino,
> Nem se pesará prata em câmbio dela.
> Nem se pode comprar por ouro fino de Ofir,
> Nem pelo precioso ônix, nem pela safira.
> Com ela se não pode comparar o ouro ou o cristal;
> Nem se trocará por jóia de ouro fino.
> Ela faz esquecer o coral e as pérolas;
> Porque a aquisição da sabedoria é melhor que a dos rubis.”

Jó 28:15-18.

Mais elevado do que o sumo pensamento humano pode atingir, é o ideal de Deus para com Seus filhos. A santidade, ou seja, a semelhança com Deus, é o alvo a ser atingido. À frente do estudante existe aberta a senda de um contínuo progresso. Ele tem um objetivo a realizar, uma norma a alcançar, os quais incluem tudo que é bom, puro e nobre. Ele progredirá tão depressa, e tanto, quanto for possível em cada ramo do verdadeiro conhecimento. Mas seus esforços se [19] dirigirão a objetos tanto mais elevados que os meros interesses egoístas e temporais quanto os céus se acham mais alto do que a Terra.

Aquele que coopera com o propósito divino em transmitir à juventude o conhecimento de Deus, e em lhes moldar o caráter em harmonia com o Seu, realiza uma elevada e nobre obra. Suscitando o desejo de atingir o ideal de Deus, apresenta uma educação que é tão alta como o céu e tão extensa como o Universo; uma educação que não poderá completar-se nesta vida, mas que se prolongará na vindoura; educação que garante ao estudante eficiente sua promoção da escola preparatória da Terra para o curso superior — a escola celestial. [20]

## Capítulo 2 — A escola do Éden

*“Bem-aventurado o homem que acha sabedoria.”*

O método de educação instituído ao princípio do mundo deveria ser para o homem o modelo durante todo o tempo subseqüente. Como ilustração de seus princípios, foi estabelecida uma escola-modelo no Éden, o lar de nossos primeiros pais. O Jardim do Éden era a sala de aulas; a Natureza, o compêndio; o próprio Criador, o instrutor; e os pais da família humana, os alunos.

Criados para serem a “imagem e glória de Deus”, Adão e Eva tinham obtido prerrogativas que os faziam bem dignos de seu alto destino. Dotados de formas graciosas e simétricas, de aspecto regular e belo, o rosto resplandecendo com o rubor da saúde e a luz da alegria e esperança, apresentavam eles em sua aparência exterior a semelhança dAquele que os criara. Esta semelhança não se manifestava apenas na natureza física. Todas as faculdades do espírito e da alma refletiam a glória do Criador. Favorecidos com elevados dotes espirituais e mentais, Adão e Eva foram feitos um pouco menores do que os anjos (Hebreus 2:7), para que não somente pudessem discernir as maravilhas do universo visível, mas também compreender as responsabilidades e obrigações morais.

“E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, da banda do oriente; e pôs ali o homem que tinha formado. E o Senhor Deus fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para alimento; e a árvore da vida no meio do jardim.” Gênesis 2:8, 9. Ali, por entre as belas cenas da Natureza não afetada pelo pecado, nossos primeiros pais deviam receber sua educação. [21]

Em Seu interesse em prol de Seus filhos, nosso Pai celestial dirigia pessoalmente sua educação. Muitas vezes eram eles visitados por Seus mensageiros, os santos anjos, e deles recebiam conselho e instrução. Outras vezes, caminhando pelo jardim com a fresca do dia, ouviam a voz de Deus, e face a face entretinham comunhão com o Eterno. Seus pensamentos em relação a eles eram “pensamentos

de paz, e não de mal". Jeremias 29:11. Todo o seu propósito visava o maior bem deles.

Aos cuidados de Adão e Eva foi confiado o jardim, "para o lavrar e o guardar". Gênesis 2:15. Conquanto fossem ricos em tudo que o Possuidor do Universo pudesse proporcionar, não deveriam estar ociosos. Foi-lhes designada uma útil ocupação, como uma bênção, para fortalecer-lhes o corpo, expandir a mente e desenvolver o caráter.

O livro da Natureza, que estendia suas lições vivas diante deles, ministrava uma fonte inesgotável de instrução e deleite. Em cada folha da floresta, ou pedra das montanhas, em cada estrela brilhante, na terra, no mar e no céu, estava escrito o nome de Deus. Tanto com a criação animada como com a inanimada ou seja, com a folha, flor e árvore, e com todos os viventes desde o leviatã das águas até ao animálculo em um raio de luz, entretinham os habitantes do Éden conversa, coligindo de cada um o segredo de seu viver. A glória de Deus nos céus, os incontáveis mundos nas suas sistemáticas revoluções, o "equilíbrio das grossas nuvens" (Jó 37:16), os mistérios da luz e do som, do dia e da noite — tudo era objeto para estudo, [22] aos alunos da primeira escola terrestre.

As leis e as operações da Natureza, e os grandes e exatos princípios que governam o universo espiritual, eram-lhes abertos à mente pelo Autor infinito de todas as coisas. Na "iluminação do conhecimento da glória de Deus" (2 Coríntios 4:6), suas faculdades mentais e espirituais se desenvolviam, e tinham eles a realização dos mais elevados prazeres de sua existência santa.

Ao sair das mãos do Criador, não somente o Jardim do Éden mas a Terra toda era eminentemente bela. Mancha alguma do pecado, nem sombra de morte, deslustravam a linda criação. A glória de Deus cobria "os céus, e a Terra encheu-se de Seu louvor." "As estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam." Habacuque 3:3; Jó 38:7. Assim, a Terra era um emblema apropriado dAquele que é "grande em beneficência e verdade" (Êxodo 34:6); bem como um estudo adequado aos que foram feitos à Sua imagem. O Jardim do Éden era uma representação do que Deus desejava se tornasse a Terra toda; e era Seu intuito que à medida que a família humana se tornasse mais numerosa, estabelecesse outros lares e escolas semelhantes à que Ele havia

dado. Desta maneira, com o correr do tempo, a Terra toda seria ocupada com lares e escolas em que as palavras e obras de Deus seriam estudadas e onde os estudantes mais e mais ficariam em condições de refletir pelos séculos sem fim a luz do conhecimento de Sua glória. [23]

## Capítulo 3 — A ciência do bem e do mal

*"E como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, o seu coração insensato se obscureceu."*

Posto que fossem criados inocentes e santos, nossos primeiros pais não foram colocados fora da possibilidade de fazer o mal. Deus poderia tê-los criado sem a faculdade de transgredir Suas ordens, mas em tal caso não poderia haver desenvolvimento de caráter; serviriam a Deus não voluntariamente, mas constrangidos. Portanto Ele lhes deu o poder da escolha, a saber, o poder de prestar ou não obediência. E antes que pudessem receber, em sua plenitude, as bênçãos que Ele lhes desejava transmitir, seu amor e fidelidade deveriam ser provados.

No Jardim do Éden estava "a árvore da ciência do bem e do mal. ... E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás." Gênesis 2:9-17. Era a vontade de Deus que Adão e Eva não conhecessem o mal. A ciência do bem lhes havia sido dada livremente; mas o conhecimento do mal — o pecado e seus resultados, o trabalho fatigante, os cuidados, as decepções e a aflição, a dor e a morte — foi-lhes amorosamente vedado.

Enquanto Deus procurava o bem do homem, Satanás procurava [24] a sua ruína. Quando Eva, desatendendo ao aviso do Senhor relativo à árvore proibida, se arriscou a aproximar-se dela, entrou em contato com seu adversário. Tendo-se despertado seu interesse e curiosidade, Satanás prosseguiu negando a palavra de Deus e insinuando a desconfiança em Sua sabedoria e bondade. À declaração da mulher relativa à árvore da ciência — "Disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais" — replicou o tentador: "Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal." Gênesis 3:3-5.

Satanás queria fazer parecer como se este conhecimento do bem de mistura com o mal fosse uma bênção, e que, proibindo-lhes tomar do fruto da árvore, Deus os estivesse privando de um grande benefício. Ele insistia em que fora por causa de suas maravilhosas propriedades para comunicar sabedoria e poder, que Deus lhes havia proibido prová-lo; que Ele estava assim procurando impedi-los de atingir um desenvolvimento mais nobre e encontrar maior felicidade. Declarou que ele mesmo havia comido do fruto proibido, e como resultado adquirira o poder da fala; e que se dele comessem também, alcançariam uma esfera de existência mais elevada e entrariam em um campo mais vasto de conhecimentos.

Conquanto declarasse Satanás ter recebido grande benefício, comendo da árvore proibida, não deixou transparecer que pela transgressão tinha sido ele expulso do Céu. Ali se encontrava a falsidade, tão oculta sob a capa da verdade aparente que Eva absorta, lisonjeada, iludida, não percebeu o engano. Cobiçou o que Deus havia proibido; desconfiou de Sua sabedoria. Repeliu a fé, a chave do saber. [25]

Quando Eva viu "que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu". Era agradável ao paladar, e enquanto comia, pareceu-lhe sentir um poder vivificador, e imaginou-se entrando em uma superior condição de existência. Havendo já transgredido, tornou-se tentadora a seu marido, e "ele comeu". Gênesis 3:6.

"Abrir-se-ão os vossos olhos", disse o inimigo, "e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal." Gênesis 3:5. Abriram-se-lhes em verdade os olhos, mas quão triste foi! O conhecimento do mal, a maldição do pecado, foi tudo o que ganharam os transgressores. O fruto nada tinha propriamente de venenoso, e o pecado não consistiu meramente em ceder ao apetite. Foi a desconfiança da bondade de Deus, descrença em Sua palavra, e a rejeição de Sua autoridade que tornaram nossos primeiros pais transgressores, e que trouxeram a este mundo o conhecimento do mal. Foi isto que abriu a porta para todas as espécies de falsidades e erros.

O homem perdeu tudo porque preferira ouvir ao enganador em vez de Àquele que é a verdade, que unicamente tem o entendimento. Por misturar o mal com o bem, sua mente se tornou confusa, e

entorpecidas suas faculdades mentais e espirituais. Não mais poderia apreciar o bem que Deus tão livremente havia outorgado.

Adão e Eva tinham escolhido a ciência do mal; e se em algum tempo recuperassem o lugar que haviam perdido, deveriam fazê-lo sob as condições desfavoráveis que sobre si tinham acarretado. Não mais deveriam habitar o Éden, pois em sua perfeição não lhes poderia ensinar as lições cuja aprendizagem agora lhes era essencial. Com [26] indizível tristeza despediram-se daquele belo ambiente, e saíram para habitar na terra onde repousava a maldição do pecado.

A Adão disse Deus: "Porquanto deste ouvido à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias de tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá, e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó, e em pó te tornarás." Gênesis 3:17-19.

Se bem que a terra estivesse maculada pela maldição, a Natureza devia ainda ser o compêndio do homem. Não poderia agora representar apenas bondade; pois o mal se achava presente em toda parte, manchando a terra, o mar e o ar, com seu contato corruptor. Onde se encontrara escrito apenas o caráter de Deus, o conhecimento do bem, agora se achava também escrito o caráter de Satanás, a ciência do mal. Pela Natureza, que agora revelava o conhecimento do bem e do mal, devia o homem ser continuamente advertido quanto aos resultados do pecado.

No tombar da flor e no cair da folha, Adão e sua companheira testemunhavam os primeiros sinais da decadência. Vinha-lhes à mente, de maneira vívida, o fato cruel de que todas as criaturas vivas deveriam morrer. Mesmo o ar, de que dependia a sua vida, continha os germes da morte.

Continuamente se lembravam também de seu domínio perdido. Entre os seres inferiores, Adão se achara como rei, e enquanto permaneceu fiel a Deus, toda a Natureza reconheceu o seu governo; mas, transgredindo ele, foi despojado deste domínio. O espírito de rebelião a que ele próprio havia dado entrada, estendeu-se por toda [27] a criação animal. Destarte, não somente a vida do homem, mas a natureza dos animais, as árvores da floresta, a relva do campo, o

próprio ar que ele respirava, tudo apresentava a triste lição da ciência do mal.

Entretanto o homem não ficou abandonado aos resultados do mal que havia escolhido. Na sentença pronunciada sobre Satanás era já sugerida uma redenção. "Porei inimizade entre ti e a mulher", disse Deus, "e entre a tua semente e a sua semente. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar." Gênesis 3:15. Esta sentença proferida aos ouvidos de nossos primeiros pais, era-lhes uma promessa. Antes de ouvirem acerca dos espinhos e cardos, de trabalhos e tristezas que deveriam ser o seu quinhão, ou do pó a que deveriam voltar, ouviram palavras que não poderiam deixar de lhes dar esperança. Tudo que se havia perdido, rendendo-se a Satanás, poderia ser recuperado por meio de Cristo.

O mesmo nos é sugerido também pela Natureza. Apesar de maculada pelo pecado, ela fala não somente da criação mas também da redenção. Posto que a terra testifique da maldição, com sinais evidentes de decadência, é ainda rica e bela nos indícios de um poder que confere vida. As árvores lançam suas folhas apenas para se vestirem de folhagem mais vicejante; as flores morrem, para brotar com nova beleza; e em cada manifestação do poder criador existe a segurança de que podemos de novo ser criados em "justiça e santidade". Efésios 4:24. Assim as próprias coisas e operações da Natureza que tão vividamente nos trazem ao espírito nossa grande perda, tornam-se mensageiros da esperança.

Até onde se estenda o mal, é ouvida a voz de nosso Pai, ordenando a Seus filhos que vejam nos resultados daquele a natureza do pecado, admoestando-os a esquecer o mal, e convidando-os a receber o bem. [28]

## Capítulo 4 — Como se relaciona a educação com a redenção

*"A iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo."*

Pelo pecado o homem ficou separado de Deus. Não fosse o plano da redenção, a eterna separação de Deus e as trevas de uma noite infinda seriam a sua sorte. Mediante o sacrifício do Salvador possibilitou-se nova comunhão com Deus. Não podemos pessoalmente chegar à Sua presença; em nossos pecados não podemos olhar a Sua face; mas podemos contemplá-Lo e com Ele ter comunhão em Jesus, o Salvador. "A iluminação do conhecimento da glória de Deus" é revelada "na face de Jesus Cristo." Deus está "em Cristo, reconciliando consigo o mundo." 2 Coríntios 4:6; 5:19.

"O Verbo Se fez carne e habitou entre nós, ... cheio de graça e verdade." "NEle estava a vida, e a vida era a luz dos homens." João 1:14; 1:4. A vida e a morte de Cristo — preço de nossa redenção — não somente são para nós promessa e garantia de vida, não somente são os meios de se nos abrirem novamente os tesouros da sabedoria; eles são uma revelação de Seu caráter; mais ampla, mais elevado do que a possuía mesmo o par santo do Éden.

E ao mesmo tempo em que Cristo revela o Céu ao homem, a vida que Ele transmite abre o coração do homem ao Céu. O [29] pecado não somente nos exclui de Deus, mas também destrói na alma humana tanto o desejo como a capacidade de O conhecer. É a missão de Cristo desfazer toda esta obra do mal. As faculdades da alma, paralisadas pelo pecado, a mente obscurecida, a vontade pervertida, tem Ele poder para fortalecer e restaurar. Ele nos abre as riquezas do Universo, e por Ele nos é comunicada a capacidade de discernirmos estes tesouros e deles nos apoderarmos.

Cristo é a luz "que alumia a todo homem que vem ao mundo". João 1:9. Assim como por meio de Cristo todo ser humano tem vida, também por meio dEle cada alma recebe algum raio de luz

divina. Existe em cada coração não somente poder intelectual, mas espiritual — percepção do que é reto, anelo de bondade. Mas contra estes princípios há um poder contendor, antagônico. O resultado de comer da árvore da ciência do bem e do mal, é manifesto na experiência de todo homem. Há em sua natureza um pendor para o mal, uma força à qual, sem auxílio, não poderá ele resistir. Para opor resistência a esta força, para atingir aquele ideal que no íntimo de sua alma ele aceita como o único digno, não pode encontrar auxílio senão em um poder. Esse poder é Cristo. A cooperação com esse poder é a maior necessidade do homem. Em todo esforço educativo não deveria esta cooperação ser o mais alto objetivo?

O verdadeiro ensinador não se satisfaz com trabalho de segunda ordem. Não se contenta com encaminhar seus estudantes a um padrão mais baixo do que o mais elevado que lhes é possível atingir. Não pode contentar-se com lhes comunicar apenas conhecimentos técnicos, fazendo deles meramente hábeis contabilistas, destros artistas, prósperos homens de negócio. E sua ambição incutir-lhes os princípios da verdade, obediência, honra, integridade, pureza — princípios que deles farão uma força positiva para a estabilidade e o erguimento da sociedade. Ele quer que eles, acima de tudo mais, [30] aprendam a grande lição da vida sobre o trabalho altruísta.

Estes princípios se tornam um poder vivo para moldar o caráter, mediante a familiarização da alma com Cristo, mediante a aceitação de Sua sabedoria como guia, Seu poder como força para o coração e a vida. Efetuada esta união, o estudante terá encontrado a Fonte da sabedoria. Terá ao seu alcance o poder de realizar em si próprio os seus mais nobres ideais. Pertencem-lhe as oportunidades de obter a mais elevada educação para os fins da vida neste mundo. E no preparo ganho aqui, ele se está iniciando naquele curso que abrange a eternidade.

No mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma; pois, na educação, como na redenção, "ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo." "Foi do agrado do Pai que toda a plenitude nEle habitasse." 1 Coríntios 3:11; Colossences 1:19.

Sob condições mudadas, a verdadeira educação ainda se conforma com o plano do Criador, o plano da escola edênica. Adão e Eva recebiam instrução pela direta comunhão com Deus; nós con-

templamos “a iluminação do conhecimento de Sua glória” na face de Cristo.

Os grandes princípios de educação são imutáveis. “Permanecem firmes para sempre” (Salmos 111:8), visto que são os princípios do caráter de Deus. Deve ser o primeiro esforço do professor e seu constante objetivo auxiliar o estudante a compreender estes princípios e entrar com Cristo naquela relação especial que fará daqueles princípios uma força diretriz na vida. O professor que aceita este objetivo é em verdade um cooperador de Cristo, um [31] coobreiro de Deus.

# Ilustrações

*"Tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito."* [32]

[33]

# Capítulo 5 — A educação de Israel

*“Trouxe-o ao redor, instruiu-o, guardou-o como a menina do Seu olho.”*

O método de educação estabelecido no Éden centralizava-se na família. Adão era o “filho de Deus”, e era de seu Pai que os filhos do Altíssimo recebiam instrução. Tinham, no mais estrito sentido, uma escola familiar.

No plano divino de educação, adaptado às condições do homem após a queda, Cristo ocupa o lugar de representante do Pai, como o elo conectivo entre Deus e o homem; Ele é o grande ensinador da humanidade. E Ele ordenou que os homens e mulheres fossem Seus representantes. A família era a escola, e os pais os professores.

A educação centralizada na família era a que prevalecia nos dias dos patriarcas. Deus provia às escolas assim estabelecidas as mais favoráveis condições para o desenvolvimento do caráter. O povo que estava sob Sua direção ainda prosseguia com o plano de vida que Ele havia designado no princípio. Os que se afastavam de Deus construíam para si mesmos cidades, e, congregando-se nelas, gloriavam-se no esplendor, no luxo e no vício, que fazem das cidades de hoje o orgulho e a maldição do mundo. Mas os homens que se ativeram aos divinos princípios de vida, moravam entre os campos e colinas. Eram cultivadores do solo e guardas de rebanhos; e nessa [34] vida livre, independente, com suas oportunidades para o trabalho, estudo e meditação, aprendiam acerca de Deus e ensinavam os filhos a respeito de Suas obras e caminhos.

Tal foi o método de educação que Deus desejava estabelecer em Israel. Mas, quando os tirou do Egito, poucos havia entre os israelitas, preparados para serem coobreiros dEle, no ensino dos filhos. Os próprios pais necessitavam de instrução e disciplina. Vítimas de prolongada escravidão, eram ignorantes, indisciplinados e degradados. Pouco conhecimento tinham de Deus e pouca fé nEle. Estavam confundidos com falsos ensinos e corrompidos pelo seu demorado

contato com o paganismo. Deus quis levantá-los a um nível moral superior; e para tal fim procurou dar-lhes o conhecimento de Si próprio.

No trato com os errantes no deserto, em suas marchas de um para outro lado, expostos à fome, à sede e ao cansaço, em perigos de adversários gentios, e na manifestação de Sua providência em seu socorro, Deus procurava fortalecer-lhes a fé, revelando-lhes o poder que continuamente operava para seu bem. E havendo-os ensinado a confiar em Seu amor e poder, era Seu intuito pôr diante deles, nos preceitos de Sua lei, a norma de caráter que, pela Sua graça, desejava alcançassem.

Preciosas foram as lições ensinadas a Israel durante sua permanência no Sinai. Foi este um período de preparo especial para a herança de Canaã. E o ambiente, ali, era favorável para o cumprimento do propósito de Deus. No cume do Sinai, sobranceiro à planície em que o povo espalhava suas tendas, repousava a coluna de nuvem que tinha sido o guia em sua jornada. Como coluna de fogo [35] à noite, assegurava-lhes a proteção divina; e, enquanto se achavam entregues ao sono, o pão do Céu mansamente caía sobre o acampamento. Em todos os lados, elevações vastas, escabrosas, em sua grandeza solene, falavam de duração e majestade eternas. O homem era levado a reconhecer sua ignorância e fraqueza na presença dAquele que "pesou os montes e os outeiros em balanças". Isaías 40:12. Ali, pela manifestação de Sua glória, Deus procurou impressionar Israel com a santidade de Seu caráter e mandamentos, e a extrema culpabilidade da transgressão.

O povo, porém, era tardio para compreender a lição. Acostumados como tinham estado no Egito com as representações materiais da Divindade, e estas da mais degradante natureza, era-lhes difícil conceber a existência ou o caráter do Ser invisível. Condoendo-Se de sua fraqueza, Deus lhes deu um símbolo de Sua presença. "E Me farão um santuário", disse Ele, "e habitarei no meio deles." Êxodo 25:8.

Na construção do santuário como a morada de Deus, Moisés foi instruído a fazer tudo segundo o modelo das coisas no Céu. Deus o chamou ao monte e revelou-lhe as coisas celestiais; e o tabernáculo foi, em todos os seus pertences, modelado à semelhança delas.

Assim também revelou Ele o Seu glorioso ideal de caráter a Israel, de que Ele desejava fazer Sua morada. A norma deste caráter foi-lhes mostrada no monte, ao ser do Sinai dada a lei, e quando passou Deus diante de Moisés e este proclamou: "Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e [36] verdade." Êxodo 34:6.

Mas por si mesmos eram eles incapazes de atingir este ideal. Aquela revelação no Sinai apenas poderia impressioná-los com sua necessidade e incapacidade. O tabernáculo, com os seus serviços de sacrifícios, deveria ensinar outra lição — a lição do perdão do pecado e do poder de obediência para a vida, mediante o Salvador.

Por meio de Cristo deveria cumprir-se o propósito de que era um símbolo o tabernáculo — aquela construção gloriosa, com suas paredes de ouro luzente refletindo em matizes do arco-íris as cortinas bordadas de querubins; a fragrância do incenso, sempre a queimar, a invadir tudo; os sacerdotes vestidos de branco imaculado, e no profundo mistério do compartimento interior, acima do propiciatório, entre as figuras de anjos prostrados em adoração, a glória do Santíssimo. Em tudo Deus desejava que Seu povo lesse o Seu propósito para com a alma humana. Era o mesmo propósito muito mais tarde apresentado pelo apóstolo Paulo, falando pelo Espírito Santo:

"Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo." 1 Coríntios 3:16, 17.

Grande foi a honra e o privilégio concedidos a Israel na edificação do santuário; e grande também foi a responsabilidade. Uma estrutura de extraordinário esplendor, exigindo para a sua construção os mais custosos materiais e as maiores aptidões artísticas, devia ser erigida no deserto, por um povo apenas escapado da escravidão. Parecia uma tarefa estupenda. Mas Aquele que havia dado o plano da construção, empenhou-Se em cooperar com os construtores.

"Falou o Senhor a Moisés, dizendo: Eis que Eu tenho chamado [37] por nome a Bezaleel, o filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, e o enchi do Espírito de Deus, de sabedoria e de entendimento, e de ciência, em todo o artifício. ... E eis que Eu tenho posto com ele a Aoliabe, o filho de Aisamaque, da tribo de Dã, e tenho dado

sabedoria ao coração de todo aquele que é sábio de coração para que façam tudo o que te tenho ordenado." Êxodo 31:1-6.

Que escola industrial era aquela no deserto, tendo como instrutores a Cristo e os Seus anjos!

No preparo do santuário e seus móveis todo o povo devia cooperar. Havia ocupação para o cérebro e para as mãos. Exigia-se uma grande variedade de material, e todos foram convidados a contribuir conforme a boa vontade de seu coração.

Desta maneira, pelo trabalho e ofertas eram ensinados a cooperar com Deus e uns com os outros. E também deviam cooperar na preparação do edifício espiritual — o templo de Deus na alma.

Desde o início da jornada ao sair do Egito, tinham-se-lhes dado lições para o seu preparo e disciplina. Mesmo antes de deixarem o Egito, tinha-se levado a efeito uma organização temporária, e o povo foi distribuído em grupos, sob chefes designados. No Sinai completaram-se os arranjos para a organização. A ordem tão saliente-mente ostentada em todas as obras de Deus, manifestava-se na economia hebréia. Deus era o centro da autoridade e do governo. Moisés, como Seu representante, devia em Seu nome administrar as leis. Então vinha o conselho dos setenta, os sacerdotes, e os príncipes, e sob estes "capitães de milhares, e capitães de cem, e capitães de cinqüenta, e capitães de dez" (Números 11:16, 17; Deuteronômio 1:15); e, finalmente, oficiais designados para fins especiais. O acampamento foi arranjado em perfeita ordem, ficando no centro o [38] tabernáculo — a morada de Deus — e em redor dele as tendas dos sacerdotes e levitas. Além destas, cada tribo acampava ao lado de seu próprio estandarte.

Foi posto em vigor um regulamento sanitário completo. Este foi prescrito ao povo, não simplesmente como necessário à saúde, senão também como condição de conservar entre eles a presença dAquele que é santo. Pela autoridade divina Moisés lhes declarou: "O Senhor teu Deus anda no meio de teu arraial, para te livrar, ... pelo que o teu arraial será santo." Deuteronômio 23:14.

A educação dos israelitas incluía todos os seus hábitos de vida. Tudo que dizia respeito a seu bem-estar foi objeto da solicitude divina, e constituiu assunto da divina legislação. Mesmo na provisão de seu alimento, Deus procurou o seu maior benefício. O maná com que Ele os alimentava no deserto, era de natureza a promover

força física, mental e moral. Posto que muitos deles se rebelassem contra as restrições em seu regime, e desejassem voltar aos dias em que, diziam eles, “estávamos sentados junto às panelas de carne, quando comíamos pão até fartar” (Êxodo 16:3), a sabedoria da escolha de Deus foi-lhes mostrada de uma maneira que não poderiam contradizer. Apesar das agruras de sua vida no deserto, ninguém havia fraco em todas as suas tribos.

Em todas as suas jornadas, a arca que continha a lei de Deus devia ficar à frente do séquito. O lugar para se acamparem era indicado pela descida da coluna de nuvem. Enquanto a nuvem permanecia sobre o tabernáculo, ali se demoravam. Quando ela se levantava, prosseguiam viagem. Tanto a parada como a partida se assinalavam por uma chamada solene. “Era pois que, partindo a arca, Moisés [39] dizia: Levanta-Te, Senhor, e dissipados sejam os Teus inimigos. ... E, pousando ela, dizia: Volta, ó Senhor, para os muitos milhares de Israel.” Números 10:35, 36.

Enquanto o povo viajava pelo deserto, muitas lições preciosas se lhes fixavam na mente por meio de cânticos. Na ocasião em que se livraram do exército de Faraó, toda a hoste de Israel participou do canto de triunfo. Ao longe, pelo deserto e pelo mar, ecoava o festivo estribilho, e as montanhas repercutiam as modulações de louvor: “Cantai ao Senhor, porque sumamente Se exaltou.” Êxodo 15:21. Muitas vezes na jornada se repetia este cântico, animando os corações e acendendo a fé nos viajantes peregrinos. Os mandamentos, conforme foram dados no Sinai, com promessas de favor de Deus e referências às Suas maravilhosas obras em seu livramento, foram por direção divina expressos em cântico, e cantados ao som de música instrumental, sendo devidamente acompanhados pelo povo.

Assim, elevavam-se seus pensamentos acima das provações e dificuldades do caminho; abrandava-se, acalmava-se aquele espírito inquieto e turbulento; implantavam-se os princípios da verdade na memória; e fortalecia-se a fé. A ação combinada ensinava ordem e unidade, e o povo era levado a um contato mais íntimo com Deus e uns com outros.

Relativamente ao trato de Deus para com o povo de Israel durante os quarenta anos da peregrinação no deserto, Moisés declarou: “Como um homem castiga a seu filho, assim te castiga o Senhor teu Deus” “para te humilhar, e te tentar, para saber o que estava no teu

coração, se guardarias os Seus mandamentos ou não.” Deuteronômio 8:5, 2.

“Achou-o na terra do deserto, e num ermo solitário cheio de uivos; trouxe-o ao redor, instruiu-o, guardou-o como a menina de Seu olho. Como a águia desperta o seu ninho, se move sobre os [40] seus filhos, estende as suas asas, toma-os e os leva sobre as suas asas, assim só o Senhor o guiou, e não havia com ele deus estranho.” Deuteronômio 32:10-12.

“Porque Se lembrou de Sua santa palavra, e de Abraão, Seu servo. E tirou dali o Seu povo com alegria, e os Seus escolhidos com regozijo. E deu-lhes as terras das nações, e herdaram o trabalho dos povos; para que guardassem os Seus preceitos, e observassem as Suas leis.” Salmos 105:42-45.

Deus cercou Israel com todas as facilidades, proporcionou-lhe todos os privilégios, para que eles se tornassem uma honra a Seu nome e uma bênção às nações circunvizinhas. Se seguissem o caminho da obediência, prometeu exaltá-los “sobre todas as nações que fez, para louvor, e para fama, e para glória”. “E todos os povos da terra”, disse Ele, “verão que és chamado pelo nome do Senhor, e terão temor de ti.” As nações que ouvirem todos estes estatutos dirão: “Este grande povo só é gente sábia e entendida.” Deuteronômio 26:19; 28:10; 4:6.

Nas leis confiadas a Israel, deu-se instrução explícita concernente à educação. A Moisés, no Sinai, Deus Se tinha revelado como “misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade”. Êxodo 34:6. Estes princípios, incorporados em Sua lei, deviam os pais e mães em Israel ensinar a seus filhos. Moisés, por direção divina, declarou-lhes: “E estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te.” Deuteronômio 6:6, 7. [41]

Não como uma teoria árida deviam ser ensinadas estas coisas. Aqueles que desejam comunicar verdade, devem por sua vez praticar seus princípios. Apenas refletindo o caráter de Deus na retidão, nobreza e abnegação de sua vida, poderão eles impressionar os outros.

A verdadeira educação não consiste em forçar a instrução a um espírito não preparado e indócil. As faculdades mentais deverão

ser despertadas, e o interesse suscitado. E isto o método divino de ensinar havia tomado em consideração. Aquele que criou a mente e estabeleceu suas leis, providenciou para o seu desenvolvimento de acordo com aquelas leis. No lar e no santuário, mediante as coisas da Natureza e da arte, no trabalho e nas festas, na construção sagrada e pedras comemorativas, por meio de métodos, ritos e símbolos inumeráveis, deu Deus a Israel lições que ilustravam Seus princípios e preservavam a memória de Suas maravilhosas obras. Então, quando surgiam perguntas, a instrução que era dada impressionava o espírito e o coração.

Nos arranjos para a educação do povo escolhido manifesta-se o fato de que a vida centralizada em Deus é uma vida de perfeição. Cada necessidade que Ele implantou, providencia para que seja satisfeita; cada faculdade comunicada, procura Ele desenvolver.

Como o Autor de toda a beleza, sendo Ele próprio amante do belo, Deus proveu o necessário para satisfazer em Seus filhos o amor do belo. Também providenciou para as suas necessidades sociais, para a associação amável e edificante, que tanto faz para que se cultive a simpatia e se ilumine e dulcifique a vida.

Como meio de educação desempenhavam lugar importante as festas de Israel. Na vida usual, a família era tanto a escola como a igreja, sendo os pais os instrutores nos assuntos seculares e religiosos. [42] Mas três vezes no ano designavam-se ocasiões para reunião social e culto. Primeiramente em Silo, e depois em Jerusalém, tinham lugar estas reuniões. Apenas dos pais e dos filhos exigia-se que estivessem presentes; mas ninguém desejava perder a oportunidade das festas, e, tanto quanto possível, a casa toda assistia a elas; e com eles, como participantes de sua hospitalidade, achavam-se os estrangeiros, os levitas e os pobres.

A viagem a Jerusalém, daquela maneira simples, patriarcal, por entre as belezas da primavera, as opulências do verão, ou a glória de um outono amadurecido, era um deleite. Com ofertas de gratidão vinham eles, desde o varão de cabelos brancos até a criancinha, a fim de se encontrarem com Deus em Sua santa habitação. Enquanto viajavam, as experiências do passado, as histórias que tanto velhos como jovens ainda amam tanto, eram de novo contadas às crianças hebréias. Eram cantados os cânticos que os haviam encorajado na peregrinação no deserto. Os mandamentos de Deus eram entoados

em cantochão e, em combinação com as abençoadas influências da Natureza e da amável associação humana, fixavam-se para sempre na memória de muita criança e jovem.

As cerimônias testemunhadas em Jerusalém em conexão com o culto pascoal — a assembléia noturna, os homens com seus lombos cingidos, pés calçados e bordão nas mãos; a refeição apressada, o cordeiro, os pães asmos, as ervas amargosas, a repetição da história do sangue aspergido, em solene silêncio; o anjo da morte, e a grande marcha para a saída da terra do cativeiro — tudo era de molde a estimular a imaginação e impressionar o espírito.

A Festa dos Tabernáculos, ou da colheita, com suas ofertas dos pomares e campos, seus acampamentos durante uma semana em cabanas de ramos, suas reuniões sociais, seu sagrado culto comemorativo, e com a generosa hospitalidade aos obreiros de Deus, ou seja [43] aos levitas do santuário, e a Seus filhos, os estrangeiros e os pobres, reerguia todos os espíritos em gratidão para com Aquele que tinha coroado o ano da Sua beneficência e cujas veredas distilam gordura.

Em cada ano era totalmente ocupado um mês desta maneira, pelo israelita devoto. Era um período isento de cuidados e trabalho e quase inteiramente dedicado, no mais estrito sentido, aos fins da educação.

Distribuindo a herança a Seu povo, era o intento de Deus ensinar-lhes, e por meio deles ao povo das gerações vindouras, princípios corretos a respeito da posse da terra. A terra de Canaã foi dividida entre o povo todo, excetuando-se apenas os levitas, como ministros do santuário. Conquanto qualquer um pudesse por algum tempo dispor de suas posses, não poderia transferir a herança de seus filhos. Ficava na liberdade de redimi-la em qualquer tempo que o pudesse fazer. Perdoavam-se as dívidas em cada sétimo ano, e no qüinquagésimo, ou o ano do jubileu, toda propriedade territorial voltava ao seu dono original. Assim toda família estava garantida em suas posses, e havia uma salvaguarda contra os extremos ou da riqueza ou da pobreza.

Pela distribuição da terra entre o povo, Deus lhes proveu, como fizera aos moradores do Éden, a ocupação mais favorável ao desenvolvimento — o cuidado das plantas e animais. Uma providência mais vasta em prol da educação era a interrupção do trabalho agrícola cada sétimo ano, ficando as terras abandonadas, sendo deixados

aos pobres os seus produtos espontâneos. Destarte se oferecia oportunidade para mais dilatado estudo, comunhão social e culto, bem como para o exercício da beneficência, tantas vezes excluída pelos [44] cuidados e trabalhos da vida.

Fossem observados no mundo hoje os princípios das leis de Deus relativas à distribuição da propriedade, e quão diferente não seria a condição do povo! A observância de tais princípios evitaria os terríveis males que em todos os tempos têm resultado da opressão dos pobres pelos ricos e do ódio aos ricos pelos pobres. Ao mesmo tempo que poderia impedir a acumulação de grandes riquezas, tenderia a evitar a ignorância e degradação de dezenas de milhares, cuja servidão mal paga, é exigida para a formação daquelas fortunas colossais. Auxiliaria a solução pacífica dos problemas que ora ameaçam encher o mundo com anarquia e mortandade.

A consagração a Deus de um décimo de toda a renda, quer fosse dos pomares quer dos campos, dos rebanhos ou do trabalho mental e manual; a dedicação de um segundo dízimo para o auxílio dos pobres e outros fins de benevolência, tendia a conservar vívida diante do povo a verdade de que Deus é o possuidor de todas as coisas, e a oportunidade deles para serem portadores de Suas bênçãos. Era um ensino adaptado a extirpar toda a estreiteza egoísta, e cultivar largueza e nobreza de caráter.

O conhecimento de Deus, a companhia dEle no estudo e no trabalho, a Sua semelhança no caráter, deviam ser a fonte, os meios e objetivo da educação de Israel — educação comunicada por Deus [45] aos pais, e por estes dada aos filhos.

## Capítulo 6 — As escolas dos profetas

*"Postos serão no meio, entre os teus pés, cada um receberá das tuas palavras."*

Todas as vezes que em Israel foi posto em prática o plano divino de educação, seus resultados testificaram de seu Autor. Mas em muitíssimos lares o ensino designado pelo Céu bem como os caracteres por ele desenvolvidos, eram igualmente raros. O plano de Deus não se cumpriu senão parcial e imperfeitamente. Pela incredulidade e desconsideração às orientações do Senhor, os israelitas cercaram-se de tentações que poucos tinham poder para resistir. Estabelecendo-se em Canaã, "não destruíram os povos como o Senhor lhes dissera. Antes se misturaram com as nações, e aprenderam as suas obras. E serviram os seus ídolos, que vieram a ser-lhes um laço". "O seu coração não era reto com Deus, nem foram fiéis ao Seu concerto. Mas Ele, que é misericordioso, perdoou a sua iniqüidade, e não os destruiu; antes muitas vezes desviou deles a Sua cólera. ... Porque Se lembrou de que eram carne, um vento que passa e não volta." Salmos 106:34-36; 78:37-39. Pais e mães em Israel tornaram-se indiferentes às obrigações para com Deus, indiferentes às obrigações para com os filhos. Pela infidelidade no lar, influências idólatras fora, muitos dos jovens hebreus recebiam uma educação que diferia grandemente da que Deus projetara para eles. Aprenderam os caminhos dos gentios. [46]

Para defrontar este mal crescente, Deus providenciou outros meios como auxílio aos pais na obra da educação. Desde os primeiros tempos, os profetas eram reconhecidos como ensinadores divinamente designados. Na mais alta acepção da palavra, o profeta era alguém que falava por direta inspiração, comunicando ao povo as mensagens que recebera de Deus. Mas esse nome também era dado àqueles que, embora não fossem diretamente inspirados, eram divinamente chamados para instruir o povo nas palavras e caminhos de Deus. Para a preparação de tal classe de ensinadores, Samuel, pela direção do Senhor, estabeleceu as escolas dos profetas.

Estas escolas se destinavam a servir como uma barreira contra a corrupção prevalecente, a fim de prover à necessidade intelectual e espiritual da juventude, e promover a prosperidade da nação, dotando-a de homens habilitados para agir no temor de Deus como dirigentes e conselheiros. Para tal fim, Samuel reuniu grupos de moços piedosos, inteligentes e estudiosos. Foram eles chamados os filhos dos profetas. Enquanto estudavam a palavra e as obras de Deus, Seu poder vivificante despertavam-lhes as energias da mente e da alma, e os estudantes recebiam sabedoria do alto. Os instrutores não só eram versados na verdade divina, mas tinham pessoalmente gozado comunhão com Deus, e obtido concessão especial de Seu Espírito. Desfrutavam o respeito e a confiança do povo, tanto pelo seu saber como pela sua piedade. No tempo de Samuel havia duas destas escolas — uma em Ramá, a terra natal do profeta, e outra em Quiriate-Jearim. Em tempos posteriores outras foram estabelecidas. [47]

Os alunos destas escolas mantinham-se com o seu próprio trabalho de cultivar o solo, ou com alguma ocupação mecânica. Em Israel não se considerava isso estranho ou degradante; na verdade, considerava-se pecado permitir que as crianças crescessem na ignorância do trabalho útil. Todo jovem, fossem seus pais ricos ou pobres, era instruído em algum ofício. Mesmo que devesse ser educado para os misteres sagrados, um conhecimento da vida prática era considerado essencial à maior utilidade. Muitos dos professores também se mantinham pelo trabalho manual.

Tanto nas escolas como nos lares, grande parte do ensino era oral; todavia os jovens também aprendiam a ler os escritos hebraicos, e os rolos de pergaminho das escrituras do Antigo Testamento eram abertos ao seu estudo. Os principais assuntos nos estudos destas escolas eram a lei de Deus, com as instruções dadas a Moisés, história sagrada, música sacra e poesia. Nos registros da história sagrada acompanhavam-se os passos de Jeová. Eram referidas as grandes verdades apresentadas pelos tipos no serviço do santuário, e a fé apegava-se ao objeto central de todo aquele sistema cerimonial — o Cordeiro de Deus que deveria tirar o pecado do mundo. Alimentava-se um espírito de devoção. Não somente se ensinava aos estudantes o dever da oração, mas eram eles ensinados a orar, a aproximar-se de seu Criador e ter fé nEle, compreender os ensinos de Seu Espírito, e aos mesmos obedecer. O intelecto santificado tirava do tesouro

de Deus coisas novas e velhas, e o Espírito divino era manifesto na profecia e no cântico sagrado.

Estas escolas se demonstraram um dos meios mais eficazes para promover aquela justiça que “exalta as nações”. Provérbios 4:34. Muito auxiliaram a lançar os fundamentos da maravilhosa [48] prosperidade que distinguiu os reinos de Davi e Salomão.

Os princípios ensinados nas escolas dos profetas eram os mesmos que modelavam o caráter de Davi e orientavam sua vida. A palavra de Deus era o seu instrutor. “Pelos Teus mandamentos”, disse ele, “alcancei entendimento. ... Inclinei o meu coração a guardar os Teus estatutos.” Salmos 119:104-112. Foi por isso que, ao ser em sua juventude chamado ao trono por Deus, declarou o Senhor ser ele “varão conforme Meu coração”. Atos dos Apóstolos 13:22.

Vêem-se também no princípio da vida de Salomão os resultados do método divino de educação. Salomão em sua mocidade fez para si a mesma escolha que fizera Davi. Acima de todo o bem terrestre ele pediu do Senhor um coração sábio e entendido. E o Senhor lhe deu não somente aquilo que pedira, mas também o que não solicitara — riquezas e honras. A capacidade de seu entendimento, a extensão de seu saber, a glória de seu reino, tornaram-se a maravilha do mundo.

Nos reinos de Davi e Salomão, Israel atingiu o apogeu de sua grandeza. Cumprira-se a promessa feita a Abraão e repetida por intermédio de Moisés: “Se diligentemente guardardes todos estes mandamentos, que vos ordeno para os guardardes, amando ao Senhor vosso Deus, andando em todos os Seus caminhos, e a Ele vos achegardes, também o Senhor de diante de vós lançará fora todas estas nações, e possuireis nações maiores e mais poderosas que vós. Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé será vosso; desde o deserto, e desde o Líbano, desde o rio, o rio Eufrates, até o mar ocidental, será o vosso termo. Ninguém subsistirá diante de vós.” Deuteronômio 11:22-25.

Mas no meio da prosperidade, emboscava-se o perigo. O pecado dos últimos anos de Davi, conquanto arrependido sinceramente e dolorosamente castigado, acoroçoou o povo na transgressão dos [49] mandamentos de Deus. E a vida de Salomão, depois de uma manhã de tão grandes promessas, obscureceu-se na apostasia. O desejo de poderio político e engrandecimento próprio determinou a aliança

com nações gentílicas. A prata de Társis e o ouro de Ofir eram procurados com sacrifício da integridade, e atraiçoamento de santos legados. A associação com idólatras e casamento com mulheres gentias corromperam sua fé. As barreiras que Deus erigira para a segurança de Seu povo, foram assim derribadas, e Salomão entregou-se ao culto dos falsos deuses. No cume do Monte das Oliveiras, defrontando o templo de Jeová, erigiram-se gigantescas imagens e altares para o culto das divindades gentílicas. Repelindo a aliança com Deus, Salomão perdeu o domínio de si mesmo. Embotou-se sua delicada sensibilidade. Mudou-se aquele espírito consciencioso e polido do início de seu reino. Orgulho, ambição, esbanjamento, condescendências, produziram frutos de crueldade e extorsão. Aquele que tinha sido um governante justo, compassivo e temente a Deus, tornou-se tirano e opressor. Aquele que, na dedicação do templo, havia orado para que o coração de seu povo fosse integralmente dado ao Senhor, tornou-se o seu sedutor. Salomão desonrou-se, desonrou a Israel e desonrou a Deus.

A nação, de que ele tinha sido o orgulho, acompanhou-o. Apesar de que se arrependesse mais tarde, seu arrependimento não evitou que colhessem o mal que havia semeado. A disciplina e o ensino que Deus designara a Israel, fariam com que eles, em toda a sua maneira de viver, diferissem do povo de outras nações. Esta peculiaridade, que deveria ser considerada como privilégio e bênção especiais, foi mal recebida por eles. A simplicidade e moderação, essenciais para o mais alto desenvolvimento, procuraram substituir pela pompa e [50] condescendência própria dos povos pagãos. Serem como todas as nações era a sua ambição. 1 Samuel 8:5. O plano divino para a educação foi posto de lado, e espoliada a autoridade de Deus.

Com a rejeição dos caminhos de Deus e sua substituição pelos dos homens, começou a subversão nacional de Israel. E assim continuou até que o povo judeu se tornou presa das mesmas nações cujas práticas haviam escolhido seguir.

Como nação, os filhos de Israel não conseguiram receber os benefícios que Deus desejava dar-lhes. Não souberam apreciar o Seu propósito nem cooperar em sua execução. Mas, conquanto indivíduos e povos possam assim separar-se dEle, Seu propósito para os que nEle confiam é inalterável: “Tudo quando Deus faz durará eternamente.” Eclesiastes 3:14.

Conquanto haja diferentes graus de desenvolvimento e manifestações diversas de Seu poder para atender às necessidades dos homens nas várias épocas, a obra de Deus em todo o tempo é a mesma. O Mestre é o mesmo. O caráter de Deus e Seu plano são os mesmos. Com Ele "não há mudança nem sombra de variação". Tiago 1:17.

As experiências de Israel foram registradas para nosso ensino. "Tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins do séculos." 1 Coríntios 10:11. Para nós, bem como para o Israel antigo, o êxito na educação depende da fidelidade em executar o plano do Criador. A união com os princípios da Palavra de Deus trar-nos-á tão grandes bênçãos como teria trazido ao povo hebreu. [51]

## Capítulo 7 — Vida de grandes homens

*“O fruto do justo é árvore de vida.”*

A história sagrada apresenta muitas ilustrações dos resultados da verdadeira educação. Apresenta muitos nobres exemplos de homens cujo caráter foi formado sob direção divina; homens cuja vida foi uma bênção a seus semelhantes, e que estiveram no mundo como representantes de Deus. Entre estes se acham José e Daniel, Moisés, Elias e Paulo — os maiores estadistas, o mais sábio legislador, um dos mais fiéis reformadores, e o mais ilustre instrutor que o mundo já conheceu, com exceção dAquele que falou como nenhum outro.

No princípio de sua vida, exatamente quando passavam da juventude para a varonilidade, José e Daniel foram separados de seus lares, e levados como cativos a países pagãos. José esteve sujeito especialmente às tentações que acompanham grandes mudanças na sorte. Na casa paterna, uma criança mimada; na casa de Potifar, escravo, depois confidente e companheiro; homem de negócios, educado pelo estudo, observação e contato com os homens; no calabouço de Faraó, prisioneiro do Estado, condenado injustamente, sem esperança de reivindicação ou perspectiva de libertamento; chamado em uma grande crise para dirigir a nação — que o habilitou a preservar sua integridade?

Ninguém pode ficar em uma altura preeminente sem correr perigo. [52] Assim como a tempestade deixa intacta a flor do vale e desarraiga a árvore no topo das montanhas, as terríveis tentações que deixam ilesos os humildes da vida, assaltam os que se acham nos altos postos de êxito e honras. José, porém, suportou a prova da adversidade, e da prosperidade, de modo semelhante. A mesma fidelidade que manifestou nos palácios de Faraó, manifestou na cela do prisioneiro.

Em sua meninice, a José havia sido ensinado o amor e temor de Deus. Muitas vezes, na tenda de seu pai, sob as estrelas da Síria, contava-se-lhe a história da visão noturna de Betel, da escada do

Céu à Terra e dos anjos que por ela desciam e subiam, e dAquele que do trono, no alto, Se revelou a Jacó. Fora-lhe contada a história do conflito ao lado do Jaboque, quando, renunciando a pecados acariciados, Jacó se tornou conquistador e recebeu o título de príncipe com Deus.

A vida pura e simples de José, como um pastorzinho guiando os rebanhos de seu pai, favorecera o desenvolvimento não só da capacidade física mas também da mental. Em comunhão com Deus por meio da Natureza e do estudo das grandes verdades transmitidas como um sagrado legado de pai a filho, adquiriu ele vigor mental e firmeza de princípios.

No momento crítico de sua vida, quando fazia aquela terrível viagem do lar de sua infância em Canaã, para o cativeiro que o esperava no Egito, olhando pela última vez as colinas que ocultavam as tendas de sua parentela, José lembrou-se do Deus de seu pai. Recordou-se das lições da infância e sua alma fremiu com a resolução de mostrar-se verdadeiro — agindo sempre como convém a um súdito do Rei celestial.

Na amargurada vida de estrangeiro e escravo, entre as cenas e os ruídos do vício e das seduções do culto pagão, culto este cercado de todas as atrações de riquezas, cultura e pompas da realeza, José [53] permaneceu firme. Tinha aprendido a lição da obediência ao dever. A fidelidade em todas as situações, desde as mais humildes até as mais exaltadas, adestrou toda a sua capacidade para o mais elevado serviço.

Na ocasião em que ele fora chamado à corte de Faraó, o Egito era a maior das nações. Em civilização, arte, saber, era inigualado. Através de um período de máxima dificuldade e perigo, José administrou os negócios do reino; e isto fez de maneira a captar a confiança do rei e do povo. Faraó fez dele "senhor de sua casa, e governador de toda a sua fazenda, para a seu gosto sujeitar os seus príncipes, e instruir os seus anciãos". Salmos 105:21, 22.

A Bíblia nos apresenta o segredo da vida de José. Jacó, na bênção pronunciada sobre seus filhos, assim falou, em palavras de divino poder e beleza, daquele dentre eles que mais amava:

"José é um ramo frutífero,
Ramo frutífero junto à fonte;

Seus ramos correm sobre o muro.
Os flecheiros lhe deram amargura,
E o flecharam e aborreceram.
O seu arco, porém, susteve-se no forte,
E os braços de suas mãos foram fortalecidos
Pelas mãos do Valente de Jacó ...
Pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará,
E pelo Todo-poderoso, o qual te abençoará,
Com bênçãos dos Céus de cima,
Com bênçãos do abismo que está debaixo. ...
As bênçãos de teu pai excederão
As bênçãos de meus pais,
Até à extremidade dos outeiros eternos;
Elas estarão sobre a cabeça de José,
E sobre o alto da cabeça do que foi separado
De seus irmãos."

Gênesis 49:22-26.

[54]

Lealdade para com Deus, fé no Invisível — foram a âncora de José. Nisto se encontrava o segredo de seu poder.

"Os braços de suas mãos foram fortalecidos
Pelas mãos do Valente de Jacó."

## Daniel, um embaixador do céu

Daniel e seus companheiros, em Babilônia, foram aparentemente mais favorecidos da sorte, em sua juventude, do que o foi José, nos primeiros anos de sua vida no Egito; não obstante, estiveram sujeitos a provas de caráter quase tão severas como as suas. Vindo de seu lar judeu, de relativa simplicidade, estes jovens da linhagem real foram transportados à mais magnificente das cidades, para a corte de seu maior monarca, e separados a fim de ser instruídos para o serviço especial do rei. Fortes eram as tentações que os cercavam naquela corte corrupta e luxuosa. O fato de que eles, os adoradores de Jeová, eram cativos em Babilônia; de que os vasos da casa de Deus tinham sido postos no templo dos deuses de Babilônia; de que o próprio rei de Israel era um prisioneiro nas mãos dos babilônios,

era jactanciosamente citado pelos vitoriosos como evidência de que sua religião e costumes eram superiores aos dos hebreus. Sob tais circunstâncias, e por meio das próprias humilhações ocasionadas pelo afastamento de Israel dos mandamentos de Deus, Ele apresentou a Babilônia evidências de Sua supremacia, da santidade de Seus mandos, e do resultado certo da obediência. E este testemunho Ele deu — como unicamente poderia ter dado — por meio daqueles que ainda mantinham firme sua fidelidade.

A Daniel e seus companheiros, logo ao princípio de sua carreira, sobreveio uma prova decisiva. A ordem de que seu alimento deveria ser suprido da mesa do rei foi uma expressão do favor real, bem [55] como de sua solicitude pelo bem-estar deles. Mas, sendo uma parte oferecida aos ídolos, o alimento da mesa real era consagrado à idolatria; e, participando da munificência do rei, estes jovens seriam considerados como se estivessem unindo sua homenagem aos falsos deuses. Sua fidelidade para com Jeová proibia-lhes participar de tal homenagem. Tampouco ousavam eles arriscar-se aos efeitos enervantes do luxo e dissipação sobre o desenvolvimento físico, intelectual e espiritual.

Daniel e seus companheiros tinham sido fielmente instruídos nos princípios da Palavra de Deus. Haviam aprendido a sacrificar o terrestre pelo espiritual, a buscar o mais alto bem. E colheram a recompensa. Seus hábitos de temperança e seu senso de responsabilidade como representantes de Deus, reclamavam o mais nobre desenvolvimento das faculdades do corpo, da mente e da alma. Ao terminar o seu preparo, sendo examinados com outros candidatos às honras do reino, "não foram achados outros tais como Daniel, Hananias, Misael, e Azarias". Daniel 1:19.

Na corte de Babilônia estavam reunidos representantes de todos os países, homens dos melhores talentos, dos mais abundantemente favorecidos com dons naturais, e possuidores da mais alta cultura que o mundo poderia conferir; no entanto, entre todos eles os cativos hebreus não tinham igual. Na força física e na beleza, no vigor mental e preparo literário, não tinham rival. "E em toda a matéria de sabedoria, e de inteligência, sobre que o rei lhes fez perguntas, os achou dez vezes mais doutos do que todos os magos ou astrólogos que havia em todo o reino." Daniel 1:20.

Inabalável em sua aliança para com Deus, intransigente no domínio de si próprio, a nobre dignidade e delicada deferência de Daniel ganharam para ele em sua mocidade o “favor e terno amor” do oficial gentio a cargo do qual ele se achava. Os mesmos característicos assinalaram a sua vida. Rapidamente galgou ele a posição de primeiro-ministro do reino. Durante o império de sucessivos monarcas, a queda da nação e o estabelecimento de um reino rival, tais eram a sua sabedoria e qualidades de estadista, tão perfeitos o seu tato, cortesia e genuína bondade de coração, combinados com a fidelidade aos princípios, que mesmo seus inimigos eram obrigados a confessar que “não podiam achar ocasião ou culpa alguma, porque ele era fiel”. Daniel 6:4.

[56]

Apegando-se Daniel a Deus com inabalável confiança, o espírito de poder profético veio sobre ele. Sendo honrado pelos homens com as responsabilidades da corte e os segredos do reino, honrado foi por Deus como Seu embaixador, bem como instruído a ler os mistérios dos séculos vindouros. Monarcas pagãos, mediante a associação com o representante do Céu, foram constrangidos a reconhecer o Deus de Daniel. “Certamente”, declarou Nabucodonosor, “o vosso Deus é Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador dos segredos.” E Dario em sua proclamação “a todos os povos, nações e gente de diferentes línguas, que moram em toda a Terra”, exaltou o “Deus de Daniel” como “o Deus vivo e para sempre permanente, e o Seu reino não se pode destruir”; que “livra e salva, e opera sinais e maravilhas no céu e na Terra”. Daniel 2:47; 6:25-27.

### Homens fiéis e honestos

Pela sua sabedoria e justiça, pela pureza e benevolência de sua vida diária, pela sua dedicação aos interesses do povo — e este era idólatra — José e Daniel mostraram-se fiéis aos princípios de sua primeira educação, fiéis para com Aquele de quem eram os representantes. A tais homens, tanto no Egito como em Babilônia, a nação toda honrou; e neles, um povo pagão, assim como todas as nações com que entretiveram relações, contemplaram uma ilustração da bondade e beneficência de Deus, uma imagem do amor de Cristo.

[57]

Que considerável obra foi a que executaram estes nobres hebreus durante sua vida! Quão pouco sonhariam eles com seu alto destino,

ao se despedirem do lar de sua meninice! Fiéis e firmes, entregaram-se à direção divina, de maneira que por intermédio deles Deus pôde cumprir o Seu propósito.

As mesmas grandiosas verdades que foram reveladas por estes homens, Deus deseja revelar por meio dos jovens e crianças de hoje. A história de José e Daniel é uma ilustração daquilo que Ele fará pelos que se entregam a Ele, e que de todo o coração procuram cumprir o Seu propósito.

A maior necessidade do mundo é a de homens — homens que se não comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus.

Mas um caráter tal não é obra do acaso; nem se deve a favores e concessões especiais da Providência. Um caráter nobre é o resultado da disciplina própria, da sujeição da natureza inferior pela superior — a renúncia do *eu* para o serviço de amor a Deus e ao homem.

Os jovens precisam ser impressionados com a verdade de que seus dotes não são deles próprios. Força, tempo, intelecto — não são senão tesouros emprestados. Pertencem a Deus; e deve ser a decisão de todo jovem pô-los no mais elevado uso. O jovem é um ramo do [58] qual Deus espera fruto; um mordomo cujo capital deve crescer; uma luz para iluminar as trevas do mundo.

Cada jovem, cada criança, tem uma obra a fazer para honra de Deus e erguimento da humanidade.

## Eliseu, fiel em coisas pequenas

Os primeiros anos da vida do profeta Eliseu passaram-se na quietude da vida campesina, sob ensino de Deus e da Natureza, e na disciplina do trabalho útil. Em um tempo de quase universal apostasia, a casa de seu pai estava entre o número dos que não haviam dobrado os joelhos a Baal. Na sua casa Deus era honrado, e a fidelidade ao dever era regra da vida diária.

Filho de um abastado fazendeiro, Eliseu havia assumido o trabalho que mais perto estava. Conquanto possuísse capacidade para ser um dirigente entre os homens, recebeu ensino nos deveres usuais

da vida. A fim de dirigir sabiamente, ele devia aprender a obedecer. Pela fidelidade nas coisas pequenas, preparou-se para os encargos maiores.

Dotado de espírito meigo e gentil, possuía Eliseu também energia e firmeza. Acariciava o amor e temor de Deus, e na humilde rotina do trabalho diário adquiria força de propósito e nobreza de caráter, crescendo na graça e no conhecimento divinos. Enquanto cooperava com seu pai nos deveres domésticos, aprendia a cooperar com Deus.

O chamado profético veio a Eliseu, quando com os servos de seu pai arava o campo. Quando Elias, divinamente guiado na procura de um sucessor, lançou sua capa sobre os ombros de Eliseu, reconheceu este moço aquele chamado e lhe obedeceu. Ele "seguiu a Elias, e o [59] servia". 1 Reis 19:21. Não era uma grande obra a que se requeria a princípio de Eliseu; deveres usuais ainda constituía a sua disciplina. Fala-se dele como o que despejava água nas mãos de Elias, seu senhor. Como ajudante pessoal do profeta, continuou a mostrar-se fiel nas coisas pequenas, enquanto com um propósito cada dia mais firme se dedicava à missão a ele designada por Deus.

Ao ser chamado, sua resolução foi provada. Ao volver-se para acompanhar a Elias, recebeu ordem do profeta para voltar para casa. Ele devia avaliar por si as dificuldades — decidir-se a aceitar ou rejeitar o chamado. Eliseu, porém, compreendeu o valor de sua oportunidade. Por nenhuma vantagem mundana desprezaria ele a oportunidade de se tornar mensageiro de Deus, ou sacrificar o privilégio da associação com o Seu servo.

À medida que passava o tempo, e Elias se preparava para a trasladação, Eliseu se aprontava para se tornar seu sucessor. E de novo sua fé e resolução foram provadas. Acompanhando a Elias em seu trabalho do costume, e sabendo a mudança que logo ocorreria, era em cada lugar convidado pelo profeta para voltar. "Fica-te aqui, porque o Senhor me enviou a Betel", disse Elias. Mas, nos seus primeiros trabalhos de guiar o arado, Eliseu tinha aprendido a não fracassar nem desanimar; e agora que ele havia posto a mão ao arado para os deveres de outra natureza, não se desviaria de seu propósito. Tantas vezes quantas lhe era feito o convite para voltar, sua resposta era: "Vive o Senhor, e vive a tua alma, que te não deixarei." 2 Reis 2:2.

"E assim ambos foram juntos. ... E eles ambos pararam junto ao Jordão. Então Elias tomou a sua capa, e a dobrou, e feriu as águas, as quais se dividiram para as duas bandas; e passaram ambos em seco. Sucedeu pois que, havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que te faça, antes que seja tomado de ti. E [60] disse Eliseu: Peço-te que haja porção dobrada de teu espírito sobre mim. E disse: Coisa dura pediste; se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará, porém, se não, não se fará. E sucedeu que indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao Céu num redemoinho.

"O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai, carros de Israel, e seus cavaleiros! E nunca mais o viu; e, travando dos seus vestidos, os rasgou em duas partes. Também levantou a capa de Elias, que lhe caíra; e voltou-se e parou à borda do Jordão. E tomou a capa de Elias, que lhe caíra, e feriu as águas e disse: Onde está o Senhor, Deus de Elias? Então feriu as águas, e se dividiram elas para uma e outra banda; e Eliseu passou. Vendo-o pois os filhos dos profetas que estavam defronte em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. E vieram-lhe ao encontro, e se prostraram diante dele em terra." 2 Reis 2:6-15.

Desde então Eliseu ficou em lugar de Elias. E aquele que fora fiel no mínimo, mostrou-se também fiel no muito.

Elias, homem dotado de poder, tinha sido o instrumento de Deus na subversão de males gigantescos. Fora derribada a idolatria que, mantida por Acabe e pela gentílica Jezabel, havia seduzido a nação. Os profetas de Baal tinham sido mortos. Todo o povo de Israel tinha sido profundamente abalado, e muitos estavam voltando ao culto de Deus. Como sucessor de Elias era necessário alguém que por meio [61] de instrução cuidadosa e paciente pudesse guiar Israel nos caminhos seguros. Para tal trabalho o primitivo ensino de Eliseu, sob a direção de Deus, o havia preparado.

A lição é para todos. Ninguém pode saber qual haja de ser o propósito de Deus em Sua disciplina; mas todos podem estar certos de que a fidelidade nas pequenas coisas é a evidência do preparo para maiores responsabilidades. Cada ato da vida é uma revelação do caráter, e somente aquele que nos menores deveres se mostre "obreiro que não tem de que se envergonhar" (2 Timóteo 2:15), será honrado por Deus com encargos de mais responsabilidade.

## Moisés, poderoso pela fé

Mais jovem que José ou Daniel era Moisés quando foi removido do protetor cuidado do lar de sua infância; não obstante, as mesmas influências que haviam moldado a vida daqueles, tinham já modelado a sua. Apenas doze anos passara ele com os parentes hebreus; mas durante estes anos lançou-se o fundamento de sua grandeza; lançara-o a mão de alguém que não deixou nome memorável.

Joquebede era mulher e escrava. Sua porção na vida era humilde e seus encargos pesados. Mas, com exceção de Maria de Nazaré, por intermédio de nenhuma outra mulher recebeu o mundo maior bênção. Sabendo que seu filho logo deveria sair de sob seus cuidados, para passar aos daqueles que não conheciam a Deus, da maneira mais fervorosa se esforçou ela por unir a sua alma ao Céu. Procurou implantar em seu coração amor e lealdade para com Deus. E fielmente cumpriu este trabalho. Aqueles princípios da verdade que eram a preocupação do ensino de sua mãe e a lição de sua vida, nenhuma influência posterior poderia induzir Moisés a renunciar. [62]

Do humilde lar em Gósen, o filho de Joquebede passou ao palácio dos Faraós, à princesa egípcia, e por meio desta veio a ser bem recebido como filho amado e acariciado. Nas escolas do Egito, Moisés recebeu o mais alto preparo civil e militar. De grande atração pessoal, distinto na aparência e estatura, de espírito culto e porte principesco, e de fama como chefe militar, tornou-se o orgulho da nação. O rei do Egito também era membro do sacerdócio; e Moisés, apesar de se recusar a participar do culto pagão, era iniciado em todos os mistérios da religião egípcia. Sendo ainda nessa época o Egito a mais poderosa e mais altamente civilizada das nações, Moisés como seu provável soberano era herdeiro das mais altas honras que este mundo podia conferir. Sua escolha, porém, foi mais nobre. Por amor da honra de Deus e livramento de Seu povo oprimido, Moisés sacrificou as honras do Egito. Então, de maneira especial, Deus empreendeu sua educação.

Moisés ainda não estava preparado para a obra de sua vida. Tinha ainda de aprender a lição de confiança no poder divino. Ele havia compreendido mal o propósito de Deus. Era sua esperança libertar Israel pela força das armas. Para isto arriscou tudo e fracassou.

Derrotado e decepcionado, tornou-se fugitivo e exilado em terra estranha.

Nos desertos de Midiã, Moisés passou quarenta anos como pastor de ovelhas. Aparentemente afastado para sempre da missão de sua vida, estava recebendo a disciplina essencial para o seu cumprimento. A sabedoria para governar uma multidão ignorante e indisciplinada deveria ser ganha pelo domínio de si próprio. No cuidado das ovelhas e dos tenros cordeiros deveria obter a experiência que faria dele fiel e longânimo pastor para Israel. Para que pudesse tornar-se um [63] representante de Deus, deveria dEle aprender.

As influências que o haviam cercado no Egito, a afeição de sua mãe adotiva, sua própria posição como neto do rei, o luxo e o vício que o seduziam de dez mil maneiras; o refinamento, subtileza e misticismo de uma religião falsa, tinham produzido certa impressão em seu espírito e caráter. Na rude simplicidade do deserto tudo isto desapareceu.

Na solene majestade da solidão das montanhas, Moisés estava a sós com Deus. Em toda parte estava escrito o nome do Criador. Moisés parecia achar-se em Sua presença, e protegido por Seu poder. Ali a sua presunção foi afugentada. Na presença do Ser infinito ele se compenetrou de quão fraco, quão ineficiente e quão curto de vista é o homem.

Ali Moisés adquiriu aquilo que o acompanhou durante os anos de sua vida trabalhosa e sobrecarregada de cuidados — a intuição da presença pessoal do Ser divino. Não olhava meramente através dos séculos para Cristo a manifestar-Se em carne; via a Cristo acompanhando o exército de Israel em todas as suas viagens. Quando era mal compreendido, ou difamadas suas ações, ou quando tinha de suportar a ignomínia e o insulto, e enfrentar o perigo e a morte, estava ele habilitado a resistir "como vendo o Invisível". Hebreus 11:27.

Moisés não pensava simplesmente acerca de Deus; ele via a Deus. Deus era a constante visão diante dele. Nunca perdeu de vista a Sua face.

Para Moisés, a fé não era uma conjectura, era a realidade. Ele cria que Deus dirigia sua vida em particular, e em todos os seus detalhes ele O reconhecia. Para obter a força a fim de resistir a todas as tentações, confiava nEle.

[64] A grande obra que lhe era confiada, desejava fazê-la com o maior êxito possível, e pôs sua confiança toda no poder divino. Sentiu sua necessidade de auxílio, pediu-o, adquiriu-o pela fé, e saiu na certeza de manter a força.

Tal foi a experiência que Moisés alcançou com os quarenta anos de preparo no deserto. Para comunicar tal experiência, a Sabedoria Infinita não considerou demasiado longo o período nem excessivamente grande o preço.

Os resultados daquele preparo, e das lições então ensinadas, ligam-se intimamente, não só à história de Israel, mas a tudo que desde aquele tempo até hoje tem contribuído para o progresso do mundo. O mais elevado testemunho da grandeza de Moisés, ou seja, o juízo feito de sua vida pela Inspiração, é: "Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o Senhor conhecera cara a cara." Deuteronômio 34:10.

## Paulo, alegre no serviço

Com a fé e experiência dos discípulos galileus que haviam feito companhia a Jesus, encontraram-se reunidos na obra do evangelho o indômito vigor e o poder intelectual de um rabi de Jerusalém. Cidadão romano, nascido numa cidade gentílica, e judeu não somente por descendência mas por ensinos recebidos em toda sua vida, por patriotismo e religião; educado em Jerusalém pelo mais eminente dos rabis, e instruído em todas as leis e tradições dos pais, Saulo de Tarso participava no maior grau do orgulho e dos preconceitos de sua nação. Ainda jovem, tornou-se honrado membro do Sinédrio. Era considerado homem promissor, zeloso defensor da antiga fé.

Nas escolas teológicas da Judéia, a Palavra de Deus tinha sido preterida pelas especulações humanas; tinha sido privada de seu poder pelas interpretações e tradições dos rabis. Exaltação própria, [65] amor ao domínio, cioso exclusivismo, fanatismo e orgulho desdenhoso, eram os princípios e motivos que regiam estes ensinadores.

Os rabis gloriavam-se em sua superioridade não somente sobre o povo de outras nações, mas também sobre a multidão de seu próprio país. Com ódio feroz a seus opressores romanos, acariciavam a resolução de recuperar pela força das armas sua supremacia nacional. Aos seguidores de Jesus, cuja mensagem de paz era tão contrária

a seus ambiciosos planos, odiaram e mataram. Nesta perseguição, Saulo era um dos atores mais atrozes e implacáveis.

Nas escolas militares do Egito, foi ensinada a Moisés a lei da força, e tão fortemente se apegou este ensino a seu caráter que foram precisos quarenta anos de quietação e comunhão com Deus e a Natureza para habilitá-lo à chefia de Israel pela lei do amor. A mesma lição Paulo teve de aprender.

Às portas de Damasco a visão do Crucificado mudou todo o curso de sua vida. O perseguidor tornou-se discípulo, o mestre, aluno. Os dias de trevas passados em solidão em Damasco foram como anos em sua experiência. As Escrituras do Antigo Testamento, entesouradas em sua memória, foram o seu estudo, e Cristo o seu mestre. Para ele também a solidão da Natureza se tornou uma escola. Para o deserto da Arábia foi ele, a fim de estudar ali as Escrituras e aprender acerca de Deus. Esvaziou a alma dos preconceitos e tradições que lhe haviam moldado a vida e recebeu instruções da Fonte da verdade.

Sua vida posterior foi inspirada unicamente pelo princípio do sacrifício de si mesmo — o ministério do amor. "Eu sou devedor", disse ele, "tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes." "O amor de Cristo nos constrange." Romanos 1:14; 2 Coríntios 5:14. [66]

Como o maior dos ensinadores humanos, Paulo aceitava os mais humildes deveres assim como os mais elevados. Reconhecia a necessidade do trabalho tanto para as mãos como para a mente, e trabalhava num ofício para a manutenção própria. Prosseguia com seu ofício de fazer tendas ao mesmo tempo que diariamente pregava o evangelho nos grandes centros da civilização. "Estas mãos me serviram", disse ele, ao despedir-se dos anciãos de Éfeso, "para o que me era necessário a mim e aos que estão comigo." Atos dos Apóstolos 20:34.

Conquanto possuísse altos dotes intelectuais, a vida de Paulo revelava o poder de uma sabedoria mais rara. Princípios do mais profundo alcance, princípios a respeito dos quais os maiores espíritos do seu tempo eram ignorantes, desdobravam-se em seus ensinos e exemplificavam-se em sua vida. Ele possuía a maior de todas as sabedorias — a que proporciona prontidão para discernir e simpatia de coração, e que põe o homem em contato com os homens, e o

habilita a suscitar sua melhor natureza e inspirá-los a uma vida mais elevada.

Escute-lhe as palavras diante dos listranos pagãos, quando ele os dirige a Deus, revelado em a Natureza, fonte de todo o bem, "dando-vos chuvas e tempos frutíferos, enchendo de mantimento e de alegria os vossos corações". Atos dos Apóstolos 14:17.

Veja-o na masmorra em Filipos, onde apesar de ter o corpo dolorido pelas torturas, seu cântico de louvor quebrava o silêncio da meia-noite. Depois que o terremoto abre as portas da prisão, sua voz é de novo ouvida em palavras de ânimo ao carcereiro pagão: "Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos" (Atos dos Apóstolos 16:28) — cada um em seu lugar, constrangido pela presença de um [67] companheiro de prisão. E o carcereiro, convicto da realidade daquela fé que sustinha a Paulo, inquire acerca do caminho da salvação, e com toda a sua casa se une ao grupo perseguido dos discípulos de Cristo.

Veja Paulo em Atenas perante o conselho do Areópago, defrontando ciência com ciência, lógica com lógica, filosofia com filosofia. Note como, com aquele tato oriundo do amor divino, aponta a Jeová como o "Deus desconhecido", ao qual os seus ouvintes têm ignorantemente adorado; e com palavras citadas de um poeta deles mesmos, descreve-O como um Pai de quem eles próprios são filhos. Ouça-o, naquela época de castas em que os direitos do homem, como tal, não eram absolutamente reconhecidos, a apresentar a grande verdade da fraternidade humana, declarando que Deus "de um só fez toda a geração dos homens, para habitar sobre a face da Terra". Então mostra como, à maneira de um fio de ouro, se desenrola o propósito divino da graça e misericórdia através de todo o trato de Deus com o homem. Ele determinou "os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação; para que buscassem o Senhor, se porventura, tateando, O pudessem achar; ainda que não está longe de cada um de nós". Atos dos Apóstolos 17:23, 26, 27.

Ouça-o na corte de Festo, quando o rei Agripa, convencido da verdade do evangelho, exclama: "Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão." Com que gentil cortesia, apontando para a sua cadeia, Paulo responde: "Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão

ouvindo, se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias.” Atos dos Apóstolos 26:28, 29.

Assim passou a vida, como a descreve em suas próprias palavras — “em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, [68] em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos, em trabalhos e fadigas, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez.” 2 Coríntios 11:26, 27.

“Somos injuriados”, disse ele, “e bendizemos; somos perseguidos, e sofremos; somos blasfemados, e rogamos”; “como contristados, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo, e possuindo tudo”. 1 Coríntios 4:12, 13; 2 Coríntios 6:10.

Encontrava ele a alegria no servir; e ao terminar a vida de trabalho, olhando para trás às lutas e triunfos, podia dizer: “Combati o bom combate.” 2 Timóteo 4:7.

Estas histórias são de interesse vital. A ninguém são elas de maior importância do que aos jovens. Moisés renunciou a um reino em perspectiva; Paulo, às vantagens da riqueza e honra entre seu povo, para levarem uma vida de pesados encargos no serviço de Deus. A muitas pessoas a vida destes homens parece ser de renúncia e sacrifício. Foi realmente assim? Moisés considerava o vitupério de Cristo maiores riquezas do que os tesouros do Egito. Ele assim considerava porque assim era. Paulo declarou: “O que para mim era ganho, reputei-o perda por Cristo. E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo.” Filipenses 3:7, 8. Ele estava satisfeito com sua escolha.

A Moisés era oferecido o palácio dos Faraós e o trono do monarca; mas os prazeres pecaminosos que fazem com que os homens se esqueçam de Deus, prevaleciam naquelas cortes senhoris, e em lugar deles escolheu “riquezas duráveis e justiça”. Provérbios 8:18. [69] Em vez de se ligar às grandezas do Egito, preferiu unir a vida ao propósito divino. Em vez de dar leis ao Egito, por direção divina deu-as ao mundo. Tornou-se o instrumento de Deus em transmitir ao homem aqueles princípios que são a salvaguarda tanto do lar

como da sociedade, e que são a pedra fundamental da prosperidade das nações — princípios hoje reconhecidos pelos maiores homens do mundo como o fundamento de tudo que é melhor nos governos humanos.

A grandeza do Egito jaz no pó. Passaram-se seu poderio e civilização. Mas a obra de Moisés jamais poderá perecer. Os grandes princípios de justiça para estabelecer os quais ele viveu, são eternos.

A vida de Moisés, de trabalhos e de cuidados que pesavam sobre o coração, foi iluminada com a presença dAquele que "traz a bandeira, entre dez mil", e é "totalmente desejável". Cantares 5:10, 16. Com Cristo na peregrinação do deserto, com Cristo no monte da transfiguração, com Cristo nas cortes celestiais, foi a sua vida abençoada na Terra e honrada no Céu.

Paulo também era em seus múltiplos labores protegido pelo poder mantenedor de Sua presença. "Posso todas as coisas", disse ele, "nAquele que me fortalece." "Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?... Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por Aquele que nos amou. Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra coisa nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor." [70] Filipenses 4:13; Romanos 8:35-39.

Havia, contudo, uma alegria futura para a qual Paulo olhava como a recompensa de seus trabalhos — a mesma alegria por causa da qual Cristo suportou a cruz e desdenhou a ignomínia — alegria esta de ver o fruto de Seu trabalho. "Qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória?" escreveu ele aos conversos de Tessalônica. "Porventura não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em Sua vinda? Na verdade vós sois a nossa glória e gozo." 1 Tessalonicenses 2:19, 20.

Quem poderá calcular os resultados dos trabalhos de Paulo, para o mundo? De todas estas benéficas influências que aliviam o sofrimento, que confortam a tristeza, que restringem o mal, que erguem a vida de sua condição egoísta e sensual, e a glorificam com a esperança da imortalidade, quanto se deve aos trabalhos de Paulo

e de seus cooperadores, quando, com o evangelho do Filho de Deus, fizeram sua silenciosa viagem da Ásia às praias da Europa?

O que não valerá a uma vida o ter sido o instrumento de Deus em pôr em ação tais influências abençoadoras? O que não valerá na eternidade testemunhar os resultados de um tal trabalho? [71]

# O mestre dos mestres

[72]

*"Nunca homem algum falou assim como este Homem."*

[73]

## Capítulo 8 — O mestre enviado de Deus

*"Considerai pois Aquele."*

"E o Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz." Isaías 9:6.

No Mestre enviado de Deus, o Céu deu aos homens o que de melhor e maior possuía. Aquele que tomara parte nos conselhos do Altíssimo, que habitara no íntimo do santuário do Eterno, foi o escolhido para, em pessoa, revelar à humanidade o conhecimento de Deus.

Todo raio de luz divina que já atingiu o nosso mundo decaído, foi comunicado por meio de Cristo. É Ele que tem falado por intermédio de todos os que, em todos os tempos, têm declarado a Palavra de Deus ao homem. Toda a excelência manifestada nas maiores e mais nobres almas da Terra, era reflexo dEle. A pureza e beneficência de José; a fé, mansidão, longanimidade de Moisés; a firmeza de Elias, a nobre integridade e firmeza de Daniel, o ardor e sacrifício próprio de Paulo, o poder mental e espiritual manifesto em todos estes homens e em todos os outros que viveram sobre a Terra, não foram senão centelhas procedentes do resplendor de Sua glória. NEle se encontrara o perfeito ideal.

A fim de revelar este ideal como o único verdadeiro modelo a ser atingido; a fim de mostrar o que todo ser humano poderia tornar-se; o que mediante a habitação da divindade na humanidade se tornaria todos os que O recebessem — para isso veio Cristo ao [74] mundo. Veio para mostrar como os homens devem ser ensinados conforme convém a filhos de Deus; como devem praticar na Terra os princípios do Céu e viver a vida celestial.

O maior dom de Deus foi concedido a fim de satisfazer a maior necessidade do homem. A luz apareceu quando as trevas do mundo eram mais intensas. Por meio dos falsos ensinos, a mente dos homens por muito tempo andara desviada de Deus. No sistema de educação que então prevalecia, a filosofia humana havia tomado o lugar da

revelação divina. Em vez da norma de verdade conferida pelo Céu, os homens haviam aceitado outra, de sua própria criação. Tinham-se desviado da Luz da vida para caminhar nas fagulhas que eles haviam acendido.

Tendo-se separado de Deus, e confiando unicamente no poder da humanidade, sua força não era senão fraqueza. Mesmo as normas estabelecidas por eles próprios, eram incapazes de atingir. A falta da verdadeira excelência era suprida pela aparência e profissão. A semelhança tomou o lugar da realidade.

De tempos em tempos levantavam-se mestres que apontavam aos homens a Fonte da verdade. Enunciavam-se princípios retos, e vidas humanas testemunhavam de seu poder. Mas tais esforços não produziam impressão duradoura. Havia breve repressão na corrente do mal, mas o seu curso decadente não estacionava. Os reformadores foram como luzes a brilhar nas trevas; mas eles não as puderam repelir. O mundo amou "mais as trevas do que a luz". João 3:19.

Quando Cristo veio à Terra, a humanidade parecia estar rapidamente atingindo seu ponto mais degradante. Os próprios fundamentos da sociedade estavam minados. A vida se tornara falsa e artificial. Os judeus, destituídos do poder da Palavra de Deus, davam ao mundo [75] tradições e especulações que obscureciam a mente e amorteciam a alma. A adoração de Deus, "em espírito e verdade", tinha sido suplantada pela glorificação dos homens em uma rotina infindável de cerimônias de criação humana. Pelo mundo todo, os sistemas todos de religião estavam perdendo seu poder sobre a mente e a alma. Desgostosos com as fábulas e falsidades, e procurando abafar o pensamento, os homens volviam à incredulidade e ao materialismo. Deixando de contar com a eternidade, viviam para o presente.

Como deixassem de admitir as coisas divinas, deixaram de tomar em consideração as humanas. Verdade, honra, integridade, confiança, compaixão, estavam abandonando a Terra. Ganância implacável e ambição absorvente davam origem a uma desconfiança universal. A idéia do dever, da obrigação da força para com a fraqueza, da dignidade e direitos humanos, era posta de lado como um sonho ou uma fábula. O povo comum era considerado como bestas de carga, ou como instrumentos e degraus para que subissem os ambiciosos. Riqueza e poderio, comodidade e condescendência própria, eram

procurados como o melhor dos bens. Caracterizavam a época a degenerescência física, o torpor mental e a morte espiritual.

Assim como as más paixões e os maus propósitos dos homens baniram a Deus de seus pensamentos, também o esquecimento dEle os inclinou mais fortemente para o mal. O coração, amando o pecado, imputou a Deus os seus atributos, e tal concepção fortaleceu o poder do pecado. Propensos à satisfação própria, chegaram os homens a considerar a Deus tal como eles mesmos, a saber, como um Ser cujo objetivo fosse a glorificação própria, cujas ordenanças se acomodassem a Seu próprio prazer; Ser este pelo qual fossem os homens elevados ou rebaixados, conforme favorecessem ou impedissem ao Seu propósito egoísta. As classes inferiores consideravam [76] o Ser supremo mal diferindo de seus opressores, sobrepujando-os apenas no poder. Por tais idéias se modelava toda forma de religião. Cada uma delas consistia num sistema de exação. Por meio de dádivas e cerimônias, os adoradores procuravam tornar propícia a Divindade, a fim de se assegurarem de Seu favor para seus próprios fins. Tal religião, não tendo poder sobre o coração e a consciência, não poderia deixar de ser senão uma rotina de formalidades, de que se cansavam os homens, e de que anelavam libertar-se, exceto naquilo que lhes aproveitasse. Assim o mal, sem restrições, tornava-se mais forte, enquanto o apreço e o desejo do bem diminuíam. Os homens perderam a imagem de Deus, e receberam o estigma do poder diabólico pelo qual eram dirigidos. O mundo todo estava-se tornando uma fossa de corrupção.

Havia apenas uma esperança para a raça humana: a de que fosse lançado um novo fermento naquela massa de elementos discordantes e corruptores; de que se trouxesse à humanidade o poder de uma nova vida; de que o conhecimento de Deus fosse restaurado no mundo.

Cristo veio para restaurar este conhecimento. Veio para remover o falso ensino pelo qual os que pretendiam conhecer a Deus O haviam representado de uma maneira errônea. Veio para manifestar a natureza de Sua lei, para revelar em Seu próprio caráter a beleza da santidade.

Cristo veio ao mundo com um amor que se fora acrescendo durante a eternidade. Varrendo aquelas exações que tinham atravancado a lei de Deus, mostrou Ele que esta é uma lei de amor,

uma expressão da bondade divina. Mostrou que na obediência a seus princípios se acha envolvida a felicidade da humanidade, e com ela a estabilidade, o próprio fundamento e arcabouço da sociedade humana.

Longe de fazer exigências arbitrárias, a lei de Deus é dada ao homem como um amparo e escudo. Quem quer que aceite seus princípios achar-se-á preservado do mal. A fidelidade para com Deus compreende a fidelidade para com o homem. Assim a lei resguarda os direitos, a individualidade, de cada ser humano. Ela restringe da opressão os que estão em posição superior, e da desobediência os que se acham em posição subordinada. Garante o bem-estar do homem, tanto neste mundo como no vindouro. Ao que obedece é o penhor da vida eterna; pois exprime os princípios que permanecem para sempre. [77]

Cristo veio para demonstrar o valor dos princípios divinos, revelando o seu poder na regeneração da humanidade. Veio para ensinar como estes princípios devem ser desenvolvidos e aplicados.

Para o povo daquela época, o valor de todas as coisas era determinado pela aparência exterior. À medida que aumentara em pompa, a religião declinara em eficácia. Os educadores de então procuravam impor-se ao respeito pelo aparato e ostentação. Com tudo isto a vida de Jesus apresentava assinalado contraste. Sua vida demonstrou a inutilidade das coisas que os homens consideravam como as essenciais na vida. Nascido no mais rude ambiente, participando do lar e passadio de um camponês, da ocupação de operário, vivendo vida de obscuridade, identificando-Se com os labutadores desconhecidos do mundo, seguiu Jesus, entre tais condições e ambiente, o plano divino da educação. As escolas de Seu tempo, que engrandeciam as pequenas coisas e amesquinhavam as grandes, Ele as não procurou. Sua educação foi adquirida diretamente das fontes indicadas pelo Céu: do trabalho útil, do estudo das Escrituras e da Natureza, e da experiência da vida — compêndios divinos, cheios de instruções a todos os que lhes trazem mãos voluntárias, olhos que vêem e coração entendido. [78]

“E o Menino crescia e Se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre Ele.” Lucas 2:40.

Assim preparado saiu para Sua missão, exercendo no Seu contato com os homens, a cada momento, benéfica influência e poder transformador, como jamais havia testemunhado o mundo.

Aquele que procura transformar a humanidade deve compreender ele próprio a humanidade. Unicamente pela simpatia, fé e amor podem os homens ser atingidos e enobrecidos. Neste ponto Cristo Se revela o Mestre por excelência; de todos os que viveram sobre a Terra, somente Ele tem perfeita compreensão da alma humana.

"Não temos um sumo sacerdote" — máximo mestre, pois os sacerdotes eram mestres — "não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado." Hebreus 4:15.

"Naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados." Hebreus 2:18.

Cristo somente teve experiência de todas as tristezas e tentações que recaem sobre os seres humanos. Jamais outro nascido de mulher foi tão terrivelmente assediado pela tentação; jamais outro suportou fardo tão pesado dos pecados e das dores do mundo. Nunca houve outro cujas simpatias fossem tão amplas e ternas. Como participante em todas as experiências da humanidade, Ele poderia não somente condoer-Se dos que se acham sobrecarregados, tentados e em lutas, mas partilhar-lhes os sofrimentos.

Em conformidade com o que Ele ensinava, vivia. "Eu vos dei o exemplo, disse Ele a Seus discípulos, para que, como Eu vos fiz, façais vós também." "Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai." João 13:15; 15:10. Assim, em Sua vida, as palavras de Cristo tiveram perfeita ilustração e apoio. E mais do que isto: Ele era [79] aquilo que ensinava. Suas palavras eram a expressão não somente da experiência de Sua própria vida, mas de Seu próprio caráter. Não somente ensinava Ele a verdade, mas era a verdade. Era isto que Lhe dava poder aos ensinos.

Cristo reprovava com fidelidade. Jamais viveu alguém que odiasse tanto o mal; ou alguém que o condenasse tão destemidamente. A todas as coisas falsas e vis, Sua própria presença era uma reprovação. À luz de Sua pureza os homens se viam impuros, e medíocres e falsos os objetivos de sua vida. Não obstante, Ele os atraía. Aquele que criara o homem, compreendia o valor da humanidade. Condenava o mal como o inimigo daqueles que procurava abençoar e

salvar. Em cada ser humano, apesar de decaído, contemplava um filho de Deus, ou alguém que poderia ser restaurado aos privilégios de seu parentesco divino.

"Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele." João 3:17. Olhando aos homens em seu sofrimento e degradação, Cristo entrevia lugar para esperança onde apenas apareciam desespero e ruína. Onde quer que se sentisse a percepção de uma necessidade, ali via Ele oportunidade para reerguimento. As almas tentadas, derrotadas, que se sentiam perdidas, prontas a perecer, Ele defrontava, não com acusações mas com bênçãos.

As bem-aventuranças foram a Sua saudação à família humana toda. Olhando para a vasta multidão reunida para ouvir o Sermão da Montanha, parecia Ele por momentos haver-Se esquecido de que não estava no Céu, e empregou a saudação usual no mundo da luz. De Seus lábios manaram bênçãos como o jorro de uma fonte há muito fechada.

Desviando-Se dos ambiciosos e bem-favorecidos deste mundo, declarou serem bem-aventurados os que, embora grandes as suas necessidades, recebessem Sua luz e amor. Aos pobres de espírito, [80] aos tristes, aos perseguidos, estendeu os braços, dizendo: "Vinde a Mim, ... Eu vos aliviarei." Mateus 11:28.

Em cada ser humano Ele divisava infinitas possibilidades. Via os homens como poderiam ser, transfigurados por Sua graça — "na graça do Senhor nosso Deus". Salmos 90:17. Olhando para eles com esperança, inspirava-lhes esperança. Encontrando-os com confiança, inspirava-lhes confiança. Revelando em Si mesmo o verdadeiro ideal do homem, despertava para a consecução deste ideal tanto o desejo como a fé. Em Sua presença as almas desprezadas e caídas compreendiam que ainda eram homens, e anelavam mostrar-se dignas de Seu olhar. Em muitos corações que pareciam mortos para as coisas santas, despertavam-se novos impulsos. A muito desesperançado abriu-se a possibilidade de uma nova vida.

Cristo ligou os homens ao Seu coração pelos laços da dedicação e do amor; e pelos mesmos laços ligou-os a seus semelhantes. Para Ele o amor era a vida, e a vida era o serviço em prol de outrem. "De graça recebestes", disse Ele, "de graça dai." Mateus 10:8.

Não foi somente na cruz que Cristo Se sacrificou pela humanidade. À medida que andava fazendo o bem (Atos dos Apóstolos 10:38), a experiência de cada dia era um transvasar de Sua vida. De uma maneira apenas poderia Ele manter uma vida tal. Jesus vivia na dependência de Deus e em comunhão com Ele. Ao lugar secreto do Altíssimo, à sombra do Todo-poderoso, os homens de quando em quando se refugiam; habitam ali por algum tempo, e o resultado se patenteia nas boas ações; então sua fé falta, interrompe-se a comunhão, e se desmerece a obra daquela vida. A vida de Jesus, porém, foi de constante confiança, mantida por uma comunhão contínua; e Seu serviço em prol do Céu e da Terra foi sem falhas ou defeitos.

Como homem, implorava ao trono de Deus, de maneira que [81] Sua humanidade veio a saturar-se da corrente celeste que ligava a humanidade com a divindade. Recebendo vida de Deus, comunicava-a aos homens.

"Nunca homem algum falou assim como este homem." João 7:46. Isto seria verdade em relação a Cristo, tivesse Ele falado apenas sobre o mundo físico e intelectual, ou meramente em assuntos teóricos e especulativo. Poderia Ele ter revelado mistérios que requereriam séculos de trabalho e estudo para serem penetrados. Poderia ter feito sugestões nos ramos científicos, as quais até o final do tempo proporcionariam nutrição ao pensamento, e estímulo às invenções. Mas Ele não fez isto. Nada disse para satisfazer a curiosidade, ou estimular ambição egoísta. Não tratou de teorias abstratas, mas do que é essencial ao desenvolvimento do caráter, e daquilo que alarga a capacidade do homem para conhecer a Deus e aumenta seu poder para fazer o bem. Falou daquelas verdades que se referem à conduta da vida, e que unem o homem com a eternidade.

Em vez de dirigir o povo ao estudo das teorias humanas a respeito de Deus, Sua Palavra ou Suas obras, ensinava-os a contemplá-Lo, conforme Se acha Ele manifestado em Suas obras, em Sua Palavra e em Suas providências. Punha-lhes a mente em contato com a mente do Infinito.

As pessoas "admiravam a Sua doutrina, porque a Sua palavra era com autoridade". Lucas 4:32. Nunca dantes falou alguém com tal poder para despertar o pensamento, acender aspirações, suscitar todas as capacidades do corpo, espírito e alma.

O ensino de Cristo, assim como Suas simpatias, abrangia o mundo. Jamais poderá haver uma circunstância na vida, um momento crítico na experiência humana, que não tenha sido antecipado em Seu ensino, e para os quais seus princípios não tinham uma lição. [82] Príncipe dos ensinadores, serão Suas palavras reconhecidas como um guia para os Seus cooperadores até o fim do tempo.

Para Ele o presente e o futuro, o próximo e o distante, eram um. Tinha em vista as necessidades de toda a humanidade. Perante Seus olhos espirituais estendiam-se todas as cenas do esforço e consecução humana, de tentações e conflitos, de perplexidades e perigo. Todos os corações, lares, prazeres, alegrias e aspirações eram conhecidos dEle.

Ele falava não somente por toda a humanidade, mas a toda a humanidade. À criancinha, nas alegrias da manhã da vida; ao ansioso e inquieto coração do jovem; aos homens na força dos anos, suportando o peso das responsabilidades e cuidados; ao idoso em sua fraqueza e cansaço, a todos, enfim, era levada Sua mensagem, sim, a todos os filhos da humanidade, em todos os países e em todas as épocas.

Em Seu ensino abrangiam-se coisas temporais e eternas, coisas visíveis em sua relação com as invisíveis, incidentes passageiros da vida usual e as questões solenes da vida por vir.

As coisas desta vida colocava-as Ele em sua verdadeira relação, como subordinadas que são às de interesse eterno; mas não ignorava sua importância. Ensinava que o Céu e a Terra estão ligados um ao outro, e que o conhecimento da verdade divina prepara melhor o homem para cumprir os deveres da vida diária.

Para Ele nada havia sem um determinado fim. Os jogos infantis, o trabalho dos homens, os prazeres, cuidados e dores da vida — tudo eram meios que conduziam a um determinado fim, a saber, a revelação de Deus para o erguimento da humanidade.

De Seus lábios a Palavra de Deus era recebida no coração dos homens, com novo poder e nova significação. Seus ensinos faziam com que as coisas da criação se apresentassem sob uma nova luz. Sobre a face da Natureza de novo repousavam raios daquele fulgor [83] que o pecado havia banido. Em todos os fatos e experiências da vida revelavam-se uma lição divina e a possibilidade de divina companhia. Novamente Deus habitava sobre a Terra; corações humanos

se tornavam cônscios de Sua presença; o mundo era circundado por Seu amor. O Céu desceu aos homens. Seus corações reconheceram em Cristo Aquele que lhes abrira a ciência da eternidade:

"Emanuel, ... Deus conosco."

Todo verdadeiro trabalho educativo encontra seu centro no Mestre enviado de Deus. De Sua obra hoje, precisamente como da que estabeleceu há mil e oitocentos anos* , fala o Salvador nestes termos:

"Eu sou o primeiro e o último; e o que vivo."

"Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim." Apocalipse 1:17; 21:6.

Na presença de tal Ensinador, de tais oportunidades para educação divina, é mais que loucura procurar educação fora dEle, quer dizer, procurar ser sábio desviado da Sabedoria, querer ser verdadeiro ao mesmo tempo em que se rejeita a Verdade, procurar iluminação fora da Luz, e existência sem a Vida, enfim, deixar a Fonte das águas vivas e cavar cisternas rotas que não podem fornecer água.

Eis que Ele ainda convida: "Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem crê em Mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão dele." "A água que Eu lhe der se fará nele uma fonte d'água [84] que salte para a vida eterna." João 7:37, 38; 4:14.

*Esta declaração foi publicada em 1903.

## Capítulo 9 — Uma ilustração de seus métodos

*"Manifestei o Teu nome aos homens que do mundo Me deste."*

A ilustração mais completa dos métodos de Cristo como ensinador, encontra-se no Seu preparo dos doze primeiros discípulos. Sobre estes homens deviam repousar pesadas responsabilidades. Escolhera-os como homens a quem Ele poderia infundir Seu Espírito e que poderiam ficar habilitados a levar avante Sua obra na Terra, quando Ele a deixasse. A eles, mais do que a todos os outros, proporcionou as vantagens de Sua companhia. Mediante associação pessoal, produziu nestes colaboradores escolhidos a impressão dEle próprio. "A vida foi manifestada", disse João, o discípulo amado, "e nós a vimos, e testificamos dela." 1 João 1:2.

Somente por meio daquela comunhão — do espírito com o espírito e do coração com o coração, do humano com o divino — se pode comunicar a energia vitalizadora que a verdadeira educação tem por objetivo comunicar. É unicamente a vida que pode produzir vida.

No ensino de Seus discípulos, o Salvador seguiu o sistema de educação estabelecida ao princípio. Os primeiros doze escolhidos, juntamente com alguns poucos outros que mediante o auxílio às suas necessidades tinham de quando em quando ligação com eles, formavam a família de Jesus. Achavam-se com Ele em casa, à mesa, [85] em particular, no campo. Acompanhavam-nO em Suas viagens, participavam de Suas provações e agruras, e tanto quanto lhes era possível participavam de Seu trabalho.

Às vezes Ele os ensinava enquanto juntos se assentavam ao lado das montanhas; outras, junto ao mar ou do barco do pescador, e ainda outras vezes enquanto andavam pelo caminho. Sempre que falava à multidão, os discípulos formavam a roda mais achegada. Comprimiam-se ao lado dEle, para que nada perdessem de Suas instruções. Eram ouvintes atentos, ávidos de compreender as verdades que deviam ensinar em todas as terras e a todas as épocas.

Os primeiros discípulos de Jesus foram escolhidos entre as classes do povo comum. Eram homens humildes e iletrados, aqueles pescadores da Galiléia; homens sem escola nos conhecimentos e costumes dos rabis, mas adestrados na disciplina severa do trabalho e das agruras. Eram homens de habilidade natural e espírito dócil; homens que poderiam ser instruídos e moldados para a obra do Salvador. Nas ocupações usuais da vida, há muitos lutadores percorrendo pacientemente a rotina de suas tarefas diárias, inconscientes das faculdades latentes que, despertadas à ação, colocá-los-iam entre os grandes dirigentes do mundo. Tais foram os homens chamados pelo Salvador para serem Seus coobreiros. Tiveram eles as vantagens de três anos de ensino pelo maior Educador que este mundo já conheceu.

Nestes primeiros discípulos notava-se uma assinalada diversidade. Deviam ser os ensinadores do mundo, e representavam amplamente vários tipos de caráter. Havia Levi Mateus, o publicano, chamado de uma vida de atividade em negócios e subserviência a Roma; Simão, o zelador, o intransigente adversário da autoridade [86] imperial; o impetuoso, presunçoso e ardoroso Pedro, com André, seu irmão; Judas, o judeu, polido, capaz e de impulsos medíocres; Filipe e Tomé, fiéis e fervorosos, conquanto tardios de coração para crer; Tiago, o moço, e Judas, de menos preeminência entre os irmãos, mas homens de energia, positivos tanto em suas faltas como em suas virtudes; Natanael, filho da sinceridade e da confiança; e os ambiciosos e amoráveis filhos de Zebedeu.

A fim de levarem avante, com êxito, a obra a que foram chamados, estes discípulos, diferindo tão grandemente em seus característicos naturais, em preparo e hábitos de vida, necessitavam chegar à unidade de sentimento, pensamento e ação. Era o objetivo de Cristo conseguir esta unidade. Para tal fim, procurou Ele trazê-los à unidade consigo. A grave preocupação em Seu trabalho por eles exprime-se em Sua oração ao Pai — "para que todos sejam um, como Tu, ó Pai o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um em Nós, ... para que o mundo conheça que Tu Me enviaste a Mim, e que os tens amado a eles como Me tens amado a Mim". João 17:21-23.

## O poder transformador de Cristo

Dos doze discípulos, quatro deviam desempenhar papel saliente, cada um em um ramo distinto. Na preparação para tal, Cristo os ensinou, prevendo tudo. Tiago, destinado a próxima morte à espada; João, o que dentre os irmãos por mais tempo devia seguir seu Mestre nos trabalhos e perseguições; Pedro, o pioneiro em transpor as barreiras dos séculos e ensinar ao mundo gentio; e Judas, capaz de ascendência sobre seus irmãos, no serviço, e não obstante alimentando em sua alma propósitos cujos frutos ele mal sonhava — eram todos estes o objeto da maior solicitude de Cristo, e os que recebiam as Suas mais freqüentes e cuidadosas instruções. [87]

Pedro, Tiago e João procuravam toda oportunidade de entrar em íntimo contato com seu Mestre, e seu desejo era satisfeito. Dentre os doze, sua relação para com Ele era mais íntima. João poderia satisfazer-se apenas com uma intimidade ainda maior, e isto ele obteve. Naquela primeira conversa ao lado do Jordão, quando André, tendo ouvido a Jesus, correu a chamar seu irmão, João estava sentado em silêncio, extasiado na meditação de maravilhosos assuntos. Seguiu o Salvador, sempre como um ouvinte ávido e embevecido. Entretanto, o caráter de João não era irrepreensível. Ele não era um entusiasta gentil, sonhador. Ele e seu irmão foram chamados "filhos do trovão". Marcos 3:17. João era orgulhoso, ambicioso e de espírito combativo; mas por sob tudo isto o divino Mestre divisou o coração ardente, sincero e amante. Jesus censurou-lhe o egoísmo, frustroulhe as ambições, provou-lhe a fé. Revelou-lhe, porém, aquilo por que sua alma anelava — a beleza da santidade, Seu próprio amor transformador. Disse Ele: "Manifestei o Teu nome aos homens que do mundo Me deste." João 17:6.

A natureza de João anelava amor, simpatia e companhia. Ele se achegava a Jesus, sentava-se a Seu lado, recostava-se-Lhe ao peito. Assim como a flor sorve o orvalho e a luz, bebia ele da luz e vida divinas. Contemplou o Salvador em adoração e amor, até que a semelhança de Cristo e comunhão com Ele se tornaram seu único desejo, e em seu caráter se refletiu o caráter do Mestre.

"Vede", disse ele, "quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus. Por isso o mundo nos não conhece; porque O não conhece a Ele. Amados, agora somos

filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. [88] Mas sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é O veremos. E qualquer que nEle tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também Ele é puro." 1 João 3:1-3.

## Da fraqueza para a força

A história de nenhum dos discípulos ilustra melhor o método de ensino de Cristo do que a de Pedro. Ousado, agressivo, confiante em si mesmo, rápido em compreender e disposto a agir, pronto para a desforra, mas generoso ao perdoar, Pedro muitas vezes errou e outras tantas foi reprovado. Nem por isso foram sua fervorosa lealdade e dedicação para com Cristo reconhecidas e elogiadas de maneira menos positiva. Pacientemente, e com a faculdade de discernir própria do amor, o Salvador tratava com Seu impetuoso discípulo, procurando reprimir-lhe a confiança própria e ensinar-lhe a humildade, obediência e confiança.

Mas apenas em parte foi a lição aprendida. A segurança própria não se desarraigou.

Muitas vezes Jesus, com peso no coração, procurava revelar aos discípulos as cenas de Seu julgamento e sofrimentos. Seus olhos, porém, estavam velados. Esta notícia era mal recebida, e eles não viam. A compaixão de si mesmo, que recuava diante da associação com Cristo em Seus sofrimentos, determinou a súplica de Pedro: "Senhor, tem compaixão de Ti; de modo nenhum Te acontecerá isto." Mateus 16:22. Suas palavras exprimiam o pensamento e sentir dos doze.

Assim prosseguiam, enquanto a crise se aproximava; e, jactanciosos, contenciosos, distribuíam antecipadamente as honras reais, e não sonhavam com a cruz.

A experiência de Pedro continha uma lição para todos eles. Para a confiança em si mesmo, a prova é a derrota. Os inevitáveis resultados do mal, ainda não abandonado, Cristo não os podia obstar. [89] Mas assim como Sua mão se estendera para salvar, quando as ondas estavam a ponto de arrebatar a Pedro, assim o Seu amor se estendeu para o seu livramento quando as profundas águas lhe rolaram sobre a alma. Repetidas vezes, à borda da ruína, as palavras de jactância de

Pedro o trouxeram mais e mais próximo da extremidade. Repetidas vezes fizera-lhe o aviso de que ele negaria conhecê-Lo. Lucas 22:34. Foi o coração angustiado e amante do discípulo que proferiu esta confissão: "Senhor, estou pronto a ir contigo até à prisão e à morte" (Lucas 22:33); e Aquele que lê os corações deu a Pedro a mensagem, então pouco apreciada, mas que nas trevas prestes a cair lançaria um raio de esperança: "Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo; mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos." Lucas 22:31, 32.

Quando no tribunal as palavras de negação foram proferidas; e quando o amor e a lealdade de Pedro, despertados pelo olhar de piedade, amor e tristeza do Salvador, o fizeram sair para o jardim onde Cristo havia chorado e orado; e quando suas lágrimas de remorso caíam sobre o solo que fora umedecido com as gotas de sangue de Sua agonia, então as palavras do Salvador — "Roguei por ti, ... quando te converteres, confirma teus irmãos" — foram-lhe um arrimo para a alma. Cristo, conquanto previsse o seu pecado, não o abandonara ao desespero.

Se o olhar de Jesus, lançado sobre ele, houvesse expressado condenação em lugar de piedade; se ao predizer o pecado tivesse Ele deixado de falar em esperança, quão densas não teriam sido as trevas que cobririam a Pedro! Quão irreprimível o desespero daquela alma torturada! Naquela hora de angústia e de desgosto de si próprio, que poderia detê-lo de ir pelo caminho trilhado por Judas? [90]

Aquele que não poderia poupar a Seu discípulo a angústia, não o deixou só em sua amargura. Seu amor não falha nem abandona.

Os seres humanos, naturalmente propensos ao mal, inclinam-se a tratar severamente com os que são tentados e erram. Não podem ler o coração, não conhecem suas lutas e dores. Necessitam aprender acerca daquela censura inspirada no amor, do golpe que fere para curar, da admoestação que traduz esperança.

Não foi João, aquele que com Ele vigiou no tribunal, que esteve ao lado de Sua cruz, e que dentre os doze foi o primeiro a chegar ao túmulo — não foi João, mas Pedro, o que pessoalmente foi mencionado na primeira mensagem enviada por Cristo aos discípulos, depois de Sua ressurreição. "Dizei a Seus discípulos e a Pedro", disse

o anjo, “que Ele vai adiante de vós para a Galiléia; ali O vereis.” Marcos 16:7.

Na última reunião de Cristo com os discípulos junto ao mar, Pedro, provado pela pergunta feita três vezes — “Amas-Me” foi restabelecido em seu lugar entre os doze. Foi-lhe indicado Seu trabalho; ele devia alimentar o rebanho do Senhor. Então, como Sua última instrução pessoal, Jesus ordenou-lhe: “Segue-Me tu.” João 21:17, 22.

Agora ele podia apreciar essas palavras. A lição que Cristo dera, quando pôs uma criancinha no meio dos discípulos, e lhes ordenou que se tornassem semelhantes a ela, Pedro podia compreender melhor. Conhecendo mais completamente não só a sua própria fraqueza como o poder de Cristo, estava pronto para confiar e obedecer. Em Sua força poderia seguir o Mestre.

E ao findar sua experiência de trabalho e sacrifício, o discípulo que fora tão tardio para divisar a cruz, considerava como uma alegria render sua vida pelo evangelho, compreendendo tão-somente que, [91] para ele, que havia negado ao Senhor, morrer da mesma maneira que seu Mestre era uma honra demasiado grande.

A transformação de Pedro, foi um milagre da ternura divina. É uma lição, para a vida toda, àqueles que procuram seguir as pegadas do Mestre dos mestres.

### Uma lição de amor

Jesus reprovava Seus discípulos, admoestava-os e avisava-os; mas João e Pedro, e seus irmãos, não O deixaram. Apesar das exprobrações, preferiram estar com Jesus. E o Salvador, nem por causa de seus erros Se afastou deles. Ele recebe os homens tais como são, com todas as suas faltas e fraquezas, e prepara-os para o Seu serviço, se desejarem ser discípulos e ensinados por Ele.

Havia, porém, um dentre os doze, a quem Cristo não dirigiu palavra alguma de reprovação direta, até muito próximo do final de Sua obra.

Com Judas um elemento de antagonismo se introduzira entre os discípulos. Ligando-se a Jesus, havia ele atendido à atração de Seu caráter e vida. Havia sinceramente desejado uma mudança em si, e contara experimentar esta perfeita união com Cristo. Mas este

desejo não se tornou predominante. Aquilo que o dirigia era a esperança de benefício próprio no reino mundano que esperava Cristo estabelecesse. Posto que reconhecesse o poder do amor divino de Cristo, Judas não se rendeu à sua supremacia. Continuou a alimentar seus próprios juízos e opiniões, sua disposição para criticar e condenar. Os motivos e ações de Cristo, muitas vezes tão acima de seu entendimento, excitavam dúvida e desaprovação; e suas próprias contestações e cobiça insinuavam-se nos discípulos. Muitas de suas [92] contendas pela supremacia, e muito de seu descontentamento pelos métodos de Cristo, originavam-se com Judas.

Jesus, vendo que mostrar-se antagônico dava como resultado endurecer-se o coração, abstinha-Se de conflito direto. A estreiteza egoísta da vida de Judas, Cristo procurou curar pelo contato com Seu próprio amor abnegado. Em Seus ensinos desdobrava princípios que feriam pela raiz as ambições egoístas do discípulo. Dava assim lições após lições, e muitas vezes Judas compreendeu que seu caráter fora retratado, e indicado seu pecado; mas não quis ceder.

Resistindo aos esforços da misericórdia, o impulso do mal adquiriu finalmente o domínio. Judas, irado pela devida reprovação, e desesperado pela decepção que tivera com seus sonhos de ambição, entregou o coração ao demônio da avidez, e decidiu a traição de seu Mestre. Da sala da Páscoa; da alegria da presença de Cristo, e da luz da esperança imortal, saiu ele para a sua nefanda obra — nas trevas exteriores, onde não havia esperança.

“Bem sabia Jesus, desde o princípio, quem eram os que não criam, e quem era o que O havia de entregar.” João 6:24. Contudo, sabendo todas estas coisas, não retivera Seus esforços misericordiosos ou ações de amor.

Vendo o perigo de Judas, trouxera-o para junto de Si, naquele grupo mais íntimo de Seus discípulos escolhidos e em quem confiava. Dia após dia, quando o fardo jazia pesadamente sobre Seu coração, suportara a dor do contínuo contato com aquele espírito obstinado, desconfiado e entregue a maus pensamentos; Ele havia testemunhado esse espírito e trabalhara para combater entre Seus discípulos aquele antagonismo contínuo, secreto e sutil. E tudo isto [93] fizera para que nenhuma influência salvadora possível faltasse àquela alma em perigo!

“As muitas águas não poderiam apagar este amor,
Nem os rios afogá-lo.”
“O amor é forte como a morte.”

Cantares 8:7, 6.

Tanto quanto diz respeito ao próprio Judas, a obra de amor, efetuada por Cristo, tinha sido sem proveito. Não assim, porém, no que se refere a seus condiscípulos. Para eles foi uma lição de influência para a vida toda. Para sempre Seus exemplos de ternura e longanimidade lhes moldariam as relações com os que são tentados e que erram. E continha outras lições. Na ordenação dos doze, haviam desejado grandemente que Judas fosse um de seu número; e tinham contado com seu ingresso como um fato muito prometedor ao grupo apostólico. Ele tinha estado mais em contato com o mundo do que eles; era um homem de boas maneiras, de discernimento e habilidade para dirigir e, fazendo uma alta apreciação de suas próprias qualidades, levara os discípulos a terem-no na mesma conta. Mas os métodos que ele desejava introduzir na obra de Cristo baseavam-se em princípios mundanos e eram dirigidos por mundanos expedientes. Esperavam adquirir o reconhecimento e honra mundanos pela obtenção do reino deste mundo. A atuação destes desejos na vida de Judas, auxiliou os discípulos a compreenderem o antagonismo entre o princípio do engrandecimento próprio e o da humildade e abnegação de Cristo — princípio este do reino espiritual. No destino de Judas viram eles o fim a que propende o servir a si próprio.

Para com estes discípulos a missão de Cristo finalmente cumpriu [94] seu objetivo. Pouco a pouco Seu exemplo e lições de abnegação lhes modelaram o caráter. Sua morte lhes destruiu a esperança de grandeza mundana. A queda de Pedro, a apostasia de Judas, e a própria falta deles ao abandonarem a Cristo em Sua angústia e perigo, acabou com sua presunção. Viram a sua própria fraqueza; viram algo da grandeza da obra a eles confiada; sentiram a necessidade de serem guiados a cada passo por seu Mestre.

Souberam que Sua presença pessoal não mais seria com eles, e reconheceram como nunca dantes o valor das oportunidades que tinham tido de andar e falar com o Enviado de Deus. Não haviam apreciado ou compreendido muitas das Suas lições, quando foram

dadas; agora desejavam lembrá-las e de novo ouvir Suas palavras. Com que alegria relembravam Sua afirmação:

“Convém que Eu vá; porque, se Eu não for, o Consolador não virá a vós; mas se Eu for, enviar-vo-Lo-ei.” “Tudo quanto ouvi de Meu Pai vos tenho feito conhecer.” E o “Consolador, ... que o Pai enviará em Meu nome, Esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito”. João 16:7; 15:15; 14:26.

“Tudo quanto o Pai tem é Meu.” “Quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade. ... Há de receber do que é Meu, e vo-lo há de anunciar.” João 16:15, 13, 14.

Os discípulos tinham visto a Cristo ascender dentre eles no Monte das Oliveiras. E quando os Céus O receberam, veio-lhes a promessa feita à Sua partida: “Eis que Eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos.” Mateus 28:20. [95]

Sabiam ser ainda objeto de Suas simpatias. Sabiam que tinham um representante, um advogado, no trono de Deus. Em nome de Jesus apresentavam as petições, repetindo Sua promessa: “Tudo quanto pedirdes a Meu Pai em Meu nome, Ele vo-lo há de dar.” João 16:23.

Mais e mais alto estendiam eles a mão da fé, com o poderoso argumento: “É Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós.” Romanos 8:34.

Fiel à Sua promessa, o Divino Ser, exaltado nas cortes celestiais, comunicava de Sua plenitude aos Seus seguidores na Terra. Sua entronização à destra de Deus assinalou-se pelo derramamento do Espírito Santo sobre Seus discípulos.

Pela obra de Cristo estes discípulos foram levados a sentir sua necessidade do Espírito; pelo ensino do Espírito, receberam seu preparo final, e saíram para a obra de sua vida.

Não mais eram eles ignorantes e sem cultura. Não mais eram um grupo de unidades independentes ou de elementos discordantes e em conflito. Não mais depositavam as esperanças em grandezas mundanas. Eram unânimes, e de um mesmo espírito e alma. Cristo lhes enchia os pensamentos. O avançamento de Seu reino era o objetivo deles. Em espírito e caráter tinham-se tornado semelhantes a seu Mestre; e os homens “tinham conhecimento que eles haviam estado com Jesus”. Atos dos Apóstolos 4:13.

Houve então uma revelação da glória de Cristo, como jamais fora testemunhada pelos mortais. Multidões que Lhe haviam aviltado o nome e desprezado o poder, confessavam-se discípulos do Crucificado. [96] Pela cooperação do Espírito divino, os trabalhos daqueles humildes homens que Cristo havia escolhido, abalaram o mundo. A toda nação, sob o céu, foi levado o evangelho, em uma só geração.

O mesmo Espírito que em Seu lugar foi enviado para ser o instrutor de Seus primeiros coobreiros, Cristo comissionou para ser o instrutor de Seus coobreiros hoje. “Eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mateus 28:20), é Sua promessa.

A presença do mesmo Guia na obra educativa hoje, produzirá os mesmos resultados que antigamente. Tal é o fim a que propende a verdadeira educação; tal é a obra que Deus deseja ela cumpra. [97]

# Ensino da natureza

[98]

*"Considera as maravilhas... dAquele que é perfeito nos conhecimentos."*

[99]

## Capítulo 10 — Deus na natureza

*“A Sua glória cobriu os céus, e a terra encheu-se do Seu louvor.”*

Em todas as coisas criadas vêem-se os sinais da Divindade. A Natureza testifica de Deus. A mente sensível, levada em contato com o milagre e mistério do Universo, não poderá deixar de reconhecer a operação do poder infinito. Não é pela sua própria energia inerente que a Terra produz suas dádivas, e ano após ano continua seu movimento em redor do Sol. Uma mão invisível guia os planetas em seu giro pelos céus. Uma vida misteriosa invade toda a Natureza — vida que sustenta os inumeráveis mundos através da imensidade toda. Encontra-se ela no ser microscópico que flutua na brisa do verão; é ela que dirige o vôo das andorinhas, e alimenta as pipilantes avezinhas de rapina; é ela que faz com que os botões floresçam, e as flores frutifiquem.

O mesmo poder que mantém a Natureza, opera também no homem. As mesmas grandes leis que guiam tanto a estrela como o átomo, dirigem a vida humana. As leis que presidem à ação do coração, regulando o fluxo da corrente da vida no corpo, são as leis da Inteligência todo-poderosa, as quais presidem às funções da alma. DEle procede toda a vida. Unicamente em harmonia com Ele poderá ser achada a verdadeira esfera daquelas funções. Para todas as coisas de Sua criação, a condição é a mesma: uma vida que se mantém pela recepção da vida de Deus, uma vida exercida de acordo com a vontade do Criador. [100] Transgredir Sua lei, física, mental ou moral, corresponde a colocar-se o transgressor fora da harmonia do Universo, ou introduzir discórdia, anarquia e ruína.

Para aquele que assim aprende a interpretar seus ensinos, toda a Natureza se ilumina; o mundo é um compêndio, e a vida uma escola. A unidade do homem com a Natureza e com Deus, o domínio universal da lei, os resultados da transgressão, não podem deixar de impressionar o espírito e moldar o caráter.

Essas lições, nossos filhos necessitam aprender. Para a criancinha, ainda incapaz de aprender pela página impressa, ou tomar parte nos trabalhos de uma sala de aulas, a Natureza apresenta uma fonte infalível de instrução e deleite. O coração que ainda não se acha endurecido pelo contato com o mal, está pronto a reconhecer aquela Presença que penetra todas as coisas criadas. O ouvido, ainda não ensurdecido pelo clamor do mundo, está atento à Voz que fala pelas manifestações da Natureza. E para os mais velhos, que necessitam continuamente desta silenciosa lembrança das coisas espirituais e eternas, as lições tiradas da Natureza não serão uma fonte inferior de prazer e instrução. Como os moradores do Éden aprendiam nas páginas da Natureza, como Moisés discernia os traços da escrita de Deus nas planícies e montanhas da Arábia, e o menino Jesus nas colinas de Nazaré, assim poderão os filhos de hoje aprender acerca dEle. O invisível acha-se ilustrado pelo visível. Sobre todas as coisas na Terra, desde a árvore mais altaneira da floresta até ao líquen que se apega ao rochedo, desde o oceano ilimitado até a mais tênue concha na praia, poderão eles contemplar a imagem e inscrição de Deus.

Tanto quanto possível, seja a criança, desde os mais tenros anos, colocada onde este maravilhoso compêndio possa abrir-se diante [101] dela. Que possa ela contemplar as cenas gloriosas desenhadas pelo Artista-mestre sobre a tela mutável dos Céus; que se familiarize com as maravilhas da terra e do mar; que observe os mistérios que se vão revelando nas estações em contínua sucessão, e em todas as Suas obras aprenda acerca do Criador.

De nenhuma outra maneira poderá o fundamento de uma verdadeira educação ser lançado tão firmemente, tão seguramente. Todavia, a própria criança, quando em contato com a Natureza, terá motivos para perplexidade. Não poderá deixar de reconhecer a operação de forças antagônicas. Aqui é que a Natureza necessita de um intérprete. Olhando para o mal, manifesto mesmo no mundo natural, todos têm a mesma triste lição a aprender: "Um inimigo é quem fez isso." Mateus 13:28.

Apenas à luz que resplandece do Calvário, pode o ensino da Natureza ser aprendido corretamente. Por meio da história de Belém e da cruz mostre-se quão bom é vencer o mal, e como cada bênção que nos vem é um dom da redenção.

Na sarça e no espinho, nos cardos e no joio, acha-se representado o mal que macula e deslustra. No pássaro canoro e na florescência, na chuva e no raio de sol, na brisa e no orvalho brando, em miríades de coisas na Natureza, desde o carvalho da floresta até à violeta que floresce à sua raiz, vê-se o amor que restaura. A Natureza ainda nos fala da bondade de Deus.

"Eu bem sei os pensamentos que penso de vós, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal." Jeremias 29:11. Esta é a mensagem que, sob a luz da cruz, se pode ler em toda a face da Natureza. [102] Os céus declaram Sua glória e a terra está cheia de Suas riquezas.

## Capítulo 11 — Lições de vida

*"Fala com a terra, e ela to ensinará."*

O grande Ensinador levou Seus ouvintes em contato com a Natureza, para que pudessem ouvir a voz que fala em todas as coisas criadas; e, abrandando-se-lhes o coração e tornando-se-lhes impressionável a mente, auxiliava-os a interpretar o ensino espiritual das cenas sobre as quais repousavam seus olhos. As parábolas, por meio das quais gostava de ensinar lições de verdade, mostram quão aberto era o Seu espírito às influências da Natureza, e como Ele Se deleitava em coligir do ambiente da vida diária ensinos espirituais.

Os pássaros no ar, os lírios do campo, o semeador e a semente, o pastor e as ovelhas — eis com que Cristo ilustrou verdades imortais. Ele tirou também ilustrações dos acontecimentos da vida, e fatos da experiência particular aos ouvintes: o fermento, o tesouro escondido, a pérola, a rede de pescar, a moeda perdida, o filho pródigo, a casa sobre a rocha e sobre a areia. Em Seus ensinos havia algo para interessar a todo espírito, para apelar a todo coração. Assim, a lida diária, em vez de ser mera rotina de labutas, despojada de pensamentos elevados, iluminava-se e erguia-se pelas constantes lembranças de coisas espirituais e invisíveis.

Dessa maneira devemos ensinar. Que aprendam as crianças a ver em a Natureza uma expressão do amor e da sabedoria de Deus; que o pensamento a respeito dEle se entrelace com pássaros, flores e [103] árvores; que todas as coisas visíveis se tornem para elas os intérpretes do invisível, e todos os acontecimentos da vida sejam os meios para o ensino divino.

Aprendendo elas assim as lições que há em todas as coisas criadas, e em todas as experiências da vida, mostrai que as mesmas leis que dirigem as coisas na Natureza e os fatos da vida são as que nos governam; que foram dadas para o nosso bem, e que unicamente na obediência às mesmas podemos encontrar a verdadeira felicidade e êxito.

## A lei do serviço

Todas as coisas, tanto no Céu como na Terra, declaram que a grande lei da vida é a lei do serviço em prol de outrem. O Pai infinito atende à vida de todo ser vivente. Cristo veio à Terra "como Aquele que serve". Lucas 22:27. Os anjos são "espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação". Hebreus 1:14. A mesma lei do serviço está escrita sobre todas as coisas na Natureza. Os pássaros do ar, as bestas do campo, as árvores da floresta, as folhas, as flores, o Sol no céu e as estrelas luzentes, tudo tem seu mistério. O lago e o oceano, o rio e as fontes, cada um tira para dar.

À medida que todas as coisas assim contribuem para a vida do mundo, também garantem a sua própria. "Dai, e ser-vos-á dado" (Lucas 6:38) — é a lição não menos seguramente escrita na Natureza do que nas páginas das Escrituras Sagradas.

Assim como os vales e planícies abrem passagem às correntes das montanhas para atingirem o mar, aquilo que eles proporcionam é restituído centuplicadamente. A corrente que segue murmurando pelo seu caminho, deixa atrás de si seus dons de beleza e frutificação. [104] Através dos campos, despidos e queimados sob o calor do verão, uma linha de verdura assinala o curso do rio; cada bela árvore, cada botão, cada flor, constitui uma testemunha das recompensas que a graça de Deus decreta a todos os que se tornam seus condutores ao mundo.

## Semeando com fé

Dentre as lições quase inumeráveis ensinadas pelos vários processos do crescimento, algumas das mais preciosas são apresentadas na parábola do Salvador, sobre a semente. Contém lições para velhos e moços.

"O reino de Deus é assim como se um homem lanças-se semente à terra, e dormisse, e se levantasse de noite ou de dia, e a semente brotasse e crescesse, não sabendo ele como. Porque a terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga." Marcos 4:26-28.

A semente tem em si mesma um princípio germinativo, princípio este que o próprio Deus implantou; entretanto, abandonada a si mesma, ela não teria poder para germinar. O homem tem sua parte a desempenhar no produzir o crescimento da semente; mas há um ponto além do qual ele nada pode fazer. Deve confiar em Alguém que uniu a sementeira e a ceifa por laços maravilhosos de Seu próprio poder onipotente.

Há vida na semente, há poder no solo; mas, a menos que o poder infinito se exerça dia e noite, a semente nada nos devolverá. As chuvas devem refrescar os campos sedentos; o Sol deve comunicar calor; a eletricidade deve ser levada à semente sepultada. A vida que o Criador implantou, somente Ele a pode despertar. Cada semente brota, cada planta se desenvolve pelo poder de Deus.

"A semente é a Palavra de Deus." "Como a terra produz os seus renovos, e como o horto faz brotar o que nele se semeia, assim o [105] Senhor Jeová fará brotar a justiça e o louvor." Lucas 8:11; Isaías 61:11. Semelhantemente às coisas naturais, dá-se com a semeadura das coisas espirituais; provém de Deus o poder que, só, é capaz de produzir a vida.

Trabalho de fé é o do semeador. O mistério da germinação e crescimento da semente ele não pode compreender; mas tem confiança nos poderes pelos quais Deus faz com que a vegetação floresça. Lança a semente, esperando recuperá-la multiplicadamente em uma abundante messe. Assim devem os pais e professores trabalhar, na expectativa de uma ceifa da semente que semeiam.

Durante algum tempo a boa semente pode permanecer sem ser notada no coração, não oferecendo evidência alguma de que haja criado raízes; mas depois, sendo a alma bafejada pelo Espírito de Deus, a semente oculta brota, e finalmente produz fruto. No trabalho de nossa vida não sabemos o que prosperará, se isto ou aquilo. Não nos toca a nós decidir esta questão. "Pela manhã semeia a tua semente, e à tarde não retires a tua mão." Eclesiastes 11:6. O grande concerto de Deus declara que "enquanto a terra durar, sementeira e sega, ... não cessarão". Gênesis 8:22. Na confiança desta promessa o agricultor lavra e semeia. Não menos confiantemente devemos nós, na semeadura espiritual, trabalhar, esperando em Sua afirmação: "Assim será a palavra que sair da Minha boca; ela não voltará para Mim vazia, antes fará o que Me apraz, e prosperará naquilo para que

a enviei.” “Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará sem dúvida com alegria, trazendo consigo seus molhos.” Isaías 55:11; Salmos 126:6.

A germinação da semente representa o começo da vida espiritual, e o desenvolvimento da planta é uma figura do desenvolvimento do [106] caráter. Não pode haver vida sem crescimento. A planta ou deve crescer ou morrer. Assim como o seu crescimento é silencioso e imperceptível, mas contínuo, assim é o crescimento do caráter. Nossa vida pode ser perfeita em cada estágio de seu desenvolvimento; contudo, se o propósito de Deus para conosco se cumpre, haverá constante progresso.

A planta cresce, recebendo aquilo que Deus proveu para o sustento de sua vida. Da mesma forma o crescimento espiritual é alcançado pela cooperação do poder divino. Assim como a planta cria raízes no solo, devemos nós criar raízes em Cristo. Assim como a planta recebe a luz solar, o orvalho e a chuva, devemos nós receber o Espírito Santo. Se nosso coração permanecer em Cristo, Ele virá para nós “como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra”. Como o Sol da Justiça, Ele surgirá sobre nós com salvação “debaixo de Suas asas”. Cresceremos “como o lírio”. Seremos “vivificados como o trigo”, e cresceremos “como a vide”. Oséias 6:3; Malaquias 4:2; Oséias 14:5, 7.

O trigo desenvolve-se, “primeiro a erva, depois a espiga, e por último o grão cheio na espiga”. Marcos 4:28. O objetivo do lavrador ao semear a semente e cultivar a planta, é a produção do grão — pão para o faminto e semente para as futuras ceifas. Semelhantemente o Lavrador divino espera a colheita. Ele procura reproduzir-Se no coração e vida de Seus seguidores, para que por meio destes possa reproduzir-Se em outros corações e vidas.

O desenvolvimento gradual das plantas desde a semente, é uma lição objetiva na educação das crianças. Há “primeiro a erva, depois a espiga, e por último o grão cheio na espiga”. Marcos 4:28. Aquele que deu esta parábola, criou a minúscula semente, deu-lhe proprieda- [107] des vitais e determinou as leis que governam seu desenvolvimento. E as verdades ensinadas pela parábola foram uma realidade em Sua própria vida. Ele, a Majestade dos Céus, o Rei da glória, tornou-Se um recém-nascido em Belém, e por algum tempo representou a indefesa criancinha sob os cuidados da mãe. Na infância falou e agiu

como criança, honrando Seus pais, satisfazendo-lhes os desejos de modo a ajudá-los. Desde o raiar de Sua inteligência, porém, esteve Ele constantemente a crescer em graça e conhecimento da verdade.

Pais e professores devem ter por fim cultivar as tendências da juventude, de tal maneira que em cada estágio da vida possa representar a beleza apropriada àquele período, a desdobrar-se naturalmente, como fazem as plantas no jardim.

Os pequeninos devem ser educados com uma simplicidade infantil. Devem ser ensinados a estar contentes com os pequenos e úteis deveres e com os prazeres e experiências próprias de sua idade. As crianças correspondem à erva da parábola, e a erva tem uma beleza toda peculiar. As crianças não devem ser forçadas a uma maturidade precoce, mas tanto quanto possível devem reter viço e graça de seus tenros anos. Quanto mais calma e simples a vida da criança, isto é, mais livre de excitações artificiais e mais de acordo com a Natureza, mais favorável é para o vigor físico e mental e para a força espiritual.

No milagre do Salvador ao alimentar cinco mil pessoas ilustra-se a operação do poder de Deus na produção da messe. Jesus afasta o véu do mundo natural e revela a energia criadora que constantemente se exerce para o nosso bem. Multiplicando a semente lançada ao solo, Aquele que multiplicou os pães Se acha todos os dias operando um [108] milagre. É por meio de um milagre que Ele alimenta constantemente a milhões pelos campos amadurecidos para a ceifa, que se encontram na Terra. Os homens são convocados a cooperar com Ele no cuidado das sementes e preparo do pão, e por causa disto perdem de vista o poder divino. A operação de Seu poder é atribuída a causas naturais ou à instrumentalidade humana, e muitíssimas vezes Seus dons são pervertidos para fins egoístas, tornando-se maldição em vez de bênção. Deus procura mudar tudo isto. Deseja que nossos sentidos embotados se avivem para discernirmos Sua benévola misericórdia, a fim de que Seus dons nos sejam a bênção a que Ele os destinou.

É a palavra de Deus, comunicação de Sua vida, o que dá vida à semente; e daquela vida nos tornamos participantes, comendo o grão. Deus deseja que possamos discernir isto; deseja que mesmo ao recebermos nosso pão cotidiano, possamos reconhecer Seu poder, e sejamos levados a uma associação mais íntima com Ele.

Em virtude das leis de Deus em a Natureza, os efeitos seguem as causas com certeza invariável. A colheita testifica da semeadura.

Nisto não se admitem simulações. Os homens podem enganar seus semelhantes, e receber louvor e recompensa pelos serviços que não prestaram. Mas quanto à Natureza não poderá haver engano. Contra o lavrador infiel a ceifa profere sentença condenatória. E no mais alto sentido isto é verdade também no mundo espiritual. É na aparência e não na realidade que o mal é bem-sucedido. O menino vadio que foge da escola, o jovem preguiçoso em seus estudos, o balconista ou aprendiz que deixa de servir aos interesses de seu patrão, o homem que em qualquer negócio ou profissão é infiel para com as suas mais altas responsabilidades, pode lisonjear-se de que esteja a adquirir [109] vantagens enquanto o mal estiver oculto. De fato, nada ganha com isto, antes se está defraudando a si próprio. A ceifa da vida é o caráter, e é este que determina o destino tanto para esta como para a vida futura.

A ceifa é uma reprodução das sementes semeadas. Cada semente produz fruto "segundo a sua espécie". Assim é com os traços de caráter que acariciamos. Egoísmo, amor-próprio, presunção, condescendência própria, reproduzem-se, e o fim é miséria e ruína. "O que semeia na carne, da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna." Gálatas 6:8. Amor, simpatia, bondade, produzem frutos de bênçãos, colheita esta que é imperecível.

Na colheita, a semente é multiplicada. Um simples grão de trigo, multiplicado por semeaduras repetidas, cobriria um país inteiro com molhos dourados. Tão dilatada poderá ser a influência de uma simples vida, ou mesmo de um simples ato.

Quantas ações de amor, através dos longos séculos, têm resultado da memória daquele vaso de alabastro quebrado para a unção de Cristo! Quão inumeráveis dádivas têm trazido para a causa do Salvador aquela contribuição feita por uma pobre viúva desconhecida, contribuição de "duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante"! Marcos 12:42.

## Vida pela morte

A lição da semeadura ensina a liberalidade. "O que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia em abundância, em abundância também ceifará." 2 Coríntios 9:6.

Diz o Senhor: “Bem-aventurados vós os que semeais sobre todas as águas.” Isaías 32:20. Semear sobre todas as águas significa dar onde quer que nosso auxílio seja necessário. Isto não levará à pobreza. “O que semeia em abundância, em abundância também [110] ceifará.” O semeador multiplica suas sementes, lançando-as. Assim, aumentamos nossas bênçãos, comunicando-as. A promessa de Deus garante a necessária suficiência para que possamos continuar a dar.

Mais do que isto: quando comunicamos as bênçãos desta vida, a gratidão dos que as recebem prepara-lhes o coração para receberem verdades espirituais, e produz-se uma ceifa para a vida eterna.

Pelo lançamento da semente ao solo, o Salvador representa Seu sacrifício por nós. “Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer”, disse Ele, “fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto.” João 12:24. Unicamente pelo sacrifício de Cristo — a Semente — poderia produzir-se fruto para o reino de Deus. De acordo com a lei do reino vegetal, a vida é o resultado de Sua morte.

Assim é com todos os que produzem frutos como coobreiros de Cristo: o amor e interesse próprios devem perecer, a vida deve ser lançada nos sulcos da necessidade do mundo. A lei do sacrifício próprio é a lei da preservação de si mesmo. O lavrador conserva o seu grão lançando-o fora, por assim dizer. Semelhantemente, a vida que se dá livremente ao serviço de Deus e do homem, é a que será preservada.

A semente morre para expandir-se em nova vida. Nisto se nos ensina a lição de ressurreição. De corpo humano deposto na sepultura para se desfazer, diz Deus: “Semeia-se o corpo em corrupção; ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia, ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor”. 1 Coríntios 15:42, 43. [111]

Procurando os pais e professores ensinar estas lições, este trabalho deve tornar-se prático. Que as próprias crianças preparem o terreno e semeiem a semente. Enquanto trabalham, o pai ou o professor pode explicar o jardim do coração, com a boa ou má semente ali semeada, e mostrar que, como o jardim deve ser preparado para a semente natural, assim deve o coração ser preparado para a semente da verdade. Ao ser a semente lançada no solo, poderão ensinar a lição da morte de Cristo; e ao surgir a erva, a verdade da ressurreição.

Crescendo a planta, continuar-se-á a fazer a correspondência entre a semeadura natural e a espiritual.

De maneira semelhante devem ser instruídos os jovens. Do cultivo do solo, podem-se aprender constantemente lições. Ninguém se estabelece em um trecho de terra inculta com a expectativa de que de pronto ela forneça uma colheita. Deve-se empregar no preparo do solo um trabalho diligente, perseverante, bem como na semeadura e cultura da plantação. Semelhantemente deverá ser na semeadura espiritual. O jardim do coração deve ser cultivado. O terreno deve ser lavrado pelo arrependimento. As plantas daninhas que abafam o bom grão, devem ser desarraigadas. Assim como o solo de que se apoderaram os espinhos só se pode readquirir mediante trabalho diligente, assim as más tendências do coração só se podem vencer por um esforço decidido em nome e no poder de Cristo.

No cultivo do solo o obreiro ponderado descobrirá que se apresentam diante dele tesouros de que pouco suspeitava. Ninguém poderá ser bem-sucedido na agricultura ou na jardinagem, sem a devida atenção às leis envolvidas nestes trabalhos. Devem ser estudadas as necessidades especiais de cada variedade de planta. Variedades [112] diferentes requerem solo e cultura diferentes; e conformidade com as leis que regem cada uma dessas variedades é a condição para o êxito. A atenção exigida na transplantação, para que nem mesmo uma radícula fique comprimida ou mal colocada; o cuidado das plantinhas, a poda e a rega, o abrigo da geada à noite, e do sol ao dia; a remoção das plantas daninhas, das doenças, e pragas de insetos; a disposição geral — todo esse trabalho não somente ensina lições importantes relativas ao desenvolvimento do caráter, mas é em si mesmo um meio para aquele desenvolvimento. O cultivo da cautela, paciência, atenção aos detalhes, obediência às leis, transmite um ensino muitíssimo essencial. O contato constante com o mistério da vida e o encanto da Natureza, bem como a ternura suscitada com o servir a estas belas coisas da criação de Deus, propendem a despertar o espírito, purificar e elevar o caráter; e as lições ensinadas preparam [113] o obreiro para tratar com mais êxito com outras mentes.

## Capítulo 12 — Outras lições objetivas

*“Quem é sábio observe estas coisas, e considere atentamente as benignidades do Senhor.”*

O poder restaurador de Deus encontra-se por toda a Natureza. Se uma árvore é cortada, se um ser humano se fere ou fratura um osso, imediatamente a Natureza começa a reparar o dano. Mesmo antes que exista a necessidade, os agentes de cura se encontram de prontidão; e logo que uma parte se acha ferida, toda a energia se aplica ao trabalho da restauração. Assim é no domínio das coisas espirituais. Antes que o pecado criasse a necessidade, Deus providenciara o remédio. Cada alma que cede à tentação, torna-se ferida, magoada pelo adversário; mas onde quer que haja pecado, há um Salvador. É a obra de Cristo “curar os quebrantados de coração”, “apregoar liberdade aos cativos, ... pôr em liberdade os oprimidos”. Lucas 4:18.

Devemos cooperar nesta obra. “Se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, ... encaminhai o tal.” Gálatas 6:1. A palavra aqui traduzida “encaminhar” significa colocar no lugar, como se faz com um osso deslocado. Quão sugestiva é esta figura! Aquele que cai em erro ou pecado, coloca-se fora do lugar em relação a tudo que o cerca. Pode compenetrar-se de seu erro, e encher-se de remorso; mas não pode restabelecer-se a si mesmo. Está em confusão e perplexidade, vencido e desamparado. Deverá ser reclamado, curado e restabelecido. “Vós, que sois espirituais, encaminhai o tal.” Unicamente o amor que emana do coração de Cristo, pode curar. Unicamente Aquele, em quem flui aquele amor, assim como faz a seiva na árvore e o sangue no corpo, poderá restaurar a alma ferida. [114]

O poder do amor possui força maravilhosa, porquanto é divino. A resposta branda “desvia o furor”, a caridade é “sofredora, é benigna”; a caridade “cobre uma multidão de pecados” (Provérbios 15:1; 1 Coríntios 13:4; 1 Pedro 4:8) — sim, se aprendêssemos nestas

lições, quão grande não seria o poder para curar de que seríamos dotados! Como se transformaria a vida, e a Terra se tornaria a própria semelhança e antegozo do Céu!

Estas preciosas lições podem ser tão singelamente ensinadas que sejam compreendidas mesmo pelas criancinhas. O coração da criança é terno e facilmente impressionável; e, se nós, os que somos mais idosos nos tornamos “como meninos” (Mateus 18:3), e se aprendemos a simplicidade, mansidão e o terno amor do Salvador, não encontramos dificuldades em tocar o coração dos pequenos, e ensinar-lhes o restaurador ministério do amor.

A perfeição existe tanto nas menores como nas maiores obras de Deus. A mão que sustém os mundos no espaço, é a que modela as flores do campo. Examinai ao microscópio as menores e mais comuns das flores que ficam ao lado do caminho, e notai em todas as suas partes delicada beleza e perfeição. Da mesma maneira a verdadeira excelência pode ser encontrada na menor faina. As tarefas mais comuns, exercidas com amorosa fidelidade, são belas à vista de Deus. Uma atenção conscienciosa para com as pequenas coisas fará de nós coobreiros Seus e conquistar-nos-á a aprovação dAquele que tudo vê e sabe. [115]

O arco-íris, estendendo pelo céu a sua luz, é um sinal do “concerto eterno entre Deus e toda a alma vivente”. Gênesis 9:16. E o arco-íris, em redor do trono nos Céus, é também para os filhos de Deus um sinal de Seu concerto de paz.

Assim como o arco nas nuvens resulta da união da luz solar e da chuva, o arco acima do trono de Deus representa a união de Sua misericórdia e justiça. Deus diz à alma pecadora, mas arrependida: Vive; “já achei resgate”. Jó 33:24.

“Jurei que as águas de Noé não inundariam mais a Terra; assim jurei que não Me irarei mais contra ti, nem te repreenderei. Porque as montanhas se desviarão e os outeiros tremerão; mas a Minha benignidade não se desviará de ti, e o concerto da Minha paz não mudará, diz o Senhor, que Se compadece de ti.” Isaías 54:9, 10.

### A mensagem das estrelas

As estrelas também têm uma mensagem de bom ânimo para cada ser humano. Naquelas horas que sobrevêm a todos, nas quais

desfalece o coração, e a tentação nos oprime rudemente; nas quais os obstáculos parecem insuperáveis, impossíveis de consecução os objetivos da vida, e suas lisonjeiras promessas semelhantes às maçãs de Sodoma, onde, então, se poderá encontrar ânimo e firmeza como naquela lição que Deus nos ordena aprender das estrelas em seu curso imperturbável?

“Levantai ao alto os vossos olhos, e vede quem criou estas coisas, quem produz por conta o seu exército, quem a todas chama pelos seus nomes; por causa da grandeza das Suas forças, e pela fortaleza de Seu poder, nenhuma faltará. Por que pois dizes, ó Jacó, e tu falas, ó Israel: O meu caminho está encoberto ao Senhor, e o meu juízo [116] passa de largo pelo meu Deus? Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da Terra nem Se cansa nem Se fatiga? não há esquadrinhação do Seu entendimento. Dá esforço ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor.” “Não temas, porque Eu sou contigo; não te assombres, porque Eu sou teu Deus; Eu te esforço, e te ajudo, e te sustento com a destra da Minha justiça.” “Eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita, e te digo: Não temas, que Eu te ajudo.” Isaías 40:26-29; 41:10, 13.

A palmeira, batida pelo sol causticante e pela terrível tempestade de areia, permanece verde, florescente e frutífera no meio do deserto. Suas raízes são alimentadas por fontes vivas. Sua verde coroa é avistada ao longe sobre a planície ressequida e desolada; e o viajante, pronto a morrer, força os passos vacilantes para a sombra fresca e a vivificante água.

A árvore do deserto é um símbolo daquilo que é intento de Deus seja neste mundo a vida de Seus filhos. Devem guiar às fontes vivas as almas sedentas, cheias de inquietação e prontas a perecer no deserto do pecado. Devem mostrar a seus semelhantes Aquele que faz o convite: “Se alguém tem sede, venha a Mim e beba.” João 7:37.

O vasto e profundo rio, que oferece caminho ao tráfego e viagens dos povos, é tido na conta de um benefício ao mundo inteiro; mas que dizer dos regatozinhos que auxiliam a formar aquele nobre rio? Se não fossem eles, o rio desapareceria. A sua própria existência depende deles. Semelhantemente, homens há que, chamados a dirigir alguma grande obra, são honrados como se o êxito fosse [117] devido a eles, tão-somente; mas esse êxito exigiu a fiel cooperação

de quase inumeráveis obreiros mais humildes, obreiros de quem o mundo nada conhece. Trabalhos que não recebem louvores ou reconhecimento de outrem, são a sorte que toca à maior parte dos que mourejam no mundo. E muitos se enchem de descontentamento com tal sorte. Têm a impressão de que sua vida não é aproveitada. Mas o regatozinho que segue silenciosamente através de bosques e prados, levando saúde, fertilidade e beleza, é tão útil em sua marcha como o grande rio. Contribuindo para a vida do rio, auxilia-o a conseguir aquilo que, só, jamais poderia ter conseguido.

Desta lição muitos necessitam. O talento é por demais idolatrado, e cobiçadas excessivamente as posições. Muitos há que nada fazem a menos que sejam reconhecidos como dirigentes; muitos são os que, não recebendo louvores, não têm interesse no trabalho. O que precisamos aprender é fidelidade em fazer o maior uso das faculdades e oportunidades que temos, e ter contentamento na parte que o Céu nos designou.

## Lições de confiança

“Pergunta agora às alimárias, e cada uma delas to ensinará; e às aves do céu, e elas to farão saber; ... até os peixes do mar to contarão.” “Vai ter com a formiga, ... olha para os seus caminhos.” “Olhai para as aves.” “Considerai os corvos.” Jó 12:7, 8; Provérbios 6:6; Mateus 6:26; Lucas 12:24.

Não devemos meramente falar às crianças a respeito dessas criaturas de Deus. Os próprios animais devem ser seus professores. As formigas nos ensinam lições de paciente operosidade, perseverança em superar obstáculos, providência para o futuro. E os pássaros são [118] ensinadores da suave lição da confiança. Nosso Pai celestial lhes provê alimento; mas devem eles recolhê-lo, construir o ninho e criar a prole. A cada instante se acham expostos a inimigos que procuram destruí-los. Entretanto, quão animosamente prosseguem com seu trabalho! quão repletos de alegria são os seus pequenos hinos!

Quão bela é a descrição que o salmista faz do cuidado de Deus pelas criaturas dos bosques:

"Os altos montes são um refúgio para as cabras monteses,
E as rochas para os coelhos."

Salmos 104:18.

Ele envia as fontes a correrem por entre as colinas, onde os pássaros têm sua habitação, "cantando entre os ramos". Salmos 104:12. Todas as criaturas dos bosques e colinas fazem parte de Sua grande família. Abre Sua mão e satisfaz "os desejos de todos os viventes". Salmos 145:16.

A águia dos Alpes é algumas vezes derribada pela tempestade nos estreitos desfiladeiros das montanhas. A esta poderosa ave das florestas rodeiam nuvens tempestuosas, cujas negras massas a separam dos píncaros batidos de sol em que ela estabeleceu o lar. Parecem infrutíferos seus esforços para escapar. Bate aqui e acolá, açoitando o ar com as fortes asas, e despertando, com seus guinchos, ecos nas montanhas. Finalmente, com uma nota de triunfo, arremessa-se para cima e, cortando as nuvens, de novo se acha na clara luz solar, com a escuridão e tempestade muito abaixo. Igualmente nos podemos achar rodeados de dificuldades, desânimo e trevas. Cercam-nos falsidade, calamidades, injustiças. Há nuvens que não podemos dissipar. Batemo-nos debalde com as circunstâncias. Há um meio de salvamento, e apenas um. Cerração e neblina cercam a terra; para além das nuvens resplandece a luz de Deus. [119] Para a luz de Sua presença podemos ascender com as asas da fé.

Muitas são as lições que assim se podem aprender. A de confiança, pela árvore que, crescendo sozinha na planície ou ao lado da montanha, penetra profundamente suas raízes na terra, e sua força vigorosa desafia a tempestade. A lição do poder exercido pelas primeiras influências, temo-la no tronco nodoso e informe, arqueado quando era um renovo, ao qual nenhum poder terrestre poderá restaurar a perdida simetria. O segredo de uma vida santa aprende-se do lírio aquático, que à tona de alguma poça viscosa, rodeado de ervas ruins e imundícies, penetra suas canaliculadas radículas nas puras areias abaixo e, dali derivando sua vida, ergue à luz as fragrantes flores, em pureza imaculada.

Destarte, enquanto as crianças e jovens obtêm conhecimento dos fatos por meio de professores e compêndios, aprendam por si

mesmos a tirar lições e discernir verdades. Nos seus trabalhos de jardinagem, interroguem-nos sobre o que aprendem com o cuidado das suas plantas. Olhando eles para uma bela paisagem, perguntem-lhes por que Deus vestiu os campos e os bosques com tais matizes formosos e variados. Por que não foi tudo colorido com um fusco sombrio? Quando colherem flores, façam-nos pensar por que Ele nos poupou estas belezas que evadiram do Éden. Ensinem-nos a observar por toda parte na Natureza as manifestas evidências do pensamento de Deus para conosco, e a maravilhosa adaptação de todas as coisas à nossa necessidade e felicidade.

Somente aquele que reconhece na Natureza a obra de seu Pai, e que na riqueza e beleza da Terra lê a Sua escrita, é que aprende [120] as mais profundas lições das coisas da Natureza, e recebe seu mais elevado auxílio. Só poderá apreciar amplamente a significação das colinas e vales, rios e mares, aquele que olhar para eles como a expressão do pensamento de Deus, como uma revelação do Criador.

Muitas ilustrações da Natureza são empregadas pelos escritores da Bíblia; e, observando nós as coisas do mundo natural, habilitamo-nos, sob a guia do Espírito Santo, para compreender mais amplamente as lições da Palavra de Deus. É assim que a Natureza se torna uma chave do tesouro da Palavra.

Devem-se animar as crianças a buscar na Natureza objetos que ilustrem os ensinos da Bíblia, e estudar nesta os símiles tirados daquela. Devem procurar, tanto na Natureza como na Escritura Sagrada, todos os objetos que representem a Cristo, e também os que Ele empregou para ilustrar a verdade. Desta maneira poderão aprender a vê-Lo na árvore e na videira, no lírio e na rosa, no Sol e na estrela. Poderão aprender a ouvir a Sua voz no canto das aves, no sussurro das árvores, no retumbante trovão, na música do mar. E todos os objetos na Natureza repetir-lhes-ão Suas preciosas lições.

Aos que assim se familiarizam com Cristo, a Terra jamais será um lugar solitário e desolado. Será a casa de seu Pai, repleta da [121] presença dAquele que uma vez habitou entre os homens.

# A Bíblia como agente educador

[122]

*"Quando caminhares, isso te guiará; quando te deitares, te guardará; quando acordares, falará contigo."*

[123]

# Capítulo 13 — Cultura mental e espiritual

*“Pelo conhecimento se encherão as câmaras de todas as substâncias preciosas e deleitáveis.”*

É lei de Deus que a força, tanto para o espírito e a alma como para o corpo, se adquira por meio do esforço. É o exercício que desenvolve. De acordo com esta lei, Deus proveu em Sua Palavra os meios para o desenvolvimento mental e espiritual.

A Bíblia contém todos os princípios que os homens necessitam compreender a fim de se habilitarem tanto para esta vida como para a futura. E tais princípios podem ser compreendidos por todos. Quem quer que possua espírito capaz de apreciar seus ensinos, não poderia ler uma simples passagem da Bíblia sem adquirir dela algum conceito auxiliador. Todavia, os mais valiosos ensinos da Bíblia não serão obtidos com um estudo ocasional ou fragmentado. Seu grande conjunto de verdades não é apresentado de modo a ser descoberto pelo leitor apressado ou descuidoso. Muitos de seus tesouros jazem muito abaixo da superfície, e só se podem obter por uma pesquisa diligente e contínuo esforço. As verdades que irão perfazer o grande todo, devem ser pesquisadas e reunidas “um pouco aqui, um pouco ali”. Isaías 28:10.

Quando assim descobertas e reunidas, notar-se-á que se adaptam perfeitamente umas às outras. Cada evangelho é um suplemento [124] dos outros, cada profecia uma explicação de outra, cada verdade um desenvolvimento de alguma outra. Os símbolos da economia judaica são esclarecidos pelo evangelho. Cada princípio tem na Palavra de Deus seu lugar, cada fato sua significação. E a estrutura completa, em seu plano e execução, dá testemunho do seu Autor. Mente alguma poderia conceber ou moldar tal estrutura, a não ser a que possui o Ente infinito.

Pesquisando as várias partes e estudando as relações entre elas existentes, são chamadas a uma intensa atividade, as mais altas

faculdades da mente humana. Ninguém poderá empenhar-se em tal estudo, sem desenvolver poder mental.

E não somente na pesquisa e reunião da verdade consiste o valor mental do estudo da Bíblia. Também consiste no esforço exigido para se apreenderem os temas apresentados. O espírito ocupado unicamente com coisas comuns, torna-se acanhado e enfraquecido. Nunca trabalhando para compreender grandiosas e profundas verdades, depois de algum tempo perde a faculdade de crescer. Como salvaguarda contra esta degenerescência, e como estímulo ao desenvolvimento, nada se poderá igualar ao estudo da Palavra de Deus. Como meio para o preparo intelectual, a Bíblia é mais eficiente do que qualquer outro livro, ou todos os outros livros reunidos. A grandeza de seus temas, a nobre simplicidade de suas declarações, a beleza de suas imagens, despertam e elevam os pensamentos como nada mais o faz. Nenhum outro estudo poderá transmitir tal poder mental como o faz o esforço para se compreenderem as verdades estupendas da revelação. A mente, elevada assim em contato com os pensamentos do Infinito, não poderá deixar de expandir-se e fortalecer-se.

Maior ainda é o poder da Bíblia no desenvolvimento da natureza espiritual. O homem, criado para a associação com Deus, apenas em tal associação poderia encontrar sua vida e desenvolvimento reais. Criado para encontrar em Deus suas mais altas alegrias, em nada [125] mais poderá achar o que aquieta os anelos do coração e satisfaz a fome e sede da alma. Aquele que com espírito sincero e dócil estuda a Palavra de Deus, procurando compreender as suas verdades, será levado em contato com seu Autor; e, a menos que não o queira, não haverá limites às possibilidades para o seu desenvolvimento.

Em sua vasta série de estilos e assuntos, a Bíblia tem algo para interessar a todo espírito e apelar a cada coração. Encontram-se em suas páginas as mais antigas histórias, as mais fiéis biografias, princípios governamentais para a orientação de Estados, para a direção do lar, princípios estes que a sabedoria humana jamais igualou. Contém a mais profunda filosofia, a poesia mais doce e sublime, mais apaixonada e patética. Os escritos da Bíblia são de um valor incomensuravelmente acima das produções de qualquer autor humano, mesmo considerados sob este ponto de vista; mas de um escopo infinitamente mais amplo, de valor infinitamente maior, são

eles sob o ponto de vista de sua relação para com o grandioso pensamento central. Encarado à luz deste conceito, cada tópico tem nova significação. Nas verdades mais singelamente referidas, acham-se envolvidos princípios que são tão altos como o céu e abrangem a eternidade.

O tema central da Bíblia, o tema em redor do qual giram todos os outros no livro, é o plano da redenção, a restauração da imagem de Deus na alma humana. Desde a primeira sugestão de esperança na sentença pronunciada no Éden, até àquela última gloriosa promessa do Apocalipse — "verão o Seu rosto, e nas suas testas estará o Seu nome" (Apocalipse 22:4) — o empenho de cada livro e passagem da Bíblia é o desdobramento deste maravilhoso tema — o erguimento [126] do homem, ou seja, o poder de Deus "que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo". 1 Coríntios 15:57.

Aquele que apreende este pensamento tem diante de si um campo infinito para estudo. Possui a chave que lhe abrirá todo o tesouro da Palavra de Deus.

A ciência da redenção é a ciência de todas as ciências; a ciência que constitui o estudo dos anjos e de todos os seres dos mundos não caídos; a ciência que ocupa a atenção de nosso Senhor e Salvador; ciência que se acha incluída no propósito originado na mente do Infinito, propósito este que "desde tempos eternos esteve oculto" (Romanos 16:25); ciência, enfim, que será o estudo dos remidos de Deus através dos séculos infindáveis. É este o mais elevado estudo em que é possível ao homem ocupar-se. Como nenhum outro estudo, avivará a mente e enobrecerá a alma.

"A excelência da sabedoria é que ela dá vida ao seu possuidor." "As palavras que Eu vos disse", declarou Jesus, "são espírito e vida." "A vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." Eclesiastes 7:12; João 6:63; 17:3.

A energia criadora que trouxe à existência os mundos, está na Palavra de Deus. Esta Palavra comunica poder, gera vida. Cada ordenança é uma promessa; aceita voluntariamente, recebida na alma, traz consigo a vida do Ser infinito. Transforma a natureza, cria de novo a alma à imagem de Deus.

A vida assim comunicada é de maneira idêntica mantida. “De toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4:4) viverá o homem.

A mente e a alma são constituídas por aquilo de que se alimentam; fica a nosso cargo decidir com que se alimentem. Está dentro [127] das possibilidades de qualquer, escolher os tópicos que ocuparão os pensamentos e moldarão o caráter. Em relação a todo ser humano privilegiado pelo acesso às Escrituras, diz Deus: “Escrevi para eles as grandezas da Minha lei.” “Clama a Mim, e responder-te-ei, e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes, que não sabes.” Oséias 8:12; Jeremias 33:3.

Com a Palavra de Deus nas mãos, todo ser humano, qualquer que seja sua sorte na vida, pode ter a companhia que preferir. Nas suas páginas pode entreter conversa com o que há de mais nobre e melhor da raça humana, e ouvir a voz do Eterno, ao falar Ele com os homens. Ao estudar e meditar os temas, para os quais “os anjos desejam bem atentar” (1 Pedro 1:12), pode ter a companhia destes. Pode seguir os passos do Mestre celestial, e ouvir as Suas palavras, como quando Ele ensinava nas montanhas, nas planícies e no mar. Pode neste mundo habitar em atmosfera celestial, comunicando aos tristes e tentados da Terra pensamentos de esperança e santidade, vindo ele próprio a ficar em uma associação mais e mais íntima com o Ser invisível, semelhantemente àquele da antiguidade que andou com Deus, aproximando-se mais e mais do limiar do mundo eterno, e isto até que se abram os portais e ele ali entre. Não se achará ali como estranho. As vozes que o saudarem são as daqueles seres santos que, invisíveis, foram na Terra seus companheiros, vozes que ele aqui aprendeu a distinguir e amar. Aquele que pela Palavra de Deus viveu em associação com o Céu, encontrar-se-á à vontade na companhia dos entes celestiais. [128]

## Capítulo 14 — A ciência e a Bíblia

*“Quem não entende por todas estas coisas que a mão do Senhor fez isto?”*

Visto como o livro da Natureza e o da revelação apresentam indícios da mesma mente superior, não podem eles deixar de estar em harmonia mútua. Por métodos diferentes em diversas línguas, dão testemunho das mesmas grandes verdades. A ciência está sempre a descobrir novas maravilhas; mas nada traz de suas pesquisas que, corretamente compreendido, esteja em conflito com a revelação divina. O livro da Natureza e a palavra escrita lançam luz um sobre o outro. Familiarizam-nos com Deus, ensinando-nos algo das leis por cujo meio Ele opera.

Inferências erroneamente tiradas dos fatos observados na Natureza têm, entretanto, dado lugar a supostas divergências entre a ciência e a revelação; e nos esforços para restabelecer a harmonia, tem-se adotado interpretações das Escrituras que solapam e destroem a força da Palavra de Deus. Tem-se pensado que a geologia contradiga a interpretação literal do relatório mosaico da criação. Pretende-se que milhões de anos fossem necessários para que a Terra evolvesse do caos; e com o fim de acomodar a Bíblia a esta suposta revelação da ciência, supõe-se que os dias da criação fossem períodos vastos, indefinidos, abrangendo milhares ou mesmo milhões de anos. [129]

Tal conclusão é absolutamente infundada. O relato bíblico está em harmonia consigo mesmo e com o ensino da Natureza. Relativamente ao primeiro dia empregado na obra da criação, há o seguinte registro: “E foi a tarde e a manhã o dia primeiro.” Gênesis 1:5. E substancialmente o mesmo é dito de cada um dos seis primeiros dias da semana da criação. Declara a Inspiração que cada um desses períodos foi um dia formado de tarde [isto é, noite] e manhã, como todos os dias desde aquele tempo. Em relação à obra da própria criação diz o testemunho divino: “Porque falou, e tudo se fez; man-

dou, e logo tudo apareceu." Salmos 33:9. Para Aquele que assim poderia evocar à existência inumeráveis mundos, quanto tempo seria necessário para fazer surgir a Terra do caos? Deveríamos, a fim de dar explicação às Suas obras, fazer violência à Sua palavra?

É verdade que vestígios encontrados na terra testificam da existência do homem, animais e plantas muito maiores do que os que hoje se conhecem. Tais são considerados como a prova da existência da vida vegetal e animal anterior ao tempo referido no relato mosaico. Mas com referência a estas coisas a história bíblica fornece ampla explicação. Antes do dilúvio o desenvolvimento da vida vegetal e animal era superior ao que desde então se conhece. Por ocasião do dilúvio fragmentou-se a superfície da Terra, notáveis mudanças ocorreram, e na remodelação da crosta terrestre foram preservadas muitas evidências da vida previamente existente. As vastas florestas sepultadas na terra no tempo do dilúvio, e desde então transformadas em carvão, formam os extensos territórios carboníferos, e fazem o suprimento de óleos que servem ao nosso conforto e comodidade hoje. Estas coisas, ao serem trazidas à luz, são testemunhas a testificarem silenciosamente da verdade da Palavra de Deus. [130]

Em afinidade com a teoria relativa à evolução da Terra, há aquela que atribui a evolução do homem, a coroa gloriosa da criação, a uma linha ascendente de germes, moluscos e quadrúpedes.

Considerando as oportunidades do homem para a pesquisa, bem como quão breve é a sua vida, limitada sua esfera de ação, restrita sua visão, freqüentes e grandes seus erros nas conclusões especialmente relativas aos fatos julgados anteriores à história bíblica; considerando quantas vezes as supostas deduções da ciência são revistas ou rejeitadas, bem como com que prontidão os admitidos períodos de desenvolvimento da Terra são de tempos em tempos aumentados ou diminuídos em milhões de anos, e como as teorias sustentadas por diferentes cientistas se acham em conflito entre si — deveremos nós, para ter o privilégio de delinear nossa descendência pelos germes, moluscos e macacos, consentir em rejeitar a declaração da Escritura Sagrada, tão grandiosa em sua simplicidade: "Criou Deus o homem à Sua imagem; à imagem de Deus o criou"? Gênesis 1:27. Deveremos rejeitar aquele relato genealógico — mais nobre do que qualquer que zelosamente se conserve nas cortes reais: "Sete de Adão, e Adão de Deus"? Lucas 3:38.

Corretamente entendidas, tanto as revelações da ciência como as experiências da vida se acham em harmonia com o testemunho das Escrituras relativo à constante operação de Deus na Natureza.

No hino registrado por Neemias, cantavam os levitas: “Tu só és Senhor, Tu fizeste o céu, o Céu dos céus, e todo o seu exército; a Terra e tudo quanto nela há; os mares e tudo quanto neles há; e Tu os guardas em vida a todos.” Números 9:6.

No que diz respeito à Terra, declaram as Escrituras ter-se completado a obra da criação. As Suas obras estavam “acabadas desde a [131] fundação do mundo”. Hebreus 4:3. O poder de Deus, porém, ainda se exerce na manutenção das coisas de Sua criação. Não é porque o mecanismo uma vez posto em movimento continue a agir por sua própria energia inerente que o pulso bate, e uma respiração se segue a outra. Cada respiração, cada pulsar do coração, é uma evidência do cuidado dAquele em quem vivemos, nos movemos e temos existência. Desde o menor inseto até ao homem, toda criatura vivente depende diariamente de Sua providência.

“Todos esperam de Ti, ...
Dando-lho Tu, eles o recolhem;
Abres a Tua mão, e enchem-se de bens.
Escondes o Teu rosto, e ficam perturbados;
Se lhes tiras a respiração, morrem,
E voltam para o seu pó.
Envias o Teu Espírito, e são criados,
E assim renovas a face da Terra.”

Salmos 104:27-30.

“O norte estende sobre o vazio;
Suspende a Terra sobre o nada.
Prende as águas em densas nuvens,
E a nuvem não se rasga debaixo delas...
Marcou um limite à superfície das águas em redor,
Até os confins da luz e das trevas.”

As colunas do céu tremem,
E se espantam da Sua ameaça.
Com a Sua força fende o mar, ...

Pelo Seu Espírito ornou os céus;
A Sua mão formou a serpente enroscadiça.
Eis que isto são apenas as orlas dos Seus caminhos;
E quão pouco é o que temos ouvido dEle!
Quem, pois, entenderia o trovão do Seu poder?”

Jó 26:7-14.

“O Senhor tem o Seu caminho na tormenta, e na tempestade,
E as nuvens são o pó dos Seus pés.”

Naum 1:3.

A poderosa força que opera em toda a Natureza e a todas as coisas sustém, não é, como alguns homens de ciência pretendem, meramente um princípio que tudo invade, ou uma energia a atuar. [132] Deus é espírito; não obstante é Ele um ser pessoal, visto que o homem foi feito à Sua imagem. Como Ser pessoal, Deus Se revelou em Seu Filho. Jesus, o resplendor da glória do Pai, e “expressa imagem de Sua pessoa” (Hebreus 1:3), encontrou-Se na Terra sob a forma de homem. Como Salvador pessoal veio Ele ao mundo. Como Salvador pessoal ascendeu aos Céus. Como Salvador pessoal intercede nas cortes celestiais. Diante do trono de Deus ministra a nosso favor “Um como o Filho do homem”. Daniel 7:13.

O apóstolo Paulo, escrevendo pelo Espírito Santo, declara acerca de Cristo: “Tudo foi criado por Ele e para Ele. E Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele.” Colossences 1:16, 17. A mão que sustém os mundos no espaço, a mão que conserva em seu ordenado arranjo e incansável atividade todas as coisas através do Universo de Deus, é a que na cruz foi pregada por nós.

A grandeza de Deus é-nos incompreensível. “O trono do Senhor está nos Céus” (Salmos 11:4); não obstante, pelo Seu Espírito Santo, está Ele presente em toda parte. Tem conhecimento íntimo de todas as obras de Suas mãos e interesse pessoal em todas elas.

“Quem é como o Senhor nosso Deus, que habita nas alturas;
Que Se curva, para ver o que está nos céus e na Terra!”

“Para onde me irei do Teu Espírito,

Ou para onde fugirei da Tua face?
Se subir ao Céu, Tu aí estás;
Se fizer no Seol a minha cama, eis que Tu ali estás também."

"Se tomar as asas da alva,
Se habitar nas extremidades do mar,
Até ali a Tua mão me guiará
E a Tua destra me susterá."

Salmos 113:5, 6; 139:7-10.

"Tu conheces o meu assentar e o meu levantar;
De longe entendes o meu pensamento.
Cercas o meu andar, e o meu deitar,
E conheces todos os meus caminhos...
Tu me cercaste em volta,
[133] E puseste sobre mim a Tua mão.
Tal ciência é para mim maravilhosíssima;
Tão alta que não a posso atingir."

Salmos 139:2-6.

Foi o Criador de todas as coisas que ordenou a maravilhosa adaptação dos meios ao fim, e do suprimento às necessidades. Foi Ele que no mundo material proveu para que todo o desejo implantado devesse ser satisfeito. Foi Ele que criou a alma humana, com sua capacidade para saber e amar. E Ele não é por natureza de molde a deixar não satisfeitos os anelos da alma. Nenhum princípio intangível, nenhuma essência impessoal ou simples abstração poderia satisfazer às necessidades e anelos dos seres humanos nesta vida de lutas com o pecado, tristeza e dor. Não basta crermos na lei e na força, em coisas que não têm piedade ou nunca ouvem o brado por auxílio. Precisamos saber acerca de um braço todo-poderoso que nos manterá, e de um Amigo infinito que tem piedade de nós. Necessitamos de nos agarrar a u'a mão aquecida pelo amor, confiar em um coração cheio de ternura. E efetivamente assim Deus Se revelou em Sua Palavra.

Aquele que mais profundamente estudar os mistérios da Natureza, mais plenamente se compenetrará de sua própria ignorância e

fraqueza. Compreenderá que existem profundidades e alturas que não poderá atingir, segredos que não poderá penetrar, e vastos campos de verdades jazendo diante de si, não penetrados. Dispor-se-á a dizer com Newton: "Pareço-me com a criança na praia, procurando seixos e conchas, enquanto o grande oceano da verdade jaz por descobrir diante de mim." [134]

Os mais profundos estudantes da ciência são constrangidos a reconhecer na Natureza a operação de um poder infinito. Ora, para a razão humana, destituída de auxílio, o ensino da Natureza não poderá deixar de ser senão contraditório e enganador. Unicamente à luz da revelação poderá ele ser interpretado corretamente. "Pela fé entendemos." Hebreus 11:3.

"No princípio ... Deus." Gênesis 1:1. Aqui somente poderá o espírito, em suas ávidas interrogações, encontrar repouso, voando como a pomba para a arca. Acima, abaixo, além — habita o Amor infinito, criando todas as coisas para cumprirem "o desejo da Sua bondade". 2 Tessalonicenses 1:11.

"As suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o Seu eterno poder como a Sua divindade,... se vêem pelas coisas que estão criadas." Romanos 1:20. Mas o seu testemunho poderá ser compreendido apenas mediante o auxílio do Mestre divino. "Qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus." 1 Coríntios 2:11.

"Quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade." João 16:13. Exclusivamente pelo auxílio daquele Espírito que no princípio "Se movia sobre a face das águas", pelo auxílio daquela Palavra pela qual "todas as coisas foram feitas", e daquela "luz verdadeira que alumia a todo o homem que vem ao mundo", pode o testemunho da ciência ser corretamente interpretado. Apenas sob sua orientação se podem discernir suas mais profundas verdades.

Unicamente sob a direção do Onisciente, habilitar-nos-emos a meditar segundo os Seus pensamentos, no estudo de Suas obras. [135]

## Capítulo 15 — Princípios e métodos comerciais

*"Quem anda em sinceridade, anda seguro."*

Não há nenhum ramo de negócio lícito, para o qual a Bíblia não conceda um preparo essencial. Seus princípios de diligência, honestidade, economia, temperança e pureza, são o segredo do verdadeiro êxito. Tais princípios, como os apresenta o livro dos Provérbios, constituem um tesouro de sabedoria prática. Onde poderá o negociante, o artífice, o dirigente de homens em qualquer ramo de negócios, encontrar melhores máximas para si próprio ou para seus empregados do que as que se encontram nestas palavras do sábio:

"Viste a um homem diligente na sua obra? perante reis será posto; não será posto perante os de baixa sorte." Provérbios 22:29.

"Em todo o trabalho há proveito, mas a palavra dos lábios só encaminha para a pobreza." Provérbios 14:23.

"A alma do preguiçoso deseja, e coisa nenhuma alcança." "O beberrão e o comilão cairão em pobreza; e a sonolência faz trazer os vestidos rotos." Provérbios 13:4; 23:21.

"O que anda maldizendo descobre o segredo; pelo que com o que afaga com seus lábios não te entremetas." Provérbios 20:19.

"Retém as suas palavras o que possui o conhecimento", mas [136] "todo o tolo se entremete nelas". Provérbios 17:27; 20:3.

"Não entres na vereda dos ímpios"; "andará alguém sobre as brasas, sem que se queimem os seus pés?" Provérbios 4:14; 6:28.

"Anda com os sábios e serás sábio." Provérbios 13:20.

"O homem que tem muitos amigos pode congratular-se." Provérbios 18:24.

Todo o ciclo de nossas obrigações de uns para com os outros, é compreendido naquelas palavras de Cristo: "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós." Mateus 7:12.

Quantos homens poderiam ter evitado o malogro e ruína financeiros, se atendessem às admoestações tantas vezes repetidas e encarecidas nas Escrituras:

“O que se apressa a enriquecer não ficará sem castigo.” Provérbios 28:20.

“A fazenda que procede da vaidade diminuirá, mas quem a ajunta pelo trabalho terá aumento.” Provérbios 13:11.

“Trabalhar por ajuntar tesouro com língua falsa é uma vaidade, e aqueles que a isso são impelidos buscam a morte.” Provérbios 21:6.

“O que toma emprestado é servo do que empresta.” Provérbios 22:7.

“Decerto sofrerá severamente aquele que fica por fiador do estranho; mas o que aborrece a fiança estará seguro.” Provérbios 11:15.

“Não removas os limites antigos, nem entres nas herdades dos órfãos, porque o seu Redentor é forte; Ele pleiteará a sua causa contra ti.” “O que oprime ao pobre para se engrandecer a si, ou o que dá ao rico, certamente empobrecerá.” “O que faz uma cova nela cairá; e o que revolve a pedra, esta sobre ele rolará.” Provérbios 23:10, 11; 22:16; 26:27. [137]

Tais são princípios que dizem respeito ao bem-estar da sociedade, e das associações tanto seculares como religiosas. São estes princípios que dão segurança à propriedade e à vida. Tudo que contribui para que a confiança e a cooperação sejam possíveis, deve o mundo à lei de Deus, conforme se acha em Sua Palavra e ainda se encontra delineada, em traços muitas vezes obscuros e quase obliterados, no coração dos homens.

As palavras do salmista: “Melhor é para mim a lei da Tua boca do que inúmeras riquezas em ouro ou prata” (Salmos 119:72) declaram aquilo que é verdadeiro além de outro ponto de vista que não o religioso. Declaram uma verdade absoluta, e que é reconhecida no mundo comercial. Mesmo nesta época de paixão pela aquisição do dinheiro, em que a concorrência é grande e os métodos tão pouco escrupulosos, ainda se reconhece amplamente que, para um jovem que se inicia na vida, a integridade, a diligência, a temperança, a pureza e a economia constituem um melhor capital do que qualquer quantidade de simples dinheiro.

No entanto, mesmo daqueles que apreciam o valor destas qualidades e admitem a Bíblia como sua fonte, poucos há que reconheçam o princípio de que dependem.

Aquilo que se acha na base da integridade comercial e do verdadeiro êxito, é o reconhecimento da propriedade de Deus. O Criador

de todas as coisas, delas é o proprietário original. Somos Seus mordomos. Tudo que temos foi confiado por Ele, para ser usado de acordo com Sua direção.

Esta é uma obrigação que repousa sobre todo ser humano. Afeta toda esfera da atividade humana. Quer o reconheçamos quer não, somos despenseiros, supridos por Deus com talentos e facilidade, e [138] colocados no mundo para realizar uma obra indicada por Ele.

A cada homem é dada "a sua obra" (Marcos 13:34) — a obra para a qual o adaptam suas capacidades e que resultará no maior benefício a si próprio e a seus semelhantes, e na maior honra a Deus.

Assim é que nossas ocupações ou vocação são uma parte do grande plano de Deus e, tanto quanto são realizadas de acordo com Sua vontade, Ele próprio Se responsabiliza pelos resultados. Como "cooperadores de Deus" (1 Coríntios 3:9) nossa parte consiste em uma conformidade fiel com Suas orientações. De maneira que não há lugar para ansiosos cuidados. Requer-se diligência, fidelidade, responsabilidade, economia e discrição. Toda faculdade deve ser exercitada na sua mais alta possibilidade. A confiança deverá ser, porém, não no desfecho feliz de nossos esforços, mas na promessa de Deus. A palavra que alimentou Israel no deserto e sustentou Elias durante o tempo da fome, tem o mesmo poder hoje. "Não andeis pois inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos?... Buscai primeiro o reino de Deus e Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." Mateus 6:31-33.

Aquele que dá ao homem a capacidade de adquirir riqueza, deu, juntamente com este dom, uma obrigação. De tudo que adquirimos Ele exige determinada porção. O dízimo é do Senhor. "Todas as dízimas do campo, da semente do campo, do fruto das árvores", "as dízimas das vacas e ovelhas, são santas ao Senhor." Levítico 27:30, 32. O voto feito por Jacó em Betel mostra a extensão da obrigação. "De tudo quanto me deres, certamente Te darei o dízimo", disse ele. Gênesis 28:22.

"Trazei todos os dízimos à casa do tesouro" (Malaquias 3:10), é [139] a ordem de Deus. Não se apela para a gratidão ou generosidade. É uma questão de simples honestidade. O dízimo é do Senhor; e Ele nos ordena que Lhe devolvamos aquilo que é Seu.

"Requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel." 1 Coríntios 4:2. Se a honestidade é um princípio essencial nos negócios da

vida, não deveríamos reconhecer nossa obrigação para com Deus, obrigação esta que se acha na base de todas as outras?

De acordo com as condições de nossa mordomia, temos obrigação não somente para com Deus mas também para com o homem. Todo ser humano deve os dons da vida ao infinito amor do Redentor. Alimento, roupa e abrigo, bem como o corpo, o espírito e a alma, tudo são aquisição de Seu sangue. Pelo dever de gratidão e serviço, assim imposto, Cristo nos ligou a nossos semelhantes. Ele nos ordena: "Servi-vos uns aos outros." Gálatas 5:13. "Quando o fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes." Mateus 25:40.

"Eu sou devedor", disse Paulo, "tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes". Romanos 1:14. Assim também nós. Em virtude de tudo que tornou nossa vida mais abençoada do que a dos outros, achamo-nos colocados em obrigação para com todo ser humano a quem podemos beneficiar.

Estas verdades não se destinam mais ao gabinete particular do que ao escritório comercial. Os bens que manuseamos não são nossos propriamente, e jamais se poderia, sem más conseqüências, perder de vista este fato. Não somos senão despenseiros, e do desempenho de nossa obrigação para com Deus e o homem, depende tanto o bem-estar de nossos semelhantes como nosso próprio destino nesta vida e na vindoura.

"Alguns há que espalham, e ainda se lhes acrescenta mais; e outros que retêm mais do que é justo, mas é para a sua perda." [140] "Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás." "A alma generosa engordará, e o que regar também será regado." Provérbios 11:24; Eclesiastes 11:1; Provérbios 11:25.

"Não te canses para enriqueceres. ... Porventura fitarás os teus olhos naquilo que não é nada? porque certamente isso se fará asas e voará ao céu como a águia." Provérbios 23:4, 5.

"Dai, e ser-vos-á dado; boa medida, recalcada, sacudida e transbordando, vos deitarão no vosso regaço; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo." Lucas 6:38.

"Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda a tua renda; e se encherão os teus celeiros abundantemente, e transbordarão de mosto os teus lagares." Provérbios 3:9, 10.

"Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa, e depois fazei prova de Mim, diz o Senhor dos exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do Céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança. E por causa de vós repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vide no campo vos não será estéril. ... E todas as nações vos chamarão bem-aventurados; porque vós sereis uma terra deleitosa." Malaquias 3:10-12.

"Se andardes nos Meus estatutos, e guardardes os Meus mandamentos, e os fizerdes, então Eu vos darei as vossas chuvas a seu tempo, e a terra dará a sua novidade, e a árvore do campo dará o seu [141] fruto; e a debulha se vos chegará à vindima, e a vindima se chegará à sementeira; e comereis o vosso pão a fartar, e habitareis seguros na vossa terra. Também darei paz na terra,... e não haverá quem vos espante." Levítico 26:3-6.

"Praticai o que é reto, ajudai o oprimido, fazei justiça ao órfão, tratai da causa das viúvas." "Bem-aventurado é aquele que atende ao pobre; o Senhor o livrará no dia do mal. O Senhor o livrará, e o conservará em vida; será abençoado na terra, e Tu não o entregarás à vontade de seus inimigos." "Ao Senhor empresta o que se compadece do pobre, e Ele lhe pagará o seu benefício." Isaías 1:17; Salmos 41:1, 2; Provérbios 19:17.

Aquele que aplica desta maneira os seus bens, acumula um duplo tesouro. Além daquilo que, embora sabiamente aproveitado, terá finalmente de deixar, estará ele acumulando uma riqueza para a eternidade, a saber, o tesouro de caráter que é a posse mais valiosa da Terra e do Céu.

### Honestidade nas transações comerciais

"O Senhor conhece os dias dos retos, e a sua herança permanecerá para sempre. Não serão envergonhados nos dias maus, e nos dias de fome se fartarão." Salmos 37:18, 19.

"Aquele que anda em sinceridade, e pratica a justiça, e fala verazmente, segundo o seu coração; ... aquele que, mesmo que jure com dano seu, não muda"; "o que arremessa para longe de si o ganho de opressões; o que sacode das suas mãos todo o presente; ... e fecha os seus olhos para não ver o mal; este habitará nas alturas; ... o seu

pão lhe será dado, as suas águas serão certas. Os teus olhos verão o Rei na Sua formosura, e verão a terra que está longe.” Salmos 15:2-4; Isaías 33:15-17. [142]

Deus dá em Sua Palavra a descrição de um homem próspero, cuja vida foi, na mais exata acepção da palavra, um êxito, homem este que tanto o Céu como a Terra se deleitavam em honrar. Jó mesmo diz acerca de sua experiência:

“Como era nos dias da minha mocidade,
Quando o segredo de Deus estava sobre a minha tenda;
Quando o Todo-poderoso ainda estava comigo,
E os meus meninos em redor de mim. ...
Quando saía para a porta da cidade,
E na praça fazia preparar a minha cadeira,
Os moços me viam e se escondiam,
E os idosos se levantavam e se punham em pé;
Os príncipes continham as suas palavras,
E punham a mão sobre a sua boca;
A voz dos chefes se escondia. ...

“Ouvindo-me algum ouvido, me tinha por bem-aventurado;
Vendo-me algum olho, dava testemunho de mim;
Porque eu livrava o miserável, que clamava,
Como também o órfão que não tinha quem o socorresse.

“A bênção do que ia perecendo vinha sobre mim,
E eu fazia que rejubilasse o coração da viúva
Cobria-me de justiça, e ela me servia de vestido;
Como manto e diadema era o meu juízo.
Eu era o olho do cego,
E os pés do coxo;
Dos necessitados era pai
E as causas, de que eu não tinha conhecimento, inquiria com diligência.”

“O estrangeiro não passava a noite na rua;
As minhas portas abria ao viandante.”

"Ouvindo-me esperavam,...
E não faziam abater a luz do meu rosto;
Se eu escolhia o seu caminho, assentava-me como chefe,
E habitava como rei entre as suas tropas,
Como aquele que consola os que pranteiam."

Jó 29:4-16; 31:32; 29:21-25.

"A bênção do Senhor é que enriquece, e não acrescenta dores." [143] Provérbios 10:22.

"Riquezas e honras estão comigo; sim, riquezas duráveis e justiça." Provérbios 8:18.

A Bíblia mostra também o resultado do afastamento dos retos princípios em nosso trato, não somente com Deus, mas igualmente no de uns para com outros. Àqueles a quem foram confiados os Seus dons, mas que são indiferentes às Suas exigências, diz Deus:

"Aplicai os vossos corações aos vossos caminhos. Semeais muito, e recolheis pouco; comeis, mas não vos fartais; bebeis mas não vos saciais; vestis-vos, mas ninguém se aquece; e o que recebe salário, recebe salário num saco furado. ... Olhastes para muito, mas eis que alcançastes pouco; e esse pouco, quando o trouxestes para casa, Eu lhe assoprei." "Depois daquele tempo, veio alguém a um monte de vinte medidas, e havia somente dez; vindo ao lagar para tirar cinqüenta, havia somente vinte." "Por que causa? disse o Senhor dos exércitos. Por causa da Minha casa, que está deserta." "Roubará o homem a Deus? Todavia vós Me roubais, e dizeis: Em que Te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas alçadas." "Por isso retêm os céus o seu orvalho, e a terra retém os seus frutos." Ageu 1:5-9; 2:16; Malaquias 3:8; Ageu 1:10.

"Portanto, visto que pisais o pobre,... edificareis casas de pedras lavradas, mas nelas não habitareis; vinhas desejáveis plantareis, mas não bebereis do seu vinho." "O Senhor mandará sobre ti a maldição, a turbação e a perdição em tudo em que puseres a tua mão." "Teus filhos e tuas filhas serão dados a outro povo, os teus olhos o verão, e após deles desfalecerão todo o dia; porém não haverá poder na tua mão." Amós 5:11; Deuteronômio 28:20, 32.

"Aquele que ajunta riquezas, mas não retamente; no meio de seus dias as deixará, e no seu fim se fará um insensato." Jeremias 17:11. [144]

Os cálculos de cada negócio, os pormenores de cada transação passam pelo exame de auditores invisíveis, agentes dAquele que nunca transige com a injustiça, nem abona o mal, nem passa por alto o erro.

"Se vires em alguma província opressão de pobres, e a violência em lugar do juízo e da justiça, não te maravilhes de semelhante caso; porque o que mais alto é do que os altos para isso atenta." "Não há trevas nem sombra de morte, onde se escondam os que obram a iniqüidade." Eclesiastes 5:8; Jó 34:22.

"Erguem a sua boca contra os Céus,... e dizem: Como o sabe Deus? ou há conhecimento no Altíssimo? Estas coisas tens feito", diz Deus, "e Eu Me calei; pensavas que era como tu; mas Eu te argüirei, e, em sua ordem, tudo porei diante dos teus olhos." Salmos 73:9, 11; 50:21.

"E outra vez levantei os meus olhos e olhei, e vi um rolo voante. ... Esta é a maldição que sairá pela face de toda a Terra; porque qualquer que furtar, será desarraigado, conforme a maldição de um lado; e qualquer que jurar falsamente, será desarraigado, conforme a maldição do outro lado. Eu a trarei, disse o Senhor dos exércitos, e a farei entrar na casa do ladrão, e na casa do que jurar falsamente pelo Meu nome; e pernoitará no meio da sua casa, e a consumirá a ela com a sua madeira e com as suas pedras." Zacarias 5:1-4.

Contra todo malfeitor a lei de Deus profere condenação. Pode ele deixar de atender àquela voz, pode procurar fazer silenciar o seu aviso, mas em vão. Ela o acompanha. Faz-se ouvir. Destrói-lhe a paz. Desatendida, persegue-o até à sepultura. Dá testemunho contra [145] ele no juízo. Qual fogo, inextinguível, consumirá finalmente corpo e alma.

"Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma? Ou que daria o homem pelo resgate da sua alma?" Marcos 8:36, 37.

Esta é uma questão que exige consideração por parte de todo pai, professor e estudante, todo ser humano, jovem ou velho. Não pode ser integral ou completo nenhum projeto de negócios ou plano para a vida que apenas compreenda os breves anos da existência presente,

e não tome providências para o interminável futuro. Que se ensinem os jovens a tomar em consideração a eternidade. Sejam ensinados a escolher princípios e buscar possessões que sejam duradouros, a acumular para si aquele “tesouro nos Céus que nunca acabe, aonde não chega ladrão e a traça não rói”; a adquirir para si amigos “com as riquezas da injustiça”, para que quando estas faltarem, aqueles os possam receber “nos tabernáculos eternos”. Lucas 12:33; 16:9.

Todos os que fazem isto estão efetuando a melhor preparação possível para a vida neste mundo. Ninguém poderá acumular tesouro no Céu sem que venha por isso mesmo a ver sua vida na Terra enriquecida e enobrecida.

“A piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida [146] presente e da que há de vir.” 1 Timóteo 4:8.

## Capítulo 16 — Biografias bíblicas

*"Os quais pela fé venceram reinos, praticaram a justiça, da fraqueza tiraram forças."*

Para fins educativos, nenhuma parte da Bíblia é de maior valor do que as suas biografias. Estas diferem de todas as outras, visto serem absolutamente fiéis. É impossível a qualquer espírito finito interpretar corretamente, em tudo, os feitos de outrem. Ninguém, a não ser Aquele que lê o coração, que pode divisar a fonte secreta dos intuitos e das ações, poderá com verdade absoluta delinear o caráter, ou dar uma descrição fiel de uma vida humana. Unicamente na Palavra de Deus se encontra tal esboço biográfico.

Nenhuma verdade a Bíblia ensina mais claramente do que aquela segundo a qual o que fazemos é o resultado do que somos. Em grande parte, as experiências da vida são o fruto de nossos próprios pensamentos e ações.

"A maldição sem causa não virá." Provérbios 26:2.

"Dizei aos justos que bem lhes irá: ... Ai do ímpio! mal lhe irá, porque a recompensa das Suas mãos se lhe dará." Isaías 3:10, 11.

"Ouve tu, ó Terra! Eis que Eu trarei mal sobre este povo, o próprio fruto dos seus pensamentos." Jeremias 6:19.

Terrível é esta verdade, e profundamente deve ela ser gravada em nosso espírito. Cada ação se reflete sobre aquele que a pratica. Jamais um ser humano pode deixar de reconhecer, nos males que lhe infelicitam a vida, os frutos daquilo que ele próprio semeou. Contudo, mesmo assim, não nos achamos sem esperança. [147]

Para adquirir o direito de primogenitura que já lhe pertencia pela promessa de Deus, Jacó recorreu à fraude, e colheu os frutos do ódio de seu irmão. Durante vinte anos de exílio foi ele próprio lesado e defraudado, e finalmente forçado a procurar segurança na fuga; e colheu uma segunda messe, visto que as falhas de seu próprio caráter foram vistas a reproduzir-se em seus filhos, sendo que tudo

isto nada mais era senão um fidelíssimo quadro das retribuições da vida humana.

Deus, porém, diz: "Para sempre não contenderei, nem continuamente Me indignarei; porque o espírito perante a Minha face se enfraqueceria, e as almas que Eu fiz. Pela iniqüidade da sua avareza Me indignei, e os feri; escondi-Me, e indignei-Me; mas, rebeldes, seguiram o caminho do seu coração. Eu vejo os seus caminhos, e os sararei; também os guiarei, e lhes tornarei a dar consolações e aos seus pranteadores. ... Paz, paz, para os que estão longe e para os que estão perto, diz o Senhor, e Eu os sararei." Isaías 57:16-19.

Jacó, em sua angústia, não desesperou. Havia-se arrependido e se esforçara por expiar a falta cometida para com seu irmão. E ao ser pela ira de Esaú ameaçado de morte, procurou o auxílio de Deus. "Lutou com o anjo, e prevaleceu; chorou, e lhe suplicou." "E abençoou-o ali." Oséias 12:4; Gênesis 32:29. Na força de Seu poder o que fora perdoado se levantou, não mais como o suplantador, mas como príncipe diante de Deus. Não ganhara simplesmente o livramento de seu irmão ofendido, mas o seu próprio. Quebrara-se o poder do mal em sua própria natureza; havia-se-lhe transformado o caráter.

Ao crepúsculo houve luz. Jacó, revendo a história de sua vida, reconheceu o poder mantenedor de Deus — aquele "Deus que me sustentou, desde que eu nasci até este dia, o Anjo que me livrou de todo o mal". Gênesis 48:15, 16. [148]

A mesma experiência se repete na história dos filhos de Jacó: o pecado operando a retribuição, e o arrependimento produzindo fruto de justiça para a vida.

Deus não anula as Suas leis. Ele não age contrariamente às mesmas. Não desfaz a obra do pecado. Mas Ele transforma. Mediante Sua graça a maldição resulta em bênçãos.

Dos filhos de Jacó, Levi foi um dos mais cruéis e vingativos, um dos mais culpados no traiçoeiro assassínio dos siquemitas. Os característicos de Levi, refletindo em seus descendentes, acarretaram-lhes o decreto de Deus: "Eu os dividirei em Jacó, e os espalharei em Israel." Gênesis 49:7. O arrependimento, porém, operou a reforma; e pela sua fidelidade para com Deus em meio da apostasia de outras tribos, a maldição se transformara em um sinal da mais alta honra.

“O Senhor separou a tribo de Levi, para levar a arca do concerto do Senhor, para estar diante do Senhor, para O servir, e para abençoar em Seu nome.” “Meu concerto com ele foi de vida e de paz, e lhas dei para que Me temesse, e Me temeu. ... Andou comigo em paz e em retidão, e apartou a muitos da iniqüidade.” Deuteronômio 10:8; Malaquias 2:5, 6.

Os que foram designados para ministros do santuário, os levitas, não receberam herança em terras; habitavam juntos em cidades separadas para o seu uso, e recebiam seu sustento dos dízimos, donativos e ofertas dedicados ao serviço de Deus. Eram os ensinadores do povo, hóspedes em todas as suas festividades, e em toda parte honrados como os servos e representantes de Deus. À nação toda fora dada esta ordem: “Guarda-te, que não desampares ao levita todos os teus dias na terra.” “Levi com seus irmãos não têm parte na herança; o Senhor é a sua herança.” Deuteronômio 12:19; 10:9. [149]

## À conquista pela fé

A verdade de que o homem “é tal quais são os seus pensamentos” (Provérbios 23:7, TB), encontra outra ilustração na experiência de Israel. Nas fronteiras de Canaã, os espias, ao voltarem de pesquisar o país, apresentaram seu relatório. A beleza e fertilidade da terra foram perdidas de vista pelos receios das dificuldades que obstavam sua ocupação. As cidades muradas até ao céu, os gigantes guerreiros, os carros de ferro, faziam desfalecer-se-lhes a fé. Não tomando a Deus em conta, a multidão ecoou a decisão dos espias descrentes: “Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós.” Números 13:31. Suas palavras mostraram-se verdadeiras. Não eram capazes de avançar, e despenderam a vida no deserto.

Entretanto, dois dentre os doze que examinaram a terra, raciocinavam de modo diverso. “Certamente prevaleceremos contra ela” (Números 13:30) — insistiam eles, considerando a promessa de Deus superior a gigantes, cidades muradas e carros de ferro. Para eles a Sua palavra era verdadeira. Posto que participassem com seus irmãos da peregrinação de quarenta anos, Calebe e Josué entraram na terra da promessa. Tão animoso de coração como quando com as hostes do Senhor saíra do Egito, Calebe pediu e recebeu como seu quinhão a fortaleza dos gigantes. Na força divina expulsou os

cananeus. Os vinhedos e olivais onde haviam pisado os seus pés, tornaram-se sua possessão. Ao passo que os covardes e rebeldes [150] pereceram no deserto, os homens de fé comeram das uvas de Escol.

Verdade alguma apresenta a Bíblia em mais clara luz do que haver perigo em nos desviarmos do que é reto uma única vez que seja, perigo este, tanto para o que faz o mal como para todos os que são atingidos pela influência do mesmo. O exemplo tem uma força maravilhosa; e quando posto do lado das más tendências da nossa natureza, torna-se quase irresistível.

O mais forte baluarte do vício em nosso mundo não é a vida iníqua do pecador declarado ou do degradado proscrito; é a vida que parece virtuosa, honrada e nobre, mas em que se alimenta um pecado ou se acaricia um vício. Para a alma que se acha lutando secretamente contra alguma enorme tentação, tremendo nas bordas mesmo do precipício, tal exemplo é um dos mais poderosos incentivos ao pecado. Aquele que, dotado de altas concepções da vida, verdade e honra, transgride, não obstante, voluntariamente um preceito da santa lei de Deus, perverte seus nobres dons, tornando-os chamarizes ao pecado. Gênio, talento, simpatia, mesmo ações generosas e benévolas, podem assim tornar-se engodos de Satanás para levar almas ao precipício da ruína.

Aí está porque Deus deu tantos exemplos, apresentando os resultados de mesmo um só ato errado. Desde a triste história daquele único pecado que trouxe ao mundo a morte e nossas desgraças todas, juntamente com a perda do Éden, até o relato que há daquele que por trinta moedas de prata vendeu o Senhor da glória, a biografia bíblica está repleta destes exemplos, ali colocados como faróis de advertência nos atalhos que desviam do caminho da vida.

Há também advertência em notarmos os resultados que se seguiram quando mesmo uma única vez alguém cedeu à fraqueza e erro [151] humano — o fruto de abandonar a fé.

Em virtude de uma falha de sua fé, Elias interrompeu a obra de sua vida. Pesado fora o encargo que havia arrostado em prol de Israel; fiéis tinham sido suas admoestações contra a idolatria nacional; e profunda foi sua solicitude quando durante três e meio anos de fome vigiara e observara à espera de algum indício de arrependimento. Ele sozinho permaneceu do lado de Deus no Monte Carmelo. Pelo poder da fé a idolatria foi derribada, e a abençoada chuva testificou

dos aguaceiros de bênçãos que aguardavam o momento de serem derramados sobre Israel. Então em seu cansaço e fraqueza fugiu de diante das ameaças de Jezabel, e sozinho no deserto pediu a morte. Falhara sua fé. A obra que tinha começado, não deveria ele terminar. Deus lhe ordenou ungir outro para ser profeta em seu lugar.

Mas Deus havia notado o sincero serviço de Seu servo. Elias não devia perecer em desânimo e na solidão do deserto. Não lhe caberia descer ao túmulo, mas ascender com os anjos de Deus para a presença de Sua glória.

Estes registros biográficos declaram o que todo ser humano um dia compreenderá, a saber: que o pecado só poderá acarretar vergonha e perdas; que a incredulidade significa fracasso; mas que a misericórdia de Deus atinge as maiores profundezas, e que a fé ergue a alma penitente para participar da adoção de filhos de Deus.

## A disciplina do sofrimento

Todos os que neste mundo prestam verdadeiro serviço a Deus e ao homem, recebem um preparo prévio na escola das aflições. Quanto mais pesado for o encargo e mais elevado o serviço, maior será a prova e mais severa a disciplina.

Estude as experiências de José e Moisés, de Daniel e Davi. Compare o princípio da história de Davi com a de Salomão, e considere os resultados. [152]

Davi, em sua juventude esteve intimamente ligado a Saul, e sua permanência na corte e ligação com a casa do rei deram-lhe profundo conhecimento dos cuidados, tristezas e perplexidades ocultas pelo esplendor e pompa da realeza. Viu de quão pouca valia é a glória humana para trazer paz à alma. E foi com alívio e satisfação que da corte real voltou aos apriscos e rebanhos.

Quando, compelido pelos zelos de Saul, era um fugitivo no deserto, Davi, privado do apoio humano, amparou-se mais pesadamente em Deus. A incerteza e desassossego da vida no deserto, seus incessantes perigos, a necessidade de fugas freqüentes, o caráter dos homens que a ele se reuniam: "todo o homem que se achava em aperto, e todo o homem endividado, e todo o homem de espírito desgostoso" (1 Samuel 22:2) — tudo isto tornava muito necessária uma severa disciplina própria. Estas experiências despertaram

e desenvolveram capacidade para lidar com os homens, simpatia para com os oprimidos e ódio à injustiça. Durante anos de expectativa e perigo, Davi aprendeu a encontrar em Deus conforto, apoio e vida. Aprendeu que unicamente pelo poder de Deus ele poderia ir ao trono; unicamente pela Sua sabedoria poderia governar sabiamente. Foi mediante o preparo na escola das agruras e tristezas que Davi se habilitou a declarar que "julgava e fazia justiça a todo o seu povo" (2 Samuel 8:15), não obstante mais tarde seu grande pecado lhe deslustrasse o feito.

A disciplina da experiência inicial de Davi faltava a Salomão. Pelas circunstâncias, pelo caráter e pela vida parecia mais favorecido [153] do que todos. Nobre na juventude, nobre na varonilidade, amado por seu Deus, Salomão iniciou um reinado que dava altas promessas de prosperidade e honra. Nações maravilhavam-se do saber e conhecimentos do homem a quem Deus havia dado sabedoria. Mas o orgulho da prosperidade trouxera a separação de Deus. Da alegria da comunhão divina, Salomão desviou-se para encontrar satisfação nos prazeres dos sentidos. Diz ele desta experiência:

"Fiz para mim obras magníficas; edifiquei para mim casas, plantei para mim vinhas. Fiz para mim hortas e jardins. ... Adquiri servos e servas. ... Amontoei também para mim prata e ouro, e jóias de reis e das províncias; provi-me de cantores e cantoras, e das delícias dos filhos dos homens, e de instrumentos de música de toda a sorte. E engrandeci-me, e aumentei mais do que todos os que houve antes de mim em Jerusalém. ... E tudo quanto desejaram os meus olhos não lho neguei, nem privei meu coração de alegria alguma; mas o meu coração se alegrou por todo o meu trabalho. ... E olhei eu para todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também para o trabalho que eu, trabalhando, tinha feito, e eis que tudo era vaidade e aflição de espírito, e que proveito nenhum havia debaixo do Sol. Então passei à contemplação da sabedoria, e dos desvarios, e da doidice; porque, que fará o homem que seguir ao rei? o mesmo que outros já fizeram. ...

"Aborreci esta vida. ... Também eu aborreci todo o meu trabalho, em que trabalhei debaixo do Sol." Eclesiastes 2:4-12, 17, 18.

Por sua própria amarga experiência, Salomão aprendeu como é vazia uma vida que busca nas coisas terrenas seu mais elevado bem.

Erigiu altares aos deuses gentílicos, unicamente para aprender quão vã é sua promessa de descanso para a alma.

Em seus anos posteriores, tornando-se cansado e sedento nas rotas cisternas da Terra, Salomão voltou a beber da fonte da vida. A [154] história de seus anos desperdiçados, com suas lições de advertência, ele, pelo Espírito de inspiração, registrou para as gerações posteriores. E assim, conquanto a semente que semeara fosse colhida por seu povo em uma messe de males, a obra realizada na vida de Salomão não foi inteiramente perdida. Para ele, finalmente, a disciplina do sofrimento cumpriu sua obra.

E com semelhante alvorecer da vida, quão glorioso poderia ter sido ela, se houvesse Salomão em sua mocidade aprendido a lição que o sofrimento ensinara na vida de outros!

## A provação de Jó

Para os que amam a Deus, que “são chamados por Seu decreto” (Romanos 8:28), a biografia bíblica tem uma lição ainda mais elevada do préstimo da tristeza. “Vós sois as Minhas testemunhas, diz o Senhor; Eu sou Deus” (Isaías 43:12) — testemunhas de que Ele é bom, e de que a bondade é suprema. “Somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens.” 1 Coríntios 4:9.

A abnegação, que é o princípio do reino de Deus, é o princípio que Satanás odeia; ele nega até a existência do mesmo. Desde o início do grande conflito tem-se ele esforçado por provar que os princípios pelos quais Deus age são egoístas, e da mesma maneira ele considera a todos os que servem a Deus. A obra de Cristo e a de todos os que adotam o Seu nome, tem por fim refutar esta pretensão de Satanás.

Foi para dar com Sua própria vida um exemplo de abnegação, que Jesus veio em forma humana. Todos os que aceitam este princípio devem ser coobreiros Seus e demonstrar na vida prática esse princípio. Escolher o que é reto porque é reto, estar pela verdade ainda que isto importe no sofrimento e sacrifício — “esta é a herança dos servos do Senhor, e a sua justiça que vem de Mim, diz o Senhor”. [155] Isaías 54:17.

Muito cedo na história deste mundo, apresenta-se-nos o relato da vida de alguém, sobre o qual se desencadeou essa guerra de Satanás.

A respeito de Jó, o patriarca de Uz, o testemunho dAquele que pesquisa os corações, foi: "Ninguém há na Terra semelhante a ele, homem sincero e reto, temente a Deus, e desviando-se do mal."

Contra este homem Satanás apresentou uma insolente acusação: "Teme Jó a Deus debalde? Porventura não o cercaste Tu de bens a ele, e a sua casa, e a tudo quanto tem? ... Estende a Tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem." ... "Toca-lhe nos ossos e na carne, e verás se não blasfema de Ti na Tua face!"

O Senhor disse a Satanás: "Tudo quanto tem está na tua mão." "Eis que ele está na tua mão, poupa, porém, a sua vida."

Permitido isto, Satanás destruiu tudo quanto Jó possuía: manadas, rebanhos, servos e servas, filhos e filhas; e ele "feriu a Jó duma chaga maligna, desde a planta do pé até o alto da cabeça". Jó 1:8-12; 2:5-7.

Ainda outro elemento de amargura lhe foi acrescentado na taça. Seus amigos, não vendo naquela adversidade senão a retribuição do pecado, oprimiam-lhe com acusações de delitos o espírito ferido e sobrecarregado.

Aparentemente abandonado do Céu e da Terra, não obstante conservando firme sua fé em Deus e a consciência de sua integridade, exclamava, angustiado e perplexo:

"A minha alma tem tédio de minha vida."
"Oxalá me escondesses na sepultura,
E me ocultasses até que Tua ira se desviasse;
E me pusesses um limite, e Te lembrasses de mim!"

Jó 10:1; 14:13.

[156]

"Eis que clamo: Violência! mas não sou ouvido;
Grito: Socorro! mas não há justiça. ...
Da minha honra me despojou,
E tirou-me a coroa da minha cabeça. ...
Os meus parentes me deixaram,
E os meus conhecidos se esqueceram de mim. ...
Os que eu amava se tornaram contra mim. ...
Compadecei-vos de mim, amigos meus;
Compadecei-vos de mim, porque a mão de Deus me tocou."

"Ah se eu soubesse que O poderia achar!
    Então me chegaria ao Seu tribunal. ...
Eis que se me adianto, ali não está;
    Se torno para trás, não O percebo.
Se opera à mão esquerda, não O vejo;
    Encobre-Se à mão direita, e não O diviso.
Mas Ele sabe o meu caminho;
    Prove-me, e sairei como o ouro."

"Ainda que Ele me mate, nEle esperarei."

"Eu sei que o meu Redentor vive,
    E que por fim Se levantará sobre a terra.
E depois de consumida a minha pele,
    Ainda em minha carne verei a Deus.
Vê-Lo-ei por mim mesmo,
    E os meus olhos, e não outros, O verão."

Jó 19:7-21; 23:3-10; 13:15; 19:25-27.

Foi feito a Jó de acordo com sua fé. "Prove-me", disse ele, "e sairei como o ouro." Jó 23:10. Assim foi. Por sua paciente persistência reivindicou seu próprio caráter, e bem assim o dAquele de quem ele era representante. E "o Senhor virou o cativeiro de Jó,... e o Senhor acrescentou a Jó outro tanto em dobro a tudo quanto dantes possuía. ... E assim abençoou o Senhor o último estado de Jó, mais do que o primeiro." Jó 42:10-12.

No relatório daqueles que mediante a abnegação entraram na comunhão dos sofrimentos de Cristo, acham-se os nomes de Jônatas [157] e de João Batista, aquele no Antigo Testamento e este no Novo.

Jônatas — por nascimento herdeiro do trono e não obstante ciente de que fora posto de lado pelo decreto divino; o mais terno e fiel amigo de seu rival Davi, cuja vida ele escudava com perigo da sua própria; firme ao lado do pai através dos tenebrosos dias de seu poder em declínio, e a seu lado tombando ele mesmo finalmente — acha-se o seu nome guardado como tesouro nos Céus, e na Terra permanece como um testemunho da existência e do poder do amor abnegado.

João Batista abalou a nação, por ocasião de seu aparecimento, na qualidade de arauto do Messias. De uma para outra parte seus passos eram seguidos por vastas multidões constituídas de pessoas de todas as classes e condições. Mas quando chegou Aquele de quem ele dera testemunho, tudo se mudou. As multidões acompanharam a Jesus, e a obra de João parecia encerrar-se rapidamente. Contudo não houve vacilação na sua fé. "É necessário", disse ele, "que Ele cresça e que eu diminua." João 3:30.

Passou-se o tempo, e o reino que João confiantemente esperara não se estabeleceu. No calabouço de Herodes, separado do ar vivificante e da liberdade do deserto, ele aguardava e vigiava.

Não houve exibição e armas, nem despedaçamento de portas de prisões; mas a cura de enfermos, a pregação do evangelho, o erguimento das almas humanas testificavam da missão de Cristo.

Sozinho no calabouço, vendo onde ia terminar o seu caminho e o de seu Mestre, João aceitara este encargo — a comunhão com Cristo no sacrifício. Mensageiros celestiais assistiram-no até ao túmulo. Os seres do Universo, caídos ou não, testemunharam a reivindicação do serviço abnegado, feita por ele.

[158] Em todas as gerações que se têm passado desde então, almas sofredoras têm sido amparadas pelo testemunho da vida de João. Na masmorra, no patíbulo, nas chamas, homens e mulheres, no decorrer dos séculos de trevas, têm sido fortalecidos pela memória daquele de quem Cristo declarou: "Entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista." Mateus 11:11.

"E que mais direi? Faltar-me-ia o tempo contando de Gideão, e de Baraque, e de Sansão, e de Jefté, ... e de Samuel, e dos profetas; os quais pela fé venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a força do fogo, escaparam do fio da espada, da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fugida os exércitos dos estranhos.

"As mulheres receberam pela ressurreição os seus mortos; uns foram torturados, não aceitando o seu livramento, para alcançarem uma melhor ressurreição; e os outros experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (dos quais o mundo

não era digno), errantes pelos desertos e montes, e pelas covas e caverna da terra.

"E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa; provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados." Hebreus 11:32-40. [159]

## Capítulo 17 — Poesias e cânticos

*"Os Teus estatutos têm sido os meus cânticos no lugar das minhas peregrinações."*

As mais antigas bem como as mais sublimes expressões poéticas que se conhecem, encontram-se nas Escrituras. Antes que os primeiros poetas do mundo houvessem cantado, o pastor de Midiã registrou as seguintes palavras de Deus a Jó, palavras estas a que as mais elevadas produções do gênio humano não igualam, ou de que não se aproximam, tal é sua majestade:

"Onde estavas tu, quando Eu fundava a Terra? ...
Ou quem encerrou o mar com portas,
Quando ele transbordou,...
Quando Eu pus as nuvens por sua vestidura,
E a escuridão por envolvedouro?
Quando passei sobre ele o Meu decreto,
E lhe pus portas e ferrolhos,
E disse: Até aqui virás, e não mais adiante,
E aqui se quebrarão as tuas ondas empoladas?

"Ou desde os teus dias deste ordem à madrugada,
Ou mostraste à alva o seu lugar?...

"Ou entraste tu até às origens do mar,
Ou passeaste no mais profundo do abismo?
Ou descobriram-se-te as portas da morte,
Ou viste as portas da sombra da morte?
Ou com o teu entendimento chegaste às larguras da Terra?
Faze-Mo saber, se sabes tudo isto.

"Onde está o caminho da morada da luz?
E, quanto às trevas, onde está o seu lugar? ...

[160]

"Ou entraste tu até aos tesouros da neve,
E viste os tesouros da saraiva?...
Onde está o caminho em que se reparte a luz,
E se espalha o vento oriental sobre a terra?
Quem abriu para a inundação um leito,
E um caminho para o relâmpago dos trovões;
Para chover sobre a terra, onde não há ninguém,
E no deserto, em que não há gente;
Para fartar a terra deserta e assolada,
E para fazer crescer os renovos da erva?"

"Ou poderás tu ajuntar as delícias das sete estrelas,
Ou soltar os atilhos do Órion?
Ou produzir as constelações a seu tempo,
E guiar a Ursa com seus filhos?"

Jó 38:4-27; 38:31, 32.

Pela beleza de expressão leia também a descrição da Primavera, nos Cantares de Salomão:

"Eis que passou o inverno;
A chuva cessou, e se foi;
Aparecem as flores na terra,
O tempo de cantar chega,
E a voz da rola ouve-se em nossa terra;
A figueira já deu os seus figuinhos,
E as vides em flor
Exalam o seu aroma;
Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem."

Cantares 2:11-13.

E nada inferior em beleza é a profecia involuntária de Balaão para abençoar a Israel:

"De Arã me mandou trazer Balaque,
Rei dos moabitas, das montanhas do Oriente,
Dizendo: Vem, amaldiçoa-me a Jacó;

E vem, detesta a Israel.
Como amaldiçoarei o que Deus não amaldiçoa?
E como detestarei, quando o Senhor não detesta?
Porque do cume das penhas o vejo,
E dos outeiros o contemplo:
Eis que este povo habitará só,
E entre as gentes não será contado. ...

[161]

"Eis que recebi mandado de abençoar;
Pois Ele tem abençoado, e eu não o posso revogar.
Não viu iniqüidade em Israel,
Nem contemplou maldade em Jacó;
O Senhor seu Deus é com ele,
E nele, e entre eles se ouve o alarido de um rei. ...
Pois contra Jacó não vale encantamento,
Nem adivinhação contra Israel.
Neste tempo se dirá de Jacó e de Israel:
Que coisas Deus tem obrado!

"Fala aquele que ouviu os ditos de Deus,
O que vê a visão do Todo-poderoso: ...
Que boas são as tuas tendas, ó Jacó!
As tuas moradas, ó Israel!
Como ribeiros se estendem,
Como jardins ao pé dos rios;
Como árvores de sândalo o Senhor os plantou,
Como cedros junto às águas."

"Fala aquele que ouviu os ditos de Deus,
E o que sabe a ciência do Altíssimo. ...
Vê-Lo-ei, mas não agora;
Contemplá-Lo-ei, mas não de perto;
Uma estrela procederá de Jacó,
E um cetro subirá de Israel. ...
E dominará Um de Jacó."

Números 23:7-23; 24:4-6, 16-19.

A melodia de louvor é a atmosfera do Céu; e, quando o Céu vem em contato com a Terra, há música e cântico — "ação de graças e voz de melodias". Isaías 51:3.

Sobre a Terra recém-criada que aí estava, linda e sem mácula, sob o sorriso de Deus, "as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam". Jó 38:7. Assim, os corações humanos, em simpatia com o Céu, têm correspondido à bondade de Deus em notas de louvor. Muitos dos fatos da história humana se têm ligado a cânticos. [162]

O mais antigo cântico procedente de lábios humanos, registrado na Bíblia, foi aquela gloriosa expansão de ações de graças pelas hostes de Israel no Mar Vermelho:

"Cantarei ao Senhor, porque sumamente Se exaltou;
Lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro.
O Senhor é a minha força, e o meu cântico;
E Ele me foi por salvação;
Este é o meu Deus, portanto Lhe farei uma habitação;
Ele é o Deus de meu pai, por isso O exaltarei."

"A Tua destra, ó Senhor, se tem glorificado em potência;
A Tua destra, ó Senhor, tem despedaçado o inimigo; ...
Ó Senhor, quem é como Tu entre os deuses?
Quem é como Tu, glorificado em santidade,
Terrível em louvores, obrando maravilhas?"

"O Senhor reinará eterna e perpetuamente; ...
Cantai ao Senhor, porque sumamente Se exaltou."

Êxodo 15:1, 2, 6-11, 18-21.

Grandes têm sido as bênçãos recebidas pelos homens em resposta aos cânticos de louvor. Estas poucas palavras que repetem uma experiência da viagem de Israel pelo deserto, contêm uma lição digna de meditação:

"Dali partiram para Beer; este é o poço do qual o Senhor disse a Moisés: Ajunta o povo, e lhe darei água." Números 21:16. "Então Israel cantou este cântico:

"Sobe, poço, e vós cantai dele!
Tu, poço, que cavaram os príncipes,
Que escavaram os nobres do povo,
E o legislador com os seus bordões."

Números 21:17, 18.

Quantas vezes na experiência espiritual se repete esta história! Quantas vezes pelas palavras de um cântico sagrado se descerram na alma as fontes do arrependimento e da fé, da esperança, do amor [163] e da alegria!

Foi com cânticos de louvor que os exércitos de Israel saíram para o grande livramento sob Josafá. Tinham vindo a Josafá as notícias de ameaças de guerra. "Vem contra ti uma grande multidão", foi a mensagem; "os filhos de Moabe, e os filhos de Amom, e com eles alguns outros." "Então Josafá temeu, e pôs-se a buscar o Senhor, e apregoou jejum em todo o Judá. E Judá se ajuntou, para pedir socorro ao Senhor; também de todas as cidades de Judá vieram para buscar ao Senhor." E Josafá, em pé no pátio do templo, diante do povo, derramou a sua alma em oração, reclamando a promessa de Deus, com a confissão do desamparo de Israel. "Em nós não há força perante esta grande multidão que vem contra nós", disse ele; "e não sabemos nós o que faremos; porém os nossos olhos estão postos em Ti." 2 Crônicas 20:2, 1, 3, 4, 12.

Então sobre Jaaziel, levita, "veio o Espírito do Senhor; ... e disse: Dai ouvidos todo o Judá, e vós, moradores de Jerusalém, e tu, ó rei Josafá. Assim o Senhor vos diz: Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão, pois a peleja não é vossa, senão de Deus. ... Não temais, nem vos assusteis; amanhã saí-lhes ao encontro, porque o Senhor será convosco." 2 Crônicas 20:14-17.

"E pela manhã cedo se levantaram e saíram ao deserto de Tecoa." 2 Crônicas 20:20. Diante do exército iam cantores, erguendo a voz em louvor a Deus — louvando-O pela vitória prometida.

No quarto dia o exército voltou a Jerusalém, carregado com [164] despojos do inimigo, cantando louvores pela vitória alcançada.

Pelo cântico, Davi, entre as vicissitudes de sua vida tão cheia de mudanças, entretinha comunhão com o Céu. Quão suaves são

suas experiências como um pastorzinho, conforme se refletem nestas palavras:

"O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.
Deitar-me faz em verdes pastos,
Guia-me mansamente a águas tranqüilas. ...
Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte,
Não temeria mal algum, porque Tu estás comigo;
A Tua vara e o Teu cajado me consolam."

Salmos 23:1-4.

Em sua varonilidade, como um fugitivo a quem se procurava prender, encontrando ele refúgio nas rochas e cavernas, escreveu:

"Ó Deus, Tu és o meu Deus; de madrugada Te buscarei.
A minha alma tem sede de Ti; a minha carne Te deseja muito
Em uma terra seca e cansada, onde não há água. ...
Tu tens sido o meu auxílio;
Jubiloso cantarei refugiado à sombra das Tuas asas."

"Por que estás abatida, ó minha alma,
E por que te perturbas dentro de mim?
Espera em Deus,
Pois ainda O louvarei.
Ele é a salvação da minha face,
E o meu Deus."

"O Senhor é a minha luz e a minha salvação;
A quem temerei?
O Senhor é a força da minha vida;
De quem me recearei?"

Salmos 63:1, 7; 42:11; 27:1.

Respiram a mesma confiança as palavras escritas por Davi quando, como rei destronado e despojado da coroa, fugia de Jerusalém pela rebelião de Absalão. Exausto com a dor e cansaço de sua fuga, ele e seus companheiros demoraram-se ao lado do Jordão algumas horas para descansar. Despertou com o chamado para

fugir imediatamente. Nas trevas, a passagem daquele rio profundo e torrentoso teve de ser feita por toda aquela multidão de homens, [165] mulheres e crianças; pois bem perto estavam, após eles, as forças do filho traidor.

Naquela hora da mais negra provação, cantou Davi:

"Com a minha voz clamei ao Senhor,
Ele ouviu-me desde o Seu santo monte.

"Eu me deitei e dormi;
Acordei porque o Senhor me sustentou.
Não terei medo de dez milhares de pessoas
que se puseram contra mim ao meu redor."

Salmos 3:4-6.

Depois de seu grande pecado, na angústia do remorso e desgosto de si próprio, ainda se voltava para Deus como o seu melhor amigo:

"Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a Tua benignidade;
Apaga as minhas transgressões,
Segundo a multidão das Tuas misericórdias. ...
Purifica-me com hissopo, e ficarei puro;
Lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve."

Salmos 51:1, 7.

Em sua longa vida, Davi não encontrou na Terra lugar de descanso. "Somos estranhos diante de Ti, e peregrinos como todos os nossos pais", disse ele; "como a sombra são os nossos dias sobre a Terra, e não há outra esperança." 1 Crônicas 29:15.

"Deus é o nosso refúgio e fortaleza,
Socorro bem presente na angústia.
Pelo que não temeremos, ainda que a Terra se mude,
E ainda que os montes se transportem para o meio dos mares."

"Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus,
o santuário das moradas do Altíssimo.
Deus está no meio dela; não será abalada;
Deus a ajudará ao romper da manhã. ...
O Senhor dos exércitos está conosco;
O Deus de Jacó é o nosso refúgio."

"Este Deus é o nosso Deus para sempre;
Ele será nosso guia até à morte."

Salmos 46:1, 2, 4, 5, 7; 48:14.

[166]

Com um cântico, Jesus, em Sua vida terrestre, defrontou a tentação. Muitas vezes, quando eram proferidas palavras cortantes, pungentes, outras vezes em que a atmosfera em redor dEle se tornava saturada de tristeza, descontentamento, desconfiança, temor opressivo, ouvia-se o Seu canto de fé e de santa animação.

Naquela última e triste noite da ceia pascoal, quando Ele estava a ponto de sair para ser traído e morto, alçou a voz no salmo:

"Seja bendito o nome do Senhor,
Desde agora para sempre.
Desde o nascimento do Sol até ao ocaso,
Seja louvado o nome do Senhor."

"Amo ao Senhor, porque Ele ouviu a minha voz e a minha súplica,
Porque inclinou para mim os Seus ouvidos;
Portanto invocá-Lo-ei enquanto viver.

"Cordéis da morte me cercaram,
E angústias do inferno se apoderaram de mim;
Encontrei aperto e tristeza.
Então invoquei o nome do Senhor,
Dizendo: Ó Senhor, livra a minha alma.
Piedoso é o Senhor e justo;
O nosso Deus tem misericórdia

"O Senhor guarda aos símplices:

Estava abatido, mas Ele me livrou.
Volta, minha alma, a teu repouso,
Pois o Senhor te fez bem.
Porque Tu, Senhor, livraste a minha alma da morte,
Os meus olhos das lágrimas, e os meus pés da queda.”

Salmos 113:2, 3; 116:1-8.

Por entre as sombras cada vez mais profundas da última e grande crise da Terra, a luz de Deus resplandecerá com maior brilho, e o canto de confiança e esperança ouvir-se-á nos mais claros e sublimes [167] acordes.

“Naquele dia se entoará este cântico na terra de Judá:
Uma forte cidade temos,
A que Deus pôs a salvação por muros e antemuros.
Abri as portas,
Para que entre nela a nação justa, que observa a verdade.
Tu conservarás em paz aquele
Cuja mente está firme em Ti; porque ele confia em Ti.
Confiai no Senhor perpetuamente;
Porque o Senhor Deus é uma rocha eterna.”

Isaías 26:1-4.

“Os resgatados do Senhor voltarão, e virão a Sião com “júbilo e alegria eterna haverá sobre as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido”. Isaías 35:10.

“Virão, e exultarão na altura de Sião, e correrão aos bens do Senhor,... e a sua alma será como um jardim regado, e nunca mais andarão tristes.” Jeremias 31:12.

## O poder do canto

A história dos cânticos da Bíblia está repleta de sugestões quando aos usos e benefícios da música e do canto. A música muitas vezes é pervertida para servir a fins maus, e assim se torna um dos poderes mais sedutores para a tentação. Corretamente empregada, porém,

é um dom precioso de Deus, destinado a erguer os pensamentos a coisas altas e nobres, a inspirar e elevar a alma.

Assim como os filhos de Israel, jornadeando pelo deserto, suavizavam pela música de cânticos sagrados a sua viagem, Deus ordena a Seus filhos hoje que alegrem a sua vida peregrina. Poucos meios há mais eficientes para fixar Suas palavras na memória do que repeti-las em cânticos. E tal cântico tem maravilhoso poder. Tem poder para [168] subjugar as naturezas rudes e incultas; poder para suscitar pensamentos e despertar simpatia, para promover a harmonia de ação e banir a tristeza e os maus pressentimentos, os quais destroem o ânimo e debilitam o esforço.

É um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais. Quantas vezes à alma oprimida duramente e pronta a desesperar, vêm à memória algumas das palavras de Deus — as de um estribilho, há muito esquecido, de um hino da infância — e as tentações perdem o seu poder, a vida assume nova significação e novo propósito, e o ânimo e a alegria se comunicam a outras almas!

Nunca se deve perder de vista o valor do canto como meio de educação. Que haja cântico no lar, de hinos que sejam suaves e puros, e haverá menos palavras de censura e mais de animação, esperança e alegria. Haja canto na escola, e os alunos serão levados para mais perto de Deus, dos professores e uns dos outros.

Como parte do culto, o canto é um ato de adoração tanto como a oração. Efetivamente, muitos hinos são orações. Se a criança é ensinada a compreender isto, ela pensará mais no sentido das palavras que canta, e se tornará mais susceptível à sua influência.

Ao guiar-nos nosso Redentor ao limiar do Infinito, resplandecente com a glória de Deus, podemos aprender o assunto dos louvores e ações de graças do coro celestial em redor do trono; e despertando-se o eco do cântico dos anjos em nossos lares terrestres, os corações serão levados para mais perto dos cantores celestiais. A comunhão do Céu começa na Terra. Aqui aprendemos a nota tônica de seu louvor. [169]

## Capítulo 18 — Mistérios da Bíblia

*"Porventura alcançarás os caminhos de Deus?"*

Nenhum espírito finito pode compreender completamente o caráter ou as obras do Ser infinito. Não podemos pelas nossas pesquisas encontrar a Deus. Para os espíritos mais fortes e mais altamente educados, assim como para os mais fracos e ignorantes, aquele Ente santo deverá permanecer revestido de mistério. Mas conquanto "nuvens e obscuridade estão ao redor dEle; justiça e juízo são a base de Seu trono". Salmos 97:2. Podemos compreender Seu trato para conosco a ponto de discernir a misericórdia ilimitada unida ao infinito poder. É-nos dado compreender tanto de Seus propósitos quanto somos capazes de abranger; para além disto podemos ainda confiar naquela mão que é onipotente, naquele coração repleto de amor.

A Palavra de Deus, semelhantemente ao caráter de seu Autor, apresenta mistérios que jamais poderão ser compreendidos amplamente por seres finitos. Deus, porém, deu nas Escrituras evidências suficientes da divina autoridade delas. Sua própria existência, Seu caráter, a veracidade de Sua Palavra, são estabelecidos por testemunhos que falam à nossa razão; e tais testemunhos são abundantes. É fato que Ele não removeu a possibilidade da dúvida; a fé deve repousar sobre a evidência e não sobre a demonstração; os que desejam duvidar terão oportunidade para isto; aqueles, porém, que desejam conhecer a verdade encontrarão terreno amplo para a fé. [170]

Não temos motivos para duvidar da Palavra de Deus, por não podermos compreender os mistérios de Sua providência. Achamo-nos, na Natureza, constantemente rodeados de maravilhas além de nossa compreensão. Deveríamos, pois, surpreender-nos ao encontrar também no mundo espiritual mistérios que não podemos sondar? A dificuldade jaz unicamente na fraqueza e estreiteza da mente humana.

Os mistérios da Bíblia, longe de serem um argumento contra ela, acham-se entre as maiores evidências de sua inspiração divina. Se

não contivesse outras referências a Deus que não as que podemos compreender, se pudessem Sua grandeza e majestade ser apreendidas pela mente finita, então a Bíblia não teria infalíveis evidências de sua origem divina, como tem. A grandeza de seus temas deve inspirar fé, nela, como a Palavra de Deus.

A Bíblia explica a verdade com tal simplicidade e adaptação às necessidades e anelos do coração humano, que tem admirado e encantado os espíritos mais altamente cultos, ao mesmo tempo em que ao humilde e sem cultura também esclarece o caminho da vida. "Os caminhantes, até mesmo os loucos, não errarão." Isaías 35:8. Nem a criança errará o caminho. Nem o inquiridor timorato deixará de andar na pura e santa luz. Contudo, as verdades relatadas da mais simples maneira abrangem temas elevados, de grande alcance, infinitamente além do poder da compreensão humana — mistérios estes que são o esconderijo de Sua glória — mistérios que sobrepujam a mente em suas pesquisas, enquanto inspiram o sincero investigador da verdade que age com reverência e fé. Quanto mais investigamos a Bíblia, mais profunda se torna a nossa convicção de que é a Palavra do Deus vivo, e a razão humana curva-se perante a majestade da revelação divina.

Deus tem o intuito de que ao investigador fervoroso as verdades de Sua Palavra sempre estejam a desdobrar-se. Enquanto "as coisas encobertas são para o Senhor nosso Deus", "as reveladas são para nós e para os nossos filhos". Deuteronômio 29:29. A idéia de que certas porções da Bíblia não podem ser compreendidas, tem ocasionado negligenciarem-se algumas de suas mais importantes verdades. Necessita ser encarecido e muitas vezes repetido o fato de que os mistérios da Bíblia não são tais porque Deus tenha desejado ocultar a verdade, mas porque nossa própria fraqueza ou ignorância nos tornam incapazes de compreender a verdade, ou delas nos apropriarmos. Esta limitação não é no Seu propósito, mas sim em nossa capacidade. Dessas mesmas porções das Escrituras, muitas vezes consideradas como impossíveis de se compreenderem, Deus deseja que compreendamos tanto quanto nossa mente possa receber. É "toda a Escritura divinamente inspirada" a fim de que possamos ser perfeitamente instruídos "para toda a boa obra". 2 Timóteo 3:16, 17.

[171]

É impossível a qualquer mente humana esgotar mesmo uma única verdade ou promessa da Bíblia. Um apanha a glória sob um ponto de vista, outro sob outro ponto; contudo, podemos divisar apenas lampejos. O brilho completo está além de nossa visão.

Ao contemplarmos as grandes coisas da Palavra de Deus, olhamos para uma fonte que se alarga e se aprofunda sob a nossa admiração. Sua largura e profundidade ultrapassam o nosso conhecimento. Contemplando, amplia-se a nossa visão; estendido diante de nós vemos um mar ilimitado e sem praias.

Tal estudo tem um poder vivificador. O espírito e o coração adquirem nova força, nova vida.

Este resultado é a mais elevada evidência da autoria divina da Bíblia. Recebemos a Palavra de Deus como o alimento para a alma, mediante a mesma evidência pela qual recebemos o pão como alimento para o corpo. [172] O pão supre a necessidade de nossa natureza; sabemos por experiência que ele produz sangue, ossos e cérebro. Aplicai a mesma prova à Bíblia: quando seus princípios se houverem tornado na realidade os elementos do caráter, qual será o resultado? que mudanças se operarão na vida? “As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” 2 Coríntios 5:17. Homens e mulheres têm rompido as cadeias de hábitos pecaminosos, no poder da Palavra. Têm renunciado ao egoísmo. Os profanos têm-se tornado reverentes, os ébrios sóbrios, os devassos puros. Almas que tinham a semelhança de Satanás, transformaram-se na imagem de Deus. Esta mudança é em si mesma o milagre dos milagres. Uma mudança operada pela Palavra é um dos mais profundos mistérios dessa Palavra. Não o podemos compreender; apenas podemos crer, como declaram as Escrituras, que “é Cristo em vós, esperança da glória”. Colossences 1:27.

O conhecimento deste mistério fornece a chave de todos os outros. Abre à alma os tesouros do Universo, as possibilidades do desenvolvimento infinito.

E este desenvolvimento se adquire mediante o constante desdobrar diante de nós do caráter de Deus — a glória e o mistério da Palavra escrita. Se nos fosse possível atingir uma completa compreensão de Deus e Sua Palavra, não mais haveria para nós descobertas de verdades, conhecimentos maiores ou maiores desenvolvimentos. Deus deixaria de ser supremo, e o homem deixaria de adiantar-se.

Graças a Deus por assim não ser. Desde que Deus é infinito, e nEle estão todos os tesouros da sabedoria, podemos durante toda a eternidade estar sempre a pesquisar, sempre a aprender, e contudo nunca exaurir as riquezas de Sua sabedoria, Sua bondade, ou Seu poder. [173]

## Capítulo 19 — História e profecia

*“Quem fez ouvir isto desde a antiguidade? porventura não sou Eu, o Senhor? E não há outro Deus senão Eu.”*

A Bíblia é a história mais antiga e compreensiva que os homens possuem. Procedeu diretamente da fonte da verdade eterna, e no decorrer dos séculos uma mão divina tem preservado a sua pureza. Ilumina o remoto passado, onde a pesquisa humana debalde procura penetrar. Somente na Palavra de Deus contemplamos o poder que lançou os fundamentos da Terra e estendeu os céus. Unicamente ali encontramos um relato autêntico da origem das nações. Apenas ali se apresenta a história de nossa raça, não maculada do orgulho e preconceito humanos.

Nos anais da história humana o crescimento das nações, o levantamento e queda de impérios, aparecem como dependendo da vontade e façanhas do homem. O desenvolver dos acontecimentos em grande parte parece determinar-se por seu poder, ambição ou capricho. Na Palavra de Deus, porém, afasta-se a cortina, e contemplamos ao fundo, em cima, e em toda a marcha e contramarcha dos interesses, poderio e paixões humanas, a força de um Ser todo misericordioso, a executar, silenciosamente, pacientemente, os conselhos de Sua própria vontade.

A Bíblia revela a verdadeira filosofia da História. Naquelas palavras de beleza e ternura sem-par, proferidas pelo apóstolo Paulo [174] aos sábios de Atenas, apresenta-se o propósito de Deus na criação e distribuição das raças e nações: Ele “de um só fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da Terra, determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação; para que buscassem ao Senhor, se porventura, tateando, O pudessem achar”. Atos dos Apóstolos 17:26, 27. Deus declara que quem quiser poderá entrar “no vínculo do concerto”. Ezequiel 20:37. Era o Seu propósito na criação que a Terra fosse habitada por seres cuja existência fosse uma bênção, a si mesmos e entre si, e uma honra a seu Criador.

Todos os que quiserem poderão identificar-se com este propósito. A respeito deles foi dito: "Este povo que formei para Mim, para que Me desse louvor." Isaías 43:21.

Deus revelou em Sua lei os princípios que constituem a base para toda a prosperidade, tanto das nações como dos indivíduos. "Esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento", declarou Moisés aos israelitas acerca da lei de Deus. "Esta palavra não vos é vã, antes é a vossa vida." Deuteronômio 4:6; 32:47. As bênçãos que assim se asseguravam a Israel, nas mesmas condições e em grau igual se asseguram a toda nação e indivíduo debaixo do vasto céu.

O poder exercido por todo governante sobre a Terra, é-lhe comunicado pelo Céu; e depende seu êxito do uso que fizer do poder que assim lhe é concedido. A cada um se dirige a palavra do divino Vigia: "Eu te cingirei, ainda que tu Me não conheças." Isaías 45:5. E a cada um as palavras faladas a Nabucodonosor, na antigüidade, são a lição da vida: "Desfaze os teus pecados pela justiça, e as tuas iniqüidades usando de misericórdia com os pobres, se se prolongar a tua tranqüilidade." Daniel 4:27. [175]

Compreender que "a justiça exalta as nações", que "com justiça se estabelece o trono" e que "com benignidade" (Provérbios 14:34; 16:12; 20:28) ele é mantido; reconhecer a operação destes princípios na manifestação de Seu poder que "remove os reis e estabelece os reis" (Daniel 2:21) — corresponde a entender a filosofia da História.

Unicamente na Palavra de Deus isto se acha claramente estabelecido. Ali se revela que a força das nações, como a dos indivíduos, não se acha nas oportunidades ou facilidades que parecem torná-las invencíveis; não se acha em sua decantada grandeza. Mede-se ela pela fidelidade com que cumprem o propósito de Deus.

Uma ilustração desta verdade encontra-se na história da antiga Babilônia. Ao rei Nabucodonosor o verdadeiro objeto do governo nacional foi representado sob a figura de uma grande árvore, cuja altura "chegava até ao céu; e foi vista até aos confins da terra. A sua folhagem era formosa, e o seu fruto abundante, e havia nela sustento para todos"; à sua sombra os animais do campo moravam, e entre os seus ramos as aves do céu tinham sua habitação. Daniel 4:11, 12. Tal representação mostra o caráter de um governo que cumpre o propósito de Deus — governo este que protege e consolida a nação.

Deus exaltou Babilônia para que ela pudesse cumprir este propósito. A prosperidade favoreceu a nação, até que ela atingisse uma altura de riqueza e poder que desde então nunca foi igualada — apropriadamente representada na Escritura pelo símbolo inspirado: uma “cabeça de ouro”. Daniel 2:38.

Mas o rei deixou de reconhecer o poder que o exaltara. No orgulho de seu coração disse Nabucodonosor: “Não é esta a grande [176] Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder, e para glória da minha magnificência?” Daniel 4:30.

Em vez de ser protetora dos homens, tornara-se Babilônia opressora orgulhosa e cruel. As palavras da inspiração, descrevendo a crueldade e avareza dos governantes de Israel, revelam o segredo da queda de Babilônia, e da de muitos outros reinos desde que principiou o mundo: “Comeis a gordura, e vos vestis da lã; degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortalecestes, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza.” Ezequiel 34:3, 4.

Ao governador de Babilônia sobreveio a sentença do Vigia divino: “A ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Passou de ti o reino.” Daniel 4:31.

“Desce, e assenta-te no pó, ó virgem filha de Babilônia;
Assenta-te no chão; não há já trono. ...
Assenta-te silenciosa,
E entra nas trevas, ó filha dos caldeus,
Porque nunca mais serás chamada senhora de reinos.”

Isaías 47:1, 5.

“Ó tu, que habitas sobre muitas águas, rica de tesouros!
Chegou o teu fim, a medida da tua avareza.”

“Babilônia, o ornamento dos reinos,
A glória e a soberba dos caldeus,
Será como Sodoma e Gomorra, quando Deus as transtornou.”

“E reduzi-la-ei a possessão de corujas e a lagoas de águas, e varrê-la-ei com vassoura de perdição, diz o Senhor dos Exércitos.” Jeremias 51:13; Isaías 13:19; 14:23.

A cada nação que tem subido ao cenário da atividade, tem sido [177] permitido que ocupasse seu lugar na Terra, para que se pudesse ver se ela cumpriria o propósito “do Vigia e Santo”. A profecia delineou o levantamento e queda dos grandes impérios mundiais — Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma. Com cada um destes, assim como com nações de menos poder, tem-se repetido a história. Cada qual teve seu período de prova, e cada qual fracassou; esmaeceu sua glória, passou-se-lhe o poder e o lugar foi ocupado por outra nação.

Conquanto as nações rejeitassem os princípios de Deus, e com esta rejeição operassem a sua própria ruína, todavia era manifesto que o predominante propósito divino estava agindo através de todos os seus movimentos.

Esta lição é ensinada por meio de uma maravilhosa representação simbólica exibida ao profeta Ezequiel durante o seu exílio na terra dos caldeus. A visão foi dada em uma ocasião em que Ezequiel estava sobrecarregado de tristes lembranças e presságios perturbadores. Achava-se desolada a terra de seus pais. Jerusalém encontrava-se despovoada. O próprio profeta era estrangeiro em uma terra em que a ambição e a crueldade reinavam supremas. Como de todos os lados encontrasse tiranias e delitos, angustiou-se-lhe a alma, e chorava dia e noite. Os símbolos que lhe foram apresentados revelavam, porém, um poder superior ao dos governantes terrestres.

Nas margens do rio Quebar, contemplou Ezequiel um redemoinho que parecia vir do norte, e “uma grande nuvem, com um fogo a revolver-se; e um resplendor ao redor dela, e no meio uma coisa como da cor de âmbar”. Algumas rodas, cruzando-se entre si, eram movidas por quatro criaturas viventes. No alto, acima de tudo, estava “uma semelhança de trono, como duma safira; e sobre a semelhança do trono havia como que a semelhança de um homem, no alto sobre ele”. “E apareceu nos querubins uma semelhança de mão de homem [178] debaixo das suas asas.” Ezequiel 1:4, 26; 10:8. As rodas eram tão complicadas em seu arranjo que à primeira vista pareciam estar em confusão: mas moviam-se em perfeita harmonia. Seres celestiais, sustidos e guiados pela mão que estava sob as asas dos querubins, impeliam aquelas rodas; acima delas, sobre o trono de safira, es-

tava o Eterno; e em redor do trono um arco-íris — emblema da misericórdia divina.

Assim como aquela complicação de semelhanças de rodas se achava sob a direção da mão que havia sob as asas dos querubins, o complicado jogo dos acontecimentos humanos acha-se sob a direção divina. Por entre as contendas e tumultos das nações, Aquele que Se assenta acima dos querubins ainda dirige os negócios da Terra.

A história das nações que, uma após outra, têm ocupado seus destinados tempos e lugares, testemunhando inconscientemente da verdade da qual elas próprias desconheciam o sentido, fala a nós. A cada nação, a cada indivíduo de hoje, tem Deus designado um lugar no Seu grande plano. Homens e nações estão sendo hoje medidos pelo prumo que se acha na mão dAquele que não comete erro. Todos estão pela sua própria escolha decidindo o seu destino, e Deus está governando acima de tudo para o cumprimento de Seu propósito.

A história que o grande Eu Sou assinalou em Sua Palavra, unindo-se cada elo aos demais na cadeia profética, desde a eternidade no passado até à eternidade no futuro, diz-nos onde nos achamos hoje, no prosseguimento dos séculos, e o que se poderá esperar no tempo vindouro. Tudo o que a profecia predisse como devendo acontecer, até à presente época, tem-se traçado nas páginas da História, e podemos estar certos de que tudo que ainda deve vir [179] se cumprirá em sua ordem.

A subversão final de todos os domínios terrestres está claramente predita na Palavra da verdade. Na profecia proferida quando a sentença divina foi pronunciada sobre o último rei de Israel, deu-se esta mensagem:

"Assim diz o Senhor Jeová: Tira o diadema e levanta a coroa; ... exalta ao humilde, humilha ao soberbo. Ao revés, ao revés, ao revés a porei, e ela não será mais, até que venha Aquele a quem pertence de direito, e a Ele a darei." Ezequiel 21:26, 27.

A coroa removida de Israel passou sucessivamente para os reinos de Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma. Diz Deus: "E ela não será mais, até que venha Aquele a quem pertence de direito, e a Ele a darei."

Esse tempo está às portas. Hoje, os sinais dos tempos declaram que nos achamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. Tudo em nosso mundo está em agitação. Ante os nossos olhos

cumpre-se a profecia do Salvador relativa aos acontecimentos que precedem Sua vinda: "Ouvireis de guerras e rumores de guerras. ... Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares." Mateus 24:6, 7.

A atualidade é uma época de absorvente interesse para todos os que vivem. Governadores e estadistas, homens que ocupam posições de confiança e autoridade, homens e mulheres pensantes de todas as classes, têm fixa a sua atenção nos fatos que se desenrolam em redor de nós. Acham-se a observar as relações tensas e inquietas que existem entre as nações. Observam a intensidade que está tomando posse de todo o elemento terrestre, e reconhecem que algo de grande e decisivo está para ocorrer, ou seja, que o mundo se encontra à beira de uma crise estupenda.

Anjos acham-se hoje a refrear os ventos das contendas, para que não soprem antes que o mundo haja sido avisado de sua condenação vindoura; mas está-se formando uma tempestade, prestes a irromper sobre a Terra; e, quando Deus ordenar a Seus anjos que soltem os ventos, haverá uma cena de lutas que nenhuma pena poderá descrever. [180]

A Bíblia, e a Bíblia só, dá-nos uma perspectiva correta destas coisas. Ali estão reveladas as grandes cenas finais da história de nosso mundo, acontecimentos que já estão projetando suas sombras diante de si, fazendo o ruído de sua aproximação com que a Terra trema e o coração dos homens desmaie de temor.

"Eis que o Senhor esvazia a Terra, e a desola, e transtorna a sua superfície, e dispersa os seus moradores, ... porquanto transgridem as leis, mudam os estatutos, e quebram a aliança eterna. Por isso a maldição consome a Terra, e os que habitam nela serão desolados. ... Cessou o folguedo dos tamboris, acabou o ruído dos que pulam de prazer, e descansou a alegria da harpa." Isaías 24:1, 5, 8.

"Ah! aquele dia! porque o dia do Senhor está perto, e virá como uma assolação do Todo-poderoso. ... A semente apodreceu debaixo dos seus torrões, os celeiros foram assolados, os armazéns derribados, porque se secou o trigo. Como geme o gado! As manadas de vacas estão confusas, porque não têm pasto; também os rebanhos de ovelhas são destruídos." "A vide se secou, a figueira se murchou; a romeira também, e a palmeira e a macieira; todas as árvores do

campo se secaram, e a alegria se secou entre os filhos dos homens.” Joel 1:15, 17, 18, 12.

“Estou ferido no meu coração!... Não me posso calar, porque [181] tu, ó minha alma, ouviste o som da trombeta e o alarido da guerra. Quebranto sobre quebranto se apregoa; porque já toda a Terra está destruída.”

“Observei a Terra, e eis que estava assolada e vazia; e os céus, e não tinham a sua luz. Observei os montes, e eis que estavam tremendo; e todos os outeiros estremeciam. Observei e vi que homem nenhum havia e que todas as aves do céu tinham fugido. Vi também que a terra fértil era um deserto, e que todas as suas cidades estavam derribadas.” Jeremias 4:19, 20, 23-26.

“Ah! porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante! e é tempo de angústia para Jacó; ele porém será livrado dela.” Jeremias 30:7.

“Vai pois, povo Meu, entra nos teus quartos, e fecha as tuas portas sobre ti; esconde-te só por um momento, até que passe a ira.” Isaías 26:20.

“Porque Tu, ó Senhor, és o meu refúgio!
O Altíssimo é a tua habitação.
Nenhum mal te sucederá,
Nem praga alguma chegará à tua tenda.”

Salmos 91:9, 10.

“O Deus poderoso, o Senhor, falou
E chamou a Terra desde o nascimento do Sol até ao seu ocaso.
Desde Sião, a perfeição da formosura, resplandeceu Deus.
Virá o nosso Deus, e não Se calará.”

“Chamará os céus, do alto,
E a terra, para julgar o Seu povo. ...
E os céus anunciarão a Sua justiça,
Pois Deus mesmo é o juiz.”

Salmos 50:1-3, 4, 6.

"Ó filha de Sião,... te remirá o Senhor da mão de teus inimigos. Agora se congregaram muitas nações contra ti, que dizem: e os nossos olhos verão seus desejos sobre Sião. Mas não sabem os pensamentos do Senhor nem entendem o Seu conselho." "Pois te [182] chamam a enjeitada, dizendo: É Sião, por que ninguém já pergunta." "Acabarei o cativeiro das tendas de Jacó, e apiedar-Meei das suas moradas." Miquéias 4:10-12; Jeremias 30:17, 18.

"E naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus,
A quem aguardávamos, e Ele nos salvará;
Este é o Senhor, a quem aguardávamos;
Na Sua salvação gozaremos e nos alegraremos."

"Aniquilará a morte para sempre,... e tirará o opróbrio do Seu povo de toda a Terra; porque o Senhor o disse." Isaías 25:9, 8.

"Olha para Sião, a cidade das nossas solenidades; os teus olhos verão a Jerusalém, habitação quieta, tenda que não será derribada. ... Porque o Senhor é o nosso Juiz; o Senhor é o nosso Legislador; o Senhor é o nosso Rei." Isaías 33:20, 22.

"Julgará com justiça os pobres, e repreenderá com eqüidade os mansos da Terra." Isaías 11:4.

Então se cumprirá o propósito de Deus; os princípios do Seu reino serão honrados por todos debaixo do Sol.

"Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra,
De desolação ou destruição nos teus termos;
Mas aos teus muros chamarás salvação,
E às tuas portas louvor."

"Com justiça serás confirmada;
Estarás longe da opressão, porque já não temerás;
E também do espanto, porque não chegará a ti."

Isaías 60:18; 54:14.

[183]

Os profetas a quem foram reveladas estas grandes cenas, anelavam compreender sua significação. Eles "inquiriram e trataram diligentemente,... indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava. ... Aos quais foi

revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam estas coisas que agora vos foram anunciadas;... para as quais coisas os anjos desejam bem atentar”. 1 Pedro 1:10-12.

A nós, que nos achamos nas vésperas do seu cumprimento, de quão profunda importância, de quão vívido interesse, são estes delineamentos de coisas vindouras — fatos pelos quais, desde que nossos primeiros pais se retiraram do Éden, têm os filhos de Deus vigiado e esperado, ansiado e orado!

Nesta época, anterior à grande crise final, assim como foi antes da primeira destruição do mundo, acham-se os homens absortos nos prazeres e satisfação dos sentidos. Embebidos com o visível e transitório, perderam de vista o invisível e eterno. Estão sacrificando riquezas imperecíveis pelas coisas que perecem com o uso. Sua mente precisa ser erguida, e alargada a sua visão acerca da vida. Precisam levantar-se da letargia de sonhos mundanos.

Pelo levantamento e queda de nações, como se acha explicado nas páginas das Escrituras Sagradas, necessitam aprender quão sem valor são a simples aparência e a glória do mundo. Babilônia, com todo o seu poder e magnificência, quais desde então o mundo não mais viu — poder e magnificência que ao povo daquela época pareciam estáveis e duradouros — quão completamente passou ela! Como a “flor da erva”, ela pereceu. Assim perece tudo que não tem a Deus como seu fundamento. Apenas o que se liga ao Seu propósito e exprime Seu caráter, permanecerá. Seus princípios são as únicas coisas firmes que o mundo conhece. [184]

São estas grandes verdades que velhos e jovens necessitam aprender. Precisamos estudar a realização dos propósitos de Deus na história das nações e na revelação de coisas vindouras, para que possamos estimar em seu verdadeiro valor as coisas visíveis e as invisíveis; para que possamos aprender qual é o verdadeiro objetivo da vida; para que, encarando as coisas temporais à luz da eternidade, possamos delas fazer o mais verdadeiro e nobre uso. Destarte, aprendendo aqui os princípios de Seu reino e tornando-nos Seus súditos e cidadãos, poderemos, por ocasião de Sua vinda, estar preparados para entrar com Ele na posse desse reino.

O dia está às portas. Para a lição a ser aprendida, para a obra a ser feita, para a transformação do caráter a realizar-se, o tempo que resta não é senão um brevíssimo lapso.

"Eis que os da casa de Israel dizem: A visão que este vê é para muitos dias, e ele profetiza de tempos que estão longe. Portanto dize-lhes: Assim diz o Senhor Jeová: Não será mais diferida nenhuma das Minhas palavras; e a palavra que falei se cumprirá, diz o Senhor Jeová." Ezequiel 12:27, 28. [185]

## Capítulo 20 — Ensino e estudo da Bíblia

*"Para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido; e como a tesouros escondidos a procurares."*

Jesus estudou as Escrituras na meninice, na mocidade e na varonilidade. Como criança, aos joelhos de Sua mãe, do rolo dos profetas recebia diariamente instruções. Em Sua juventude, a madrugada e o crepúsculo vespertino muitas vezes O encontravam sozinho ao lado da montanha ou entre as árvores da floresta, passando uma hora silenciosa de oração e estudo da Palavra de Deus. Durante Seu ministério, a grande familiaridade com as Escrituras testifica de Sua diligência no estudo da mesma. E visto que Ele adquiriu conhecimento como nós o podemos também, Seu maravilhoso poder, não somente mental mas também espiritual, é um testemunho do valor da Bíblia como meio de educação.

Nosso Pai celestial, ao dar Sua Palavra, não deixou despercebidas as crianças. Onde é que, dentre tudo que os homens hajam escrito, se poderá encontrar algo que tenha tal influência sobre o coração das crianças, algo tão bem adaptado para despertar o interesse delas, como sejam as histórias da Bíblia?

Nestas singelas histórias podem-se esclarecer os grandes princípios da lei de Deus. Assim, por meio das ilustrações mais bem adaptadas à compreensão da criança, pais e professores podem começar muito cedo a cumprir a ordem do Senhor relativa aos Seus [186] preceitos [ou palavras]: "E as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te." Deuteronômio 6:7.

O uso de comparações, quadros-negros, mapas e gravuras, será de auxílio na explicação destas lições e na fixação das mesmas na memória. Pais e professores devem constantemente procurar métodos aperfeiçoados. O ensino da Bíblia deve ter os nossos mais espontâneos pensamentos, nossos melhores métodos, e o nosso mais fervoroso esforço.

Para que se desperte e fortaleça o amor ao estudo da Bíblia, muito depende do uso feito da hora de culto. As horas do culto matutino e vespertino devem ser as mais agradáveis e auxiliadoras do dia. Compreenda-se que nestas horas nenhum pensamento perturbador ou mau se deve intrometer; que pais e filhos se reúnam a fim de se encontrarem com Jesus, e convidar ao lar a presença dos santos anjos. Seja o culto breve e cheio de vida, adaptado à ocasião, e variado de tempo em tempo. Tomem todos parte na leitura da Bíblia, e aprendam e repitam muitas vezes a lei de Deus. Contribuirá para maior interesse das crianças ser-lhes algumas vezes permitido escolher o trecho a ser lido. Interroguem-nas a respeito do mesmo, e permitam que façam perguntas. Mencionem qualquer coisa que sirva para ilustrar o sentido. Se o culto não se tornar demasiado longo, façam com que os pequeninos tomem parte na oração e unam-se eles ao canto, ainda que seja uma única estrofe.

Para se fazer com que este culto seja como deve ser, é necessário que pensemos previamente na sua preparação. Os pais devem tomar tempo diariamente para o estudo da Bíblia com seus filhos. Não há dúvida de que isto exigirá esforço e a organização de um plano para tal, bem como algum sacrifício para o realizar; o esforço, porém, será ricamente recompensado. [187]

Como preparo para o ensino de Seus preceitos, Deus ordena que sejam eles escondidos no coração dos pais. "E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração", diz Ele; "e as intimarás a teus filhos." Deuteronômio 6:6, 7. A fim de que interessemos nossos filhos na Bíblia, nós mesmos devemos estar interessados nela. Para despertarmos neles amor ao seu estudo, devemos amá-la. A instrução que lhes damos terá apenas a importância da influência que lhe emprestarmos pelo nosso próprio exemplo e espírito.

Deus chamou Abraão para ser ensinador de Sua palavra, e escolheu-o para pai de uma grande nação, porque viu que instruiria aos filhos e à sua casa, nos princípios da Sua lei. E aquilo que dava poder ao ensino de Abraão, era a influência de sua própria vida. Sua grande casa consistia em mais de mil almas, muitas das quais chefes de famílias, e não poucos recém-conversos do paganismo. Tal casa exigia mão firme ao leme. Não seria suficiente nenhum método fraco e vacilante. A respeito de Abraão, disse Deus: "Eu o tenho conhecido, que ele há de ordenar a seus filhos e a sua casa

depois dele". Gênesis 18:19. Contudo exercia sua autoridade com tal sabedoria e ternura que conquistava os corações. O testemunho do Vigia divino é, que guardavam "o caminho do Senhor, para obrarem com justiça e juízo". Gênesis 18:19. E a influência de Abraão estendeu-se além de sua própria casa. Onde quer que erigisse a sua tenda, levantava ao lado o altar para o sacrifício e culto. Quando se removia a tenda, o altar ficava; e mais de um cananeu errante, cujo conhecimento de Deus fora adquirido mediante a vida de Seu servo Abraão, detinha-se naquele altar para oferecer sacrifício a Jeová.

[188] Não menos eficiente será hoje o ensino da Palavra de Deus, se encontrar um reflexo assim tão fiel na vida do ensinador.

Não basta sabermos o que outros têm pensado ou aprendido acerca da Bíblia. Cada qual deve no juízo dar conta de si mesmo a Deus, e deve hoje aprender por si mesmo o que é a verdade. Mas, para conseguir estudo eficiente, deve-se obter o interesse do aluno. Especialmente para o que tem de lidar com crianças e jovens que diferem grandemente na disposição, educação, hábitos de pensar, esta é uma questão que não se deve perder de vista. Ao ensinar a Bíblia às crianças, podemos conseguir muito observando a propensão de seu espírito, as coisas pelas quais se interessam, e despertando-lhes o interesse para verem o que diz a Bíblia a respeito dessas coisas. Aquele que nos criou com nossas várias aptidões, deu em Sua Palavra alguma coisa a cada um. Vendo os alunos que as lições da Bíblia se aplicam à sua própria vida, ensine-os a considerá-la como um conselheiro.

Auxiliem-nos também a apreciar sua maravilhosa beleza. Muitos livros de nenhum valor real, e livros que são excitantes e perversores, são recomendados ou quando menos, permitidos à leitura, por causa de seu suposto valor literário. Por que haveríamos de encaminhar nossos filhos a beberem destas correntes poluídas, quando podem ter franco acesso às puras fontes da Palavra de Deus? A Bíblia tem uma inesgotável plenitude, força e profundidade de sentido. Animem as crianças e os jovens a descobrirem seus tesouros, tanto de pensamentos como de expressões.

Ao atrair seu espírito à beleza destas coisas preciosas, tocará seu coração um poder que enternece e subjuga. Serão levados Àquele que assim se lhes revelou. E poucos há que não desejarão conhecer [189] mais acerca de Suas obras e caminhos.

O estudante da Bíblia deve ser ensinado a aproximar-se desta no espírito de quem quer aprender. Devemos pesquisar suas páginas, não à busca de provas com que manter nossas opiniões, mas com o fim de saber o que Deus diz.

Um verdadeiro conhecimento da Bíblia só se pode obter pelo auxílio daquele Espírito pelo qual a Palavra foi dada. E a fim de obtermos este conhecimento, devemos viver por ele. A tudo que a Palavra de Deus ordena, devemos obedecer. Tudo que ela promete, podemos reclamar. A vida que ela recomenda, é a que pelo seu poder devemos viver. Unicamente quando a Bíblia é tida em tal consideração, poderá ela ser estudada eficientemente.

O estudo da Bíblia exige o nosso mais diligente esforço e constante pensamento. Com o mesmo ardor e persistência com que o mineiro cava para obter o áureo tesouro da terra, devemos procurar o tesouro da Palavra de Deus.

No estudo diário o método de estudar versículo por versículo é muitas vezes o mais eficaz. Tome o estudante um versículo, e concentre o espírito em descobrir o pensamento que Deus ali pôs para ele, e então se demore nesse pensamento até que se torne seu também. Uma passagem estudada assim até que sua significação esteja clara, é de mais valor do que o manuseio de muitos capítulos sem nenhum propósito definido em vista, e sem nenhuma instrução positiva obtida.

Uma das principais causas de ineficiência mental e fraqueza moral, é a falta de concentração para fins dignos. Orgulhamo-nos da vasta difusão de literatura; mas a multiplicação de livros, até os que em si mesmos não são perniciosos, pode ser um positivo mal. Com a imensa maré de material impresso a derramar-se constantemente do prelo, velhos e jovens formam o hábito da leitura apressada e superficial, e a mente perde a sua capacidade para um pensamento contínuo e vigoroso. Ademais, uma participação abundante das revistas e [190] livros que, à semelhança das rãs do Egito, se estão espalhando pela Terra, não é meramente coisa banal, ociosa e enervante, mas impura e degradante. Seu efeito não consiste simplesmente em envenenar e arruinar o espírito, mas também em corromper e destruir a alma. O espírito e o coração indolentes e sem objetivos, são fácil presa do mal. É nos organismos doentios e sem vida, que medra o fungo. É a mente ociosa que é a oficina de Satanás. Dirija-se a mente para os

altos e santos ideais, tenha a vida um objetivo nobre, um propósito absorvente, e o mal encontrará pouco terreno.

Ensine-se, pois, à juventude a fazer meticuloso estudo da Palavra de Deus. Recebida na alma, mostrar-se-á ser a mesma uma poderosa barreira contra a tentação. "Escondi a Tua palavra em meu coração", diz o salmista, "para eu não pecar contra Ti." "Pela palavra dos Teus lábios me guardei das veredas do destruidor." Salmos 119:11; 17:4.

A Bíblia explica-se por si mesma. Textos devem ser comparados com textos. O estudante deve aprender a ver a Palavra como um todo, e bem assim a relação de suas partes. Deve obter conhecimento de seu grandioso tema central, do propósito original de Deus em relação a este mundo, da origem do grande conflito, e da obra da redenção. Deve compreender a natureza dos dois princípios que contendem pela supremacia, e aprender a delinear sua operação através dos relatos da História e da profecia, até à grande consumação. Deve enxergar como este conflito penetra em todos os aspectos da experiência humana; como em cada ato de sua vida ele próprio revela um ou outro daqueles dois princípios antagônicos; e como, quer queira quer não, ele está mesmo agora a decidir de que lado do conflito estará. [191]

Toda e qualquer parte da Bíblia foi dada pela inspiração de Deus, e é proveitosa. O Antigo Testamento deve receber não menos atenção do que o Novo. Estudando o Antigo Testamento encontraremos fontes vivas a borbulhar onde o descuidado leitor apenas avista um deserto.

O livro do Apocalipse, em conexão com o de Daniel, exige especial estudo. Todo professor temente a Deus considere como da maneira mais clara compreender e apresentar o evangelho que nosso Salvador veio em pessoa tornar conhecido a Seu servo João — "Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus Lhe deu, para mostrar a Seus servos as coisas que brevemente devem acontecer". Apocalipse 1:1. Ninguém deve desanimar no estudo do Apocalipse por causa de seus símbolos aparentemente místicos. "Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto." Tiago 1:5.

"Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo." Apocalipse 1:3.

Quando se desperta um verdadeiro amor para com a Bíblia, e o estudante começa a compreender quão vasto é o campo e quão precioso seu tesouro, ele desejará aproveitar toda oportunidade para se familiarizar com a Palavra de Deus. Seu estudo não se limitará a nenhum tempo e lugar especiais. E este estudo contínuo é um dos melhores meios de cultivar o amor para com as Escrituras. Conserve o estudante a Bíblia sempre consigo. Tendo oportunidade, leiam um texto e meditem nele. Enquanto vão pelas ruas, ou esperam na estação da estrada de ferro, ou esperam um encontro, aproveitem a oportunidade para obter algum pensamento precioso extraído do tesouro da verdade. [192]

As grandes forças incentivas da alma são a fé, a esperança e a caridade; é para estas que apela o estudo da Bíblia, bem dirigido. A beleza exterior da Bíblia, a beleza das imagens e expressões, não é, por assim dizer, senão o encaixe de seu tesouro real — a beleza da santidade. No relato que apresenta de homens que andaram com Deus, podemos apanhar os lampejos de Sua glória. NAquele que é "totalmente desejável" contemplamos o Ser de quem toda a beleza na Terra e no céu é apenas um pálido reflexo. "E Eu", disse Ele, "quando for levantado da Terra, todos atrairei a Mim." João 12:32. Contemplando o estudante da Bíblia ao Redentor, desperta-se-lhe na alma o misterioso poder da fé, adoração e amor. O olhar fixa-se na visão de Cristo, e o que assim contempla cresce na semelhança dAquele a quem adora. As palavras do apóstolo Paulo tornam-se-lhe a linguagem da alma. "Tenho... por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; ... para conhecê-Lo, e à virtude da Sua ressurreição, e à comunicação de Suas aflições." Filipenses 3:8, 10.

As fontes de paz e alegria celestiais, descerradas na alma pela Palavra da Inspiração, tornar-se-ão um poderoso rio de influência para abençoar a todos os que vêm a ficar ao seu alcance. Que a juventude de hoje, essa que cresce com a Bíblia na mão, se torne receptáculo e condutor de sua energia vivificadora; e que torrentes de bênçãos não fluirão sobre o mundo! — influências estas cujo poder de curar e confortar mal podemos imaginar — sim, rios de águas vivas, fontes saltando "para a vida eterna". [193]

# Cultura física

[194]

*"Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai à tua alma."*

[195]

# Capítulo 21 — Estudo de fisiologia

*"De um modo terrível, e tão maravilhoso fui formado."*

Desde que o espírito e a alma encontram expressão mediante o corpo, tanto o vigor mental como o espiritual dependem em grande parte da força e atividade física. O que quer que promova a saúde física, promoverá o desenvolvimento de um espírito robusto e um caráter bem equilibrado. Sem saúde ninguém pode compreender distintamente suas obrigações, ou completamente cumpri-las para consigo mesmo, seus semelhantes ou seu Criador. Portanto, a saúde deve ser tão fielmente conservada como o caráter. Um conhecimento de fisiologia e higiene deve ser a base de todo esforço educativo.

Apesar de serem hoje os fatos da fisiologia tão geralmente compreendidos, há uma indiferença alarmante em relação aos princípios da saúde. Mesmo dentre os que conhecem estes princípios, poucos há que os ponham em prática. Seguem a inclinação ou o impulso tão cegamente, como se a vida fosse dirigida por mero acaso em vez de o ser por leis definidas e invariáveis.

A mocidade, no frescor e vigor da vida, pouco se compenetra do valor de sua abundante energia. Tesouro mais precioso do que o ouro, mais essencial para o progresso do que a erudição, posição social ou riquezas, em quão pouca conta é ela tida! Quão temerariamente é dissipada! Quantos homens, sacrificando a saúde na luta [196] pelas riquezas ou poderio, têm quase atingido o objeto de seu desejo, apenas para cair inertes, enquanto outro, possuindo resistência física superior, se apodera da recompensa há tanto tempo almejada! Mediante condições mórbidas, resultantes da negligência das leis da saúde, quantos têm sido levados a práticas ruins, com sacrifício de toda a esperança para este mundo e o próximo!

No estudo da fisiologia, os alunos devem ser levados a ver o valor da energia física, e como pode ela ser preservada e desenvolvida de modo a contribuir no mais alto ponto para o sucesso na grande luta da vida.

Às crianças devem ser ensinados, já em pequeninas, os rudimentos de fisiologia e higiene, por meio de lições simples e fáceis. E este trabalho deve ser iniciado pela mãe em casa, e fielmente continuado na escola. À medida em que os alunos avançam em idade, deve-se continuar a instrução neste sentido, até que estejam habilitados a cuidar da casa em que vivem. Devem compreender a importância de se prevenirem contra as moléstias pela preservação do vigor de cada órgão, e importa que sejam instruídos na maneira de tratar as moléstias e acidentes comuns. Toda escola deve ministrar instrução tanto em fisiologia como em higiene, e tanto quanto possível ser provida de facilidades para ilustrar a estrutura, o uso e cuidado do corpo.

Há assuntos usualmente não incluídos no estudo da fisiologia que deveriam ser considerados, assuntos de muito mais valor para o estudante do que são muitas minúcias técnicas geralmente ensinadas nesta matéria. Como princípio fundamental de toda a educação neste assunto, deve-se ensinar à juventude que as leis da Natureza são as leis de Deus, verdadeiramente tão divinas como os preceitos do Decálogo. As leis que governam o nosso organismo físico, Deus as escreveu sobre cada nervo, músculo ou fibra do corpo. Cada violação [197] descuidada ou negligente destas leis constitui um pecado contra o nosso Criador.

Quão necessário é, pois, transmitir um completo conhecimento destas leis! Os princípios de saúde no que se aplicam ao regime alimentar, exercício, cuidado das crianças, tratamento dos doentes, e muitas outras coisas semelhantes, devem receber muito mais atenção do que comumente se lhes dá.

Cumpre que se dê ênfase à influência do espírito sobre o corpo, como à deste sobre aquele. A energia elétrica do cérebro, suscitada pela atividade mental, vivifica o organismo todo, e assim é de inestimável auxílio na resistência à moléstia. Isto deve ficar esclarecido. A força de vontade e a importância do domínio próprio, tanto na preservação como na reaquisição da saúde; o efeito deprimente e mesmo ruinoso da ira, descontentamento, egoísmo, impureza; e de outro lado, o maravilhoso poder vivificante que se encontra em um bom ânimo, altruísmo, gratidão — também devem ser apresentados.

Há nas Escrituras uma verdade fisiológica, verdade esta que precisamos considerar: “O coração alegre serve de bom remédio.”

“O teu coração guarde os Meus mandamentos”, diz Deus, “porque eles aumentarão os teus dias, e te acrescentarão anos de vida e paz.” “São vida para os que as acham, e saúde para o seu corpo.” “As palavras suaves”, dizem as Escrituras serem não somente favos de mel “para a alma”, mas “saúde para os ossos.” Provérbios 17:22; 3:1, 2; 4:22; 16:24.

Os jovens necessitam compreender a profunda verdade que constitui a base da declaração bíblica de que em Deus está “o manancial da vida”. Salmos 36:9. Não somente é Ele o originador de todas as coisas, mas é a vida de tudo que vive. É Sua vida que recebemos [198] na luz solar, no ar puro e agradável, no alimento que constrói nosso corpo e nos sustenta a força. É pela Sua vida que existimos, hora após hora, momento após momento. A menos que estejam pervertidos pelo pecado, todos os Seus dons tendem a dar vida, saúde e alegria.

“Tudo fez formoso em seu tempo” (Eclesiastes 3:11); e a verdadeira formosura se consegue, não deslustrando a obra de Deus, mas ficando em harmonia com as leis dAquele que criou todas as coisas e que tem prazer em sua formosura e perfeição.

Ao ser estudado o mecanismo do corpo, deve dirigir-se a atenção para a sua maravilhosa adaptação dos meios aos fins, para a ação harmoniosa e dependência dos vários órgãos. Despertando-se desta maneira o interesse do estudante, e sendo ele levado a ver a importância da cultura física, muito poderá ser feito pelo professor para conseguir o desenvolvimento conveniente e hábitos corretos.

Entre as primeiras coisas que se devem ter em vista, figura a posição correta, tanto estando sentados como de pé. Deus fez o homem ereto, e deseja que ele possua não somente o benefício físico, mas também o mental e moral, a graça, dignidade, compostura, ânimo e confiança em si, que uma atitude ereta em tão grande maneira tende a promover. Dê o professor instruções neste ponto pelo exemplo e por preceitos. Mostre o que é uma posição correta, e insista em que ela seja mantida.

A seguir em importância à posição correta estão a respiração e a cultura vocal. Aquele que senta ou fica em pé, com o corpo direito, está em melhor condição do que outros, para respirar convenientemente. O professor deve impressionar seus alunos com a importância da respiração profunda. Mostre como a salutar ação dos

órgãos respiratórios, auxiliando a circulação do sangue, revigoram o organismo todo, estimula o apetite, promove a digestão, e leva a [199] conciliar um sono profundo e agradável, desta maneira não somente refrigerando o corpo, mas também acalmando e tranqüilizando o espírito. E ao ser apresentada a importância da respiração profunda, deve insistir-se na prática. Dêem-se exercícios que a promovam e cuide-se de que fique estabelecido o hábito.

A educação da voz ocupa lugar importante na cultura física, visto que ela tende a expandir e fortalecer os pulmões, e desta maneira afastar as moléstias. Para se conseguir correta expressão na leitura e na fala, faça-se com que os músculos abdominais desempenhem papel amplo na respiração, e que os órgãos respiratórios não fiquem comprimidos. Que a tensão sobrevenha aos músculos do abdômen, em vez de aos da garganta. Grande cansaço e séria enfermidade da garganta e pulmões podem-se assim evitar. Deve prestar-se cuidadosa atenção para se obter uma articulação distinta, sons macios e bem modulados, e uma enunciação não demasiado rápida. Isto não somente promoverá saúde, mas aumentará grandemente a suavidade e eficiência do trabalho do estudante.

Ao ensinar estas coisas, uma áurea oportunidade se nos oferece para mostrarmos a loucura e iniquidade dos coletes apertados, e de toda e qualquer prática que restrinja a ação vital. Um séquito quase infindável de moléstias resulta dos modos não saudáveis do vestir; deve dar-se cuidadosa instrução sobre tal ponto. Impressione as alunas com o perigo de permitir que as vestes pesem sobre os quadris ou comprimam qualquer órgão do corpo. O vestuário deve ser arranjado de tal maneira que se possa tomar ampla respiração, e os braços possam ser levantados sem dificuldades acima da cabeça. A compressão dos pulmões não somente impede o seu desenvolvimento, mas embaraça as funções da digestão e circulação, e assim debilita o corpo todo. Todas as práticas tais diminuem a capacidade [200] física assim como a intelectual, estorvando destarte o progresso do estudante e impedindo muitas vezes o seu êxito.

No estudo da higiene o professor ardoroso aproveitará todas as oportunidades para mostrar a necessidade de perfeito asseio tanto nos hábitos pessoais como no ambiente. Deve ser encarecido o valor do banho diário para promover a saúde e estimular a ação mental. Deve-se também conceder atenção à luz solar e à ventilação, à higiene do

quarto de dormir e da cozinha. Ensine aos alunos que um quarto de dormir saudável, uma cozinha perfeitamente limpa, uma mesa arranjada com gosto e suprida de alimentos saudáveis, farão mais no sentido de conseguir a felicidade da família e a consideração de todo visitante sensato, do que o faria qualquer porção de mobília dispendiosa na sala de visitas. Que "mais é a vida do que o sustento, e o corpo mais do que o vestido" (Lucas 12:23) — é uma lição não menos necessitada hoje do que quando foi dada pelo divino Mestre, há mil e oitocentos anos.

Ao estudante de fisiologia deve ser ensinado que o objeto de seu estudo não é simplesmente obter conhecimento de fatos e princípios. Isto, só, se mostrará de pouco valor. Ele pode compreender a importância da ventilação; seu quarto poderá estar suprido de ar puro; mas, a menos que ele encha devidamente os pulmões, sofrerá os resultados da respiração imperfeita. Assim, a necessidade do asseio pode ser compreendida, e supridos os meios necessários; mas, a menos que sejam postos em uso, tudo será sem valor. O grande requisito, ao ensinar tais princípios, consiste em impressionar o aluno com sua importância de maneira que ele conscienciosamente os ponha em prática.

Mediante uma belíssima e impressionante figura, a Palavra de Deus mostra a consideração em que Ele tem nosso organismo físico, [201] e a responsabilidade que repousa sobre nós, de preservá-lo na melhor condição: "Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?" "Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo." 1 Coríntios 6:19; 3:17.

Sejam os alunos impressionados com o conceito de que o corpo é um templo em que Deus deseja habitar; que deve ser conservado puro, como a habitação de pensamentos elevados e nobres. Vendo eles pelo estudo da fisiologia que na verdade são formados "de um modo terrível, e tão maravilhoso" (Salmos 139:14), ser-lhes-á inspirada reverência. Em vez de desmerecer a obra de Deus, terão o desejo de fazer tudo que lhes é possível a fim de cumprir o plano glorioso do Criador. E assim virão a considerar a obediência às leis de saúde não como uma questão de sacrifício ou negação de si mesmos, [202] mas, como realmente é, um privilégio e bênçãos inestimáveis.

## Capítulo 22 — Temperança e dietética

*“E todo aquele que luta de tudo se abstém.”*

Todo estudante precisa compreender a relação entre a maneira simples de viver e a norma elevada no pensar. Depende de nós individualmente decidir se nossa vida será dirigida pelo espírito ou pelo corpo. Deve o jovem, por si mesmo, fazer a escolha que moldará a sua vida; e não se deve poupar esforços para levá-los a compreender as forças com que têm de tratar, e as influências que moldam o caráter e o destino.

A intemperança é um inimigo contra o qual todos necessitam estar de sobreaviso. O rápido aumento deste terrível mal deve incitar a uma luta contra ele todo que ama seu semelhante. O costume de se ministrarem instruções sobre temperança nas escolas, é um movimento feito na direção exata. Devem ministrar-se instruções neste sentido em toda escola e em todo lar. Os jovens e as crianças devem compreender o efeito do álcool, do fumo, e outros venenos semelhantes, em alquebrar o corpo, obscurecer a mente e tornar sensual a alma. Deve-se explicar que qualquer que use estas coisas não pode por muito tempo possuir toda a força de suas faculdades físicas, mentais e morais.

Mas, a fim de atingirmos a raiz da intemperança, devemos ir mais fundo do que o uso do álcool e do fumo. A preguiça, a falta de um objetivo ou as más companhias, podem ser a causa predisponente. [203] Muitas vezes ela se encontra à mesa de jantar, nas famílias que se têm na conta de estritamente temperantes. Qualquer coisa que perturbe a digestão, que ocasione uma indevida excitação mental, ou de qualquer maneira enfraqueça o organismo, alterando o equilíbrio das faculdades mentais e físicas, debilita o domínio do espírito sobre o corpo, e assim propende para a intemperança. A queda de muito jovem promissor pode ser atribuída a apetites extravagantes criados por um regime inadequado.

O chá, o café, os condimentos, os doces, as pastelarias, todos constituem causas ativas de perturbações da digestão. O alimento cárneo também é prejudicial. Seu efeito, por natureza estimulante, deveria ser argumento suficiente contra o seu uso, e o estado doentio quase geral entre os animais torna-o duplamente objetável. Tende a irritar os nervos e excitar as paixões, fazendo assim com que a balança das faculdades penda para o lado das propensões baixas.

Aqueles que se acostumam com um regime abundante e estimulante, verão depois de algum tempo que o estômago não se satisfaz com alimentos simples. Exige o que seja mais e mais condimentado, picante e estimulante. Tornando-se os nervos desordenados e enfraquecido o organismo, a vontade parece impotente para resistir ao apetite depravado. O delicado revestimento do estômago fica irritado e inflamado a ponto de deixar de dar satisfação o alimento mais estimulante. Cria-se uma sede que nada poderá acalmar a não ser a bebida forte.

É contra o começo do mal que nos devemos guardar. Na instrução da juventude, deve explicar-se bem o efeito dos desvios aparentemente pequenos daquilo que é reto. Ensine-se ao estudante o valor de um regime simples, saudável, para que se evite o desejo de [204] estimulantes antinaturais. Estabeleça-se, cedo na vida, o hábito do domínio próprio. Que se impressionem os jovens com o pensamento de que devem ser senhores e não escravos. Deus os fez governadores do reino que há dentro deles, e devem exercer sua realeza ordenada pelo Céu. Quando é fielmente dada tal instrução, os resultados se estenderão muito além dos próprios jovens. Irradiarão influências que irão salvar milhares de homens e mulheres que se acham nas próprias bordas da ruína.

### A alimentação e o desenvolvimento mental

À relação do regime alimentar com o desenvolvimento intelectual deve dar-se muito mais atenção do que tem recebido. A confusão e sonolência mentais são muitas vezes o resultado de erros no regime.

Insiste-se freqüentemente que, na escolha do alimento, o apetite é um guia seguro. Se as leis de saúde tivessem sempre sido obedecidas, isto seria verdade. Mas, em virtude de maus hábitos, continuados de

geração em geração, o apetite se tornou tão pervertido que sempre está a desejar ansiosamente alguma condescendência prejudicial. Não se pode agora confiar nele como um guia.

No estudo dos princípios de saúde deve ensinar-se aos alunos o valor nutritivo dos vários alimentos. Cumpre explicar o efeito de um regime concentrado e estimulante, e também de alimentos deficientes nos elementos de nutrição. Chá e café, pão branco, conservas, hortaliças de qualidade inferior, doces, condimentos e pastelarias deixam de suprir a nutrição conveniente. Muito estudante tem fracassado como resultado de usar tais alimentos. Muita criança débil, incapaz de um vigoroso esforço mental ou corporal, é vítima de um regime pobre. Cereais, frutas, nozes e hortaliças, combinados convenientemente, contêm todos os elementos da nutrição; e quando [205] devidamente preparados, constituem o regime que melhor promove tanto a força física, como a mental.

Há necessidade de considerar não somente as propriedades do alimento, mas sua adaptação àquele que o come. Muitas vezes o alimento que poder ser comido livremente por pessoas empenhadas em trabalho físico, deve ser evitado por aquelas cujo trabalho é especialmente mental. Deve-se também dar atenção à conveniente combinação dos alimentos. Poucas variedades devem ser tomadas em cada refeição por aqueles que têm trabalho intelectual ou outros quaisquer de carreiras sedentárias.

Devemos estar de sobreaviso contra o comer demais, ainda que sejam os alimentos mais saudáveis. A natureza não pode usar mais do que requer para a formação dos vários órgãos do corpo, e o excesso embaraça o organismo. Tem-se suposto haver muito estudante fracassado em virtude do estudo demasiado, quando a causa real foi o comer em demasia. Enquanto for dada a devida atenção às leis da saúde, pouco perigo haverá de excesso mental; porém, em muitos casos do que se chama deficiência mental, é a sobrecarga do estômago que fatiga o corpo e debilita o espírito.

Na maioria dos casos duas refeições ao dia são preferíveis a três. O jantar, quando muito cedo, incompatibiliza-se com a digestão da refeição prévia. Sendo mais tarde, não é digerido antes da hora de deitar. Assim o estômago deixa de conseguir o devido repouso. O sono é perturbado, cansam-se o cérebro e os nervos, é prejudicado o

apetite para a refeição matutina, o organismo todo não se restaura, e não estará preparado para os deveres do dia.

A importância da regularidade no tempo de comer e dormir não deve passar despercebida. Desde que o trabalho da construção do corpo ocorre durante as horas do descanso, é essencial, especialmente na juventude, que o sono seja regular e abundante. [206]

Tanto quanto possível devemos evitar o comer precipitadamente. Quanto mais curto for o tempo para a refeição, tanto menos se deve comer. É melhor omitir uma refeição do que comer sem a devida mastigação.

A hora da refeição deve ser uma oportunidade para comunhão e refrigério social. Tudo que possa acabrunhar ou irritar deve ser banido. Acariciem-se pensamentos de confiança, afabilidade, gratidão para com o Doador de todo o bem, e a conversa será animada, será uma torrente deleitável de idéias que nos reerguerá sem que nos canse.

A observância da temperança e regularidade em todas as coisas tem um poder maravilhoso. Fará mais do que as circunstâncias ou os dotes naturais para promover aquela doçura e serenidade de disposição que tanto têm que ver com o suavizar do caminho da vida. Ao mesmo tempo o poder do domínio próprio assim adquirido demonstrar-se-á um dos mais valiosos aparelhamentos para lutarmos com êxito no campo dos árduos deveres e realidades que esperam a cada ser humano.

Os "caminhos" da Sabedoria "são caminhos de delícias, e todas as suas veredas paz". Provérbios 3:17. Que cada jovem em nosso país, com as possibilidades que há diante dele para um destino mais elevado do que o de reis coroados, que cada jovem pondere a lição transmitida pelas palavras do sábio: "Bem-aventurada tu, ó terra,... cujos príncipes comem a tempo, para refazerem as forças, e não para bebedice." Eclesiastes 10:17. [207]

# Capítulo 23 — Recreação

*"Tudo tem o seu tempo determinado."*

Há diferença entre recreação e divertimento. A recreação, na verdadeira acepção do termo — recriação — tende a fortalecer e construir. Afastando-nos de nossos cuidados e ocupações usuais, proporciona descanso ao espírito e ao corpo, e assim nos habilita a voltar com novo vigor ao sério trabalho da vida. O divertimento, por outro lado, é procurado com o fim de proporcionar prazer, e é muitas vezes levado ao excesso; absorve as energias que são necessárias para o trabalho útil, e desta maneira se revela um estorvo ao verdadeiro êxito da vida.

O corpo todo se destina à ação; e a menos que as capacidades físicas sejam conservadas sadias mediante exercício ativo, as capacidades mentais não poderão ser usadas muito tempo na sua maior produtividade. A inação física que parece quase inevitável na sala de aula, juntamente com outras condições insalubres, fazem da referida sala um lugar penoso às crianças, especialmente às de constituição fraca. Freqüentemente a ventilação é insuficiente. Bancos mal conformados acoroçoam posições forçadas, embaraçando assim a ação dos pulmões e do coração. Ali, têm as criancinhas de passar de três a cinco horas por dia, respirando um ar carregado de impureza e talvez infectado de germes de moléstias. Não admira que tantas vezes o fundamento de uma longa vida de enfermidades seja lançado na sala de aula. O cérebro, o mais delicado de todos os órgãos, e aquele de [208] que se deriva a energia nervosa do organismo todo, é o que sofre o maior dano. Forçado a uma atividade prematura ou excessiva, e isto sob condições insalubres, debilita-se e muitas vezes os maus resultados são permanentes.

As crianças não devem estar encerradas muito tempo em casa, nem se deve exigir que se dêem a um estudo aplicado antes que se haja estabelecido um bom fundamento para o desenvolvimento físico. Para os primeiros oito ou dez anos da vida de uma criança, o

campo ou jardim é a melhor sala de aula, a mãe é o melhor professor, a Natureza o melhor compêndio. Mesmo quando a criança tem idade suficiente para freqüentar a escola, a sua saúde deve ser considerada de maior importância do que o conhecimento dos livros. Deve ser rodeada das condições mais favoráveis, tanto para o crescimento físico como para o mental.

Não é só a criança que se acha em perigo de falta de ar e exercício. Nas escolas superiores bem como nas elementares, estas coisas essenciais à saúde são ainda muitas vezes negligenciadas. Muitos estudantes sentam-se dia após dia, em uma sala de aula, curvados sobre os seus livros, com o tórax tão contraído que não podem tomar uma respiração ampla e profunda, movendo-se seu sangue vagarosamente, estando frios os pés e quente a cabeça. Não sendo o corpo suficientemente nutrido, enfraquecem-se os músculos, enerva-se e enferma todo o organismo. Com freqüência, tais estudantes se tornam inválidos por toda a vida. Poderiam ter saído da escola com a força física, bem como a mental, aumentada, se houvessem efetuado seus estudos sob condições convenientes, com exercícios regulares à luz solar e ao ar livre.

O estudante que, com tempo e recursos limitados, luta para obter [209] educação, deve compreender que o tempo despendido no exercício físico não é perdido. Aquele que constantemente se acha inclinado sobre os livros, notará depois de algum tempo que a mente perde seu vigor. Os que dão a devida atenção ao desenvolvimento físico, farão maior progresso nos ramos intelectuais do que se seu tempo todo fosse dedicado ao estudo.

Adotando uma única série de pensamentos, com freqüência se torna o espírito propenso apenas para um lado. Cada faculdade, porém, pode ser exercida com segurança, se as capacidades mentais e físicas forem aplicadas igualmente, e o assunto dos pensamentos for variado.

A inação física diminui não somente a força mental, mas também a moral. Os nervos do cérebro, que se ligam com o organismo todo, são o intermédio pelo qual o Céu se comunica com o homem e afeta a sua vida íntima. O que quer que estorve a circulação da corrente elétrica no sistema nervoso, debilitando assim as forças vitais e diminuindo a suscetibilidade mental, vem tornar mais difícil o despertar da natureza moral.

Demais, o estudo excessivo, em virtude de aumentar a corrente do sangue para o cérebro, cria uma excitabilidade mórbida que tende a diminuir o poder do domínio próprio, e muitíssimas vezes dá lugar a impulso e capricho. Assim se abre a porta à impureza. O mau uso, ou a falta de uso da capacidade física é, em grande parte, responsável pela onda de corrupção que se está espalhando pelo mundo. “Orgulho, abundância de pão e de ociosidade” são os inimigos mortais do progresso humano nesta geração, bem como quando ocasionaram a destruição de Sodoma.

Os professores devem compreender estas coisas e instruir seus alunos neste sentido. Ensinai aos estudantes que viver de maneira correta depende de pensar de maneira correta, e que a atividade física é essencial à pureza do pensamento. [210]

A questão da recreação conveniente aos alunos é dessas que os professores muitas vezes acham embaraçosas. Os exercícios ginásticos preenchem um lugar útil em muitas escolas; mas, sem uma inspeção cuidadosa, são muitas vezes levados ao excesso. Muitos jovens, pelas proezas de força que tentam realizar nos salões de ginástica, têm trazido sobre si lesões para toda a vida.

O exercício em um salão de ginástica, ainda que bem dirigido, não pode tomar o lugar do recreio ao ar livre, e para tal nossas escolas devem oferecer melhores oportunidades. Os estudantes devem fazer exercício vigoroso. Poucos males há que se devem temer mais do que a indolência e a falta de um objetivo. Não obstante, a tendência da maior parte dos esportes atléticos é assunto de ansiosa preocupação por parte dos que levam a sério o bem-estar da mocidade. Os professores ficam incomodados ao considerar a influência destes esportes tanto no progresso do estudante na escola como no seu êxito na vida posterior. Os jogos que ocupam tanto o seu tempo lhe estão desviando o espírito do estudo. Não estão ajudando aos jovens a se prepararem para o trabalho prático e ardoroso da vida. Sua influência não tende para a polidez, generosidade, ou verdadeira varonilidade.

Alguns dos mais populares divertimentos, tais como o futebol e o boxe, se têm tornado escolas de brutalidade. Estão desenvolvendo os mesmos característicos que desenvolviam os jogos na antiga Roma. O amor ao domínio, o orgulho da mera força bruta, o descaso da

vida, estão exercendo sobre a mocidade um poder desmoralizador que nos aterra.

Outros jogos atléticos, embora não tão embrutecedores, são pouco menos reprováveis, por causa do excesso com que são praticados. Estimulam o amor ao prazer e à excitação, alimentando assim o desprazer pelo trabalho útil, a disposição de evitar os deveres práticos e as responsabilidades. [211] Tendem a destruir a graça pelas sóbrias realidades da vida e seus prazeres tranqüilos. Desta maneira, abre-se a porta para a dissipação e desregramento, com os seus terríveis resultados.

Conforme são realizadas comumente, as reuniões sociais são também um embaraço ao crescimento real, quer do espírito quer do caráter. Formam-se associações frívolas, hábitos de extravagância e de busca de prazeres, bem como muitas vezes de dissipação, coisas estas que moldam a vida toda para o mal. Em vez de tais diversões, pais e professores muito poderão fazer para suprir distrações sãs, que proporcionem vida.

Nisto, como em todas as demais coisas que dizem respeito ao nosso bem-estar, a Inspiração indicou o caminho. Nos tempos primitivos, era simples a vida entre o povo que estava sob a direção de Deus. Viviam junto ao coração da Natureza. Seus filhos participavam do trabalho dos pais, e estudavam as belezas e mistérios do tesouro da Natureza. Na quietude do campo e do bosque ponderavam aquelas grandes verdades, transmitidas como um sagrado depósito, de geração em geração. Tal ensino produzia homens fortes.

Na presente época a vida se tornou artificial e os homens degeneraram. Conquanto não possamos voltar completamente aos hábitos simples daqueles tempos primitivos, deles podemos aprender lições que tornarão nossos momentos de recreação o que este nome implica: momentos de verdadeira construção de corpo, espírito e alma.

Muito têm que ver os arredores do lar e da escola com a questão do recreio. Na escolha de um lar ou na localização de uma escola deveriam estas coisas ser consideradas. Aqueles para quem o bem-estar mental e físico é de maior importância do que o dinheiro ou as exigências e costumes da sociedade, devem procurar para seus filhos o benefício do ensino da Natureza, e a recreação no [212] ambiente da mesma. Seria de grande auxílio na obra educativa se

cada escola pudesse ser localizada de tal maneira que proporcionasse aos estudantes terra para cultura e acesso aos campos e matas.

Para os fins de recreação aos estudantes, os melhores resultados se alcançarão pela cooperação pessoal do professor. O verdadeiro professor pode comunicar a seus discípulos poucos benefícios tão valiosos como o de sua própria companhia. É um fato, relativamente a homens e mulheres, que só os podemos compreender quando chegamos em contato com eles pela simpatia; e quanto mais não se dá isto em se tratando de jovens e crianças! E temos necessidade de os compreender a fim de mais eficazmente beneficiá-los. Para fortalecer os laços de simpatia entre professor e estudante, poucos meios há que façam tanto como a associação agradável entre eles fora da sala de aula. Nalgumas escolas o professor está sempre com seus alunos nas horas de recreio. Associa-se-lhes em seus empenhos, acompanha-os em suas excursões, e parece identificar-se com eles. Muito bem iriam nossas escolas se esta prática fosse mais geralmente seguida. O sacrifício que se exigiria do professor seria grande, mas ele recolheria uma recompensa preciosa.

Nenhuma recreação apenas proveitosa a si mesmos se revelará uma bênção tão grande às crianças e jovens, como a que os faz úteis aos outros. Entusiastas e impressionáveis por natureza, são prontos a corresponder à sugestão. Fazendo planos para a cultura de plantas, procure o professor despertar interesse no embelezamento dos terrenos da escola e da sala de aula. Um duplo benefício resultará. Aquilo que os discípulos procuram embelezar, não quererão que fique maculado ou destruído. Acoroçoar-se-ão gosto apurado, amor à ordem, hábitos de cuidado; e o espírito de associação e cooperação, desenvolvido, demonstrar-se-á aos alunos uma bênção por toda a vida. [213]

Assim também se pode dar um novo interesse ao trabalho nos jardins, ou às excursões a campos e matas, acoroçoando-se os alunos a lembrar-se dos que se acham privados destes lugares aprazíveis, e partilhar com eles as belas coisas da Natureza.

O vigilante professor encontrará muitas oportunidades de dirigir os discípulos a atos de prestatividade. Especialmente pelas criancinhas, o professor é olhado com quase ilimitada confiança e respeito. O que quer que ele possa sugerir como o meio de auxílio em casa, fidelidade nas ocupações diárias, assistência aos doentes

ou aos pobres, dificilmente poderá deixar de produzir fruto. E também assim se conseguirá uma dupla aquisição. A sugestão afável refletir-se-á sobre o seu autor. A gratidão e cooperação por parte dos pais suavizará as cargas do professor e iluminará o seu caminho.

A atenção dispensada ao recreio e à cultura física, indubitavelmente, por vezes interromperá a rotina usual do trabalho escolar; esta interrupção, porém, não se revelará como um verdadeiro estorvo. Será centuplicadamente pago o emprego do tempo e esforço no sentido de robustecer o espírito e o corpo, alimentar a abnegação, unir aluno e professor pelos laços do interesse comum e amistosa associação. Uma abençoada expansão se proporcionará àquela irrequieta energia que tantas vezes é uma fonte de perigo à mocidade. Como salvaguarda contra o mal, a preocupação do espírito com o bem vale mais do que inúmeras barreiras de lei ou disciplina. [214]

# Capítulo 24 — Educação manual

*"E procureis... trabalhar com vossas próprias mãos."*

Na criação, o trabalho foi designado como uma bênção. Significava desenvolvimento, poder, felicidade. A mudada condição da Terra em virtude da maldição do pecado, acarretou uma mudança nas condições de trabalho; contudo, apesar de efetuado hoje com ansiedade, cansaço e dor, é ainda uma fonte de felicidade e desenvolvimento. Outrossim, é uma salvaguarda contra a tentação. Sua disciplina opõe uma barreira à condescendência própria, e promove indústria, pureza e firmeza. Assim, torna-se parte do grande plano de Deus para que sejamos recuperados da queda.

A mocidade deve ser levada a ver a verdadeira dignidade do trabalho. Mostre-lhe que Deus é um obreiro constante. Todas as coisas na Natureza fazem o trabalho que lhes foi designado. A atividade penetra por toda a criação, e a fim de que cumpramos a nossa missão devemos também ser ativos.

Em nosso trabalho devemos ser coobreiros de Deus. Ele nos dá a terra e seus tesouros; nós, porém, devemos adaptá-los a nosso uso e conforto. Ele faz com que as árvores cresçam, mas nós preparamos a madeira e construímos a casa. Ele ocultou na terra o ouro e a prata, o ferro e o carvão; todavia, é mediante o trabalho, apenas, que os podemos obter.

Mostre-lhes que, ao mesmo tempo em que Deus criou todas as coisas e constantemente as dirige, dotou-nos Ele de um poder não totalmente diferente do Seu. Foi-nos dado até certo ponto o domínio [215] sobre as forças da Natureza. Assim como Deus do caos evocou a Terra em sua beleza, também nós podemos da confusão produzir ordem e beleza. E posto que todas as coisas estejam hoje desfiguradas, pelo mal, contudo em nossos trabalhos acabados sentimos uma alegria idêntica à dEle, quando, olhando para o lindo mundo, o pronunciou "muito bom".

Em regra, o exercício mais proveitoso aos jovens será encontrado nas ocupações úteis. A criancinha encontra no brinquedo tanto distração como desenvolvimento; e seus folguedos devem ser tais que promovam não somente o crescimento físico, mas também o mental e espiritual. Ao adquirir força e inteligência, encontrar-se-á o melhor recreio para ela em alguma espécie de esforços que sejam úteis. Aquilo que adestra as mãos para a utilidade, e ensina o jovem a arrostar com a sua participação nos encargos da vida, é o mais eficaz na promoção do crescimento do espírito e do caráter.

Aos jovens precisa ser ensinado que a vida significa trabalho diligente, responsabilidade, cuidados. Precisam de um preparo que os torne práticos, a saber, homens e mulheres que possam fazer face às emergências. Deve ensinar-se-lhes que a disciplina do trabalho sistemático, bem regulado, é essencial, não unicamente como salvaguarda contra as vicissitudes da vida, mas também como auxílio para o desenvolvimento completo.

Apesar de tudo quanto se tem dito ou escrito acerca da dignidade do trabalho, prevalece a idéia de que ele é degradante. Os jovens estão ansiosos por se tornarem professores, escriturários, negociantes, médicos, advogados, ou ocupar alguma outra posição que não exija o trabalho físico. As moças fogem do trabalho doméstico, e procuram uma educação em outros ramos. Necessitam aprender que nenhum homem ou mulher se degrada pelo trabalho honesto. O que degrada é a ociosidade e egoísta dependência. A ociosidade favorece [216] a condescendência própria, e o resultado é uma vida vazia e estéril, ou seja, um campo a convidar o crescimento de todo o mal. "A terra que embebe a chuva, que muitas vezes cai sobre ela, e produz erva proveitosa para aqueles por quem é lavrada, recebe a bênção de Deus; mas a que produz espinhos e abrolhos, é reprovada, e perto está da maldição; o seu fim é ser queimada." Hebreus 6:7, 8.

Muitos ramos de estudo que consomem o tempo do estudante, não são essenciais à utilidade ou felicidade; entretanto é essencial a toda jovem familiarizar-se completamente com os deveres de cada dia. Sendo necessário, uma jovem pode dispensar os conhecimentos de francês ou álgebra, ou mesmo de piano; mas é indispensável que aprenda a preparar bom pão, confeccionar vestidos graciosamente adaptados, e executar cabalmente os muitos deveres atinentes ao lar.

Nada é de maior importância para a saúde e felicidade da família toda do que habilidade e inteligência por parte de quem cozinha. Pelo alimento mal preparado e insalubre, pode-se impedir e mesmo arruinar não somente a utilidade dos adultos como também o desenvolvimento das crianças. Provendo, porém, alimento adaptado às necessidades do corpo, e ao mesmo tempo apetitoso e saboroso, poderá fazer tanto no sentido bom, quanto faria em direção errada, agindo contrariamente. Assim, de muitas maneiras, a felicidade da vida liga-se à fidelidade para com os deveres comuns.

Visto como os homens bem como as mulheres têm parte na constituição do lar, tanto os rapazes como as moças devem obter conhecimento dos deveres domésticos. Fazer a cama e arranjar o quarto, lavar a louça, preparar a comida, lavar e consertar sua própria roupa, são conhecimentos que não tornarão um rapaz menos varonil; torná-lo-ão mais feliz e útil. E se, do outro lado, as moças pudessem aprender a arrear, cavalgar, usar a serra e o martelo, assim como o ancinho e a enxada, estariam melhor adaptadas a enfrentar as emergências da vida. [217]

Aprendam as crianças e jovens pela Bíblia como Deus tem honrado a lida do trabalhador. Leiam acerca dos "filhos dos profetas" (2 Reis 6:1-7), estudantes em uma escola, os quais estavam construindo uma casa para si, e para quem foi operado um milagre a fim de se salvar da perda o machado que fora tomado emprestado. Leiam acerca de Jesus, carpinteiro, e Paulo fabricante de tendas, que ao trabalho de seu ofício ligaram o mais elevado ministério, humano e divino. Leiam acerca daquele rapaz, cujos cinco pães foram usados pelo Salvador, naquele maravilhoso milagre de alimentar a multidão; acerca de Dorcas, a costureira, ressuscitada para que pudesse continuar a fazer roupas para os pobres; acerca da mulher sábia descrita no livro dos Provérbios, a qual "busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com suas mãos", "dá mantimento à sua casa e a tarefa às suas servas", "planta uma vinha,... e fortalece os seus braços", "abre sua mão ao aflito,... ao necessitado estende suas mãos", "olha pelo governo de sua casa, e não come pão da preguiça". Provérbios 31:13, 15-17, 20, 27.

Diz Deus a respeito de tal mulher: "Essa será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e louvem-na nas portas as suas obras." Provérbios 31:30, 31.

Para toda criança, a primeira escola industrial deve ser o lar. E, tanto quanto possível, deve haver, em conexão com cada escola, facilidades para a educação manual. Em grande parte, tal ensino manual deve ocupar o lugar do salão de ginástica, com o benefício [218] adicional de proporcionar valiosa disciplina.

O ensino manual merece muito mais atenção do que tem recebido. Devem-se estabelecer escolas que, em acréscimo à mais elevada cultura intelectual e moral, provejam as melhores possibilidades para o desenvolvimento físico e educação industrial. Deve-se ministrar instrução em agricultura, manufaturas, abrangendo tantos dos seus mais úteis ramos quanto possível; bem como em economia doméstica, arte culinária saudável, costura, confecção de roupas saudáveis, tratamento de doentes, e coisas correlatas. Devem ser providas hortas, oficinas, salas de tratamentos, e o trabalho em todo o ramo cumpre estar sob a direção de instrutores hábeis.

Importa que o trabalho tenha um objetivo definido, e seja completo. Conquanto cada pessoa precise de alguns conhecimentos em ocupações diferentes, é indispensável que se torne perita em ao menos uma delas. Todo jovem, ao deixar a escola, deve ter adquirido conhecimento em algum ofício ou ocupação com que, se for necessário, possa ganhar sua subsistência.

A objeção que mais freqüentemente se faz contra a educação industrial nas escolas, é a grande despesa que isto envolveria. O objetivo a ser atingido é, porém, digno de seu custo. Nenhuma outra obra a nós confiada é tão importante como a educação da juventude, e todo o desembolso exigido para a sua perfeita realização representa meios bem aplicados.

Mesmo sob o ponto de vista dos resultados financeiros, os gastos exigidos para a educação manual demonstrar-se-iam a mais verdadeira economia. Multidões de nossos rapazes seriam assim preservados de perambular pelas ruas e freqüentar bares; os gastos com hortas, oficinas, e instalações para banhos seriam mais do que correspondidos pelas economias nas despesas com hospitais e escolas disciplinares. E quanto aos próprios jovens, adestrados em [219] hábitos de trabalho, e habilitados em atividades úteis e produtivas, quem poderia calcular seu valor para a sociedade e para a nação?

Como descanso ao estudo, ocupações ao ar livre que proporcionem exercício ao corpo todo, são as mais benéficas. Nenhum ramo

do trabalho manual é mais valioso do que a agricultura. Um esforço maior deve fazer-se a fim de criar e incentivar interesse nos trabalhos da agricultura. Chame o professor a atenção para o que diz a Bíblia sobre a agricultura: que cultivar a terra era o plano de Deus para com o homem; que ao primeiro homem, o governador do mundo inteiro, foi dado um jardim a cultivar; e que muitos dos maiores vultos do mundo, a verdadeira nobreza deste, foram cultivadores do solo. Mostrem as oportunidades de uma vida tal. Diz o sábio: "Até o rei se serve do campo." Eclesiastes 5:9. A Bíblia declara acerca daquele que cultiva o solo: "O seu Deus o ensina, e o instrui acerca do que há de fazer." Diz mais: "O que guarda a figueira comerá do seu fruto." Isaías 28:26; Provérbios 27:18. Aquele que ganha a sua vida pela agricultura escapa de muitas tentações e goza inúmeros privilégios e bênçãos negados àqueles cujo trabalho é nas grandes cidades. E nestes dias dos colossais monopólios e rivalidade comercial, poucos há que gozem de uma independência tão real e de tão grande certeza de bons rendimentos de seu labor, como o cultivador do solo.

No estudo da agricultura, dê-se aos alunos não somente a teoria mas também a prática. Enquanto aprendem o que a ciência pode ensinar em relação à natureza e preparo do solo, o valor dos diferentes produtos, e os melhores métodos de produção, ponham eles em prática seus conhecimentos. Participem os professores do trabalho com os estudantes e mostrem quais os resultados que se podem alcançar com o esforço hábil e inteligente. Assim pode despertar-se genuíno interesse, aspiração por fazer o trabalho da melhor maneira possível. [220] Tal ambição, juntamente com o efeito vigorante do exercício, luz solar, ar puro, criarão pelo trabalho agrícola um amor que determinará em muitos jovens sua escolha de ocupação. Poder-se-iam assim despertar influências que muito fariam em mudar a onda migratória que ora tão fortemente se encaminha para as cidades.

Assim também nossas escolas poderiam eficazmente auxiliar na colocação de multidões destituídas de emprego. Milhares de seres desamparados e famintos, cujo número diariamente engrossa as fileiras dos criminosos, poderiam obter a manutenção própria em uma vida feliz, saudável, independente, se fossem guiados em trabalho hábil e diligente no cultivo da terra.

Do benefício da educação manual necessitam também as classes profissionais. Pode o homem possuir espírito brilhante; pode ser

rápido em adquirir idéias; seus conhecimentos e habilidades podem garantir-lhe a admissão à ocupação de sua escolha; contudo, poderá ainda estar longe de possuir adaptação aos seus deveres. A educação tirada principalmente dos livros conduz a uma maneira superficial de pensar. O trabalho prático provoca a observação minuciosa e pensamento independente. Efetuado convenientemente, tende a desenvolver aquela sabedoria prática a que chamamos senso comum. Desenvolve habilidade para planejar e executar, fortalece o ânimo e a perseverança, e exige o exercício do tato e destreza.

O médico que lançou os alicerces para os seus conhecimentos profissionais por meio de real trabalho no quarto dos enfermos, terá uma intuição rápida, uma noção geral, e habilidade nas emergências a fim de prestar o necessário serviço — qualificações essenciais que unicamente um ensino prático pode transmitir. [221]

O pastor, o missionário, o professor, aumentarão grandemente sua influência entre o povo, quando se manifesta possuírem eles o conhecimento e habilidade exigidos para os deveres práticos da vida diária. E muitas vezes o êxito, e talvez a própria vida do missionário, depende de seus conhecimentos de coisas práticas. A habilidade de preparar o alimento, de providenciar nos casos de acidentes e emergência, tratar as doenças, construir casas ou igrejas, sendo necessário, são coisas que muitas vezes constituem toda a diferença entre o êxito e o fracasso nos seus trabalhos.

Ao adquirir sua educação, muitos estudantes obteriam uma valiosíssima habilitação, se quisessem tornar-se aptos a se manterem por si sós. Em vez de contrair dívidas, ou depender da abnegação de seus pais, dependam os moços e as moças de si mesmos. Aprenderão assim a avaliar o dinheiro, o tempo, a força e oportunidade, e estarão muito menos sob a tentação de condescender com hábitos de ociosidade e prodigalidade. As lições de economia, indústria, abnegação, administração prática de negócios e firmeza de propósitos, dominadas desta maneira, revelar-se-iam parte importantíssima de seu aparelhamento para a batalha da vida. E a lição do auxílio de si mesmo aprendida pelo estudante, muito faria no sentido de preservar as instituições de ensino do peso das dívidas sob o qual tantas escolas têm lutado, e que tanto tem feito para prejudicar sua utilidade.

Grave-se nos jovens o pensamento de que a educação não consiste em ensinar-lhes como escapar das ocupações desagradáveis e fardos pesados da vida; mas que seu propósito é suavizar o trabalho, ensinando melhores métodos e objetivos mais elevados. Ensinem-lhes que o verdadeiro alvo da vida não é adquirir o maior ganho possível para si, mas honrar ao seu Criador, cumprindo sua parte no [222] trabalho do mundo, e estendendo mão auxiliadora aos mais fracos e mais ignorantes.

Uma grande razão por que o trabalho físico é menosprezado, é a maneira desleixada e inconsiderada como é muitas vezes realizado. É feito por necessidade e não porque haja sido escolhido. O trabalhador não o leva a sério, não conserva o respeito de si mesmo nem conquista o de outrem. O ensino manual deve corrigir este erro. Deve desenvolver hábitos de exatidão e perfeição. Os estudantes devem aprender o tato e o método em seus afazeres; aprender a economizar tempo, e a fazer cada movimento de maneira que seja aproveitado. Não somente lhes devem ser ensinados os melhores métodos, mas cumpre sejam inspirados pela ambição de sempre se aperfeiçoarem. Seja o seu alvo fazer o seu trabalho o mais perfeito que o cérebro e as mãos humanas possam conseguir.

Tal ensino fará com que os jovens sejam senhores e não escravos do trabalho. Aliviará a sorte daquele que moureja, e enobrecerá até a mais humilde ocupação. Aquele que considera o trabalho simplesmente coisa enfadonha, e a ele se entrega com uma ignorância complacente, sem fazer esforço por aperfeiçoar-se, terá verdadeiramente nele um fardo. Aqueles, porém, que reconhecem ciência no mais humilde trabalho, nele verão nobreza e beleza, e terão prazer em realizá-lo com fidelidade e eficiência.

Um jovem educado desta maneira, qualquer que seja a sua missão na vida, contanto que seja honesto, há de fazer de seu cargo uma posição de utilidade e honra. [223]

# A formação do caráter

[224]

*"Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou."*

[225]

# Capítulo 25 — Educação e caráter

*"E haverá estabilidade em teus tempos, abundância de ... sabedoria e ciência."*

A verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias; mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais o caráter. O mundo não necessita tanto de homens de grande intelecto, como de nobre caráter. Necessita de homens cuja habilidade é dirigida por princípios firmes.

"A sabedoria é a coisa principal; adquire, pois, a sabedoria." "A língua dos sábios adorna a sabedoria." Provérbios 4:7; 15:2. A verdadeira educação comunica esta sabedoria. Ensina o melhor uso não somente de uma, mas o de todas as nossas habilidades e aquisições. Assim abrange todo o ciclo das obrigações: para com nós mesmos, para com o mundo, e para com Deus.

A formação do caráter é a obra mais importante que já foi confiada a seres humanos; e nunca dantes foi seu diligente estudo tão importante como hoje. Jamais qualquer geração prévia teve de enfrentar transes tão momentosos; nunca dantes moços e moças foram defrontados por perigos tão grandes como hoje.

Qual é o pendor da educação dada atualmente? Qual é o objetivo para que se apela mais freqüentemente? — O proveito próprio. Grande parte desta educação, é uma perversão deste nome. Na verdadeira educação, [226] a ambição egoísta, a avidez do poder, a desconsideração pelos direitos e necessidades da humanidade — coisas que são uma maldição para o nosso mundo — encontram uma influência contrária. O plano de vida estabelecido por Deus, tem um lugar para cada ser humano. Cada um deve aperfeiçoar os seus talentos até ao máximo ponto; e a fidelidade no fazer isto confere honra à pessoa, sejam muitos ou poucos os seus dons. No plano divino não há lugar para a rivalidade egoísta. Os que "se medem a si mesmos, e se comparam consigo mesmos, estão sem entendimento". O que quer

que façamos deve ser feito "segundo o poder que Deus dá". Deve ser feito "de todo o coração, como ao Senhor, e não aos homens; sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis". 2 Coríntios 10:12; 1 Pedro 4:11; Colossences 3:23, 24. Precioso é o serviço efetuado e a educação obtida na prática destes princípios. Quão diversa é, porém, grande parte da educação que hoje se dá! Desde os tenros anos da criança consiste ela num apelo à competição e rivalidade; alimenta o egoísmo, a raiz de todos os males.

Assim se estabelece a disputa pela supremacia, e se acoroçoa o estudo excessivo que em tantos casos destrói a saúde e inabilita para a utilidade. Em muitos outros a emulação conduz à desonestidade; e alimentando a ambição e o descontentamento, ela amargura a vida e ajuda a encher o mundo com esses espíritos inquietos, turbulentos, que são uma contínua ameaça à sociedade.

E o perigo não pertence unicamente aos métodos. Está igualmente no assunto dos estudos.

Quais são as obras com que, durante todos os anos mais suscetíveis da vida, é a mente dos jovens levada a ocupar-se? No ensino da língua e literatura, de que fonte são os jovens ensinados a beber? — Das cisternas do paganismo; das fontes alimentadas [227] pelas corrupções do antigo paganismo. Ordena-se-lhes que estudem autores dos quais, sem contestação, se declara não terem respeito pelos princípios da moralidade.

E de quantos autores modernos também se poderia dizer o mesmo! Com quantos deles a graça e a beleza da linguagem não são senão um disfarce para encobrir princípios que em sua verdadeira deformidade repugnariam o leitor!

Além disso há uma multidão de escritores de ficção, convidando a devaneios deleitáveis em palácios de ócio. Podem não ser taxados de imoralidade; contudo suas obras nem por isso deixam de estar carregadas de males. Estão roubando a milhares e milhares o tempo, a energia e a disciplina exigidos pelos severos problemas da vida.

No estudo das ciências, como geralmente é feito, há perigos igualmente grandes. A evolução e seus erros conexos são ensinados nas escolas de todas as categorias, desde o jardim da infância até às escolas superiores. Destarte, o estudo da ciência, que deveria

comunicar o conhecimento de Deus, acha-se tão misturado com as especulações e teorias humanas que propende para a incredulidade.

Mesmo o estudo da Bíblia, como muitas vezes é feito nas escolas, está despojando o mundo do inapreciável tesouro da Palavra de Deus. A obra da "alta crítica", dissecando, conjecturando, reconstruindo, está destruindo a fé na Bíblia como uma revelação divina; está despojando a Palavra de Deus do poder de dirigir, enobrecer e inspirar as vidas humanas.

Quando o jovem sai ao mundo, para encontrar suas seduções ao pecado — a paixão de ganhar dinheiro, a paixão dos divertimentos e contemporizações, da ostentação, do luxo, extravagâncias, engano, fraude, roubo e ruína — que ensinos encontrará ali?

O Espiritismo afirma que os homens são semideuses, não decaídos; que "cada mente julgará a si mesma", que "o verdadeiro [228] conhecimento coloca os homens acima de toda a lei", que "todos os pecados cometidos são inocentes", pois "o que quer que seja, está certo", e "Deus não condena". Representa os mais vis dos seres humanos como estando no Céu, e grandemente exaltados ali. Assim, declara ele a todos os homens: "Não importa o que façais; vivei como vos aprouver, o Céu é vosso lar." Multidões são levadas assim a crer que o desejo é a lei mais elevada, a libertinagem é liberdade, e que o homem é apenas responsável a si mesmo.

Com tal ensino dado logo ao princípio da vida, quando os impulsos são os mais fortes e mais urgente a necessidade de restrição própria e pureza, onde está a salvaguarda da virtude? O que deverá impedir que o mundo se torne uma segunda Sodoma?

Ao mesmo tempo a anarquia procura varrer todas as leis, não somente as divinas mas também as humanas. A centralização da riqueza e poder; vastas coligações para enriquecerem os poucos que nelas tomam parte, a expensas de muitos; as combinações entre as classes pobres para a defesa de seus interesses e reclamos, o espírito de desassossego, tumulto e matança; a disseminação mundial dos mesmos ensinos que ocasionaram a Revolução Francesa — tudo propende a envolver o mundo inteiro em uma luta semelhante àquela que convulsionou a França.

Tais são as influências a serem enfrentadas pelos jovens hoje. Para ficar em pé em meio de tais convulsões, devem hoje lançar os fundamentos do caráter.

Em cada geração e país, o verdadeiro fundamento e modelo para a formação do caráter tem sido o mesmo. A lei divina: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração,... e ao teu próximo como a ti mesmo” (Lucas 10:27) — grande princípio este manifesto no caráter e vida de nosso Salvador — é o único fundamento certo e o [229] único guia seguro.

“A estabilidade dos teus tempos e a força da tua felicidade serão a sabedoria e ciência” (Isaías 33:6) — aquela sabedoria e ciência que somente a Palavra de Deus pode comunicar.

Relativamente à obediência aos Seus mandamentos, é tão verdade hoje como foi nos dias em que foram estas palavras proferidas a Israel: “Esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos.” Deuteronômio 4:6.

Aqui está a única salvaguarda à integridade individual, pureza do lar, bem-estar da sociedade ou estabilidade da nação. Por entre as perplexidades, perigos e reclamos contraditórios da vida, a única segurança e regra certa é fazer o que Deus diz: “Os preceitos do Senhor são retos”, “quem faz isso nunca será abalado”. Salmos 19:8; 15:5. [230]

## Capítulo 26 — Métodos de ensino

*“Para dar aos simples prudência, e aos jovens conhecimento e bom siso.”*

Durante séculos a educação tem tido que ver especialmente com a memória. Esta faculdade foi sobrecarregada ao extremo, enquanto outras faculdades mentais não foram desenvolvidas de maneira correspondente. Os estudantes têm empregado seu tempo em entulhar laboriosamente o espírito de conhecimentos, dos quais pouco poderiam utilizar. A mente, carregada desta maneira com aquilo que ela não pode digerir e assimilar, enfraquece-se; torna-se incapaz de um esforço vigoroso e confiante em si, e contenta-se com depender do juízo e percepção de outrem.

Notando os inconvenientes deste método, alguns têm ido para o outro extremo. Segundo sua opinião, o homem necessita apenas desenvolver aquilo que tem dentro de si. Tal educação conduz o estudante à presunção, separando-o assim da fonte do verdadeiro poder e conhecimento.

A educação que consiste no exercício da memória, com a tendência de descoroçoar o pensamento independente, tem uma influência moral que é pouco tomada em conta. Ao sacrificar o estudante a faculdade de raciocinar e julgar por si mesmo, torna-se incapaz de discernir entre a verdade e o erro, e cai fácil presa do engano. É facilmente levado a seguir a tradição e o costume.

É um fato largamente ignorado, ainda que não deixe de haver [231] sempre perigo nisso, que o erro raramente aparece como aquilo que realmente é. É misturando-se com a verdade ou apegando-se a ela, que alcança aceitação. O comer da árvore da ciência do bem e do mal causou a ruína de nossos primeiros pais, e a aceitação da mistura do bem e do mal é hoje a ruína de homens e mulheres. O espírito que confia no juízo de outrem, mais cedo ou mais tarde será por certo transviado.

A capacidade de discernir entre o que é reto e o que não o é, podemos possuí-la unicamente pela confiança individual em Deus. Cada um deve aprender por si, com auxílio dEle, mediante a Sua Palavra. A nossa capacidade de raciocinar foi-nos dada para que a usássemos, e Deus quer que seja exercitada. "Vinde então e argüi-Me" (Isaías 1:18), Ele nos convida. Confiando nEle, podemos ter sabedoria para "rejeitar o mal e escolher o bem". Tiago 1:5; Isaías 7:15.

Em todo verdadeiro ensino o elemento pessoal é essencial. Cristo, em Seu ensino, tratava com os homens individualmente. Foi pelo trato e convívio pessoal que Ele preparou os doze. Era em particular, e muitas vezes a um único ouvinte, que dava Suas preciosas instruções. Ao honrado rabi, na conferência noturna no Monte das Oliveiras, à desprezada mulher junto ao poço de Sicar, abriu Ele Seus mais ricos tesouros; pois descobriu nesses ouvintes o coração apto a ser impressionado, a mente aberta, o espírito pronto para receber. Mesmo a multidão que tantas vezes Lhe dificultava os passos não era para Cristo uma massa indistinta de seres humanos. Falava diretamente a cada espírito e apelava para cada coração. Observava a fisionomia dos ouvintes, notava-lhes a iluminação do semblante, o instantâneo e respondente olhar que dizia haver a verdade atingido a alma; e, então, vibrava-Lhe no coração uma corda correspondente de jubilosa simpatia. [232]

Cristo discernia possibilidades em todo ser humano. Ele não Se afastava por causa de um exterior não prometedor, ou por ambientes desfavoráveis. Chamou a Mateus da alfândega, e Pedro e seus irmãos do bote de pesca, para aprenderem com Ele.

O mesmo interesse pessoal, a mesma atenção para com o desenvolvimento individual são necessários na obra educativa hoje. Muitos jovens que aparentemente nada prometem, são ricamente dotados de talentos que não aplicam a uso algum. Suas faculdades permanecem ocultas por causa da falta de discernimento por parte de seus educadores. Em muito menino ou menina de aparência tão pouco atraente como a pedra não lavrada, pode-se encontrar precioso material que resista à prova do calor, tempestade e pressão. O verdadeiro educador, conservando em vista aquilo que seus discípulos podem tornar-se, reconhecerá o valor do material com que trabalha. Terá um interesse pessoal em cada um de seus alunos, e

procurará desenvolver todas as suas faculdades. Por mais imperfeitos que sejam eles, acoroçoará todo o esforço por conformar-se com os princípios retos.

A cada jovem se deve ensinar a necessidade e o poder da aplicação. Disto, muito mais do que do gênio ou talento, depende o êxito. Sem aplicação, os mais brilhantes talentos pouco valem, enquanto pessoas de habilidades naturais muito comuns têm realizado maravilhas, mediante esforço bem orientado. E o gênio, por cujas concepções nos maravilhamos, está quase invariavelmente unido ao esforço incansável, concentrado.

Deve-se ensinar os jovens a ter em vista o desenvolvimento de todas as suas faculdades, tanto as mais fracas como as mais fortes. Muitos têm a disposição de restringir seu estudo a certos ramos, [233] para os quais têm gosto natural. Devemos precaver-nos contra este erro. As aptidões naturais indicam a direção do trabalho da vida, e, sendo genuínas, devem ser cuidadosamente cultivadas. Ao mesmo tempo deve ter-se sempre em vista que um caráter bem equilibrado e o trabalho eficiente em qualquer ramo, dependem em grande parte daquele desenvolvimento simétrico que é o resultado de um ensino proficiente e geral.

O professor deve constantemente ter como objetivo a simplicidade e a eficiência. Deve amplamente ensinar por meio de ilustrações; e mesmo tratando com alunos mais velhos, cumpre ter o cuidado de tornar claras e evidentes todas as explicações. Muitos alunos adiantados em idade são crianças no entendimento.

Um importante elemento no trabalho educativo é o entusiasmo. Quanto a este ponto, há, em uma observação feita certa vez por um célebre ator, uma útil sugestão. O arcebispo de Cantuária fizera-lhe a pergunta por que os atores em uma representação interessam seu auditório tão poderosamente falando de coisas imaginárias, enquanto os ministros do evangelho muitas vezes tão pouco interessam aos seus, falando de coisas reais. "Com a devida submissão a V. Exª", replicou o ator, "permita-me dizer que a razão é clara; está no poder do entusiasmo. Nós, no palco, falamos de coisas imaginárias como se fossem reais, e vós outros, no púlpito, falais de coisas reais como se fossem imaginárias."

O professor em seu trabalho trata de coisas reais, e delas deve falar com toda a força e entusiasmo que sejam inspirados pelo conhecimento de sua realidade e importância.

Todo professor deve cuidar de que seu trabalho tenda a resultados definidos. Antes de tentar ensinar uma matéria, deve ter em seu espírito um plano distinto, e saber o que precisamente deseja [234] conseguir. Não deve ficar satisfeito com a apresentação de qualquer assunto antes que o estudante compreenda os princípios nele envolvidos, perceba a sua verdade, e esteja apto a referir claramente o que aprendeu.

Tanto quanto o grande propósito da educação haja de ser conservado em vista, deve o jovem ser animado a progredir precisamente até onde suas capacidades o permitam. Antes, porém, de empreender os ramos de estudos mais elevados, assenhoreiem-se eles dos mais fáceis. Isto muitas vezes é negligenciado. Mesmo entre os estudantes nas escolas superiores e universidades há grande deficiência nos conhecimentos dos ramos comuns da educação. Muitos estudantes dedicam seu tempo à matemática superior, quando são incapazes de zelar de suas próprias contas. Muitos estudam a elocução com vistas a alcançar as graças da oratória, quando são incapazes de ler de maneira inteligível e impressiva. Muitos que terminaram o estudo da retórica fracassam na composição e ortografia de uma simples carta.

Um conhecimento completo das coisas essenciais à educação deve não somente ser a condição para ser admitido aos cursos superiores, mas também a prova constante para a continuação e adiantamento.

Em todos os ramos da educação há objetivos a serem adquiridos, mais importantes do que os que se conseguem por mero conhecimento técnico. Na língua, por exemplo. Mais importante do que a aquisição de línguas estrangeiras, vivas ou mortas, é a habilidade de escrever e falar a língua materna com facilidade e precisão; mas nenhuma habilitação adquirida por meio do conhecimento das regras gramaticais pode comparar-se em importância com o estudo da língua de um ponto de vista mais elevado. Em grande parte se acha ligado a este estudo a ventura ou a desventura da vida. [235]

O principal requisito da linguagem é que seja pura, benévola e verdadeira — a expressão exterior de uma graça interna. Diz Deus:

"Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, se há algum louvor, nisso pensai." Filipenses 4:8. E se tais forem os pensamentos, tal será a expressão.

A melhor escola para este estudo da língua é o lar; mas visto que a obra do lar é muitas vezes negligenciada, recai sobre o professor o ajudar seus discípulos na formação de hábitos corretos no falar.

O professor muito poderá fazer para descoroçoar aquele mau hábito que é a maldição da coletividade, da vizinhança e do lar, a saber, o hábito de falar por detrás, tagarelar, criticar impiedosamente. Para tal fim não se devem poupar esforços. Impressionem os estudantes com o fato de que tal hábito revela falta de cultura, de educação e da verdadeira bondade de coração: inabilita a pessoa tanto para a sociedade dos que verdadeiramente são cultos e educados neste mundo, como para a associação com os seres santos do Céu.

Pensamos com horror nos canibais que se banqueteiam com a carne ainda quente e trêmula de sua vítima; mas serão os resultados desta mesma prática mais terríveis do que a agonia e ruína causadas pela difamação dos intuitos, pela mancha da reputação, pela dissecação do caráter? Aprendam as crianças, bem como os jovens, o que Deus diz a respeito destas coisas:

"A morte e a vida estão no poder da língua." Provérbios 18:21.

Nas Escrituras, os maldizentes são classificados entre os "aborrecedores de Deus", "inventores de males", os que são "sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia", "cheios de inveja, homicídio, contenda, engano malignidade". Segundo o juízo de Deus [236] "são dignos de morte os que tais coisas praticam". Romanos 1:30, 31, 29, 32. Aquele a quem Deus tem na conta de um cidadão de Sião, é o que "fala verazmente, segundo o seu coração", "não difama com a língua", "nem aceita nenhuma afronta contra o seu próximo". Salmos 15:2, 3.

A Palavra de Deus também condena o uso dessas expressões sem sentido e triviais que resvalam pela imoralidade. Condena os falsos cumprimentos, as evasivas da verdade, os exageros, a falsidade no comércio, coisas estas vulgares na sociedade e no mundo comercial. "Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna." Mateus 5:37.

"Como o louco que lança de si faíscas, flechas, e mortandades, assim é o homem que engana o seu próximo, e diz: Fiz isso por brincadeira." Provérbios 26:18, 19.

Intimamente ligada à bisbilhotice está a insinuação encoberta, esquiva, pela qual o coração impuro procura insinuar o mal que não ousa exprimir abertamente. Os jovens devem ser ensinados a evitar toda aproximação de tal prática como evitariam a lepra.

No uso da língua não há talvez nenhum erro que velhos e jovens estejam mais prontos a desculpar em si do que o falar precipitado, impaciente. Acham que é uma desculpa suficiente responder: "Eu estava fora de mim, e realmente não queria dizer aquilo que falei." Mas a Palavra de Deus não trata disto levianamente. As Escrituras dizem:

"Tens visto um homem precipitado nas suas palavras? Maior esperança há dum tolo do que dele." Provérbios 29:20.

"Como a cidade derribada, que não tem muros, assim é o homem que não pode conter o seu espírito." Provérbios 25:28.

Em um momento, pela língua precipitada, apaixonada, descuidosa, pode-se perpetrar um mal que o arrependimento de uma vida [237] toda não poderá desfazer. Oh! quantos corações dilacerados, amigos alheados, vidas arruinadas, por causa das palavras ásperas, precipitadas, daqueles que poderiam ter trazido auxílio e alívio!

"Há alguns cujas palavras são como pontas de espada, mas a língua dos sábios é saúde." Provérbios 12:18.

Um dos característicos que devem ser especialmente acariciados e cultivados em toda criança, é aquele esquecimento de si mesmo que comunica à vida certa graça inconsciente. De todas as excelentes qualidades de caráter, esta é uma das mais belas, e para todo verdadeiro trabalho é uma das mais essenciais qualificações.

As crianças necessitam de receber demonstrações de apreço, simpatia, animação; mas deve ter-se cuidado em não alimentar nelas o amor ao louvor. Não é prudente fazer-lhes especial referência, ou repetir diante delas seus ditos inteligentes. O pai ou professor que tem em vista o verdadeiro ideal do caráter e as possibilidades de o alcançar, não pode acariciar ou fomentar o sentimento de presunção. Não acoroçoará nos jovens o desejo ou esforço de exibir sua habilidade ou perfeição. Aquele que olha para o que é mais alto do que ele próprio, há de ser humilde; contudo, possuirá aquela dignidade que

não se avilta ou se confunde ante uma exibição exterior ou grandeza humana.

Não é por leis ou regras arbitrárias que as graças do caráter se desenvolvem. É pela permanência na atmosfera do que é puro, nobre, verdadeiro. E onde quer que haja pureza de coração e nobreza de caráter, revelar-se-ão na pureza e nobreza das ações e do falar.

“O que ama a pureza do coração, e tem graça nos seus lábios, [238] terá por seu amigo o rei.” Provérbios 22:11.

E assim como é com a língua, é com todos os outros estudos. Podem ser dirigidos de tal maneira que propenderão ao fortalecimento e à formação do caráter.

Quanto a nenhum outro estudo isto é mais verdade do que em relação ao de História. Considere-se este estudo do ponto de vista divino.

Conforme muitas vezes é ensinada, a História é pouco mais do que um relatório sobre o surgimento e queda de reis, intrigas das cortes, vitórias e derrotas de exércitos, toda uma narrativa de ambição e avidez, engano, crueldade e mortandade. Ensinada desta maneira, seus resultados não poderão deixar de ser prejudiciais. As pungentes repetições de crimes e atrocidades, as monstruosidades, as crueldades que são descritas, plantam sementes que em muitas vidas produzirão fruto em uma messe de males.

Muito melhor é aprender, à luz da profecia de Deus, as causas que determinam o surgimento e queda de reinos. Estudem os jovens estes relatos e vejam como a verdadeira prosperidade das nações tem estado relacionada com a aceitação dos princípios divinos. Estudem a história dos grandes movimentos reformadores e vejam quantas vezes estes princípios, posto que odiados e desprezados, e conduzidos os seus defensores à masmorra e ao cadafalso, têm triunfado mediante estes mesmos sacrifícios.

Tal estudo proporcionará uma visão larga e compreensiva da vida. Auxiliará a mocidade a entender algo de suas relações e dependências, bem como quão maravilhosamente nos achamos ligados uns aos outros na grande fraternidade da sociedade e das nações e em que grande extensão representam a opressão e degradação de um membro uma perda para todos.

No estudo dos números deve o trabalho ser prático. Que se ensine cada jovem e criança não simplesmente a resolver problemas

imaginários, mas fazer com precisão as contas de seus próprios [239] ganhos e gastos. Que aprendam o devido uso do dinheiro, usando-o. Quer seja suprido por seus pais, quer seja ganho por eles mesmos, aprendam os moços e as moças a escolher e comprar sua própria roupa, seus livros e outras coisas necessárias; e fazendo um registro de suas despesas aprenderão, como não o fariam de qualquer outra maneira, o valor e o uso do dinheiro. Este ensino auxiliá-los-á a distinguir a verdadeira economia da mesquinhez, de um lado, e do outro, da prodigalidade. Devidamente orientado, acoroçoará hábitos de liberalidade. Auxiliará o jovem a aprender a dar, não por um mero impulso do momento, ao serem suscitados os seus sentimentos, mas a dar regular e sistematicamente.

Desta maneira todo estudo pode tornar-se um auxílio na solução do máximo dos problemas: a educação de homens e mulheres para melhor desempenho das responsabilidades da vida. [240]

# Capítulo 27 — Comportamento

*A caridade "não se porta com indecência".*

O valor da cortesia é muito pouco apreciado. Muitos que são bondosos de coração não têm amabilidade nas maneiras. Muitos que se impõem ao respeito por sua sinceridade e correção, são lamentavelmente deficientes em simpatia. Esta falta prejudica sua própria felicidade, e afasta de seu serviço a outros. Muitas das mais agradáveis e valiosas experiências da vida são freqüentes vezes, por mera falta de lembrança, sacrificadas pelos descorteses.

O bom humor e a cortesia devem especialmente ser cultivados pelos pais e professores. Todos podem possuir fisionomia radiante, voz mansa, maneiras corteses, que são elementos de poder. As crianças são atraídas por uma atitude prazenteira e radiante. Mostrem-lhes bondade e cortesia, e manifestarão o mesmo espírito para com vocês, e umas para com as outras.

A verdadeira cortesia não se aprende pela mera prática das regras da etiqueta. Deve em todo o tempo ser observado o devido comportamento. Sempre que não se ache envolvida uma questão de princípios, a consideração para com os outros nos levará à conformidade com os costumes aceitos; entretanto, a verdadeira cortesia não exige o sacrifício do princípio aos usos convencionais. Ela desconhece as castas. Ensina o respeito de si mesmo, respeito à dignidade do homem como homem, consideração por todo membro da grande fraternidade humana. [241]

Há o perigo de se dar demasiado valor às simples maneiras ou formas, e dedicar tempo excessivo à educação neste particular. A vida de acérrimos esforços exigida de cada jovem, o trabalho árduo e muitas vezes desmedido que os deveres comuns da vida reclamam e, muito mais, o que é necessário para se suavizar o pesado fardo de ignorância e miséria que há no mundo — tudo isto deixa pouco lugar para formalidades.

Muitos que dão grande valor à etiqueta, mostram pouco respeito a tudo que, apesar de excelente, deixe de corresponder à sua norma artificial. Isto significa educação falsa. Alimenta um orgulho crítico e um exclusivismo tacanho.

A essência da verdadeira polidez é a consideração para com os outros. A educação essencial e duradoura é a que alarga a simpatia, favorece a afabilidade universal. Aquela pretensa cultura que não torna o jovem atencioso para com seus pais, fazendo-o apreciador de suas boas qualidades, indulgente para com seus defeitos, e útil às suas necessidades, e que o não torna ponderado e escrupuloso, generoso e útil aos jovens, velhos e infelizes, e também cortês para com todos — é um malogro.

O verdadeiro requinte nos pensamentos e maneiras aprende-se melhor na escola do divino Mestre do que por qualquer observância de regras estabelecidas. Seu amor, penetrando no coração, dá ao caráter aquele contato purificador que o modela à semelhança do Seu. Esta educação comunica uma dignidade inspirada pelo Céu e um senso das verdadeiras conveniências. Proporciona uma doçura de índole e gentileza de maneiras que nunca poderão ser igualadas pelo verniz superficial dos costumes da sociedade.

A Bíblia recomenda a cortesia, e apresenta muitas ilustrações do espírito abnegado, das graças gentis, do temperamento cativante, [242] que caracteriza a verdadeira polidez. Tais não são senão reflexos do caráter de Cristo. Toda ternura e cortesia verdadeiras no mundo mesmo entre os que não reconhecem o Seu nome, dEle procedem. E Ele deseja que estes característicos se reflitam perfeitamente nos Seus filhos. É Seu propósito que em nós os homens contemplem Sua beleza.

O tratado mais valioso sobre civilidade que já foi escrito é a preciosa instrução ministrada pelo Salvador, pela voz do Espírito Santo, mediante o apóstolo Paulo, palavras essas que deveriam ser indelevelmente escritas na memória de todo ser humano, jovem ou velho:

“Como Eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.” João 13:34.

“A caridade é sofredora, é benigna;
A caridade não é invejosa;

A caridade não trata com leviandade,
Não se ensoberbece.
Não se porta com indecência,
Não busca os seus interesses,
Não se irrita,
Não suspeita mal;
Não folga com a injustiça,
Mas folga com a verdade;
Tudo sofre,
Tudo crê,
Tudo espera,
Tudo suporta.
A caridade nunca falha.”

1 Coríntios 13:4-8.

Outra preciosa graça que cuidadosamente se deve cultivar é a reverência. A verdadeira reverência para com Deus é inspirada por uma intuição de Sua infinita grandeza e consciência de Sua presença. Com esta percepção do Invisível deve ser profundamente impressionado o coração de toda criança. [243] Deve-se ensiná-la a considerar como sagrados a hora e o lugar das orações e cerimônias do culto público, porque Deus está ali. E ao manifestar-se reverência na atitude e no porte, aprofundar-se-á o sentimento que a inspira.

Bom seria aos jovens e velhos estudar e ponderar, e muitas vezes repetir aquelas palavras das Santas Escrituras que mostram como o lugar assinalado pela presença especial de Deus deve ser considerado.

“Tira os teus sapatos de teus pés”, mandou Ele a Moisés na sarça ardente, “porque o lugar em que tu estás é terra santa.” Êxodo 3:5.

Jacó, depois de contemplar a visão dos anjos, exclamou: “Na verdade o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia. ... Este não é outro lugar senão a casa de Deus; e esta é a porta dos Céus.” Gênesis 28:16, 17.

“O Senhor está no Seu santo templo; cale-se diante dEle toda a terra.” Habacuque 2:20.

“O Senhor é Deus grande,

E Rei grande acima de todos os deuses. ...
Ó, vinde, adoremos e prostremo-nos;
Ajoelhemos diante do Senhor que nos criou.”

“Foi Ele, e não nós, que nos fez
Povo Seu e ovelhas do Seu pasto.
Entrai pelas portas dEle com louvor,
E em Seus átrios com hinos;
Louvai-O, e bendizei o Seu nome.”

Salmos 95:3, 6; 100:3, 4.

Deve também mostrar-se reverência pelo nome de Deus. Jamais deve esse nome ser proferido levianamente, inconsideradamente. Mesmo na oração, deve ser evitada sua repetição freqüente e desnecessária. “Santo e tremendo é o Seu nome.” Salmos 111:9. Os anjos, quando pronunciam este nome, velam o rosto. Com que reverência devemos nós, que somos decaídos e pecadores, tomá-lo nos lábios! [244]

Devemos reverenciar a Palavra de Deus. Devemos mostrar respeito para com o volume impresso, nunca fazendo dele usos comuns, ou manuseando-o descuidadamente. Jamais devem as Escrituras ser citadas em uma pilhéria, ou referidas para reforçar um dito espirituoso. “Toda a Palavra de Deus é pura”, “como prata refinada em forno de barro, purificada sete vezes”. Provérbios 30:5; Salmos 12:6.

Acima de tudo, ensine-se às crianças que a verdadeira reverência se mostra pela obediência. Deus nada ordenou que não seja essencial; e não há outro modo de se Lhe manifestar reverência tão agradável como a obediência ao que Ele disse.

Deve-se mostrar respeito para com os representantes de Deus — ministros, professores, pais, os quais são chamados para falarem e agirem em Seu lugar. No respeito que lhes é manifestado, Ele é honrado.

Deus ordenou, especialmente, afetuoso respeito para com os idosos. Diz Ele: “Coroa de honra são as cãs, achando-se elas no caminho da justiça.” Provérbios 16:31. Elas falam de batalhas feridas, vitórias ganhas, encargos suportados e tentações vencidas. Falam de pés fatigados próximos de seu descanso, de lugares que logo se vagarão. Ajudem às crianças a pensar nisto, e elas por meio de sua

cortesia e respeito suavizarão o caminho dos que são idosos, e trarão graça e beleza a sua própria vida juvenil ao atenderem a ordem: "Diante das cãs te levantarás, e honrarás a face do velho." Levítico 19:32.

Pais, mães e professores necessitam avaliar mais a responsabilidade e honra que Deus pôs sobre eles, ao fazer deles Seus representantes perante as crianças. O caráter revelado no contato da vida [245] diária interpretará para a criança, para o bem ou para o mal, estas palavras de Deus:

"Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor Se compadece daqueles que O temem." Salmos 103:13. "Como alguém a quem consola sua mãe, assim Eu vos consolarei." Isaías 66:13.

Feliz a criança em quem palavras como estas despertam amor, gratidão e confiança; para quem a ternura, justiça e longanimidade do pai, da mãe e do professor interpretam o amor, a justiça e a longanimidade de Deus; criança que, pela confiança, submissão e reverência em relação a seus protetores terrestres, aprende a confiar em seu Deus, e obedecer-Lhe e reverenciá-Lo. Aquele que transmite ao filho ou discípulo um dom de tal natureza, dotou-o de um tesouro mais precioso do que a riqueza de todos os séculos — tesouro tão [246] duradouro como a eternidade.

# Capítulo 28 — Relação do vestuário para com a educação

*"Em traje honesto."*

Não poderá ser completa nenhuma educação que não ensine princípios corretos em relação ao vestuário. Sem tal ensino, a obra da educação é muitas vezes retardada e pervertida. O amor ao vestuário e a dedicação à moda acham-se entre os mais formidáveis oponentes e decididos embaraços que há para o professor.

A moda é uma senhora que governa com mão de ferro. Em muitíssimos lares a atenção, força e tempo dos pais e filhos são absorvidos em satisfazer suas exigências. Os ricos têm o desejo de suplantar uns aos outros ao sujeitar-se às modas que estão sempre em mudança; os de classe média e mais pobres esforçam-se por aproximar-se da norma estabelecida pelos que supõem acima de si. Onde os meios e a força são limitados, e o desejo de sobressair é grande, o peso se torna quase insuportável.

Para muitos não importa quão próprio ou mesmo bonito um vestido possa ser, no caso de se mudar a moda, tem de ser reformado ou posto de lado. Os membros do lar são condenados a uma faina incessante. Não há tempo para educar as crianças, tempo para a oração, ou para estudo da Bíblia; não há tempo para ajudar os pequeninos a se familiarizarem com Deus mediante as Suas obras. [247]

Não há tempo nem dinheiro para a caridade. Muitas vezes a mesa de jantar vem a sofrer restrições. O alimento é mal escolhido e preparado precipitadamente, sendo as exigências da natureza supridas apenas parcialmente. Os resultados serão os maus hábitos no regime alimentar, os quais desenvolvem moléstias e conduzem à intemperança.

O amor à exibição produz a extravagância, e em muitos jovens mata a aspiração para uma vida mais nobre. Em vez de procurar educação, cedo demais se empenham nalguma ocupação a fim de

ganhar dinheiro para satisfazer à paixão do vestir. E por meio desta paixão muita jovem é seduzida à ruína.

Em muitas casas os recursos da família ficam sobrecarregados. O pai, incapaz de suprir as exigências da mãe e filhos, é tentado à desonestidade, e novamente a desonra e ruína são o resultado.

Mesmo o dia de culto e os próprios serviços religiosos não estão isentos do domínio da moda. Pelo contrário, oferecem oportunidade para maior exibição de seu poder. A igreja torna-se um lugar de ostentação, e as modas são estudadas mais do que o sermão. Os que são pobres, incapazes de corresponder às exigências da moda, ficam inteiramente afastados da igreja. O dia de descanso é passado em ociosidade, e pelos jovens muitas vezes em associações desmoralizadoras.

Na escola, as moças, em virtude de vestes impróprias e incômodas, inabilitam-se ou para o estudo ou para o recreio. Sua mente está preocupada, e tarefa difícil é ao professor despertar-lhes o interesse.

Para quebrar o encanto da moda, a professora muitas vezes não encontra meios mais eficazes do que o contato com a Natureza. Que as alunas provem os deleites que se encontram ao lado dos rios, lagos e mares; subam elas às colinas, contemplem a glória do [248] pôr-do-sol, explorem os tesouros do bosque e do campo; aprendam os prazeres de cultivar plantas e flores; e a importância de mais uma fita ou babado perderá sua significação.

Levem os jovens a verem que no vestuário, assim como no regime alimentar, a maneira singela de viver é indispensável para que possamos pensar de maneira superior. Levem-nos a ver quanto há a aprender e fazer, quão preciosos são os dias da mocidade como preparo para o trabalho da vida. Ajudem-nos a ver que tesouro há na Palavra de Deus, no livro da Natureza, e nas histórias das vidas nobres.

Dirija-se-lhes a mente aos sofrimentos que poderiam aliviar. Auxiliem-nos a ver que, em cada dólar dissipado para a ostentação, aquele que o despende se despoja de meios para alimentar os famintos, vestir os nus e consolar os tristes.

Não podem consentir que se frustrem as gloriosas oportunidades da vida, que se lhes amesquinhe o espírito, arruíne a saúde, e naufrague sua felicidade, tudo por amor da obediência a mandos que não têm fundamento na razão, nem no conforto ou na graça e elegância.

Ao mesmo tempo devem os jovens ser ensinados a reconhecer a lição da Natureza: “Tudo fez formoso em seu tempo.” Eclesiastes 3:11. No vestuário, bem como em todas as outras coisas, é nosso privilégio honrar a nosso Criador. Ele deseja que não somente seja nosso vestuário limpo e saudável, mas próprio e decoroso.

O caráter de uma pessoa é julgado pelo aspecto de seu vestuário. Um gosto apurado, um espírito desenvolvido, revelar-se-ão na escolha de ornamentos simples e apropriados. A casta simplicidade no vestir, aliada à modéstia das maneiras, muito farão no sentido de cercar uma jovem com aquela atmosfera de sagrada reserva que para ela será um escudo contra os milhares de perigos.

Ensine-se às moças que a arte de vestir-se bem, inclui também [249] a habilidade de fazer sua própria roupa. Isto deve ser uma ambição nutrida por toda moça. Será um meio de utilidade e independência de que não pode prescindir.

É justo amar e desejar a beleza; Deus, porém, deseja que amemos e procuremos primeiro a mais alta beleza — aquela que é imperecível. As mais seletas produções da perícia humana não possuem beleza que se possa comparar com a beleza do caráter, que à Sua vista é de “grande preço”.

Ensinem-se os jovens e crianças a escolher para si aquela veste real tecida nos teares celestiais — o “linho puro e resplandecente” (Apocalipse 19:8), que todos os santos da Terra usarão. Tal veste — o próprio caráter imaculado de Cristo — é livremente oferecido a todo ser humano. Mas todos os que a recebem, a receberão e usarão aqui.

Ensine-se às crianças que, franqueando elas a mente a pensamentos puros e amoráveis, e praticando ações amáveis e auxiliadoras, se estão vestindo com Suas belas vestes de caráter. Este traje fá-las-á belas e amadas aqui, e depois será o seu direito de admissão ao palácio do Rei. Sua promessa é:

“Comigo andarão de branco, porquanto são dignas disso.” Apocalipse 3:4. [250]

## Capítulo 29 — O Sábado

*“Isso é um sinal entre Mim e vós...; para que saibais que Eu sou o Senhor.”*

O valor do sábado como meio educativo, está além de toda a apreciação. O que quer que, de nossas posses, Deus exija de nós, Ele devolve enriquecido, transfigurado e com Sua própria glória. O dízimo que Ele exigia de Israel era dedicado a preservar entre os homens, em sua gloriosa beleza, o modelo de Seu templo nos Céus — sinal de Sua presença na Terra. Assim, a porção de nosso tempo que Ele reclama, nos é de novo dada, trazendo o Seu nome e selo. É “um sinal”, diz Ele, “entre Mim e vós...; para que saibais que Eu sou o Senhor”; porque “em seis dias fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou”. Êxodo 31:13; 20:11. O sábado é um sinal do poder criador e redentor; ele indica a Deus como a fonte da vida e do saber; lembra a primitiva glória do homem, e assim testifica do propósito de Deus em criar-nos de novo à Sua própria imagem.

O sábado e a família foram, semelhantemente, instituídos no Éden, e no propósito de Deus acham-se indissoluvelmente ligados um ao outro. Neste dia, mais do que em qualquer outro, é-nos possível viver a vida do Éden. Era o plano de Deus que os membros da [251] família se associassem no trabalho e estudo, no culto e recreação, sendo o pai o sacerdote da casa, e pai e mãe os professores e companheiros dos filhos. Mas os resultados do pecado, tendo mudado as condições da vida, impedem em grande parte esta associação. Muitas vezes o pai dificilmente vê a face de seus filhos durante toda a semana. Acha-se quase totalmente privado de oportunidade para a companhia ou instrução. O amor de Deus, porém, estabeleceu um limite às exigências do trabalho. Sobre o sábado Ele põe Sua misericordiosa mão. No Seu próprio dia Ele reserva à família a

oportunidade da comunhão com Ele, com a Natureza, e uns para com outros.

Visto que o sábado é a memória do poder criador, é o dia em que de preferência a todos os outros devemos familiarizar-nos com Deus mediante Suas obras. Na mente infantil, o próprio pensamento do sábado deve estar ligado à beleza das coisas naturais. Ditosa é a família que pode ir ao lugar de culto, aos sábados, como iam Jesus e Seus discípulos à sinagoga, através de campos, ao longo das praias do lago, ou por entre bosques. Ditosos são o pai e a mãe que podem ensinar a seus filhos a Palavra escrita de Deus com ilustrações tiradas das páginas abertas do livro da Natureza; que podem com eles reunir-se sob as verdes árvores, no ar fresco e puro, para estudar a Palavra e cantar os louvores do Pai celestial.

Por meio de tais associações, os pais poderão ligar os filhos a seu coração, e assim a Deus, mediante laços que jamais se hão de romper.

Como um meio de ensino intelectual, as oportunidades do sábado são incalculáveis. Que se aprenda a lição da Escola Sabatina, não olhando rapidamente ao texto da mesma no sábado de manhã, mas estudando cuidadosamente para a próxima semana, no sábado à tarde, com recapitulação ou ilustração diária durante a semana. [252] Assim a lição se fixará na memória, como um tesouro que jamais se perderá completamente.

Ouvindo o sermão, notem os pais e os filhos o texto e os versículos citados, e tanto quanto possível o fio do pensamento, para repeti-los uns aos outros em casa. Isto muito fará no sentido de remover o aborrecimento com que as crianças tantas vezes escutam um sermão, e cultivará nelas o hábito da atenção e do pensamento sério.

A meditação nos temas assim sugeridos revelará ao estudante tesouros com que jamais sonhou. Ele provará na sua própria vida a realidade da experiência descrita nas Escrituras:

"Achando as Tuas palavras, logo as comi, e a Tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração." Jeremias 15:16.

"Meditarei nos Teus estatutos." "Mais desejáveis são que o ouro, sim, do que muito ouro fino. ... Também por eles é admoestado o teu servo; e em os guardar há grande recompensa." Salmos 119:48; 19:10, 11. [253]

## Capítulo 30 — Fé e oração

*"A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam." "Crede que o recebereis, e tê-lo-eis."*

A fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para o nosso bem. Assim ela nos leva a escolher o Seu caminho em vez de o nosso próprio. Em lugar da nossa ignorância, ela aceita a Sua sabedoria; em lugar de nossa fraqueza, aceita a Sua força; em lugar de nossa pecaminosidade, Sua justiça. Nossa vida e nós mesmos somos já Seus; a fé reconhece essa posse e aceita as bênçãos dela. A verdade, correção e pureza, têm sido designadas como segredos do êxito da vida. É a fé que nos põe na posse destes princípios.

Todo o bom impulso ou aspiração é um dom de Deus; a fé recebe de Deus aquela vida que, somente, pode produzir o verdadeiro crescimento e eficiência.

Deve-se explicar bem como exercer a fé. Para toda promessa de Deus há condições. Se estamos dispostos a fazer a Sua vontade, toda a Sua força é nossa. Qualquer dom que Ele prometa, está na própria promessa. "A semente é a Palavra de Deus." Lucas 8:11. Tão certo como o carvalho está na bolota, o dom de Deus está em Sua promessa. Se recebemos a promessa, temos o dom.

A fé que nos habilita a receber os dons de Deus é em si mesma um dom, do qual certa medida é comunicada a todo ser humano. Ela cresce quando exercitada no apropriar-se da Palavra de Deus. A fim [254] de fortalecer a fé devemos freqüentemente trazê-la em contato com a Palavra.

No estudo da Bíblia, o estudante deve ser levado a ver o poder da Palavra de Deus. Na criação Ele "falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu". Ele "chama as coisas que não são como se fossem" (Salmos 33:9; Romanos 4:17); pois quando as chama, elas existem.

Quantas vezes os que confiavam na Palavra de Deus, embora se encontrando literalmente desamparados, têm resistido ao poder do mundo inteiro! Eis Enoque, puro de coração e de vida santa, mantendo firme a sua fé na vitória da justiça contra uma geração corrupta e escarnecedora; Noé e sua casa contra os homens de sua época, homens da maior força física e mental, e da moral mais aviltada; os filhos de Israel junto ao Mar Vermelho, desamparada e aterrorizada multidão de escravos contra o mais poderoso exército da mais poderosa nação do globo; Davi, como um pastorzinho, tendo de Deus a promessa do trono, em oposição a Saul, o monarca estabelecido e disposto a manter firmemente o seu poder; Sadraque e seus companheiros no fogo, e Nabucodonosor no trono; Daniel entre os leões e seus inimigos nos altos postos do reino; Jesus na cruz, e os sacerdotes e principais dos judeus forçando até o governador romano a fazer a vontade deles; Paulo em grilhões, conduzido à morte de criminoso, sendo Nero o déspota de um império mundial.

Tais exemplos não se encontram somente na Bíblia. São abundantes em todo o registro do progresso humano. Os valdenses e os huguenotes, Wycliffe e Huss, Jerônimo e Lutero, Tyndale e Knox, Zinzendorf e Wesley, com multidões de outros, têm testemunhado do poder da Palavra de Deus contra o poder e astúcia humanos em apoio do mal. Tais constituem a verdadeira nobreza do mundo. Tais são a sua linhagem real. Nesta linhagem a juventude de hoje é chamada a tomar lugar. [255]

Necessita-se de fé nas pequenas coisas da vida, tanto como nas grandes. Em todos os nossos interesses e ocupações diários, a força amparadora de Deus se nos torna real por meio de uma confiança perseverante.

Encarada em seu lado humano, a vida é para todos um caminho ainda não experimentado. É uma senda em que, no que respeita às nossas mais profundas experiências, cada qual tem de andar sozinho. Nenhum outro ser humano pode penetrar completamente em nossa vida íntima. Ao iniciar a criança aquela jornada em que, mais cedo ou mais tarde, deverá escolher seu procedimento, por si decidindo para a eternidade os lances da vida, quão ardoroso deve ser o esforço para encaminhar sua confiança para o seguro Guia e Auxiliador!

Como anteparo à tentação, e inspiração à pureza e à verdade, nenhuma influência pode igualar à intuição da presença de Deus.

“Todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos dAquele com quem temos de tratar.” “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a vexação não podes contemplar.” Hebreus 4:13; Habacuque 1:13. Este conceito foi o escudo de José entre as corrupções do Egito. Às seduções da tentação era constante sua resposta: “Como pois faria eu este tamanho mal, e pecaria contra Deus?” Gênesis 39:9. Tal escudo será a fé a toda alma que a abrigue.

Unicamente essa percepção da presença de Deus poderá banir aquele receio que faria da vida um peso à tímida criança. Fixe ela em sua memória esta promessa: “O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem, e os livra.” Salmos 34:7. Que leia a maravilhosa história de Eliseu na cidade montesina e, entre ele e as hostes de inimigos armados, uma poderosa multidão circunjacente [256] de anjos celestiais. Leia como a Pedro, na prisão e condenado à morte, apareceu o anjo de Deus; como, depois de passarem pelos guardas armados, pelas portas maciças e grandes portões de ferro com seus ferrolhos e travessas, o anjo guiou o servo de Deus em segurança. Leia acerca daquela cena no mar, quando, aos soldados e marinheiros arremessados de um para outro lado pela tempestade, exaustos pelo trabalho, vigília e longo jejum, Paulo, como prisioneiro, em caminho para o seu julgamento e execução, falou aquelas grandiosas palavras de ânimo e esperança: “Agora vos admoesto a que tenhais bom ânimo, porque não se perderá a vida de nenhum de vós. ... Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou, e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo.” Com fé nesta promessa, Paulo afirmou a seus companheiros: “Nenhum cabelo cairá da cabeça de qualquer de vós.” Assim aconteceu. Porque houvesse naquele navio um homem por meio do qual Deus podia operar, toda aquela carga de soldados e marinheiros gentios foi preservada. “Todos chegaram à terra, a salvo.” Atos dos Apóstolos 27:22-24, 34, 44.

Estas coisas não foram escritas meramente para que as pudéssemos ler e admirar, mas para que a mesma fé que na antigüidade operava nos servos de Deus, possa operar em nós. De maneira não menos assinalada do que Ele operava naquele tempo, fará hoje onde quer que haja corações de fé, que sejam os condutores de Seu poder.

Ensine-se a confiança em Deus aos que desconfiam de si próprios, e que são, por isso, levados a fugir dos cuidados e responsabilidades. Destarte, muitos que aliás não seriam senão nulidades no mundo, ou talvez apenas um fardo inerme, habilitar-se-ão a dizer com o apóstolo Paulo: “Posso todas as coisas nAquele que me fortalece.” Filipenses 4:13.

Também para a criança ligeira em ressentir-se de injúrias, a fé contém preciosas lições. A disposição para resistir ao mal ou vingá-lo é muitas vezes devida a um veemente senso de justiça e um espírito ativo e enérgico. Ensine-se a tal criança que Deus é o defensor eterno do direito. Ele tem terno cuidado pelos seres que amou a ponto de dar, para salvá-los, Aquele que Lhe era diletíssimo. Ele tratará com todo malfeitor. [257]

“Porque aquele que tocar em vós toca na menina do Seu olho.” Zacarias 2:8.

“Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nEle, e Ele tudo fará. ... Ele fará sobressair a tua justiça como a luz, e o teu juízo como o meio-dia.” Salmos 37:5, 6.

“O Senhor será também um alto refúgio para o oprimido, um alto refúgio em tempo de angústia. E em Ti confiarão os que conhecem o Teu nome; porque Tu, Senhor, nunca desamparaste os que Te buscam.” Salmos 9:9, 10.

A compaixão que Deus manifesta para conosco, Ele nos ordena que manifestemos para com os outros. Que os que são impulsivos, pretensiosos e vingativos contemplem Aquele que, meigo e humilde, foi levado como um cordeiro ao matadouro, e não retribuiu o mal, semelhantemente à ovelha silenciosa diante dos que a tosquiam. Olhem para Aquele a quem nossos pecados feriram e nossas tristezas sobrecarregaram, e aprenderão a suportar, relevar e perdoar.

Por meio da fé em Cristo, toda deficiência de caráter pode ser suprida, toda contaminação removida, corrigida toda falta, e toda boa qualidade desenvolvida.

“Estais perfeitos nEle.” Colossences 2:10.

A oração e a fé são aliadas íntimas, e necessitam de ser estudadas juntas. Na oração da fé há uma ciência divina; é uma ciência que tem de compreender todo aquele que deseja fazer do trabalho um êxito. Diz Cristo: “Tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis.” Marcos 11:24. [258]

Ele deixa bem esclarecido que o nosso pedido deve estar de acordo com a vontade de Deus; devemos pedir as coisas que Ele prometeu, e o que quer que recebamos deve ser empregado no fazer a Sua vontade. Satisfeitas as condições, a promessa é certa.

Podemos pedir o perdão do pecado, o Espírito Santo, um temperamento cristão, sabedoria e força para fazer Sua obra, ou qualquer dom que Ele haja prometido; então devemos crer que recebemos, e agradecer a Deus por havermos recebido.

Não precisamos esperar por qualquer evidência exterior da bênção. O dom acha-se na promessa. Podemos empenhar-nos em nosso trabalho certos de que o que Deus prometeu Ele pode realizar, e de que o dom, que nós já possuímos, se efetivará quando dele mais necessitarmos.

Viver assim pela Palavra de Deus significa a entrega a Ele de toda a nossa vida. Ter-se-á um contínuo senso de necessidade e dependência, uma atração do coração a Deus. A oração é uma necessidade, pois é a vida da alma. A oração particular e em público tem o seu lugar; é, porém, a comunhão secreta com Deus que sustenta a vida da alma.

Foi no monte, com Deus, que Moisés contemplou o modelo daquela construção maravilhosa que devia ser a morada de Sua glória. É no monte, com Deus — o lugar secreto da comunhão com Ele — que devemos contemplar Seu glorioso ideal para com a humanidade. Destarte habilitar-nos-emos a moldar de tal maneira a formação de nosso caráter que se possa cumprir para nós esta promessa: "Neles habitarei, e entre eles andarei; e Eu serei o seu [259] Deus, e eles serão o Meu povo." 2 Coríntios 6:16.

Era nas horas de oração solitária que Jesus, em Sua vida terrestre, recebia sabedoria e poder. Sigam os jovens o Seu exemplo, procurando, na aurora e ao crepúsculo, uns momentos tranqüilos para a comunhão com seu Pai celestial. E durante o dia todo levantem eles o coração a Deus. A cada passo em nosso caminho, diz Ele: "Eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela mão direita. ... Não temas, que Eu te ajudo." Isaías 41:13. Aprendessem nossos filhos estas lições na manhã de seus anos, e que vigor e poder, que alegria e doçura lhes penetrariam a vida!

Tais são lições que apenas aquele que as aprendeu por si mesmo poderá ensinar. O fato de que o ensino das Escrituras não tem maior

efeito sobre a juventude, é devido a que tantos pais e mestres professem crer na Palavra de Deus, enquanto sua vida nega o poder dela. Às vezes os jovens são levados a sentir o poder da Palavra. Vêem a preciosidade do amor de Cristo. Vêem a beleza de Seu caráter, as possibilidades de uma vida dada a Seu serviço. Mas, em contraste, vêem eles a vida dos que professam reverenciar os preceitos de Deus. Em relação a quantos deles são verdadeiras as palavras proferidas ao profeta Ezequiel:

Teu povo "fala um com o outro, cada um a seu irmão, dizendo: Vinde, peço-vos, e ouvi qual seja a palavra que procede do Senhor. E eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como Meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obras; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza. E eis que tu és para eles como uma canção de amores, canção de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as [260] tuas palavras, mas não as põem por obra." Ezequiel 33:30-32.

Uma coisa é considerar a Bíblia como um livro de boa instrução moral, a que se deva atender tanto quanto seja compatível com o espírito do tempo e nossa posição no mundo; outra coisa é considerá-la como realmente é: a palavra do Deus vivo, palavra que é a nossa vida, que deve modelar nossas ações, palavras e pensamentos. Ter a Palavra de Deus na conta de qualquer coisa inferior a isto, é rejeitá-la. E esta rejeição por parte dos que professam crer nela, é a causa preeminente do ceticismo e incredulidade entre os jovens.

Parece estar-se apoderando do mundo, em muitos sentidos, uma intensidade qual nunca dantes se viu. Nos divertimentos, no ganhar dinheiro, nas lutas pelo poderio, na própria luta pela existência, há uma força terrível que absorve o corpo, o espírito e a alma. Em meio desta corrida louca, Deus fala. Ele nos ordena que fiquemos à parte e tenhamos comunhão com Ele. "Aquietai-vos, e sabei que Eu sou Deus." Salmos 46:10.

Muitos, mesmo nas horas de devoção, deixam de receber a bênção da comunhão real com Deus. Estão com demasiada pressa. Com passos precipitados apertam-se ao atravessar o grupo dos que têm a adorável presença de Cristo, detendo-se possivelmente um momento no recinto sagrado, mas não para esperar conselho. Não têm tempo de ficar com o Mestre divino. E com seus fardos voltam eles a seus trabalhos.

Estes trabalhadores nunca poderão alcançar o maior êxito antes que aprendam o segredo da força. Devem dar a si mesmos tempo [261] para pensar, orar e esperar de Deus a renovação da força física, mental e espiritual. Precisam da influência enobrecedora de Seu Espírito. Recebendo-a, animar-se-ão de uma nova vida. O corpo exausto e o cérebro cansado refrigerar-se-ão, e o coração oprimido aliviar-se-á.

Nada de uma parada momentânea em Sua presença, mas um contato pessoal com Cristo, sentando-nos em Sua companhia — tal é a nossa necessidade. Felizes serão os filhos de nossos lares e estudantes de nossas escolas quando pais e professores aprenderem em sua própria vida a preciosa experiência descrita nestas palavras dos Cantares de Salomão:

“Qual a macieira entre as árvores do bosque,
Tal é o meu Amado entre os filhos;
Desejo muito a Sua sombra, e debaixo dela me assento;
E o Seu fruto é doce ao meu paladar.
Levou-me à sala do banquete,
E o Seu estandarte em mim era o amor.”

Cantares 2:3, 4.

[262]

## Capítulo 31 — O trabalho vitalício

*"Uma coisa faço."*

O êxito em qualquer coisa que empreendamos exige um objetivo definido. Aquele que desejar alcançar o verdadeiro êxito na vida deve conservar firmemente em vista o alvo digno de seus esforços. Tal alvo acha-se posto diante da mocidade de hoje. O propósito, indicado por Deus, de dar o evangelho ao mundo nesta geração, é o mais nobre que possa apelar para qualquer ser humano. Abre um campo aos esforços de todo aquele cujo coração foi tocado por Cristo.

O propósito de Deus para com os filhos que crescem em nossos lares, é mais amplo, mais profundo, mais elevado, do que o tem compreendido a nossa visão restrita. Aqueles em quem Ele viu fidelidade, têm sido, no passado, chamados dentre as mais humildes posições na vida, a fim de testificarem dEle nos mais elevados lugares do mundo. E muitos jovens de hoje, que crescem como Daniel no seu lar judaico, estudando a Palavra e as obras de Deus, e aprendendo as lições do serviço fiel, ainda se levantarão nas assembléias legislativas, nas cortes de justiça, ou nos paços reais, como testemunhas do Rei dos reis. Multidões serão chamadas para um ministério mais amplo. O mundo todo se está abrindo para o evangelho. A Etiópia está estendendo as mãos a Deus. Do Japão, China e Índia, das terras ainda obscuras do nosso próprio continente, de toda parte deste nosso mundo, vem o clamor de corações feridos em seu anelo de conhecimento do Deus de amor. Milhões e milhões jamais sequer [263] ouviram falar em Deus ou Seu amor revelado em Cristo. Eles têm direito de receber este conhecimento. Igual direito ao nosso têm eles à misericórdia do Salvador. Recai sobre nós, os que recebemos este conhecimento, e sobre nossos filhos, a quem o podemos comunicar, atender ao seu clamor. A toda casa e escola, a todo pai, professor e criança sobre quem resplandeceu a luz do evangelho, impõe-se, neste momento crítico, a pergunta feita à rainha Ester naquela momentosa

crise da história de Israel: “Quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?” Ester 4:14.

Os que pensam no resultado de apressar o evangelho, ou impedi-lo, pensam isto em relação a si mesmos e ao mundo. Poucos o pensam em relação a Deus. Poucos tomam em consideração o sofrimento que o pecado causou a nosso Criador. Todo o Céu sofreu com a agonia de Cristo; mas esse sofrimento não começou nem terminou com Sua manifestação em humanidade. A cruz é uma revelação, aos nossos sentidos embotados, da dor que o pecado, desde o seu início, acarretou ao coração de Deus. Cada desvio do que é justo, cada ação de crueldade, cada fracasso da natureza humana para atingir o seu ideal, traz-Lhe pesar. Quando sobrevieram a Israel as calamidades que eram o resultado certo da separação de Deus — subjugação por seus inimigos, crueldade e morte — refere-se que “se angustiou a Sua alma por causa da desgraça de Israel”. “Em toda a angústia deles foi Ele angustiado ... e os tomou, e os conduziu todos os dias da antigüidade.” Juízes 10:16; Isaías 63:9.

Seu Espírito “intercede por nós com gemidos inexprimíveis”. Enquanto “toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora” (Romanos 8:26, 22), o coração do Pai infinito condói-se, [264] em simpatia. Nosso mundo é um vasto hospital, ou seja, um cenário de miséria em que não ousamos permitir mesmo que os nossos pensamentos se demorem. Compreendêssemos nós o que ele é na realidade, e o peso que sobre nós sentiríamos seria terribilíssimo. No entanto, Deus o sente todo. A fim de destruir o pecado e seus resultados, Ele deu Seu mui dileto Filho, e pôs ao nosso alcance, mediante a cooperação com Ele, levar esta cena de miséria a termo. “Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.” Mateus 24:14.

“Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura” (Marcos 16:15) — é a ordem de Cristo a Seus seguidores. Não que todos sejam chamados para serem ministros ou missionários no sentido comum do termo; mas todos podem ser coobreiros de Cristo, dando as “boas novas” a seus semelhantes. A todos, grandes ou pequenos, doutos ou ignorantes, velhos ou jovens, é dada a ordem.

À vista deste mandado, poderemos educar nossos filhos e filhas para uma vida de respeitáveis formalidades, uma vida que se professe cristã, mas a que falte aquele sacrifício próprio como o de Jesus,

uma vida, enfim, sobre a qual o veredicto dAquele que é a verdade, deverá ser: "Não vos conheço"?

Milhares estão fazendo assim. Julgam assegurar a seus filhos os benefícios do evangelho, enquanto negam o espírito do mesmo. Mas isto não pode ser. Os que rejeitam o privilégio da associação com Cristo no serviço cristão, rejeitam o único ensino que lhes dá habilitação para participar com Ele de Sua glória. Rejeitam o ensino que nesta vida concede força e nobreza de caráter. Muitos pais e mães, negando os filhos à cruz de Cristo, viram demasiado tarde que os estavam assim entregando ao inimigo de Deus e do homem. Selaram a sua ruína, não somente para o futuro, mas para a vida presente. A tentação venceu-os. Cresceram como uma maldição ao [265] mundo, uma tristeza e uma vergonha aos que lhes deram o ser.

Mesmo ao procurar preparar-se para o serviço de Deus, muitos se transviam pelos maus métodos de educação. A vida é por demais considerada como constituída de dois períodos distintos: o período da aprendizagem e o da vida prática — o preparo e a consecução. No preparo para a vida de serviço os jovens são mandados para a escola, a fim de adquirirem conhecimentos pelo estudo dos livros. Separados das responsabilidades da vida diária, absorvem-se no estudo, e muitas vezes perdem de vista o propósito deste. Morre o ardor de sua primeira consagração, e muitos assumem alguma ambição pessoal e egoísta. Ao formar-se, milhares se acham fora do contato da vida. Tanto tempo lidaram com coisas abstratas e teóricas que, quando o ser todo deveria levantar-se para enfrentar os ásperos debates da vida real, não se encontram preparados. Em vez do nobre trabalho que se tinham proposto, absorvem as energias na luta pela mera subsistência. Depois de repetidas decepções, desesperados até de ganhar uma subsistência honesta, muitos se atiram a práticas discutíveis e criminosas. O mundo fica despojado do serviço que poderia ter recebido, e Deus é privado das almas que anelava erguer, enobrecer e honrar como representantes Seus.

Muitos pais erram em fazer distinção entre seus filhos na questão de sua educação. Fazem quase todo o sacrifício para conseguir as melhores vantagens para um que é inteligente e apto. Mas não julgam que estas oportunidades são uma necessidade àqueles que são menos promissores. Imaginam que pouca educação seja necessária para o cumprimento dos deveres comuns da vida.

[266] Mas quem é capaz de escolher dentre os filhos de uma família aqueles sobre quem repousarão as mais importantes responsabilidades? Quantas vezes se tem verificado estar o discernimento humano em erro neste ponto! Lembrai-vos da experiência de Samuel quando foi mandado a ungir dentre os filhos de Jessé um para ser o rei sobre Israel. Sete jovens de nobre parecer passaram diante dele. Quando olhou ao primeiro, de traços bonitos, de formas bem desenvolvidas e porte principesco, o profeta exclamou: "Certamente está perante o Senhor o Seu ungido." Mas Deus disse: "Não atentes para a sua aparência, nem para a altura da sua estatura, porque o tenho rejeitado, porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração." Assim, quanto a todos os sete, o testemunho foi: "O Senhor não tem escolhido a estes." 1 Samuel 16:6, 7, 10. E não foi permitido ao profeta cumprir sua missão antes que Davi fosse chamado do rebanho.

Os irmãos mais velhos, dentre os quais Samuel teria feito a escolha, não possuíam as qualidades que Deus via serem essenciais para um governador de Seu povo. Orgulhosos, cheios de si, pretensiosos, foram deixados de lado em vantagem daquele que mal merecia a sua consideração, aquele que havia preservado a simplicidade e sinceridade de sua juventude, e que, conquanto pequeno à sua própria vista, poderia ser educado por Deus para assumir as responsabilidades do reino. Assim hoje, em muita criança cujos pais passariam por alto, Deus vê capacidades muito acima das que são reveladas por outros que se supõem sejam bastante promissores.

E no que respeita às possibilidades da vida, quem seria capaz de decidir o que é grande e o que é pequeno? Quanto trabalhador tem havido, nas humildes posições da vida, que, movimentando influências para a bênção do mundo, tem conseguido resultados que reis poderiam invejar!

[267] Que toda criança, portanto, receba uma educação para os mais elevados serviços. "Pela manhã semeia a tua semente, e à tarde não retires a tua mão, porque tu não sabes qual prosperará: se esta, se aquela." Eclesiastes 11:6.

O lugar específico que nos é designado na vida, é determinado por nossas capacidades. Nem todos atingem o mesmo desenvolvimento ou fazem com igual eficiência o mesmo trabalho. Deus não

espera que o hissopo atinja as proporções do cedro, ou a oliveira a altura da majestosa palmeira. Mas cada qual deve ter o objetivo de atingir tão alto quanto a união do poder humano com o divino lhe torne possível.

Muitos não se tornam aquilo que poderiam ser, pois não empregam o poder que neles está. Não lançam mão da força divina, como poderiam fazer. Muitos se desviam da linha em que poderiam alcançar o mais verdadeiro êxito. À procura de maior honra, ou de um trabalho mais agradável, tentam algo para que não são talhados. Nutrem a ambição de entrar para alguma profissão, muitos homens cujos talentos são adaptados a alguma outra vocação; e os que poderiam ter sido bem-sucedidos como fazendeiros, artífices, enfermeiros, ocupam impropriamente os cargos de pastores, advogados ou médicos. Outros há também que poderiam ocupar uma posição de responsabilidade, mas que por falta de energia, diligência e perseverança, se contentam com um cargo mais fácil.

Precisamos seguir mais de perto o plano de Deus relativo à vida. Fazer o melhor que pudermos no trabalho que se acha mais perto, entregar nossos caminhos a Deus, e observar as indicações de Sua providência — eis as regras que asseguram orientação certa na escolha de uma ocupação.

Aquele que do Céu veio para ser nosso exemplo, despendeu quase trinta anos de Sua vida no trabalho comum e mecânico; durante esse tempo, porém, Ele esteve a estudar a Palavra e as obras de Deus, a prestar auxílios e ensinar a todos os que Sua influência podia atingir. Ao iniciar-se o Seu ministério público, saiu Ele a curar [268] os doentes, consolar os tristes, pregar o evangelho aos pobres. Esta é a obra de todos os Seus seguidores.

"O maior entre vós", disse Ele, "seja como o menor; e quem governa como quem serve. Pois ... entre vós sou como aquele que serve." Lucas 22:26, 27.

O amor e lealdade para com Cristo são a fonte de todo verdadeiro serviço. No coração tocado por Seu amor, ter-se-á gerado o desejo de trabalhar por Ele. Que este desejo seja acoroçoado e bem dirigido. Quer no lar, quer na vizinhança ou na escola, a presença dos pobres, aflitos, ignorantes ou infelizes, deve ser considerada não como uma desgraça, senão como uma preciosa oportunidade para o serviço que se nos oferece.

Nesta obra, como em qualquer outra, adquire-se a habilidade no próprio trabalho. É pelo ensino obtido nos deveres comuns da vida e no auxílio aos necessitados e sofredores, que se nos assegura a eficiência. Sem isto, os mais bem-intencionados esforços são muitas vezes inúteis e mesmo prejudiciais. É na água e não na terra que os homens aprendem a nadar.

Outra obrigação, muitas vezes considerada levianamente — a qual precisa ser explicada aos jovens que estão despertos àquilo que Cristo exige — é a sua obrigação para com a igreja.

Muito íntima e sagrada é a relação entre Cristo e Sua igreja: Ele é o noivo e a igreja a noiva; Ele a cabeça, e a igreja o corpo. A conexão com Cristo, portanto, envolve a conexão com Sua igreja.

A igreja foi organizada para o serviço; e numa vida de serviço [269] dedicado a Cristo, a conexão com a igreja é um dos primeiros passos. A lealdade para com Cristo exige o fiel cumprimento dos deveres da igreja. Isto é parte importante da educação de qualquer pessoa; e, numa igreja impregnada da vida do Mestre, levará diretamente ao esforço em prol do mundo lá fora.

Há muitos ramos em que os jovens podem aplicar seus esforços em prol de outrem. Organizem-se eles em grupos para o serviço cristão, e verificar-se-á ser a cooperação um auxílio e encorajamento. Pais e professores, tomando interesse na obra dos jovens, poderão dar-lhes o benefício da sua própria experiência mais ampla e auxiliá-los a tornar eficientes seus esforços em prol do bem.

É a familiaridade que desperta a simpatia, e esta é a originadora da prestatividade eficaz. Para despertar nas crianças e nos jovens simpatia e espírito de sacrifício pelos milhões que sofrem “nas regiões de além”, familiarizem-se eles com esses países e povos. Neste sentido muito se poderia realizar em nossas escolas. Em vez de se demorarem nas façanhas de Alexandre ou Napoleão, a que se refere a História, estudem os alunos a vida de homens tais como o apóstolo Paulo e Martinho Lutero, Moffat e Livingstone, Carey, e a atual história de esforço missionário a desdobrar-se diariamente. Em vez de carregarem sua memória com uma série de nomes e teorias que nenhuma influência têm sobre sua vida, e em que uma vez fora da escola raramente pensam, estudem eles todos os países à luz do esforço missionário e familiarizem-se com os povos e suas necessidades.

Nesta obra finalizadora do evangelho haverá um vasto campo a ser ocupado; e mais do que nunca a obra deve arregimentar dentre o povo comum, elementos para auxiliar. Tanto jovens como os de maior idade, serão chamados dos campos, das vinhas, das oficinas, [270] e enviados pelo Mestre a dar Sua mensagem. Muitos deles tiveram pouca oportunidade de se educar; Cristo, porém, vê neles qualificações que os habilitam a cumprir o Seu propósito. Se puserem o coração nessa obra e continuarem a aprender, aparelhá-los-á para trabalhar por Ele.

Aquele que conhece a profundidade das misérias e desespero do mundo, sabe por que meio trazer-lhe alívio. De todos os lados vê Ele almas em trevas, curvadas sob o peso do pecado, tristeza e dor. Mas também vê suas possibilidades; vê a altura a que poderiam atingir. Posto que os seres humanos hajam abusado das mercês de que foram objeto, dissipado seus talentos e perdido a dignidade da divina varonilidade, o Criador deverá ser glorificado em sua redenção.

O encargo de trabalhar por estes necessitados nos lugares escabrosos da Terra, Cristo põe sobre os que se compadecem dos ignorantes e dos que se acham transviados. Ele estará presente para auxiliar aqueles cujo coração é susceptível de piedade, ainda que suas mãos possam ser toscas e inábeis. Ele operará por meio daqueles que vêem na miséria ensejo para a misericórdia, e na perda, para o ganho. Quando a Luz do mundo passa, discerne-se privilégio nas agruras, ordem na confusão, êxito no aparente fracasso. Vêem-se as calamidades como bênçãos disfarçadas, as desgraças como favores. Obreiros dentre o povo comum participando das tristezas de seus semelhantes, como participava seu Mestre das de todo o gênero humano, vê-Lo-ão pela fé a operar com eles.

"O grande dia do Senhor está perto, está perto, e se apressa muito." Sofonias 1:14. E há um mundo a ser avisado.

Com o preparo que puderem obter, milhares e milhares de jovens [271] e outros de mais idade devem consagrar-se a esta obra. Já muitos corações estão a atender à chamada do Obreiro por excelência, e o número deles crescerá. Mostre todo o educador cristão simpatia e cooperação para com tais obreiros. Anime e auxilie a juventude sob seu cuidado a obter preparo para unir-se às fileiras.

Não há outro ramo de trabalho em que seja possível aos jovens receber maior benefício. Todos os que se empenham em servir são a mão auxiliadora de Deus. São coobreiros dos anjos; ou antes, são o poder humano por meio do qual os anjos cumprem a sua missão. Os anjos falam pela sua voz e agem por suas mãos. E os obreiros humanos, cooperando com os seres celestiais, recebem o benefício da educação e experiência deles. E, como meio de educação, que "curso universitário" poderá igualar a este?

Com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude devidamente preparada, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo! Quão depressa poderia vir o fim — o fim do sofrimento, tristeza e pecado! Quão depressa, em lugar desta possessão aqui, com sua mancha de pecado e dor, poderiam nossos filhos receber a sua herança onde "os justos herdarão a Terra e habitarão nela para sempre"; onde "morador nenhum dirá: Enfermo estou", e "nunca mais se ouvirá nela voz de choro"! Salmos 37:29; [272] Isaías 33:24; 65:19.

[273]

# Os mestres subalternos

[274]

*"Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós."*

[275]

# Capítulo 32 — Preparação

*“Procura apresentar-te a Deus aprovado.”*

A primeira professora da criança é a mãe. Nas mãos desta acha-se em grande parte sua educação, durante o período de seu maior e mais rápido desenvolvimento. À mãe oferece-se em primeiro lugar a oportunidade de moldar o caráter para o bem ou para o mal. Ela deve compreender o valor desta sua oportunidade, e acima de qualquer outro professor cumpre que esteja habilitada a dela fazer uso de modo a obter os melhores resultados. Não obstante, não há outrem para cujo preparo tão pouca atenção se dê. Aquela, cuja influência na educação é poderosíssima e de tão vasto alcance é quem recebe o menor esforço sistemático em seu auxílio.

Aquelas, a quem é confiado o cuidado das criancinhas, são muitas vezes ignorantes em relação às necessidades físicas destas; pouco sabem das leis de saúde ou dos princípios do desenvolvimento. Tampouco estão melhor aparelhadas para cuidar do crescimento mental e espiritual das crianças. Podem ter habilitações para dirigir negócios ou brilhar na sociedade, podem ter adquirido louváveis conhecimentos na literatura e ciências; mas do ensino de uma criança pouco conhecimento possuem. É principalmente por causa desta falta, especialmente da negligência do desenvolvimento físico na tenra idade, que tão grande proporção da raça humana morre na infância, e dentre os que atingem a maturidade tantos há para quem a vida não é senão um peso. [276]

Sobre os pais, bem como as mães, recai a responsabilidade do primeiro ensino à criança, tanto como do ensino posterior; e a ambos os pais é urgentíssima a necessidade de preparo cuidadoso e completo. Antes de tomar sobre si as responsabilidades da paternidade ou maternidade, homens e mulheres devem familiarizar-se com as leis do desenvolvimento físico: com a fisiologia e saúde, as influências pré-natais, com as leis da hereditariedade, sanidade, vestuário,

exercício e tratamento de moléstias; devem também compreender as leis do desenvolvimento mental e do ensino moral.

O Ser infinito tem esta obra de educação em tal conta que foram enviados mensageiros de Seu trono a uma que devia ser mãe, a fim de responder à pergunta: "Qual será o modo de viver e serviço do menino?" (Juízes 13:12) — e instruir o pai relativamente à educação do filho prometido.

Jamais a educação cumprirá tudo aquilo que pode e deve, antes que a importância da obra dos pais seja completamente reconhecida, e recebam eles o preparo para as suas sagradas responsabilidades.

A necessidade de ensino preparatório para o professor é universalmente admitida; poucos, porém, reconhecem quão essencial é o caráter deste preparo. Aquele que avalia as responsabilidades abrangidas no ensino da juventude, compenetrar-se-á de que a instrução nos ramos científicos e literários, somente, não poderá bastar. O professor deve ter uma educação mais compreensiva do que a que se pode obter pelo estudo dos livros. Deve possuir não somente força mas também largueza de espírito; deve não somente ser dotado de uma alma sã mas também de um coração grande.

Unicamente Aquele que criou o espírito e ordenou as suas leis, pode compreender perfeitamente as necessidades do mesmo ou dirigir-lhe o desenvolvimento. Os princípios de educação que Ele deu, são o único guia seguro. Um requisito essencial a todo professor é o conhecimento destes princípios, e uma aceitação dos mesmos de tal maneira que faça deles uma força dirigente em sua própria vida. [277]

A experiência na vida prática é indispensável. Ordem, perfeição, pontualidade, governo de si mesmo, temperamento jovial, uniformidade de disposição, sacrifício próprio, integridade e cortesia são requisitos essenciais.

Visto que há tanta leviandade de caráter, tanto de espúrio em redor da mocidade, mais necessidade há de que as palavras, atitude e comportamento do professor representem o que é elevado e verdadeiro. As crianças são prontas para apanharem a afetação, ou qualquer outra fraqueza ou defeito. O professor não poderá impor-se ao respeito de seus discípulos de nenhuma outra maneira a não ser revelando em seu próprio caráter os princípios que ele procura ensinar-lhes. Apenas fazendo isto em sua associação diária com eles,

é que sobre os mesmos poderá ter uma permanente influência para o bem.

O professor em grande parte depende do vigor físico, no que respeita a quase todas as outras qualificações que contribuem para o seu êxito. Quanto melhor for sua saúde, tanto melhor será seu trabalho.

Tão exaustivas são as suas responsabilidades que se exige um esforço especial de sua parte para conservar o vigor e viço. Muitas vezes ele se torna fatigado de coração e cérebro, com a tendência quase irresistível à depressão, frieza e irritabilidade. É seu dever não simplesmente resistir a tais disposições de ânimo, mas evitar a sua causa. Precisa conservar o coração puro, suave, confiante e cheio de simpatia. A fim de estar sempre firme, calmo e jovial, deve preservar [278] a força do cérebro e dos nervos.

Desde que a qualidade de seu trabalho é tão mais importante do que a quantidade, ele deve precaver-se contra o trabalho excessivo: não tentando fazer demasiado no ramo de seus próprios deveres; não aceitando outras responsabilidades que o inabilitem para a sua obra; não tomando parte em divertimentos e recreações sociais que sejam exaustivos ao invés de restauradores.

O exercício ao ar livre, especialmente no trabalho útil, é um dos melhores meios de recreação para o corpo e o espírito; e o exemplo do professor inspirará seus discípulos com o interesse e respeito pelo trabalho manual.

Em todos os sentidos deve o professor observar escrupulosamente os princípios de saúde. Deve fazê-lo não somente pelo efeito que isto tem sobre sua própria utilidade, mas também pela sua influência sobre os discípulos. Deve ser sóbrio em todas as coisas; no regime alimentar, no vestuário, no trabalho, na recreação, deve ele ser um exemplo.

Com a saúde física e a correção de caráter deve encontrar-se combinada a alta qualificação literária. Quanto mais tiver o professor de verdadeiro conhecimento, melhor será seu trabalho. A sala de aulas não é lugar para trabalho superficial. Nenhum professor que esteja satisfeito com um saber superficial atingirá um elevado grau de eficiência.

A utilidade do professor não depende, porém, tanto das aquisições intelectuais que possua, como da norma que ele tenha por

objetivo. O verdadeiro professor não se contenta com pensamentos obtusos, espírito indolente ou memória inculta. Procura constantemente consecuções mais elevadas e melhores métodos. Sua vida é de contínuo crescimento. No trabalho de um professor nestas condições, há uma exuberância e poder vivificador que despertam e inspiram seus discípulos.

O professor deve ter aptidão para o seu trabalho. Deve ter a sabedoria e o tato exigidos para tratar com as mentes. Por maior [279] que sejam seus conhecimentos científicos, por excelentes que sejam suas qualificações em outros ramos, se não alcançar o respeito e confiança de seus alunos, debalde serão seus esforços.

Precisam-se professores que sejam expeditos no discernir e aproveitar toda oportunidade para fazer o bem; professores que combinem a verdadeira dignidade com o entusiasmo; que sejam capazes de dirigir e aptos "para ensinar"; que possam inspirar pensamentos, despertar energias e comunicar ânimo e vida.

As vantagens de um professor podem ter sido limitadas, de modo que ele poderá não possuir habilitações literárias tão altas como se poderia desejar. Todavia, se tem um conhecimento verdadeiramente profundo da natureza humana; se tem um genuíno amor por sua obra, apreciação de sua grandeza e decisão de se aperfeiçoar; se está disposto a trabalhar fervorosamente, perseverantemente, compreenderá as necessidades de seus discípulos, e pelo seu espírito de simpatia e progresso inspirá-los-á a prosseguir, procurando guiá-los avante e para cima.

As crianças e jovens sob os cuidados do professor diferem largamente em disposição, hábitos e educação. Alguns não têm nenhum propósito definido ou princípios fixos. Precisam ser despertados a suas responsabilidades e possibilidades. Poucas crianças foram devidamente educadas em casa. Algumas foram muito mimadas. Todo o seu preparo foi superficial. Tendo-se-lhes permitido seguir as inclinações e evitar responsabilidades e encargos, falta-lhes estabilidade, perseverança e renúncia. Muitas vezes consideram toda disciplina como restrição desnecessária. Outras têm sido censuradas ou desanimadas. Restrições arbitrárias e aspereza desenvolveram nelas obstinação e desafio. Se estes caracteres deformados forem remodelados, este trabalho na maioria dos casos terá de ser feito pelo professor. Para que o cumpra com êxito, deve ter a simpatia e [280]

intuição que o habilitem a descobrir a causa das faltas e erros manifestos em seus discípulos. Deve ter também o tato e a habilidade, a paciência e firmeza, que o habilitem a comunicar a cada um o auxílio necessitado: ao vacilante e comodista, uma animação e assistência que sejam um estímulo ao esforço; ao desanimado, simpatia a apreciação que criem confiança e assim inspirem diligência.

Os professores muitas vezes deixam de entrar suficientemente em relação social com seus alunos. Manifestam pouca simpatia e ternura, e demasiada dignidade de um juiz austero. Conquanto o professor tenha de ser firme e decidido, não deve ser opressor e ditatorial. Ser áspero e severo, ficar longe de seus discípulos, ou tratá-los indiferentemente, corresponde a fechar a passagem pela qual poderia influir neles para o bem.

Sob circunstância alguma deve o professor manifestar parcialidade. Favorecer ao aluno cativante, atraente, e ser crítico, impaciente e incompassivo para com os que mais necessitam de animação e auxílio, significa revelar uma concepção totalmente errônea de seu trabalho. É no tratar com os defeituosos e trabalhosos que se prova o caráter e fica demonstrado se o professor é realmente qualificado para o seu cargo.

Grande é a responsabilidade dos que tomam sobre si o encargo de ser guias da alma humana. O verdadeiro pai e mãe contam como seu um encargo de que nunca poderão desincumbir-se completamente. A vida da criança, desde o seu primeiro dia até ao último, experimenta o poder daquele laço que a liga ao coração dos pais; os atos, palavras, e mesmo o olhar dos pais continuam a moldar o filho [281] para o bem ou para o mal. O professor participa desta responsabilidade, e necessita constantemente compreender o caráter sagrado da mesma e conservar em vista o propósito de sua obra. Ele não deve meramente cumprir suas tarefas diárias, satisfazer seus superiores e manter a boa fama da escola; deve tomar em consideração o mais elevado bem de seus discípulos como indivíduos, os deveres que a vida deporá sobre eles, o serviço que ela requer, e a preparação exigida. O trabalho que faz dia a dia exercerá sobre seus discípulos, e por meio deles sobre outros, uma influência que não cessará de se estender e fortalecer até que termine o tempo. Os frutos de seu trabalho ele tem de encontrá-los naquele grande dia em que toda palavra e ação hão de ser investigadas diante de Deus.

O professor que disto se compenetre não terá a impressão de que seu trabalho está completo ao terminar a rotina diária das lições dadas, saindo os alunos por algumas horas de sob seus cuidados diretos. Ele levará essas crianças e jovens em seu coração. Seu constante estudo e esforço serão como assegurar-lhes a mais nobre norma de eficiência.

Aquele que enxerga as oportunidades e privilégios de sua obra não permitirá que coisa alguma obste o caminho para os ardorosos esforços no sentido do aperfeiçoamento próprio. Não poupará esforços a fim de atingir a mais elevada norma de excelência. Tudo que deseja que seus discípulos se tornem, ele mesmo se esforçará por ser.

Quanto mais profundo for o senso da responsabilidade e mais ardoroso o esforço para o aperfeiçoamento próprio, tanto mais claramente perceberá o professor, e mais profundamente lamentará, os defeitos que embaraçam sua utilidade. Contemplando ele a magnitude de sua obra, suas dificuldades e possibilidades, muitas vezes [282] seu coração exclamará: "Para estas coisas quem é idôneo?"

Caro professor, quando considera sua necessidade de força e guia, necessidade esta que nenhuma fonte humana poderia suprir, convido-o a considerar as promessas dAquele que é o Conselheiro maravilhoso:

"Eis que diante de ti pus uma porta aberta", diz Ele, "e ninguém a pode fechar." Apocalipse 3:8.

"Clama a Mim, e responder-te-ei." "Instruir-te-ei, e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir; guiar-te-ei com os Meus olhos." Jeremias 33:3; Salmos 32:8.

"Até à consumação dos séculos" "Eu estou convosco". Mateus 28:20.

Como o mais elevado preparo para o seu trabalho indico-lhe as palavras, a vida, os métodos, do Príncipe dos professores. Convido-o a considerá-Lo. NEle está o seu verdadeiro ideal. Contemple-O, demore-se em Sua consideração, até que o Espírito do Mestre divino tome posse de seu coração e vida.

"Refletindo como um espelho a glória do Senhor", você será transformado "... na mesma imagem". 2 Coríntios 3:18.

Este é o segredo do poder sobre os seus discípulos. Reflita-O. [283]

## Capítulo 33 — Cooperação

*"Somos membros uns dos outros."*

Na formação do caráter nenhuma influência avulta tanto como a do lar. O trabalho do professor deve suplementar o dos pais, mas não substituí-lo. Em tudo que respeita ao bem-estar da criança devem os pais e professores esforçar-se no sentido de cooperar.

Este trabalho de cooperação deve começar com o pai e a mãe na vida doméstica. No ensino de seus filhos, eles têm uma responsabilidade conjunta, e deve ser seu constante esforço agirem juntamente. Entreguem-se eles a Deus, procurando dEle auxílio para se ajudarem mutuamente. Ensinem os filhos a serem verdadeiros para com Deus, fiéis aos princípios, e assim verazes para consigo mesmos e para com todos aqueles com quem entram em contato. Com tais ensinos, as crianças, quando mandadas à escola, não serão causa de perturbação ou ansiedade. Serão um apoio aos professores e um exemplo e animação aos colegas de estudo.

Os pais que dão tal ensino não são dos que se encontram a criticar o professor. Compreendem que tanto o interesse de seus filhos como a justiça para com a escola exigem que, tanto quanto possível, eles apóiem e honrem aquele que participa de sua responsabilidade. [284]

Muitos pais falham neste ponto. Pela sua crítica precipitada, infundada, a influência do fiel e abnegado professor é muitas vezes quase destruída. Muito pais, cujos filhos foram prejudicados pela condescendência deixam ao professor a desagradável tarefa de reparar a sua negligência; e então pela sua própria maneira de proceder tornam esta tarefa quase desesperadora. Sua crítica e censura à regência da escola acoroçoam nos filhos a insubordinação e os confirmam nos maus hábitos.

Se a crítica ou sugestões ao trabalho do professor se tornam necessárias, devem fazer-se-lhe em particular. Se isto não produzir efeito, que o fato seja referido aos que são os responsáveis pela direção da escola. Nada se deve dizer ou fazer que diminua o respeito

das crianças para com aquele de quem, em tão grande parte, depende o bem-estar delas.

O conhecimento particular dos pais acerca do caráter dos filhos bem como de suas peculiaridades físicas e defeitos, se for comunicado ao professor, ser-lhe-á um auxílio. É para se lamentar que tantos deixem de reconhecer isto. Da parte da maioria dos pais pouco interesse se mostra, quer para se informarem a si mesmos das habilitações do professor, quer para cooperarem com ele em sua obra.

Visto que os pais tão raramente se familiarizam com o professor, é da maior importância que este procure familiarizar-se com aqueles. Deve visitar a casa de seus discípulos, e tomar conhecimento das influências e ambiente em que vivem. Vindo em contato pessoal com seus lares e vida, pode fortalecer os laços que o ligam a seus discípulos, e aprender como tratar com mais êxito com as várias disposições e temperamentos.

[285] Interessando-se na educação do lar, o professor proporciona um duplo benefício. Muitos pais absorvidos nos trabalhos e cuidados, perdem de vista suas oportunidades de influenciar para o bem a vida de seus filhos. Muito poderá fazer o professor para despertar esses pais às suas possibilidades e privilégios. Encontrará outros, a quem o senso de sua responsabilidade é um grande peso, tão ansiosos se acham eles de que seus filhos se tornem homens e mulheres bons e úteis. Freqüentemente o professor pode auxiliar a estes pais a suportar esse peso e, aconselhando-se mutuamente, professor e pais animar-se-ão, fortalecer-se-ão.

Na educação doméstica dos jovens, o princípio da cooperação é inestimável. Desde os mais tenros anos as crianças devem ser levadas a entender que são parte da firma doméstica. Mesmo os pequeninos devem ser ensinados a participar do trabalho diário, e cumpre fazer com que vejam ser o seu auxílio necessário e apreciado. Os mais idosos devem ser os ajudantes dos pais, tomando parte em seus planos, e partilhando de suas responsabilidades e encargos. Tomem os pais e as mães tempo para ensinar os filhos, mostrem que apreciam o auxílio deles, desejam sua confiança e gostam de sua companhia; e as crianças não serão tardias em corresponder. Não somente isto suavizará o encargo dos pais, e receberão as crianças um ensino prático de valor inestimável, mas também haverá fortalecimento

dos laços domésticos e consolidação dos próprios fundamentos do caráter.

A cooperação deve ser o espírito da sala de aulas, a lei de sua vida. O professor que adquire a cooperação de seus discípulos consegue um auxílio inapreciável na manutenção da ordem. Nos serviços da sala de aula muitos rapazes, cujo estado irrequieto acarreta desordem e insubordinação, encontrariam vazão à sua energia supérflua. Que os mais velhos ajudem aos mais novos, os fortes aos fracos; [286] e, quanto possível, seja cada um chamado a fazer algo em que se distinga. Isto fomentará o respeito próprio e o desejo de ser útil.

Valioso seria aos jovens, aos pais, aos professores, estudarem as lições de cooperação que encontramos nas Escrituras. Entre suas muitas ilustrações, note a construção do tabernáculo (e este era uma lição objetiva da construção do caráter), na qual o povo todo se uniu, "todo o homem, a quem o seu coração moveu, e todo aquele cujo espírito voluntariamente o excitou". Êxodo 35:21. Lede como os muros de Jerusalém foram reconstruídos pelos cativos que voltaram, em meio de pobreza, dificuldade e perigo, efetuando-se com êxito a grande tarefa, porque "o coração do povo se inclinava a trabalhar". Neemias 4:6. Considere a parte desempenhada pelos discípulos no milagre do Salvador em alimentar a multidão. O alimento multiplicava-se nas mãos de Cristo, mas os discípulos recebiam os pães e os passavam à multidão que esperava.

"Somos membros uns dos outros." Visto, pois, que cada um recebeu um dom, "administre aos outros ... como bons despenseiros da multiforme graça de Deus". Efésios 4:25; 1 Pedro 4:10.

As palavras escritas acerca dos construtores de ídolos na antiguidade, bem poderiam ser, com um objetivo mais digno, adotadas como divisa pelos construtores de caráter, de hoje:

"Um ao outro ajudou, e ao seu companheiro disse: Esforça-te." [287] Isaías 41:6.

## Capítulo 34 — Disciplina

*Ensinar, repreender, animar, ser longânimo.*

Uma das primeiras lições que a criança precisa aprender é a lição da obediência. Antes que fique bastante idosa para raciocinar pode ser ensinada a obedecer. Deve estabelecer-se o hábito por meio de um esforço brando e persistente. Destarte se podem evitar em grande parte aqueles conflitos posteriores entre a vontade e a autoridade, os quais tanto concorrem para criar hostilidade e amargura para com os pais e professores, e muito freqüentemente, resistência a toda autoridade, humana ou divina.

O objetivo da disciplina é ensinar à criança o governo de si mesma. Devem ensinar-se-lhe a confiança e direção próprias. Portanto, logo que ela seja capaz de entendimento, deve alistar-se a sua razão ao lado da obediência. Que todo o trato com ela seja de tal maneira que mostre ser justa e razoável a obediência. Ajude-a a ver que todas as coisas se acham subordinadas a leis, e que a desobediência conduz finalmente a desastres e sofrimentos. Quando Deus diz: "Não farás", amorosamente Ele nos avisa das conseqüências da desobediência, a fim de nos livrar de desgraças e perdas.

Auxilie as crianças a verem que pais e professores são os representantes de Deus, e que, agindo aqueles em harmonia com Ele, suas leis no lar e na escola são também dEle. Assim como a criança deve prestar obediência aos pais e professores, devem estes por seu turno [288] prestá-la a Deus.

Dirigir o desenvolvimento da criança, sem estorvá-lo por meio de um governo indevido, deve ser objeto de estudo tanto por parte do pai como do professor. As regras demasiadas são coisa tão ruim como a deficiência delas. O esforço para se "quebrar a vontade" de uma criança é um erro terrível. Os espíritos são constituídos diferentemente; conquanto a força possa conseguir uma submissão aparente, com muitas crianças o resultado é uma mais decidida rebelião do coração. Mesmo que o pai ou professor consiga impor a sujeição que

deseja, o desfecho poderá ser não menos desastroso para a criança. A disciplina de um ser humano que haja atingido os anos da inteligência, deve diferir do ensino de um animal irracional. A este apenas se ensina a submissão a seu dono. Para o irracional, o dono serve de mente, juízo e vontade. Este método, algumas vezes empregado no ensino das crianças, faz delas pouco mais que autômatos. O espírito, a vontade, a consciência, acham-se sob o governo de outro. Não é propósito de Deus que espírito algum seja dessa maneira dominado. Os que enfraquecem ou destroem a individualidade, assumem uma responsabilidade de que apenas podem resultar males. Enquanto sob a autoridade, as crianças podem assemelhar-se a soldados bem disciplinados; faltando, porém, esse governo, notar-se-á a falta de força e firmeza no caráter. Não tendo nunca aprendido a governar-se, os jovens não admitem restrições a não ser as exigências dos pais ou professor. Removidas estas, não sabem como fazer uso de sua liberdade, e com frequência se entregam a condescendências que vêm a ser sua ruína.

Desde que a renúncia da vontade é muito mais difícil a alguns alunos do que a outros, o professor deve fazer com que a obediência às suas exigências seja tão fácil quanto possível. A vontade deve ser [289] dirigida e modelada, mas não ignorada ou esmagada. Poupe a força de vontade, pois na batalha da vida ela será necessária.

Toda criança deve compreender a verdadeira força de vontade. Cumpre que seja levada a ver quão grande é a responsabilidade envolvida neste dom. A vontade é a força dirigente na natureza do homem, a força para a decisão, ou escolha. Todo ser humano dotado de razão tem o poder de escolher o que é reto. Em cada incidente da vida, a palavra de Deus para nós é: "Escolhei hoje a quem sirvais." Josué 24:15. Cada qual pode pôr a sua vontade ao lado da vontade de Deus, pode optar pela obediência a Ele e, ligando-se assim com as forças divinas, colocar-se onde nada o poderá forçar a praticar o mal. Em cada jovem e criança há o poder de, mediante o auxílio de Deus, formar um caráter íntegro e viver uma vida de utilidade.

O pai ou professor que com tais instruções ensine à criança o governo de si mesma, será da maior utilidade e terá um êxito permanente. Para o observador superficial o seu trabalho pode não mostrar verdadeiro valor; poderá deixar de ser estimado em tão grande conta como o daquele que retém o espírito e a vontade da

criança sob uma autoridade absoluta; entretanto, os anos vindouros demonstrarão o resultado do melhor método de ensino.

O educador prudente, ao tratar com seus discípulos, procurará promover a confiança e fortalecer o sentimento de honra. As crianças e jovens são beneficiados se se deposita neles confiança. Muitos, mesmo dentre os pequeninos, têm um elevado senso de honra; todos desejam ser tratados com confiança e respeito, e eles têm direito a isto. Deve-se ter cuidado de que eles não pressintam não poderem sair ou entrar sem ser vigiados. A suspeita desmoraliza, produzindo os mesmos males que procura evitar. Ao invés de vigiar continuamente, como se estivessem a suspeitar mal, os professores que se acham em contato com seus discípulos discernirão a operação da mente irrequieta, e porão em atividade influências que contrabalançarão o mal. Leve os jovens a sentir que eles merecem confiança, e poucos haverá que não procurarão mostrar-se dignos dessa confiança. [290]

Sob o mesmo princípio é melhor pedir do que ordenar; aquele a quem assim nos dirigimos tem oportunidade de se mostrar leal aos princípios retos. Sua obediência é o resultado da escolha em vez de o ser da coação.

As regras que governam a sala de aulas devem quanto possível representar a voz da escola. Todo princípio nelas envolvido deve ser posto diante do estudante de tal maneira que ele possa convencer-se de sua justiça. Assim ele sentirá a responsabilidade de fazer com que as regras que ele próprio ajudou a formular, sejam obedecidas.

As regras devem ser poucas e bem consideradas; e uma vez feitas, cumpre que sejam executadas. O que quer que se verifique impossível de se mudar, a mente aprende a reconhecer e a isso adaptar-se; mas a possibilidade de condescendência suscita o desejo, esperança e incerteza, e os resultados são a inquietação, irritabilidade, insubordinação.

Deve-se deixar esclarecido que o governo de Deus desconhece qualquer transigência com o mal. Não deve a desobediência ser tolerada nem no lar nem na escola. Nenhum pai ou professor que leve a sério o bem-estar dos que se acham sob os seus cuidados, transigirá com a vontade obstinada que desafia a autoridade ou recorre a subterfúgios ou a evasivas a fim de escapar à obediência. Não é o amor mas o sentimentalismo o que usa de rodeios com as

más ações, procura pela lisonja ou suborno conseguir a submissão e [291] finalmente aceita algum substituto da coisa exigida.

"Os loucos zombam do pecado." Provérbios 14:9. Devemos precaver-nos de tratar o pecado como uma coisa frívola. Terrível é o seu poder sobre o malfeitor. "As suas iniqüidades o prenderão, e com as cordas do seu pecado será detido." Provérbios 5:22. O maior mal que se possa fazer a uma criança ou jovem é consentir que se fixe na escravidão dos maus hábitos.

Os jovens têm um inato amor à liberdade; desejam a independência; precisam compreender que estas inestimáveis bênçãos devem ser gozadas unicamente na obediência à lei de Deus. Esta lei é a preservadora da verdadeira independência e liberdade. Ela nos aponta e proíbe as coisas que degradam e escravizam, e desta maneira proporciona ao que lhe obedece proteção contra o poder do mal.

Diz o salmista: "Andarei em liberdade, pois busquei os Teus preceitos." "Teus testemunhos são o meu prazer e os meus conselheiros." Salmos 119:45, 24.

Em nossos esforços de corrigir o mal, devemos precaver-nos contra a tendência de descobrir as faltas de outrem e censurá-las. A contínua censura confunde mas não reforma. Para muitos espíritos e freqüentemente os mais delicados, uma atmosfera de crítica destituída de simpatia é fatal aos seus esforços. As flores não desabrocham ao sopro de um vento crestante.

Uma criança freqüentemente censurada por alguma falta especial vem a considerar aquela falta como uma peculiaridade sua, ou alguma coisa contra que seria vão esforçar-se. Assim se cria o desânimo e a falta de esperança, muitas vezes ocultos sob a aparência de indiferença ou bravata.

Alcança-se o verdadeiro objetivo da reprovação apenas quando o próprio malfeitor é levado a ver a sua falta, e consegue sua vontade no empenho de corrigir-se. Quando isto se cumpre, aponte-lhe a [292] fonte de perdão e poder. Procure preservar o seu respeito próprio, e inspirar-lhe ânimo e esperança.

Esta é a obra mais delicada e mais difícil que se tem confiado a seres humanos. Exige o mais delicado tato, a maior susceptibilidade, conhecimento da natureza humana e uma fé e paciência oriundas

do Céu, dispostas a trabalhar, vigiar e esperar. É uma obra que nada sobrelevará em importância.

Os que desejam governar a outrem devem primeiramente governar-se a si mesmos. O tratar apaixonadamente com uma criança ou jovem, somente despertará o seu ressentimento. Quando um pai ou professor se torna impaciente e está em perigo de falar imprudentemente, fique em silêncio. Há um maravilhoso poder no silêncio.

O professor deve esperar encontrar disposições perversas e corações rebeldes. Mas ao tratar com eles nunca deve esquecer-se de que ele mesmo foi criança, necessitando de disciplina. Mesmo agora com todas as vantagens de idade, educação e experiência, muitas vezes erra, e necessita de misericórdia e perdão. Tratando com os jovens, deve ter em vista que está a tratar com os que têm inclinações para o mal, idênticas às suas próprias. Eles têm quase tudo a aprender, e para alguns isso é muito mais difícil do que para outros. Com o aluno vagaroso deve conduzir-se pacientemente, não censurando sua ignorância, mas aproveitando toda oportunidade de o animar. Com alunos sensíveis e nervosos, deve tratar muito brandamente. O senso de suas próprias imperfeições deve levá-lo constantemente a manifestar simpatia e clemência para com os que também estão lutando com dificuldades.

A regra do Salvador — "como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós também" (Lucas 6:31) — deve ser a regra de todos os que empreendem a educação das [293] crianças e jovens. Estes são os membros mais novos da família do Senhor; herdeiros conosco da graça da vida. A regra de Cristo deve ser religiosamente observada em relação aos menos inteligentes, aos de menor idade, aos mais desatinados, e mesmo aos transviados e rebeldes.

Esta regra induzirá o professor a evitar quanto possível tornar públicas as faltas ou erros de um discípulo. Procurará evitar reprovar ou punir na presença de outros. Não expulsará um estudante antes que hajam sido feitos todos os esforços para que o mesmo se emende. Quando, porém, se torna evidente que o estudante não está recebendo benefício, ao mesmo tempo em que seu desafio ou desrespeito à autoridade tende a subverter o governo da escola, e sua influência está contaminando a outros, torna-se uma necessidade a

sua expulsão. No entanto, para com muitos, o opróbrio da expulsão pública determinaria completo desleixo e ruína. Na maioria dos casos em que uma exclusão destas é inevitável, não se necessitaria tornar pública semelhante coisa. Mediante consulta e cooperação com os pais, providencie o professor em particular a retirada do estudante.

Nesta época de perigos especiais para a juventude, cercam-na tentações de todos os lados; ao passo que é fácil deixar-se levar por essa onda, exigem-se os maiores esforços a fim de lutar contra a corrente. Cada escola deve ser uma “cidade de refúgio” para os jovens tentados, e um lugar em que as suas fraquezas sejam tratadas paciente e sabiamente. Os professores que compreendem suas responsabilidades afastarão de seu coração e vida tudo que os possa impedir de tratar com êxito com os voluntariosos e desobedientes. Amor e ternura, paciência e governo próprio, serão em todo o tempo [294] a lei de sua linguagem. A misericórdia e a compaixão estarão misturadas com a justiça. Quando necessário reprovar, sua linguagem não será exagerada, mas sim humilde. Com afabilidade apresentarão ao malfeitor os seus erros, e o auxiliarão a emendar-se. Todo verdadeiro professor entenderá que, no caso de haver erro em sua maneira de agir, é melhor que este seja por ter ele agido do lado da misericórdia do que do da severidade.

Muitos jovens que são considerados incorrigíveis não são em seu coração tão ruins como parecem. Muitos que se julgam como não oferecendo esperança, podem-se readquirir por uma disciplina prudente. Tais são muitas vezes os que mais facilmente se abrandam com a bondade. Obtenha o professor a confiança daquele que é tentado e, reconhecendo e desenvolvendo o bem em seu caráter, poderá em muitos casos corrigir o mal sem chamar a atenção para ele.

O divino Mestre suporta os que erram, em toda a perversidade deles. Seu amor não arrefece; não cessam Seus esforços para ganhá-los. Com os braços estendidos Ele espera para, repetidas vezes, dar as boas-vindas aos errantes, rebeldes, e mesmo aos apóstatas. Seu coração se sensibiliza com o desamparo da criancinha sujeita a um tratamento severo. O clamor do sofrimento humano jamais atinge Seu ouvido em vão. Se bem que todos sejam preciosos a Sua vista, as disposições incultas, intratáveis, obstinadas, atraem mais

intensamente Sua simpatia e amor; pois Ele avalia os efeitos pelas causas. Aquele que mais facilmente é tentado e mais propenso é a errar, constitui o objeto especial de Sua solicitude.

Todo pai e professor deve acariciar os atributos dAquele que faz da causa dos aflitos, sofredores e tentados, a Sua própria causa. Deve ser pessoa que possa "compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados; pois também ele mesmo está rodeado de fraqueza". Hebreus 5:2. Jesus nos trata muito melhor do que merecemos; e assim [295] como nos tem tratado devemos tratar aos outros. Não se justifica o procedimento de nenhum pai ou professor, que seja diverso daquele que o Salvador seguiria, sob idênticas circunstâncias.

## Enfrentando a disciplina da vida

Depois da disciplina do lar e da escola, todos terão de enfrentar a severa disciplina da vida. Como enfrentá-la sabiamente, é a lição que se deve explicar a toda criança e jovem. É verdade que Deus nos ama, que Ele está trabalhando para a nossa felicidade, e que, se Sua lei tivesse sempre sido obedecida, jamais teríamos conhecido o sofrimento; não menos verdade é que neste mundo, como resultado do pecado, sobrevêm à nossa vida sofrimentos, perturbações e cuidados. Podemos proporcionar às crianças e jovens um bem para toda a vida, ensinando-os a enfrentar corajosamente estas dificuldades e encargos. Conquanto lhes manifestemos simpatia, que isto nunca seja de maneira a alimentar-lhes a compaixão de si mesmos. Eles necessitam daquilo que estimula e fortalece, ao invés de enfraquecer.

Deve-se-lhes ensinar que este mundo não é uma parada militar, mas sim um campo de batalha. Todos são chamados a suportar agruras, como bons soldados. Devem ser fortes e portar-se como homens. Ensine-se-lhes que a verdadeira prova de caráter se encontra na disposição para suportar encargos, assumir difíceis posições, efetuar o trabalho que precisa ser feito, ainda que não alcance nenhum reconhecimento ou recompensa terrestre.

O verdadeiro meio de tratarmos com as provações não é procurar escapar-nos delas, mas transformá-las. Isto se aplica a toda disciplina, tanto a da infância como a posterior. A negligência dos primeiros ensinos à criança e o conseqüente fortalecimento das más tendências, tornam sua educação posterior mais difícil e fazem com [296]

que a disciplina seja muito freqüentemente uma operação penosa. Penosa deve ser para a natureza inferior, contrariando, como faz, aos desejos e inclinações naturais; mas tais penas devem-se perder de vista na perspectiva de uma maior alegria.

Ensine-se à criança e ao jovem que todo erro, toda falta, toda dificuldade vencidos, se tornam um degrau no acesso a coisas melhores e mais elevadas. É mediante tais experiências que todos os que tornaram a vida digna de ser vivida, alcançaram êxito.

"As culminâncias pelos grandes homens atingidas e mantidas,
Não se conseguiram por uma luta súbita;
Mas eles, enquanto dormiam seus companheiros,
À noite labutavam em seu esforço por ascender."

"Elevamo-nos pelas coisas que estão sob nossos pés,
Pelas coisas que conquistamos, boas e valiosas,
Pela deposição do orgulho e morte da paixão,
E vitória sobre montanhas que a todo instante encontramos."

"As coisas comuns todas, os acontecimentos de cada dia,
Que num momento se iniciam e num momento terminam,
Nossos prazeres e descontentamentos,
São degraus por que podemos ascender."

Não devemos atentar "nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas". 2 Coríntios 4:18. A permuta que fazemos ao renunciar desejos e inclinações egoístas, é uma permuta do inútil e transitório com o precioso e duradouro. Isto não é sacrifício, antes infinito ganho.

"Algo melhor" é a senha da educação, a lei de todo o verdadeiro viver. Cristo oferece, em lugar do que quer que nos ordene renunciar, algo melhor. Muitas vezes os jovens anelam objetivos, consecuções [297] e prazeres que podem não parecer males, mas que deixam de ser o mais elevado bem. Desviam a vida de seu mais nobre objetivo. Medidas arbitrárias ou ataques diretos podem deixar de produzir efeito no sentido de levar estes jovens a abandonar o que têm na conta de precioso. Sejam eles dirigidos a algo melhor do que a ostentação,

ambição e condescendência própria. Ponde-os em contato com uma beleza mais verdadeira, com princípios mais elevados e com mais nobres vidas. Induza-os a contemplar Aquele que é "totalmente desejável". Quando o olhar se fixa nEle, a vida encontra o seu centro. O entusiasmo, a devoção generosa, o apaixonado ardor da juventude encontram aqui o seu verdadeiro objetivo. O dever torna-se um deleite e o sacrifício um prazer. Honrar a Cristo, tornar-se semelhante a Ele, trabalhar por Ele, será a mais elevada ambição da vida e sua máxima alegria.

"O amor de Cristo nos constrange." 2 Coríntios 5:14. [298]

[299]

# O curso superior

[300]

*“Desde a antiguidade não se ouviu, nem com os ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu um Deus além de Ti, que trabalhe para aquele que nEle espera.”*

[301]

# Capítulo 35 — A escola do além

*“E verão o Seu rosto, e nas suas testas estará o Seu nome.”*

O Céu é uma escola; o campo de seus estudos, o Universo; seu professor, o Ser infinito. Uma ramificação desta escola foi estabelecida no Éden; e, cumprindo o plano da redenção, reassumir-se-á a educação na escola edênica.

“As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que O amam.” 1 Coríntios 2:9. Unicamente pela Sua Palavra se pode obter conhecimento destas coisas; e mesmo esta oferece apenas uma revelação parcial.

O profeta de Patmos assim descreve a localização da escola do além:

“Vi um novo céu, e uma nova Terra. Porque já o primeiro céu e a primeira Terra passaram. ... E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do Céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.” Apocalipse 21:1, 2.

“A cidade não necessita de Sol nem de Lua, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada.” Apocalipse 21:23.

Entre a escola estabelecida no Éden, no princípio, e aquela do além, jaz todo o lapso da história deste mundo — a história da transgressão e sofrimento humanos, do sacrifício divino e da vitória sobre a morte e o pecado. [302] Nem todas as condições daquela primeira escola edênica se encontrarão na escola da vida futura. Nenhuma árvore da ciência do bem e do mal oferecerá oportunidade para a tentação. Não haverá ali tentador, nem possibilidade para o mal. Todos os caracteres resistiram à prova do mal, e nenhum será jamais susceptível ao seu poder.

“Ao que vencer”, diz Cristo, “dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do Paraíso de Deus.” Apocalipse 2:7. A

concessão da árvore da vida, no Éden, era condicional, e finalmente foi retirada. Mas os dons da vida futura serão absolutos e eternos.

O profeta contempla "o rio puro da água da vida, claro como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro". "De uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida." "E não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas." Apocalipse 22:1, 2; 21:4.

"Todos os do Teu povo serão justos,
Para sempre herdarão a Terra;
Serão renovos por Mim plantados,
Obra das Minhas mãos,
Para que Eu seja glorificado."

Isaías 60:21.

Restabelecidos à Sua presença, de novo os homens serão, como no princípio, ensinados por Deus: "O Meu povo saberá o Meu nome,... porque Eu mesmo sou o que digo: Eis-me aqui." Isaías 52:6.

"Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus." Apocalipse 21:3. [303]

"Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo. ... Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles. Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida." Apocalipse 7:14-17.

"Agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido." 1 Coríntios 13:12.

"Verão o Seu rosto, e nas suas testas estará o Seu nome." Apocalipse 22:4.

Ali, quando for removido o véu que obscurece a nossa visão, e nossos olhos contemplarem aquele mundo de beleza de que ora apanhamos lampejos pelo microscópio; quando olharmos às glórias

dos céus hoje esquadrinhadas de longe pelo telescópio; quando, removida a mácula do pecado, a Terra toda aparecer “na beleza do Senhor nosso Deus” — que campo se abrirá ao nosso estudo! Ali o estudante da ciência poderá ler os relatórios da criação, sem divisar coisa alguma que recorde a lei do mal. Poderá escutar a melodia das vozes da Natureza, e não perceberá nenhuma nota de lamento ou tristezas. Poderá enxergar em todas as coisas criadas uma escrita; contemplará no vasto Universo, “escrito em grandes letras, o nome de Deus”; e nem na Terra, nem no mar ou no céu permanecerá um indício que seja do mal.

Ali se viverá a vida edênica — vida do jardim e do campo. “Edificarão casas, e as habitarão; e plantarão vinhas, e comerão o [304] seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque os dias do Meu povo serão como os dias da árvore, e os Meus eleitos gozarão das obras de suas mãos.” Isaías 65:21, 22.

Não haverá coisas que “farão mal nem dano algum em todo o Meu santo monte, diz o Senhor”. Isaías 65:25. Ali o homem será restaurado à sua perdida realeza, e a ordem inferior de seres de novo reconhecerá o seu domínio; os animais ferozes tornar-se-ão mansos e os ariscos, confiantes.

Ali se revelará ao estudante uma história de infinito escopo e riqueza inexprimível. Tomando por base a Palavra de Deus, o estudante obterá uma visão do vasto campo da História, e poderá alcançar algum conhecimento dos princípios que presidem à marcha dos acontecimentos humanos. Mas a sua visão ainda estará nublada, e incompletos os seus conhecimentos. Não verá todas as coisas de uma maneira clara antes que chegue à luz da eternidade.

Então se revelará diante dele o decurso do grande conflito que teve sua origem antes que começasse o tempo e terminará apenas quando este cessar. A história do início do pecado; da fatal falsidade em sua ação sinuosa; da verdade que, não se desviando das suas próprias linhas retas, se defrontou com o erro e o venceu; sim, tudo isto será manifesto. O véu que se interpõe entre o mundo visível e o invisível, será removido e reveladas coisas maravilhosas.

Não compreenderemos o que devemos aos cuidados e interposição dos anjos antes que se vejam as providências de Deus à luz da eternidade. Seres celestiais têm tomado parte ativa nos negócios dos

homens. Eles têm aparecido em vestes que resplandeciam como o relâmpago; têm vindo como homens, no aspecto de viajantes. Têm aceito hospitalidade nos lares humanos, agido como guias de via- [305] jantes nas trevas da noite. Têm obstado aos intentos do espoliador, e desviado os golpes do destruidor.

Embora os governadores deste mundo não o saibam, em seus conselhos têm os anjos muitas vezes sido oradores. Olhos humanos os têm visto. Ouvidos humanos têm ouvido seus apelos. Nos conselhos e cortes de justiça, mensageiros celestiais têm pleiteado a causa dos perseguidos e oprimidos. Têm eles combatido propósitos e detidos males que teriam acarretado ruína e sofrimento aos filhos de Deus. Tudo isto se desdobrará ao estudante na escola celestial.

Todo remido compreenderá o serviço dos anjos em sua própria vida. Que maravilha será entreter conversa com o anjo que foi o seu protetor desde os seus primeiros momentos, que lhe vigiou os passos e cobriu a cabeça no dia de perigo, que com ele esteve no vale da sombra da morte, que assinalou o seu lugar de repouso, que foi o primeiro a saudá-lo na manhã da ressurreição, e dele aprender a história da interposição divina na vida individual, e da cooperação celeste em toda a obra em prol da humanidade.

Todas as perplexidades da vida serão então explicadas. Onde para nós apareciam apenas confusão e decepção, propósitos frustrados e planos subvertidos, ver-se-á um propósito grandioso, predominante, vitorioso, uma harmonia divina.

Ali, todos os que trabalharam com um espírito desinteressado contemplarão os frutos de seus labores. Ver-se-á o resultado de todo princípio correto e nobre ação. Alguma coisa disto aqui vemos. Mas quão pouco dos resultados dos mais nobres trabalhos deste mundo é o que se manifesta nesta vida aos que os fazem! Quantos labutam [306] abnegadamente, incansavelmente por aqueles que ficam além de seu alcance e conhecimento! Pais e professores tombam em seu último sono, parecendo o trabalho de sua vida ter sido feito em vão; não sabem que sua fidelidade descerrou fontes de bênçãos que jamais poderão deixar de fluir; apenas pela fé vêem as crianças que educaram tornarem-se uma bênção e inspiração a seus semelhantes, e essa influência repetir-se mil vezes mais. Muito obreiro há que envia para o mundo mensagens de alento, esperança e ânimo, palavras que levam bênçãos aos corações em todos os países; mas, quanto aos

resultados, nada sabe, afadigando-se ele em solidão e obscuridade. Assim se concedem dons, aliviam-se cargas, faz-se trabalho. Os homens lançam a semente, da qual, sobre as suas sepulturas, outros recolhem a abençoada messe. Plantam árvores para que outros comam o fruto. Aqui estão contentes por saberem que puseram em atividade forças para promover o bem. No além serão vistas a ação e reação de todas estas forças.

De todo dom que Deus outorgou, encaminhando o homem para o esforço abnegado, conserva-se no Céu um relatório. Examinar estes dons em suas extensas linhas, olhar para aqueles que mediante nossos esforços se reergueram e enobreceram, contemplar em sua história o efeito dos verdadeiros princípios — eis um dos estudos e recompensas da escola celestial.

Ali conheceremos como também somos conhecidos. Ali, o amor e simpatia que Deus plantou na alma encontrarão o mais verdadeiro e suave exercício. A pura comunhão com seres santos, a vida social harmoniosa com os santos anjos e com os fiéis de todos os tempos, a santa associação que reúne “toda a família no Céu e na Terra”, tudo fará parte da experiência do além. [307]

Haverá ali música e cânticos; música e cânticos que ouvidos mortais jamais ouviram nem o espírito humano concebeu, com exceção do que em visões de Deus se tem revelado.

“Os cantores e tocadores de instrumentos entoarão.” Salmos 87:7. “Alçarão a sua voz e cantarão com alegria; por causa da glória do Senhor.” Isaías 24:14.

“Porque o Senhor consolará a Sião; consolará a todos os seus lugares assolados, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão como o jardim do Senhor; gozo e alegria se achará nela, ação de graças, e voz de melodia.” Isaías 51:3.

Ali toda faculdade se desenvolverá, e toda capacidade aumentará. Os maiores empreendimentos serão levados avante, as mais altas aspirações realizadas, as maiores ambições satisfeitas. E, todavia, surgirão novas culminâncias a galgar, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos assuntos a apelarem para as forças do corpo, espírito e alma.

Todos os tesouros do Universo estarão abertos ao estudo dos filhos de Deus. Com indizível deleite unir-nos-emos na alegria e sabedoria dos seres não caídos. Participaremos dos tesouros adqui-

ridos através dos séculos empregados na contemplação da obra de Deus. E enquanto os anos da eternidade se escoam, continuarão a trazer-nos mais gloriosas revelações. “Muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos” (Efésios 3:20) será, para todo o sempre, a concessão dos dons de Deus.

“Os Seus servos O servirão.” Apocalipse 22:3. A vida na Terra é o princípio da vida no Céu; a educação na Terra é a iniciação nos princípios do Céu; e o trabalho aqui é o preparo para o trabalho lá. O que hoje somos no caráter e serviço santo, é o prenúncio certo do que seremos. [308]

“O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir.” Mateus 20:28. A obra de Cristo neste mundo é Sua obra nos Céus, e a nossa recompensa por trabalhar com Ele neste mundo será o maior poder e mais amplo privilégio de com Ele trabalhar no mundo vindouro.

“Vós sois as Minhas testemunhas, diz Deus; Eu sou Deus.” Isaías 48:12. Isso também seremos na eternidade.

Para que foi permitido continuar o grande conflito através dos séculos? Por que foi que se não eliminou a existência de Satanás no início de sua rebelião? — Foi para que o Universo se pudesse convencer da justiça de Deus ao tratar com o mal, e para que o pecado pudesse receber condenação eterna. No plano da salvação há sumidades e profundezas, que a própria eternidade jamais poderá compreender completamente, maravilhas para as quais os anjos desejam atentar. Apenas os remidos, dentre todos os seres criados, conheceram em sua própria experiência o conflito com o pecado; trabalharam com Cristo e, conforme os mesmos anjos não o poderiam fazer, associaram-se em Seus sofrimentos; não terão eles qualquer testemunho quanto à ciência da redenção, algo que seja de valor para seres não caídos?

Mesmo agora, aos “principados e potestades nos Céus”, “a multiforme sabedoria de Deus” se faz conhecida “pela igreja”. “E nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nos lugares celestiais,... para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da Sua graça, pela Sua benignidade para conosco em Cristo Jesus.” Efésios 3:10; 2:6, 7.

“No Seu templo cada um diz: Glória!” (Salmos 29:9) e o cântico que os resgatados entoarão, cântico este de sua experiência, declarará

a glória de Deus: “Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor [309] Deus todo-poderoso! justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos. Quem Te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o Teu nome? Porque só Tu és santo.” Apocalipse 15:3, 4.

Em nossa vida aqui, posto que terrestre e restrita pelo pecado, a maior alegria e mais elevada educação se encontram no serviço em prol de outrem. E no futuro estado, livres das limitações próprias da humanidade pecaminosa, será no serviço que se encontrará a nossa máxima alegria e mais elevada educação — testemunhando (e aprendendo, novamente, sempre que assim o fizermos) “as riquezas da glória deste mistério”, “que é Cristo em vós, a esperança da glória”. Colossences 1:27.

“Ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é O veremos.” 1 João 3:2.

Então, nos resultados de Sua obra, Cristo contemplará Sua recompensa. Naquela grande multidão que ninguém pode contar, apresentada como “irrepreensíveis, com alegria, perante a Sua glória” (Judas 24), Aquele cujo sangue nos redimiu e cuja vida nos ensinou, verá o “trabalho da Sua alma” e “ficará satisfeito”. Isaías 53:11.